BIBLIOTHECA

DAS

SCIENCIAS SOCIAES

IV

Porto: Typ. de A. F. Vasconcellos, Moinho de Vento, 29.

BIBLIOTHECA

DAS

SCIENCIAS SOCIAES

I A Civilisação peninsular

I	Historia da civilisação iberica	1	vol.	1879
II-III	Historia de Portugal	2	»	»
IV	O Brazil e as colonias portuguezas	1	»	1880
V	Portugal contemporaneo	1	»	(no prélo)

II A Pre-historia

Elementos de anthropologia. Historia natural do homem
As raças historicas sobre a terra

Manifestações sociaes espontaneas.......
- Elementos de chrematistica
- Systema dos mythos religiosos
- Formação e classificação das linguas
- Instituições primitivas

III A Historia

Origens da civilisação occidental
Roma e suas instituições
Historia dos tempos modernos
As revoluções e instituições contemporaneas
Geographia politica e estatistica das nações
Chronologia geral.

IV A Economia social

A população e a emigração
Theoria das instituições politicas
Theoria das instituições economicas

Da natureza e lugar das sciencias sociaes (Introd. á *Bibliotheca*).

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND
Viuva Bertrand & C.ª successores Carvalho & C.ª
73, Chiado, 75

O BRAZIL

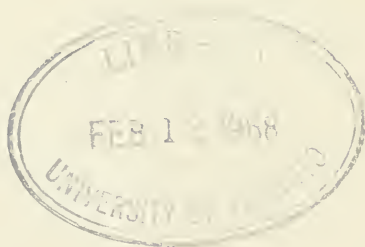
E AS

COLONIAS

PORTUGUEZAS

POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

LISBOA
LIVRARIA BERTRAND
Viuva Bertrand & C.ª successores Carvalho & C.ª
73, Chiado, 75
1880

ADVERTENCIA

Hanc olim veteres vitam coluere Sabini;
Hanc Remus et frater; sic fortis Etruria crevit;
Scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma.

VIRG. GEORG. II, 532-5.

Não encontrará o leitor, n'esta obra, a historia do nosso dominio no Oriente. Tratamos agora de *colonias,* e não de *conquistas,* especies, a nosso vêr, inteiramente diversas.

A conquista ou vassallagem das costas e ilhas do oceano indico, pelos portuguezes, foi já por nós estudada, summaria e rapidamente, como convém, no plano d'estes livros, a um episodio ruidoso, brilhante se quizerem, para a nossa patria, mas sem maior alcance para a historia do mundo.

D'essa *Viagem da India,* [1] em que Portugal se embarcou, restam ainda salvados; como quando, depois do naufragio, fluctuam sobre as ondas as estilhas do navio despedaçado: Timor, Macau que principiou por ser um ninho de piratas, e a cidade do Albuquerque terribil, Gôa, com um alfoz bem pouco ha enfeodado á Inglaterra. Resta ainda um largo trato da costa oriental da Africa, depois de perdido o Zanzibar ao norte, e ao sul, o Cabo e o porto a que Vasco da Gama chamou do Natal.

Em Moçambique, porém, com a vasta Zambe-

[1] *Historia de Portugal,* L. IV; no tom. I, pp. 196-273.

zia, não acharam os portuguezes uma civilisação indigena ou implantada, como a da India, ou a que os arabes tinham estendido ao longo da costa oriental de Africa, na sua metade norte. Eram territorios habitados por selvagens, como o eram os da costa occidental, como o eram os do Brazil. Moçambique prende-se, pois, á historia colonial portugueza: dando a esta expressão o sentido restricto que a nosso entender lhe convém. Conquistar pelas armas e impôr o dominio proprio, a nações cultas, embora o sejam de um modo differente do europeu, differe essencialmente do facto de amansar tribus selvagens, de as exterminar, de povoar territorios nús, de desbravar florestas virgens, e abrir o solo ás culturas productivas; — e ainda que usualmente se dê o nome de colonias a todos os estabelecimentos fundados por europeus fóra da Europa, é fóra de duvida que esta condição geographica importa muito menos, do que a distincção proveniente do caracter d'esses estabelecimentos.

N'este livro, pois, estudaremos a colonisação dos portuguezes na America e na Africa; e estudal-a-hemos conjunctamente, porque os territorios nacionaes formavam, n'essas duas partes do mundo, um systema que se desenvolvia, parallelamente ao systema das conquistas orientaes. Aqui os portuguezes davam largas ao seu genio guerreiro e mercantil; na Africa e America obedeciam aos impulsos mais felizes do seu genio indagador e audaz; e a mesma tenacidade, com que antes tinham querido desvendar, e tinham desvendado, os segredos do mar, [1] era a que os impellia agora a descobrir os segredos d'esses vastos e espessos sertões da Africa e da America austraes.

[1] V. *Hist. de Port.* I, p. 41 e 141-95.

Tão incapazes e infelizes provaram ser n'uma empreza, como aptos e afortunados se mostraram na outra. Os portuguezes foram os primeiros colonos europeus; e as ilhas do Atlantico o primeiro exemplar de colonias propriamente ditas. As sementes lançadas á terra da America germinaram, e o imperio do novo continente veiu dar um maior testemunho posterior do nosso genio. Fortuna diversa coube á Africa, por isso que ella foi, quasi até nossos dias, uma dependencia do Brazil. Á obra do arroteamento e cultura na America faltavam braços, e na Africa sobravam negros: as duas colonias formavam um systema, como atraz dissemos; — mas se provinha d'ahi o fomento de uma, provinha tambem a condemnação da outra. Emancipado o Brazil e abolida a escravidão, a Africa entrou recentemente n'uma éra nova, a que nós, a seu tempo, buscaremos descortinar o futuro.

Uma nação formada, livre e forte, na America, e quasi metade da metade austral da Africa, a colonisar ou a explorar: eis ahi o que foi e o que é a obra dos portuguezes. A sua historia não ficaria completa, se se lhe não juntasse a das suas colonias; — até porque ellas serão para o futuro o melhor testemunho, acaso o unico vivo testemunho, da sua existencia no mundo, da sua intervenção activa na civilisação europêa.

Essa historia da formação e desenvolvimento das colonias, nem por ser destituida dos episodios brilhantes, dos acasos dramaticos, das intrigas enredadas que a intervenção dos caracteres dos homens põe na existencia das nações, deixa de merecer uma attenção viva. É um estudo de embriologia social. Vê-se ahi, na confusão muda das cousas primitivas, o como que germinar da semente, e assiste-se ao dominio franco das leis da natureza e

dos instinctos humanos,—que são tambem uma expressão d'essas leis. A historia reduz-se a fastos; mas cada uma d'essas datas simples: a exploração de um rio, a construcção de uma casa, o morticinio de uma tribu indigena, o desembarque das mulheres vindas do reino, ou o rapto das dos indios; cada um d'esses factos acorda no espirito do observador o conjuncto de condições e de leis a que obedecem o nascer e o crescer das sociedades. «Assim viveram os velhos sabinos, assim Remo e seu irmão; assim cresceu a poderosa Etruria; assim Roma se tornou a maravilha do mundo!»

O BRAZIL

E AS

COLONIAS

PORTUGUEZAS

LIVRO PRIMEIRO

Formação das colonias na Africa e America

(1418-1654)

I

A descoberta e a occupação

As causas que levaram os portuguezes a embarcar-se na exploração do mar Atlantico têm sido demoradamente estudadas e são conhecidas: [1] não nos occuparemos, pois, d'ellas. O periodo que vae do primeiro quartel do seculo XV até ao segundo do XVI é a grande epocha das descobertas maritimas. Na primeira metade do seculo XV a Africa occidental é reconhecida, pela costa, até á Serra-Leoa, e são descobertas as ilhas do Atlantico; na segunda metade apparece o archipelago de Cabo-Verde, as ilhas do golpho da Guiné, e completa-se a exploração da costa occidental até ao Cabo, e d'ahi a da costa oriental, na viagem de Vasco da Gama a Calicut. O primeiro quartel do XVI seculo

[1] V. *Civil. iber.* l. IV, 5; e *Hist. de Port.* l. III.

é a éra da descoberta littoral do Brazil, effectuada por navegadores portuguezes e estrangeiros. [1]

As ilhas do Atlantico eram territorios despovoados, e o typo de colonisação, que desde logo occorreu aos homens do fim da Edade-media, ainda saturados das tradições aristocraticas, [2] foi um typo feodal. Assim, na Madeira e nos Açores se crearam capitanias, nome com que aprouve denominar os novos senhorios. N'este primeiro momento da historia da colonisação portugueza, veem-se como dois reis na nação: o monarcha, por direito historico; e o infante D. Henrique, [3] promotor aventurado das descobertas, senhor dos territorios ultramarinos, cujo dominio o papa, suzerano espiritual

1 — **1.º periodo**

1418 — Descoberta de Porto-Santo por Bartholomeu Perestrello.
1419 — » da Madeira por Zarco e Tristão Vaz.
1429 — Reconhecimento da costa, ao cabo Bojador (Gil Eannes).
1432 — Descoberta de Santa Maria (Açores) por Gonçalo Cabral.
1434-5 — Reconhecimento da costa até Rio do Ouro por Gil Eannes.
1436 — idem até Angra de Cavallos por Baldaya.
1440 — idem até ás bocas do Senegal por D. Fernandes.
1443 — idem até Cabo-Verde pelo mesmo.
1444 — Descoberta de S. Miguel (Açores) por Gonçalo Cabral.
1445 — Reconh. da costa de Gambia por Cadamosto.
1446 — idem de Guiné, até Cabo-roxo pelo mesmo.
1447 — idem até rio Tabete por Tristão e Fernandes.
1449 — Descoberta da Terceira e S. Jorge (Açores) por Bruges.
1453 — idem das outras ilhas dos Açores.

2.º periodo

1460 — Descoberta das ilhas de Maio, S. Thiago e Fogo (Cabo-Verde).
1460-1 — Reconhecimento da costa até Cabo Mesurado, por Cintra.
1469 — idem ao cabo Santa Catharina, por Santarem.
1469-71 — idem do Gabão e descoberta das ilhas do golpho da Guiné: Formosa, Fernaudo-Pó, Corisco, Anuo-bom, S. Thomé (70), e Principe (71).
1484-5 — Reconhecimento da costa ás bocas de Congo, até ao cabo Negro por Diogo Cam.
1486 — Reconhecimento ao cabo da Boa-Esperança por Bartholomeu Dias.

dos principes catholicos, lhe conferira pela bulla de 1454.

A descoberta parecia attribuir um direito analogo ao direito da conquista nos tempos medievaes; e os navegadores eram investidos nas capitanias, em que se repartiam os territorios, como que conquistados ao mar. A Madeira e Porto-Santo foram em 1425 divididas em duas capitanias, a do Funchal e a de Machico, dando-se a primeira a Zarco, e a segunda a Tristão Vaz. Nos Açores seguiu-se o mesmo systema. Colonisadas, com algarvios e minhotos, pelos seus donatarios, as ilhas do Atlantico breve prosperaram á sombra de um clima benigno e de um solo uberrimo. Funchal era villa

1497-8 — Reconhecimento a Melinde (na costa oriental), por Vasco da Gama.

1501 — Descoberta das ilhas Ascensão e S. Helena por João da Nova.

3.º periodo (as costas do Brazil)

1499-500 — Pinzon visita a foz do Amazonas e cabo S. Agostinho (8º s).

1500 — Cabral desembarca em Porto-Seguro (16º 30' s).

1501-2 — Vespucci vae de Portugal ao cabo S. Roque (5º), reconhecendo a costa até 35º.

1503-4 — Vespucci e Coelho, de Portugal, á ilha de Fernando Noronha; e da Bahia (13º) a cabo-Frio.

1508-9 — Pinzon e Solis, por Castella, ao cabo S. Agostinho, descendo a costa até 40º.

1510 — Um navio portuguez, naufragado na costa da Bahia, deixa ahi a tripulação, encontrada 25 annos depois cruzada com os indigenas.

1515-16 — Solis, por Castella, a cabo-Frio; dobra o cabo Natividade e o Cananéa (25º), visita a ilha dos Patos, a bahia dos Perdidos (27º) e entra no Mar-doce, ou de Solis (Rio-da-Prata), onde morreu.

1516 — Thomaz Perth, pela Inglaterra, explora as costas do Brazil.

1519 — Fernão de Magalhães, a caminho do Pacifico, descobre a bahia do Rio de Janeiro.

1520 — Os Parmantier, de Dieppe, visitam a costa de Pernambuco. A posse do Brazil, disputada entre Castella e Portugal, ficou ao ultimo pelo tratado de Tordesillas.

[2] *Civil. iber.* II, 2; e III, 3. — [3] *Hist. de Port.* III, 1.

em 1451 e cidade em 508. No meiado do XV seculo, isto é, trinta ou quarenta annos depois de descoberta, a Madeira contava quatro povoações importantes, punha em armas 800 homens, produzia grãos para alimento proprio, e assucar que, cem annos mais tarde, chegou a pesar quatro mil toneladas.

Já não succedeu outro tanto aos territorios descobertos ao longo das costas occidentaes da Africa, onde o clima impedia a fixação dos colonos portuguezes, e onde, principalmente por serem essas regiões habitadas, não faltava a mão-de-obra para extrair os productos da terra. Os navegadores, ao aportarem nas bahias, ao entrarem nos estuarios dos rios, e nas lagoas d'essa baixa e pantanosa costa de Guiné, encontravam os enxames de negros com quem *resgatavam* os productos indigenas. O commercio, e não a colonisação, estava desde logo indicado como o futuro do aproveitamento d'essas regiões descobertas; e acima de todos os commercios, o dos negros, de que tanto careciam as selvas bravias das ilhas açorianas e os cannaviaes de assucar da Madeira; o commercio dos negros, em que os bereberes se occupavam desde immemoraveis tempos, e a quem nós substituimos, depois de termos comprado de suas mãos os primeiros escravos da Guiné.

A's ilhas de Cabo Verde, porém, deshabitadas, pensou-se applicar o systema que tão excellente provára nos Açores e na Madeira. Doadas ao infante D. Fernando, as tentativas que este fez para as colonisar com criados seus e gente da Guiné, sem falharem de todo, não corresponderam ás esperanças. Pouco ou nenhum resultado se obteve tambem do primeiro ensaio de colonisação de S. Thomé, a qual em 1485 tinha um foral, e em 90 se elevava a capitania em favor de João Pereira.

Um caso fortuito, porém, deu azo á prosperidade da ilha: a questão dos judeus. [1] Em 93 a capitania de S. Thomé foi transferida a Alvaro de Caminha, que se estabeleceu na colonia com judeus e degredados, dando-se *a cada huu huua escrava pera a ter & se della servir avendo o principal respeito a se a dita ilha povoar.*

Tal é, em resumidos traços, o esboço da primeira época da historia ultramarina portugueza. As ilhas do Atlantico, povoadas e agricultadas, dão a primeira prova da capacidade colonial dos portuguezes; e em breve espaço adquirem uma phisionomia europêa: são como pedaços de Portugal, destacados do continente, embora só muito mais tarde a administração consagrasse esse facto. A Africa oriental, visitada, já em pontos occupada, nos primeiros annos do XVI seculo, [2] prende-se porém ainda ao systema do imperio militar e da exploração commercial do Oriente, para onde todas as attenções se voltam exclusivamente durante o reinado de D. Manuel. Do Brazil, apenas descoberto, ninguem cura: são demais as terras para tão pouca gente, e o minotauro da India devora todas as forças e absorve todas as cubiças. Nas ilhas africanas de Cabo Verde e S. Thomé germinam obscuramente as sementes de uma população mestiça; e a costa occidental, abandonada ao sul do equador, é, ao norte, em toda a volta do golpho da Guiné e até ao Senegal, um mercado, onde de espaço a espaço se encontra uma feitoria e uma fortaleza. Não ha uma occupação ininterrompida, e, ao lado dos estabelecimentos portuguezes, começam a vêr-se, senão outros estabelecimentos, por menos as tripulações dos

[1] V. *Civil. iber.* IV, 6.—[2] 1505, creação da capitania de Sofalla; 508, fundação da fortaleza de Moçambique.

navios dos armadores do norte da Europa que, desembarcadas, mercadejam com os naturaes nos pontos por nós não avassallados. O infante D. Henrique construira o forte de Arguim, para assegurar o monopolio da bandeira portugueza n'esse ponto, onde os negroides do Sudão vinham trocar o ouro e os escravos por trigos e tecidos de fabrica européa. Esse *resgate* de Arguim era arrendado a companhias de armadores; e assim como os principios do direito feodal vingavam na divisão das terras colonisaveis, assim appareciam aqui transformados em monopolios mercantis. Ao forte de Arguim juntou D. João II o de S. Jorge da Mina, sem que, porém, jámais se conseguisse dominar exclusivamente n'essa costa mortifera da Guiné, nem monopolisar o *resgate* dos escravos, o *resgate* do ouro, o *resgate* da malagueta, sobre que todas as gentes do norte da Europa tinham os olhos avidamente abertos e a cubiça despertada com furor.

II

A organisação

O governo de D. João III foi o fundador da colonisação portugueza nos continentes ultramarinos. É a partir de 1530 que a exportação de colonos do reino, para diversos pontos das dilatadas e apenas conhecidas terras da monarchia, na Africa e America, principia. Estava no apogeu da prosperidade o edificio das conquistas orientaes: já Albuquerque fundára o vasto imperio banhado pelo oceano indico, desde o cabo da Boa-Esperança até Mala-

ka, [1] e tratava-se da conquista de Diu, para avassallar a costa de Kambay, [2] quando o governo da metropole se decidiu a olhar para a Africa e para a America, e a continuar, em larga escala, os ensaios de colonisação do seculo anterior.

As ilhas de Cabo Verde, onde os povoadores tinham conseguido medrar ao abandono, foram as primeiras para que o governo se voltou. Povoam-se S. Nicolau, Boa-Vista, Maio e S. Antão; reveem-se e confirmam-se as doações; applica-se, a esses territorios novos, onde sobretudo é necessario impedir o desleixo e ociosidade dos colonos, a lei das sesmarias; e o resultado do systema de medidas empregado é tal, que, em 32, o desenvolvimento da população exige a creação do bispado, independente do Funchal, até então metropolita de todos os territorios africanos.

Outro tanto succedera em S. Thomé: tambem a população florescera a ponto que, em 22, já a ilha contava 60 engenhos que produziam por 150 mil arrobas de assucar. Tambem em 34 foi ahi creado um bispado, do qual se fez depender o territorio portuguez na costa austral do occidente da Africa. Desde então as colonias africo-americanas destacam-se completamente das ilhas atlanticas, já povoadas e europeisadas.

Se na Guiné, pelo clima, e pelo commercio absorvente dos negros e do ouro, as cousas se conservavam como de antes, não succedia o mesmo em Moçambique. Já na Zambezia se tinham fundado os presidios interiores de Sena e Tete; Inhambane, Lourenço-Marques eram já feitorias commerciaes na costa, e Quelimane veiu depois (44) completar o

[1] V. *Hist. de Port.* I, p. 217-34.— [2] Ibid. 235-41.

systema de focos de colonisação. Angola continuava ainda abandonada.

O Brazil, porém, que, durante o reinado de D. Manuel não merecera a attenção dos estadistas, embriagados na admiração da India, deve ao governo de D. João III, o rei colonisador, o principio da sua existencia. Essa funebre tragedia da Inquisição, que lançou modernamente, aos hombros do successor de D. Manuel, o pezo de um supposto crime, com que se lhe desvirtuou a memoria; fez esquecer a grande divida da nação ao primeiro governo que nos abriu as portas da America; ao soberano que, sem se deixar ensandecer com o esplendor carthaginez do imperio oriental, se consumiu em vão a buscar organisal-o, moralisal-o; empregando-se ao mesmo tempo a fundar, nos sertões americanos, um novo Portugal, a nossa honra historica, e por tanto tempo o amparo da nossa existencia européa. Nós, que já tentámos vingar a memoria de D. João III, [1] deixamos aqui indicado o melhor titulo que o recommenda á posteridade: foi o colonisador.

A primeira expedição portugueza ao Brazil data de 1525. O rei mandou á America a Christovam Jacques com o titulo de capitão-mór. O enviado aportou a um lugar a que chamou Bahia-de-todos-os-Santos, por ahi ter chegado no 1.º de novembro; fundou uma feitoria na costa fronteira a Itamaracá; levantou padrões; e deixou uma colonia com dois padres franciscanos em Porto-Seguro; regressando ao reino. A este primeiro ensaio seguiram-se medidas mais formaes. Em 1530, Martim Affonso de Sousa, que depois foi, e vergonhosamente, governador da India, [2] partia para o Brazil, então cons-

[1] V. *Civil. iber.* p. 243-7. — [2] V. *Hist. de Port.* I, p. 241.

tituido em governo da America lusitana, ou Terras brazilicas; fundava a Parahyba, e introduzia no continente a cana de assucar levada de S. Thomé.

A estas duas primeiras expedições seguiu-se logo a constituição e colonisação systematica. Os judeus, os degredados, forneciam o primeiro nucleo de população. O Brazil era além d'isso azylo, *couto* e *homizio* garantido a todos os criminosos que ahi quizessem ir morar, com a excepção unica dos reus de herezia, traição, sodomia e moeda-falsa.

Para a constituição politica das colonias não havia nas idéas do tempo noções diversas das que no seculo anterior se tinham applicado ás ilhas atlanticas: isto é, o enfeodamento dos territorios. De 1530-35 o Brazil foi, pois, dividido em 12 capitanias, [1] cujos donatarios tinham poderes soberanos, salvo o de cunhar moeda. O tributo do dizimo dos productos, para a corôa, era a expressão do dominio soberano d'esta ultima. Cada capitania devia corresponder a 50 ou 60 leguas de costa, podendo

[1] Eis aqui, resumidamente, os fastos da organisação feodal do Brazil:

I Capitanias, de 1530-35

Doação	Donatarios	Titulos	Reversão a' corôa	Primeiras povoações
1534	João de Barros	Rio-grande-do-norte	1540 ?	Natal
»	Ayres da Cunha	Maranhão	»	S. Luis
»	Alvares de Andrade	Jurucoará	»	Tutoya
»	Cardoso de Barros	Ceará	1556 ?	Aquiraz
»	P. Lopes de Sousa	Itamaracá	1743	Itamaracá
»	»	Santo Amaro	1709	Laguna
»	D. Coelho Pereira	Pernambuco	1654	Igarassu
»	F. Pereira Coutinho	Bahia	1548	Villa-Velha
1535	J. Fig. Corrêa	Ilheus	1761	Ilheus
1534	P. Tourinho	Porto Seguro	1759	Porto Seguro
»	V. Frz. Coutinho	Espirito Santo	1718	Espirito Santo
1530-4	M. Affonso de Sousa	S. Vicente	1791	S. Vicente

*

estender-se para o sertão á medida que se alargassem as conquistas dos donatarios.

Uma politica de sensata liberdade isentava a agricultura, a industria e o commercio, de restricções vexatorias, franqueando a colonia aos estrangeiros, mediante o pagamento de leves direitos differenciaes. Os impostos eram moderados, poucos os artigos estancados, e era livre a translação dos individuos de umas para outras capitanias, e de qualquer d'ellas para o estrangeiro.

Tal foi a primeira constituição da America portugueza; e as consequencias d'esse systema imprimiram á colonisação do Brazil um cunho, ainda hoje evidente por modos diversos. Por um lado a população, especialmente no norte, constituiu-se aristocraticamente: isto é, as *cazas* de Portugal enviaram ramos para o ultramar, e desde todo o principio a colonia apresentou um aspecto diverso

II Capitanias creadas posteriormente

1557	D. Alvaro da Costa	Paraguassu	?	Itaparica
1567	A Corôa	Rio de Janeiro	—	V. velha do Rio
1590	»	Sergipe	—	Aracaju
1615	»	Grão-Pará	—	Belem.
»	»	Cabo-frio	—	Cabo-frio
1620	»	S. Pedro d'Elrey	—	Estreito
»	F. do Albuquerque	Cuman	1630	Alcantara
1633	F. Coelho de Carvalho	Camutá	1637	Camutá
1637	D. Maciel Parente	Cabo do norte	1642	Macapá
1665	A. Souza Macedo	Marajó	1764	Monforte
1674	V. d'Asseca	Parahyba do Sul	?	S. João da Barra.

Este quadro demonstra:

1.º Que até quasi ao fim do XVII seculo se continuou a empregar o systema feodal, apesar da constituição do governo central da Bahia; mas que os feodos particulares de 1620-74, creados quasi todos nos sertões invios do valle do Amazonas, não poderam vingar;

2.º Que a vitalidade do systema, introduzido por D. João III em 1543, era tal que de 1567-620 se instituem feodos ou capitanias da corôa, á imitação do que tambem succedera na Europa medieval;

3.º Que a reversão á corôa, movimento que traduz a victoria do sys-

das turbulentas emigrações dos castelhanos na America central e occidental. Por outro lado, a divisão de tão vastos territorios em capitanias que os abrangiam todos, deu logar a uma creação sporadica de focos de colonisação no littoral, sem ligação entre si, sem unidade, cada um dos quaes era como uma colonia independente. Juntando, a esta circumstancia, a de que os capitães ou donatarios podiam alargar o seu dominio para o sertão, por lh'o consentirem as bacias hydrographicas do interior, cortadas por grandes rios navegaveis; vêem-se claramente as causas d'essa colonisação dispersa, que ainda hoje é um dos sérios embaraços ao desenvolvimento da nação.

«Um territorio vastissimo, diz um moderno escriptor brazileiro, foi dividido em doze capitanias, maiores algumas do que os maiores reinos da Europa, e enfeodado perpetuamente a alguns validos

tema centralisador sobre o feodal, salvos os casos fortuitos, só é decisivo no XVIII seculo: só então as idéas de soberania absoluta vingaram decididamente.

As capitanias foram successivamente caindo no dominio da corôa, ou por abandono, ou por morte sem herdeiros, dos donatarios, ou por confisco, ou finalmente por compra de direitos, processo principalmente seguido no XVIII seculo.

A constituição do governo central da Bahia em 1548 aboliu a capitania creada em 34 n'essa parte da costa, onde o soberano fundava agora a sede do seu poder eminente; e as successivas capitanias, que vemos crearem-se (1567-620) em favor da corôa, provém da apropriação de territorios conquistados pelos governadores:

1615 Grão-Pará, por F. Caldeira Castellobranco
1590 Sergipe, por Christovam de Barros
1615 Cabo-frio, por Constantino de Menelau
1567 Rio de Janeiro, por Estacio de Sá.

Assim, vemos reproduzirem-se na America os factos da historia da Europa. A corôa tem a suzerania; mas o rei, suzerano, é tambem vassallo, como donatario (V. *Civil. iberica,* p. 147-50); e por outro lado dá-se o concurso da fórma feodal e da fórma monarchica do governo, até que por fim a primeira cede inteiramente o logar á segunda.

e capitães, homens de côrte e de guerra, a cuja amplissima jurisdicção ficou pertencendo a distribuição e exploração do sólo, a povoação e defeza dos campos e cidades, o exercicio da justiça e a maior parte dos outros attributos da soberania; tudo em tal desaccordo e desproporção com as suas forças, que os mais d'elles, depois de uma lucta prolongada e de grandes desastres, abriam mão de taes emprezas, exhaustos e arruinados.»

Facto é, porém, que, ainda em tempos muito posteriores, os governos metropolitanos da Europa só poderam fomentar a colonisação e exploração dos territorios ultramarinos por instituições, senão juridicamente feodaes, evidentemente nascidas dos exemplos da historia, e creadas á imagem d'essas capitanias com que D. João III realisou a sua politica colonial. Essas instituições são as companhias das Indias, que á Hollanda e á Inglaterra serviram para fundar os seus imperios coloniaes: tinham attribuições soberanas, como os donatarios do Brazil; e apesar da vastidão dos seus recursos, a companhia das Indias não pôde manter a conquista de Pernambuco no seculo XVII.

Não ha duvida, comtudo, que as primeiras tentativas dos donatarios do Brazil provaram em parte estereis. O acaso concorreu muito para isso; e a desgraça do naufragio da expedição de 10 náos que João de Barros, Ayres da Cunha e Alvares de Andrade mandaram á conquista das suas capitanias, não póde considerar-se argumento, pelo facto de elles as abandonarem, arruinados por esse caso imprevisto. Mais graves considerações merecem as discordias, as villanias, os crimes, as luctas á mão armada, dos capitães ou seus tenentes. Taes desordens, que no ultramar reproduziam, com uma côr nova, os factos da historia feodal européa, levaram

D. João III a pôr ao lado dos capitães, para os enfrear, um governador ou vice-rei: do mesmo modo que tambem na Europa os monarchas tinham representado similhante papel perante os seus barões. Assim nasceu o governo geral do Brazil em 1548, escolhendo-se a Bahia para capital, abolindo-se a capitania d'essa parte da costa, e construindo-se uma nova cidade.

A tentativa de organisação feodal-liberal recebeu com isto o primeiro golpe, e foi gradualmente cedendo o passo a diversa politica administrativa. O imperialismo, que vingava na mãe-patria, transplantou-se na colonia; e, depois, as crizes provenientes dos ataques maritimos de francezes e hollandezes, principalmente, deram a victoria decisiva a uma administração centralisadora, monopolisadora, protectora, *absolutista,* conforme as idéas vigentes na Europa. Logo, porém, que Thomé de Souza, primeiro governador-geral se installa, como tenente do soberano, na Bahia, com um milhar de soldados e degredados que levava comsigo, — prohibe-se a communicação dos colonos das diversas capitanias, sem licença especial; prohibe-se o aportar onde não houver alfandegas; fazem-se regulamentos para a cultura e fabrico do assucar; exigem-se licenças para a construcção de navios. O novo Brazil monarchico lançou breves raizes: em quatro mezes a cidade da Bahia, capital, contava cem fogos.

Apesar dos vicios do systema primeiro adoptado, apesar dos embaraços da distancia, da inhospitalidade do clima, do bravio das florestas minadas de animaes ferozes e de indios não mais humanos, os quatorze annos, que medeiam entre a creação das capitanias e a do governo geral da Bahia, não foram cheios sómente de erros.

Esboçavam-se já os lineamentos da futura nação. Erguiam-se ao longo da costa, desde Pernambuco até S. Vicente, os focos de colonisação ulterior. Já se viam rudimentos de cidades e,—cousa de certo fecunda para o futuro desenvolvimento,—esses rudimentos apresentavam a phisionomia europêa, e não a desordenada e confusa mistura de raças diversas, não a anarchia dissoluta dos estabelecimentos castelhanos, mineiros, e não agricolas quaes eram os do Brazil. A occupação da costa não excedia por um lado 7° N. e pelo outro 24° S,—proximamente um terço do desenvolvimento total,—entre as duas colonias florescentes de Pernambuco e de Santos. Do cabo Branco ao Oyapock pelo norte, e de Santos á lagoa dos Patos pelo sul, não havia ainda estabelecimentos. Mas, nas duas colonias então extremas, e que depois vieram a ser o coração dos como dous Brazis do XVII seculo; em Santos (S. Paulo) ao sul, e em Pernambuco ao norte, divisavam-se já os symptomas da primeira época da vida historica da America portugueza. [1]

Eis ahi esboçados os traços cardeaes da politica ultramarina do governo de D. João III, ao qual caberá eternamente a gloria de ter sido o fundador

[1] Estatistica economica do Brazil em 1548:

Capit. Itamaracá: 100 casas, na ilha, e alguns engenhos de assucar.
» Pernambuco: 2 cidades, Olinda e Iguarassu; 1000 familias; 23 engenhos produzindo ann. 25:000 arr. assucar.
Bahia—capital: Villa-velha e Paripé; 1100 familias, 18 engenhos, 5 egrejas e 1 collegio de jesuitas.
Capit. dos Ilheus: 100 familias, 8 engenhos e 1 collegio de jesuitas.
» Porto Seguro: 3 cidades: S. Amaro, S. Cruz, Porto Seguro; 220 familias, 5 engenhos, e 1 collegio de jesuitas.
» Espirito Santo: 200 familias, 1 engenho, cultura de algodão, e 1 collegio de jesuitas.
» Rio de Janeiro: S. Sebastião, cidade; 200 casas; 1 engenho e 1 coll.
» S. Vicente: Santos, cidade; 300 casas, 4 engenhos e 1 casa de jesuitas.

do systema colonial portuguez, a melhor obra civilisadora da nação, já illustre pelas navegações no oceano, agora celebre pelas explorações nos continentes ignotos.

Para fixar bem no espirito do leitor os elementos constitucionaes d'estas novas cidades, fundadas pelos portuguezes no ultramar, convém resumil-os:

a) Materia prima de colonisação:—os condemnados, os judeus, deportados pelo soberano;—os criminosos homisiados;—os colonos levados pelos donatarios;—no Brazil, os indios escravisados; e por toda a parte os negros da Guiné, exportados, como instrumentos de trabalho.

b) Especie de exploração colonial:—a agricola, quasi exclusivamente caracterisada pela cultura da cana e fabrico do assucar.

c) Constituição social:—a feodal, por doações e senhorios ou capitanias territoriaes; ou por exclusivos mercantis, como na Guiné;—conjunctamente com os governos-geraes, representantes do soberano.—Organisação ecclesiastica, á imitação do reino, em bispados e parochias.—Missões livres, principalmente de jesuitas.

III

A exploração dos sertões

Desde a segunda metade do XVI seculo elementos novos vêm entrar no systema da colonisação nacional:—são o desejo ardente de descobrir, nos terri-

torios portuguezes, esses metaes preciosos, de que se julgavam saturados os continentes africano e americano, e que no ultimo faziam das colonias castelhanas inexhauriveis thesouros; — e os conflictos creados pelas missões jesuitas, já com o Estado, por quererem instituir uma constituição theocratica de nações indigenas; já com os colonos, por isso que no Brazil esse programma se oppunha á escravisação dos indios, instrumentos de trabalho.

D'estes dous elementos novos, o primeiro, sem conduzir ás desejadas descobertas mineiras, foi um incentivo poderoso para alargar a exploração dos sertões da Africa e da America.

Em Angola, onde desde o fim do seculo anterior as missões do Congo tinham dado logar ao commercio com os negros, começára na segunda metade do XVI seculo uma occupação regular. Em 560 Paulo Dias visita pela primeira vez a barra do Quanza; e volta em 74, já nomeado *governador e conquistador,* a estabelecer-se em Loanda, primeira cidade portugueza. Começam d'ahi as interminaveis guerras com os negros, fomentadas principalmente, no dizer do governador Luiz Mendes (1617), pelo resgate de escravos do sertão, que elle prohibiu sem exito; e d'essas guerras ficou a memoria do cerco de Massangano (595), primeiro baluarte do dominio portuguez em Angola. As victorias successivas sobre os regulos africanos, embora entremeiadas de sangrentos morticinios; embora as febres mortiferas andassem sempre alliadas aos negros; permittiram a fixação e alargamento do estabelecimento de Angola. Varios presidios o defendiam já; mas a colonia ia-se desenhando com traços analogos aos da Guiné: não se cultivava a terra, commerciava-se, principalmente, ou até exclusivamente, em negros; não crescia a população, di-

zimada pelas febres: só em 595 foram do reino doze mulheres brancas, as primeiras.

Assente, assim, um dominio militar, a cuja sombra se explorava o commercio da gente negra, acordou a tradição das montanhas de prata de Cambambe; e a cubiça dos metaes preciosos imprimiu um novo movimento á exploração sertaneja com as expedições successivas e mallogradas de 594 e de 602, que levaram á occupação do districto, sem conduzirem á descoberta das minas. Por outro lado, corria que o sertão de Benguella era um deposito de cobre; e desde que a prata falhára, esta nova esperança conduziu os exploradores á conquista de Benguella (617), onde tão pouco se achou o cobre, apenas uma região mortifera.

Em Moçambique vogavam mais promettedoras tradições. Sofalla era o antigo Ophir; o interior d'essa larga bacia do Zambeze, incognito e mysterioso, suppunha-se conter depositos incontaveis do ouro mais puro, o ouro de Salomão! D. Sebastião dividira em tres governos o imperio oriental (1571), e o primeiro d'elles, (do cabo das Correntes ao Djar-ha-fûn,) incluia Moçambique e as costas do Zanzibar, posteriormente perdidas. Francisco Barreto, primeiro governador da Africa oriental, foi com ordens de descobrir o Ophir; e o ouro com que a imaginação ardente do nosso quichote [1] sonhava, para conquistar o imperio que veiu a ser Alcacerquibir, mas que então acaso o rei não localisava ainda fóra da propria phantasia.

A expedição de Barreto gorou, e o governador morreu em Sena. Por Sena e Tete, nas margens do Zambeze, vivia já em certo gráu de desenvolvimento um paraguay jesuita. As missões aldeavam

[1] *Hist. de Port.* L. v, 3.

cafres, os missionarios eram fetiches vivos dos submissos neophytos. Contra as missões teve de parar Vasco Homem que proseguia o plano do governador. Retirou, mas voltou no anno seguinte com tropas e artilheria bastante para convencer os padres. Passou. Explorou o valle do Zambeze; chegou a Quiteve, visitou Chiconga, e tornou dizendo ter visto as minas, cuja lavra em seu parecer não compensaria o trabalho.

Adquirida a convicção de que nenhuma das Africas podia ser um Perú, um Mexico, voltaram-se todas as attenções para a America. As colonias africanas, Angola, Moçambique, tornaram-se decididamente uma mina do ouro negro, — do escravo robusto e resistente á acção deleteria dos climas tropicaes; do instrumento inapreciavel com que no Brazil se faria o assucar e se lavrariam as minas.

A esperança de achar na America oriental o que na occidental enriquecia o visinho reino de Castella, (esperança que só um seculo mais tarde veiu a tornar-se realidade,) era antiga em Portugal. Já em 1539 D. João III, quando João de Barros, perdido, renunciára a capitania do Maranhão, a déra a Luiz de Mello, que partiu do reino com cinco navios para penetrar pelo Amazonas *até ás minas a leste do Perú*. Mallograda esta expedição pelo naufragio do segundo donatario do Maranhão, a pesquisa de minas cedeu o passo á colonisação agricola até quasi ao fim do seculo. A população crescia, multiplicavam-se as povoações. Santos recebia fóros de cidade (546); fundavam-se Itanhaem (62), Cananéa (87), e ao lado do desenvolvimento da hoje provincia de S. Paulo, conquistava-se para a corôa Sergipe d'Elrey. Foi nos ultimos annos do seculo que a ambição das minas acordou de novo. Gabriel Soares, em busca do *verdadeiro* El-dorado, per-

corre o rio de S. Francisco até á sua origem (597), e vae até ás fronteiras da Bolivia, mas em vão. Pedro Coelho segue-lhe as pisadas, sem melhor resultado. Em 603 o governador do Brazil manda tambem uma expedição para o Ceará, em busca de ouro. Se Botelho o não achou, fundou na volta Nova-Lisboa.

Assim, as pesquizas de minas nas duas Africas e no Brazil, infructiferas em si, tiveram o alcance enorme de alongarem os exploradores pelo interior dos sertões: a face do homem branco apparecia pela primeira vez no seio d'essas regiões mysteriosas; e esse homem era o portuguez, que com audacia egual se aventurára primeiro ao mar incognito, agora aos sertões bravios.

Se já na Africa o chamava para o interior a caça dos negros, antes de ahi ir em busca de minas; outro tanto succedia na America: as *bandeiras* trilhavam os sertões para *descer indios.*

IV

As missões

As guerras com os indigenas da America e da Africa apresentam de novo na historia o que ella presenciára, seculos antes, nas invasões da Europa pela raça branca. N'essa lucta contra os aborigenes, vê-se o processo pelo qual a natureza, forçando a uma selecção, foi gradualmente desenvolvendo a capacidade e o imperio dos seres superiores. A adaptação da raça peninsular ao clima americano-austral trouxe comsigo o exterminio das tri-

bus indias; ao passo que a inhospitalidade da Africa não consentiu, nem a extincção do negro, apesar da escravatura, nem a formação de uma sub-raça mestiça, apesar das successivas immigrações de brancos.

No XVI seculo não se comprehendiam assim as relações e movimentos das diversas raças. O espiritualismo christão fazia crêr a todos, que, por virtude de uma alma sempre irman, aninhada dentro do corpo de individuos, de côr e fórmas diversas, todos os homens eram uma e a mesma cousa. O principio da identidade em Jesus Christo, prégado nos primeiros tempos christãos para o grego e para o barbaro, estendiam-no agora os jesuitas e a Egreja ao negro e ao indio. A natureza das cousas rebellava-se de certo contra esta piedosa noção; e por isso vemos os missionarios escravisarem tambem os pretos e fruirem d'esse *resgate*; por isso vemos que o aldeamento dos indios da America só se distingue da escravisação secular em ser uma fórma mais benigna e mais intelligente de exploração. Por outro lado, nas missões jesuitas apparece um elemento estranho que complica as questões de um modo imprevisto. Renovadores do catholicismo, os discipulos de Loyola [1] punham em pratica o plano de dominar o mundo em nome de Deus, não só com as armas espirituaes, mas tambem com os instrumentos mundanos, a riqueza, a intriga, e até a força. Evidentemente pensaram em crear, com os aborigenes da Africa, e principalmente com os da America, estados ou nações jesuitas; e d'ahi provinham os conflictos constantes com a authoridade civil. Ao mesmo tempo, reclamando para si, para as suas aldeias, para as suas fazen-

[1] V. *Civil. iber.* L. IV, 3 e pag. 259 e segg.; *H. de Port.* L. VI, 1.

das, todos os indios, vieram a crear uma guerra constante com os demais colonos, que á busca de braços iam á caça ao sertão.

A barberie e a crueldade com que os capitães e os colonos procediam, significavam a um tempo a necessidade da defeza e a rudeza dos temperamentos. Eguaes sentimentos governavam no Oriente; e se, mais tarde, as homilias jesuitas condemnam o máo trato dos indios, quando as plantações das missões concorrem com as seculares na exploração do trabalho indigena; é facto que, a principio, a guerra e a escravisação se affiguravam puras de todo o peccado aos mais piedosos espiritos. João de Barros dizia que os negros arrancados á Africa mais vinham receber a salvação do que o captiveiro; e Nobrega e Anchieta, os fundadores das missões do Brazil, cooperavam com os capitães nas guerras contra os indigenas, — em vez de defenderem os indios contra os capitães, conforme os successores fizeram depois, — por pensarem que só á força o selvagem se convertia, [1] e que as *bandeiras* do *resgate* do sertão iam salvar os prisioneiros das guerras intestinas, da anthropophagia e da perdição eterna.

O desenvolvimento das culturas, tornando poucos todos os braços; o desenvolvimento da força e do numero da população colonial; a importancia das missões protegidas da corôa e enriquecidas com as plantações nas *aldeias* indias: eis ahi os elementos dos conflictos que assignalam a segunda epocha da existencia colonial do Brazil. Esses conflictos são, por si proprios, a prova do progresso da colonia.

Na Africa a historia das missões não tem o interesse do Brazil. O clima e o negocio absorvente da

[1] «Os indios mais por medo que por amor se hão de remir.»

escravatura negra não consentiam a creação de plantações, nem o desenvolvimento da população branca. Os negros do Congo tinham-se *convertido* em massa; o rei, a côrte, os subditos, eram todos *christãos,* porque assim chamavam os padres aos que recebiam o baptismo, e adoravam os novos fetiches, com a mesma fé com que tinham adorado os antigos. As lucrativas relações que, para os do Congo, as missões creavam com o trato dos europeus, são a causa da milagrosa conversão; perdida e esquecida, logo que o estabelecimento portuguez de Angola veiu fundar na costa um dominio eminente sobre as tribus, antes exploradas pelo *christão* do Congo apenas. Os missionarios evacuaram o terreno.

Em 1553, um anno depois da creação do bispado, foram franciscanos missionar em Cabo Verde e na Guiné; mas o nenhum valor da catechese repetiu-se na tentativa feita depois em S. Thomé, a cujo bispado Angola pertenceu até 96, quando a Sé do Congo para ahi foi transferida. Em 60 dizia o bispo de S. Thomé que duvidava muito da conversão das gentes de Angola; [1] e os factos deram razão ao mesmo bispo que reclamava missionarios-commerciantes.

Em 604 Balthasar Barreira partiu para Angola: coubera-lhe essa provincia, na repartição do mundo colonial hispano-portuguez feita pelos jesuitas, omnipotentes na Peninsula. A Companhia declarou-se, na Africa, o que já então se declarava na America: — ama e protectora dos negros, na phrase de

[1] «Eu estou muito descomfiado de se fazer cristamdade *não lhe damdo ho trato he neguocio de mercadorias* como dizem que vosa Alteza manda que de nenhuma maneyra se trate e mais por ser emformado que hos anguolas tem hidallos aos quais o demonio hos tem mui atados e lhes perturba ho Juizo e entemdimento natural.» Carta, em Levy, *Hist. do Congo,* doc.

Barros; ou defensora dos indigenas contra os governadores, representantes do Estado. D. Francisco de Almeida, que não quiz sujeitar-se á tutella jesuita, fôra expulso de Angola, fugira, em 593, diante dos padres levados por Paulo Dias, ainda antes da organisação da missão por Barreira. Desde então, Angola é por um tempo colonia jesuita: os padres governam, os governadores são pupillos seus, e o clero secular e os bispos em vão protestam e reagem contra os intrusos. Não havia, porém, em Angola, nem meios, nem utilidade em aldear negros e plantar cana: havia apenas uma rendosa occupação, a escravatura, para a qual eram desnecessarias catechese e *protecção* dos indigenas. Por isso as missões jesuitas caíram em Angola, (como as do Congo tinham anteriormente caído;) e a *Companhia* deitou-se ao negocio dos escravos, (baptisados, *convertidos,* escusado é dizel-o,) obtendo o privilegio da exportação de umas centenas, em tres navios ao anno, isentos de direitos.

V

Os jesuitas e os indigenas no Brazil

No Brazil, conforme se tem dito, as condições eram outras. O portuguez podia ahi habitar, fixar-se, cultivar o solo; e por isso batia e expulsava as populações indigenas. Desde o anno de 531 que esse exterminio das raças aborigenes começára. Martim Affonso de Sousa fundára a sua capitania de S. Vicente entre os carijós; e tres annos depois (34) o irmão, Lopes de Sousa, estabelecia-se em Santo-Amaro, batendo os pitagoares; ao mesmo tempo Goes fundava a Parahyba; Cou-

tinho o Espirito-Santo, junto ao ponto onde Cabral aportára no anno de 500, domando os tupininquins; — ao mesmo tempo que Corrêa occupava os Ilheus, e Duarte Coelho Pereira, batendo os cahetés e alliado aos tabayares, fundava Olinda. Taes foram os primeiros episodios d'essa historia da exterminação dos indios. Ao passo que estes donatarios conseguiam estabelecer-se nas suas capitanias, vimos [1] a perda da expedição dó Maranhão, que não foi unica. Em 516 naufragára uma tripulação portugueza nas costas da Bahia; um certo Corrêa ahi casara com uma india, e Coutinho, o donatario da costa, ao chegar lá em 34, achou-o e por intermedio d'elle se lavrou uma paz que foi, porém, breve. Ahi os tupinambas levaram a melhor; mataram e devoraram o donatario e sua gente: só o Corrêa escapou para voltar ao seio da sua familia india, até á occupação de 549.

Da éra do estabelecimento do governo geral da Bahia data a entrada dos jesuitas no Brazil. Nobrega foi com Thomé de Souza, e, com o segundo governador, [2] Anchietta, em 553, levando a consti-

[1] Pag. 22.

[2] Catalogo dos governadores do Brazil até á constituição do estado do Maranhão, em 1624.

1	1549	Thomé de Souza
2	1553	Duarte da Costa
3	1558	Mem de Sá
4	1570	D. Luiz de Vasconcellos (morto em viagem)
5	1572	Luiz de Brito de Almeida
6	1578	Diogo Lourenço da Veiga
7	1582	Manuel Telles Barreto
8	1591	D. Francisco de Souza
9	1603	Pedro Botelho
10	1608	D. Diogo de Menezes
11	1612	Gaspar de Souza
12	1616	D. Luiz de Souza
13	1622	Diogo de Mendonça Furtado.

tuição que erigia o Brazil em provincia independente no mundo da Sociedade. Installou-se logo, no sul, em Piratininga (S. Paulo) o primeiro collegio, e o primeiro ensaio de catechese dos indios. D'ahi partiu a rede de missões por todo o Brazil, e o plano systematico dos aldeamentos, d'onde nasceram os conflictos com os colonos europeus. Os jesuitas dividiram entre si o paiz: a Nobrega e Anchieta, S. Paulo, capital das missões; a Navarro, Porto-Seguro; a Affonso Braz e Simão Gonçalves, o Espirito-Santo. Estudavam o tupi, e baptisavam os indios aos centos em cada dia; fundavam aldeias, deslumbravam os selvagens com os esplendores do culto catholico, explorando habilmente a acção da musica sobre toda a casta de animaes.

Desde logo os colonos de S. Paulo começaram a queixar-se. Ahi começára, com o principio da occupação, o *resgate* dos indios. Havia uma feitoria d'onde as *bandeiras* saíam para o sertão a *descer* escravos; e a crueldade d'esse commercio era feroz: a morte esperava os que resistiam á escravidão, a venda no *curral* era a sorte dos submissos. Os morticinios e as atrocidades commettidas não têm conta: era uma guerra selvagem, primitiva, sem vislumbre de humanidade. Referir os episodios d'essa historia seria uma tarefa ardua e inutil: em 665, isto é, um seculo depois dos tempos em que nos achamos, um certo Favilla incendiou 800 *malocas,* matou mais de mil indios e trouxe escravisado um rebanho de quatrocentos.

Mas, se a necessidade de braços para as plantações era uma fatal condição da existencia dos colonos, é fóra de duvida que a defeza tambem obrigava a represalias terriveis. A gente de Coutinho fôra trucidada e devorada na Bahia; em Iguarassu noventa europeus e trinta negros a custo de-

fenderam a vida contra muitos milhares de cahetés sublevados (48); e por toda a parte occorriam casos proprios a demonstrar a extrema ferocidade das tribus indigenas. A descida dos aymores ou *botocudes*, (como os colonos lhes chamavam,) em 560, encheu de sangue e ruinas a costa de entre o Rio e a Bahia; e, a essa destruição feroz das colonias nascentes, respondeu uma reacção não menos feroz tambem.

Os primeiros jesuitas propozeram-se a domar os selvagens como se faz ás feras: magnetisando-os, segundo vulgarmente se diz. Para esses educadores, formados na idéa de que o homem é um ser passivo e como que abstracto, os processos variavam com as pessoas e os lugares; mas o que se propunham fazer da gente selvagem da America, era essencialmente o mesmo que na Europa faziam a toda a gente culta: domestical-a para Jesus. Por isso no ultramar procediam com os indios como um domador com uma féra: estudavam-lhe a lingua, como o arlequim estuda os gestos mudos do animal; deslumbravam-no com as ceremonias vistosas, os utensilios brilhantes do culto; encantavam-nos com a musica; e appareciam-lhes como seres superiores, quasi-deuses. Anchieta era para os indios o grande *Payé*, o deus supremo; e Nobrega, cuja ubiquidade no meio da agitada vida das primitivas missões é maravilhosa, era o *Abaze-Bebe*, o padre-voador, um deus tambem.

Se a protecção, o amor, a meiguice, foram sempre as principaes condições de domesticação dos animaes bravios, é fóra de duvida que o chicote de ferro do domador é indispensavel, desde que apparece á flôr da vontade a rebeldia da fera. Era isto o que Nobrega e Anchieta comprehendiam; e por isso, ao mesmo tempo que nascia, com a fun-

dação das missões, a concorrencia dos jesuitas e dos colonos; estes ultimos achavam, nos padres, efficazes alliados para submetterem as tribus sublevadas. Foi o que a historia das guerras do sul, na segunda metade do XVI seculo, demonstrou.

A installação de uma colonia de calvinistas francezes, sob o commando de Villegagnon, no Rio de Janeiro (555), veiu complicar com um elemento novo, os anteriores motivos de desordem. Nem ao governo, por serem francezes, nem aos jesuitas, por serem protestantes, convinha a fixação dos recem-chegados. A sua expulsão foi resolvida em 560, quando já ao primitivo estabelecimento tinham vindo aggregar-se novas colonias de suissos. Naturalmente, os atacados buscaram auxilio nas tribus indigenas, cujo inimigo era o portuguez que as escravisava, e vinha roubar-lhes a posse desde todo o sempre indisputada das suas florestas. Mem de Sá, em 560, pôde expulsar os francezes do forte Coligny, pôde forçal-os a emigrar da costa para uma ilha da bahia; mas não pôde vencer as tribus tupinambas que combatiam ao lado dos novos colonos. N'esse mesmo anno de 60 os aymores desciam a saquear o littoral, e os tamoyos atacavam S. Paulo. A pequena colonia franceza era o foco de uma alliança das tribus d'essa parte do Brazil, e o estado de rebeldia geral ameaçava de ruina o sul do futuro imperio.

Durante os cinco annos temerosos (60-65) Mem de Sá, os colonos, Nobrega e Anchieta, alliados todos na defeza commum, encontraram um prodigioso protector n'um facto de ordem natural, sempre repetido, embora ainda não explicado: a extraordinaria severidade das epidemias nas raças aborigenes em contacto com os europeus. Assim, emquanto, na impossibilidade de expulsar total-

mente os francezes, o governador ia vingar os morticinios da costa da Bahia, perseguindo os aymores; emquanto os jesuitas faziam milagres de astucia e coragem, para submetter os tamoyos; as bexigas, (64) lavrando n'estes indios, exterminavam-nos: vendiam-se, famintos, para escravos e abandonavam os filhos, fugindo á peste.

Dos alliados dos francezes restavam apenas os tupinambas do Rio; mas já a esse tempo os dois jesuitas tinham por seu lado os restos dos tamoyos. O governador, a quem de Portugal tinham chegado reforços, partiu para o sul (65); e as tropas combinadas, do governo e das missões, expulsaram de todo os francezes. Fundou-se então (67) o Rio de Janeiro.

Metade do Brazil estava salva, e lançadas as bases da futura prosperidade de todo elle, com a posse da grande bahia do continente austral. Mem de Sá, que foi o Affonso Henriques d'essa nação nova, não pudera, porém, como o nosso Affonso Henriques não pôde, levar sósinho a empreza a cabo. O papel que no XII seculo coube na metropole ao papado, pertencia no XVI, na colonia, aos jesuitas. A crise manifestára a força d'elles, e a victoria dava-lhes metade do throno.

Os conflictos, apenas nascentes outr'ora, vão apparecer de um modo evidente e grave. Entre a crise do sul, que é um prenuncio da posterior e mais grave crise do norte, determinada pela invasão hollandeza, está o reinado dos jesuitas e o tempo dourado das suas missões brazileiras. Depois, os tempos e as cousas vão gradualmente mudando, até se consummar a ruina de que Pombal foi o heroe.

Agora, porém, expulsos os francezes, dominados os indios, as missões expandem-se no sertão e os

jesuitas governam na Bahia. Os governadores que ousam resistir-lhes, têm de abdicar e fugir como succedera em Angola; e a colonia encaminhar-se-hia para realisar um outro *paraguay,* se ao lado dos padres e dos seus indios, não houvesse n'ella os portuguezes. Quem sabe, até, se a não ser a escravidão negra, que permittia o desenvolvimento das plantações, independentemente dos indios, o futuro do Brazil teria sido diverso? Monopolisado o trabalho indigena pelas missões, que restaria aos portuguezes senão emigrar, deixando aos padres e ás suas *aldeias* a posse indisputada das vastas regiões da colonia?

N'essas aldeias, os jesuitas monopolisavam o trabalho dos indios em proveito proprio. Os colonos, feridos sériamente por essa concorrencia, queixavam-se de lhes não ser licito sequer alugar os indios aldeados; e a nova situação das cousas fomentava a multiplicidade das *bandeiras* que subiam á caça de trabalhadores, embora successivas ordens prohibissem terminantemente a escravisação dos indios. Os interesses oppostos dos colonos, jesuitas e não jesuitas, pleiteavam-se em Lisboa e Madrid; e á maneira que um ou outro partido conseguia dominar na côrte, assim as disposições leges favoreciam ou impediam o captiveiro dos indigenas. A victoria decisiva pendia, porém, para o lado das missões; [1] o que não obstava a que, ape-

[1] Em 1570 decreta-se terminantemente que os indios não podem ser reduzidos ao captiveiro; em 1587, porém, apparece uma lei restrictiva da liberdade dos indios; mas em 1595 prohibem-se todas as guerras aos indigenas feitas sem provisão régia *(bandeiras)*, e declaram-se illegitimos os captivos de taes guerras. Em 1605 e 8 os indios são abertamente proclamados foros e livres; e finalmente em 609 a condição dos indigenas, mesmo selvagens, é equiparada á dos colonos; e os jesuitas são officialmente declarados curadores dos indios. Foi a esta lei que o governador (D. Diogo de Mendonça) resistiu, vendo-se forçado a demittir-se.

sar das leis, os colonos do sul, principalmente, proseguissem, á mão-armada e anarchicamente, um trafico indispensavel ao fomento das culturas.

VI

A crise no Ultramar

Apesar dos embaraços que as missões creavam ao franco desenvolvimento do Brazil; apesar do evidente proposito de o vêr transformado n'um systema de aldeias de indios baptisados e cretinisados, systema dentro do qual não haveria lugar para a colonisação livre, por ella não poder ter braços que a servissem; apesar da inhospitalidade do clima e da fereza das tribus indigenas; — a colonia caminhava a passos largos no desenvolvimento da povoação, da riqueza, da exploração interior. E o sul, onde o regime da colonisação livre era dominante, progredia mais segura, embora menos opulentamente, do que as colonias do littoral do norte. No sul desenvolviam-se de um modo espontaneo os elementos de uma nação futura; emquanto o norte, sujeito a uma administração corrupta e meticulosa, dependente da introducção dos negros e de uma cultura exotica, pagava a opulencia com uma vida menos estavel, uma população menos homogenea. Sem exaggerar demasiado o valor d'esta expressão, póde dizer-se que, pelos fins do XVI seculo, a região de S. Paulo apresen-

tava os rudimentos de uma nação; [1] ao passo que a Bahia e as dependencias do norte eram uma *fazenda* de Portugal na America.

Os governos coloniaes não descansavam na obra da exploração do interior do Brazil; e o valle do Amazonas, com as suas vastidões infinitas, tentava constantemente a insaciavel ambição dos dominadores. [2] Se o estabelecimento recente do Rio de Janeiro não merecia ainda o nome de colonia, no fim do XVI seculo; se outro tanto succedia aos do norte de Pernambuco, em Itamaracá e na Parahyba; e se as colonias maritimas da provincia de S. Paulo (Santos, S. Vicente) declinavam, porque essa região desenvolvia-se agricolamente; — o progesso

[1] Os chronistas dão a arboricultura, a creação de gados, os cereaes, como a exploração agricola da antiga capitania de S. Vicente. A população de Santos é em parte mestiça; mas S. Paulo prospera com o trabalho dos indigenas, escravos ou aldeados. D'ahi sahem as explorações do interior; e em parte alguma do Brazil a creação de povoações é tão grande, como n'esta região, durante a primeira metade do XVII seculo: Mugi-das-Cruzes (611); Parnaiba (25); S. Sebastião (36); Ubatuba (38); Taubaté, Paranaguá, Coritiba (40); Alcantara (48). É de 20 a 48 que os paulistas assolam os guaranys do Paraná e conquistam a região que veiu a ser de Minas.

[2] Pomos aqui, para não embaraçar, com esta, a historia ulterior, os fastos da exploração na America portugueza durante a primeira metade do XVII seculo: era o tempo em que a colonia estava a braços com a invasão hollandeza.

1608 — Primeira tentativa frustrada para occupar o Ceará.

1615 — Fundação do Pará (Belem) e exploração da foz do Amazonas; fund. de Cabo-frio (Rio Janeiro.)

1623 — Exploração do Amazonas; reconhecimento do delta do rio por Vasconcellos, Maciel e Teixeira, batendo os indios e as feitorias hollandezas e francezas que encontraram estabelecidas.

1637-9 — Pedro Teixeira, com 70 soldados e 1000 indios, sobe o Amazonas e funda uma colonia na foz do Agarique, seguindo ávante até Quito, no Perú, d'onde voltou ao Pará.

A creação do Estado do Maranhão, em 24, demonstra como as attenções dos governos se voltavam para a exploração do Brazil equatorial, até essa época esquecido.

era evidente em todas as colonias littoraes, cujo centro foram Pernambuco e a Bahia. — Cresciam as plantações, augmentava o commercio; e computava-se em 160 contos o consumo annual de generos do reino; em 120 os engenhos de assucar, produzindo ao todo setenta mil caixas ou quarenta mil toneladas. [1]

Uma tão grande riqueza aguçou a cubiça dos hollandezes que no principio do XVII seculo, assim como herdaram o nosso imperio oriental, se propozeram a despojar-nos da Africa e do Brazil.

E' de uso dizer-se que, á annexação de Portugal a Hespanha em 1580, se deve a perda do

[1] Estatistica economica do Brazil no fim do XVI seculo.

1. *Parahiba* — 1 engenho; o estanco do páo brazil rende 40:000 cruzados.
2. *Itamaracá* — 3 engenhos.
3. *Pernambuco* — 700 colonos em Olinda; 50 engenhos com 1200 colonos e 5000 negros, produzindo 200:000 arr.; o páo brazil rendendo 4 contos; outrotanto o dizimo dos engenhos. Abandono de toda a cultura, fóra o assucar. Viveres das Canarias e de Portugal. Luxo celebre. 45 navios por anno no porto.
4. *Bahia* — 8000 hab. na cidade, 2000 no Reconcavo, não contando indios e negros (6 e 4000). Bispado, desde 1550; 46 egrejas. Arsenaes de construcção. Mais de 100 colonos com 5:000 cruzados de renda. Luxo desmedido; perversão de costumes. Fortificações. 300 caravellas e 100 navios menores pertencentes aos armadores da praça. 36 engenhos no Reconcavo; produzindo 120:000 arr. de assucar. Gado abundante. Culturas horticolas; café, algodão, gengibre.
5. *Ilheus* — Assolada pelos aymores: de 500 colonos, restavam 50; de 9 engenhos, 3; abandonado o interior.
6. *Porto-Seguro* — 20 familias e 1 engenho.
7. *Espirito-Santo* — 150 visinhos, 6 engenhos. Gado. Cultura de algodão.
8. *Rio de Janeiro* — 150 colonos, 2 engenhos.

Á excepção dos aymores, (no Espirito-Santo e Ilheus,) todas as tribus da costa se achavam submettidas em parte, em parte extreminadas, em parte repellidas para o interior do sertão: cahetés, de Pernambuco; tabayares e tupinambas, da Bahia; petiguares, de Itamaracá. Os jesuitas tinham dissolvido a federação das tribus do sul e a sujeição dos goyanazes punha S. Paulo ao abrigo de futuras invasões.

imperio ultramarino portuguez; e n'um sentido é verdade isto, porque a guerra que a nação nossa visinha debatia por esse tempo com as Provincias-Unidas, envolveu-nos a nós em um pleito a que eramos alheios. Não é menos verdade, porém, que, se essa é a causa immediata, não é por fórma alguma a causa essencial; e sem se ser demasiadamente audaz, póde affirmar-se que a India se teria perdido, embora os Philippes não reinassem em Hespanha; assim como se póde affirmar que o Brazil se salvou, *apesar* dos Braganças reinarem em Portugal.

A' decadencia da nossa sociedade,—e por essa causa perdemos a independencia,—correspondia a cubiça de povos, então na mocidade de um desenvolvimento vigoroso; e os erros, as villanias da nossa administração oriental abriam a porta aos inglezes, aos hollandezes. Ser-lhes-hia muito difficil achar um motivo, ou um pretexto, para nos declararem a guerra, se a annexação á Hespanha nos não tivesse envolvido na guerra já existente? Não parece; até porque vemos que os ataques ás colonias portuguezas precedem 1580, e vão além de 1640.

Destruida a esperança de se estabelecerem no sul do Brazil, os francezes infestavam as costas do norte, e em 579 era necessario expulsal-os violentamente da Parahyba. Em 567 tinham saqueado S. Thomé, então no auge da prosperidade. A essa rede de systematicas depredações, que enchem o ultimo quartel do XVI seculo e ameaçam as colonias ultramarinas, juntam-se, para engrossar os perigos, os cancros da administração corrompida de Angola; e em S. Thomé a lugubre tragedia da revolta dos escravos negros. Um sparthaco africano alagou a ilha em sangue, queimou os engenhos,

destruiu as plantações (574); e expulsou os colonos, que foram para o Brazil e para o reino contar a a sua ruina, chorar as suas desgraças. Quando, em 600, os hollandezes deram um saque á ilha, só acharam os restos da prosperidade antiga.

Já senhores do norte do Brazil, considerando-se firmes em Pernambuco, — já veremos como isso foi, — os hollandezes careciam da Africa, dependencia necessaria da colonia americana, como mina de escravos. Saqueada S. Thomé, onde não acharam valer a pena fixar-se, seguiram para a costa, e occuparam successivamente os postos portuguezes da Guiné. Estabeleceram-se no Gabão, no cabo Lopo, no Rio-d'Elrey, em Calabar, em Fernando-Pó; e em 637 tomaram, sem disparar um tiro, a antiga fortaleza de S. Jorge-da-Mina. Estavam senhores do golpho da Guiné, quando, pela separação de Portugal em 640, se acharam nossos alliados contra a Hespanha. [1] Admittido por nós o principio do *statu-quo* colonial, e abandonada a idéa de revindicações, os hollandezes, não considerando ainda bem garantido o exclusivo do seu dominio no norte do Brazil e na Africa, aproveitaram á pressa o anno de 41, para ver se podiam antedatar as suas occupações. Tomam, no Brazil, o Maranhão, e na Africa, Loanda; resolvendo tambem completar o dominio da Guiné, occupando Anno-bom, e S. Thomé que a natureza creara para estação de refresco dos navios negreiros. Loanda, porém, e S. Thomé foram reconquistadas para nós (642-4); mas o resto ficou perdido na Africa equatorial: apenas em 680 se estabeleceu um novo presidio em Ajudá.

Na Africa oriental, ao terminar a crise, o do-

[1] *Hist. de Port.* II, p. 107-8.

minio portuguez apparece tambem reduzido ao que até hoje veiu sendo. Pelo sul, os hollandezes tinham-se apoderado do Cabo (51), e esses pontos illustrados pelos nomes de Bartholomeu Dias e de Vasco da Gama passaram a mãos estranhas. Os francezes estabeleciam-se tambem em Madagascar (55); e Mascate (50) e todo o Zanzibar estava perdido, pelas mesmas causas e meios que destruiam o nosso imperio oriental. As esperanças de o restaurar eram chimeras, porque os restos eram migalhas, e as cousas tinham inteiramente mudado. A epocha das conquistas estava concluida, mas não a das colonias; porque na Africa restava-nos o centro das duas costas, as boccas dos dois grandes rios, — o Congo, o Zambeze; e principalmente porque o Brazil podéra salvar-se, apesar de tudo o que D. João IV fez para o perder.

VII

Os hollandezes em Pernambuco

A invasão dos hollandezes foi precedida por ataques de inglezes e francezes: a prosperidade e a opulencia da colonia americana aguçavam a cubiça de todos. Em 591 um pirata, — mas as expedições d'estes piratas eram organisadas e armadas de sociedade com as cidades mercantis-maritimas, — um pirata inglez, por nome Cavendish, desce ao sul, sem se atrever ás colonias de Pernambuco e Bahia, e saqueia Santos, queima S. Vicente, vindo, no regresso, assaltar, infructiferamente, o Espirito-Santo. As boas cousas que o pirata levou comsigo, induziram os mercadores de Londres a armar a expe-

dição de 95, confiada ao commando de Lencaster: o resultado foi brilhante. Lencaster não só apresou um comboyo de navios no mar, como deu no Recife (Pernambuco,) abarrotando os seus navios de assucar. De volta a Inglaterra, os mercadores gaudentes acclamaram-no; e Sir Walter Raleigh viu apropinquar-se o verdadeiro *El-dorado* dos sonhos ultramarinos dos pobertões do norte da Europa.

Emquanto os inglezes davam largas ao seu genio maritimo e commercial, os francezes não desistiam de fixar no Brazil uma colonia duravel. A ruina da tentativa do Rio, a expulsão da Parahyba, não os descoroçoavam. Os de Dieppe mandam (594) uma colonia ao Maranhão com Riffault; e fundada, La Rivardière (611) segue a engrossar o estabelecimento nascente. Ao contrario dos inglezes, cujo proposito era pilhar o fructo do trabalho alheio, os francezes, antes e agora, buscavam os lugares desoccupados, ignorados, assentavam arrayaes, insinuavam-se no animo das tribus selvagens com quem conviviam. Assim, primeiro, tinham no sul opposto ás forças portuguezas as legiões dos tupinambas; assim agora, no norte, as oppunham ás tropas de Jeronymo de Albuquerque, enviado para os desalojar (612). Não foram porém mais afortunados na segunda tentativa do que na primeira; e tiveram de evacuar o Brazil (614); sorte egual á que aos inglezes coube mais tarde (630), na sua tentativa de occupação do Pará.

As expedições de inglezes e francezes eram emprezas particulares dos armadores e negociantes: não eram actos dos governos. Faltava-lhes a organisação, a fixidez, e escasseavam-lhes os recursos para renovar as tentativas até conseguir os resultados. Felizes, os mercadores enthesouravam o saque; perdidos, não queriam arriscar os seus bens

a perigosas aventuras. Succedeu, porém, formar-se na Europa um Estado que era apenas uma companhia mercantil com autonomia politica sobre um certo territorio. Esse estado foi a Hollanda. O que em Inglaterra faziam as sociedades de negociantes de Londres ou Liverpool, isto é, crearem um fundo para piratearem, passaram a fazel-o os hollandezes, official, politicamente. A companhia das Indias orientaes, assim nascida, levou á formação de outra companhia das Indias occidentaes, cujo fim era a conquista e o saque do Brazil e o apresamento dos comboyos da prata do Perú e do Mexico, nas aguas do Atlantico. As duas emprezas levavam-se de frente, simultaneamente, com os mesmos meios; as esquadras da companhia, ao mesmo tempo que submetteriam Pernambuco e a Bahia, podiam vigiar essa garganta do Atlantico, entre o cabo Branco e a Senegambia, passagem forçada dos comboyos hespanhoes.

Formou-se pois, em 1624, a companhia das Indias occidentaes. Tinha de capital 18 milhões de florins; tinha por vinte e quatro annos o exclusivo do trafego e navegação da Africa e America; nomeava e demittia os governadores e empregados das colonias que conquistasse; declarava e fazia a guerra, tratava as pazes e allianças, levantava fortalezas, assoldava armadas e exercitos. Os Estados-geraes subsidiavam-na com duzentos mil florins por anno, durante os primeiros cinco annos; mas esses desembolsos deviam ser pagos com a metade das prezas, até estarem saldadas as contas. A administração da companhia compunha-se de cinco secções, onde se achavam representados os senados de Amsterdam e da Zelandia, de Rotterdam, e Hoorn, de Frisia e Goringa. Tinha duas sédes: em Amsterdam e em Middleburgo.

Como se vê, a organisação era, em larga escala, a reproducção do que antes, e particularmente, faziam os mercadores de Londres. Era um Estado constituido em companhia de piratas. Quaesquer que fossem os erros e os vicios do imperio portuguez, — para nossa honra devemos dizel-o, — a nobreza, embora barbara, dos conquistadores do Oriente vale mais do que a tacanha cubiça dos mercadores da Hollanda. Accusem-nos de termos installado na America um systema feodal, accusem-se os vicios da nossa administração colonial; mas o facto é que ella *creou* nações, fez germinar e nascer as sementes de novas patrias ultramarinas; — ao passo que as companhias dos hollandezes jámais crearam cousa alguma, a não ser um systema habil de rapinar o trabalho indigena, depois de terminado o periodo das rendosas piratarias. Saquear e enthesoirar, eis ahi o proposito d'essas instituições, exclusivamente nascidas do espirito mercantil; e se o acanhado da ambição facilitava a empreza e engrossava os lucros; [1] facto é que, ausente todo e qualquer pensamento religioso, politico, civilisador, essas emprezas não contam na historia das manifestações nobres do genio humano, na historia da civilisação.

Tal era o instrumento da já resolvida conquista do Brazil.

Desde logo appareceu uma esquadra em frente da Bahia (624), que os hollandezes tomaram sem resistencia: tal era o estado de abandono e fraqueza da capital do Brazil. O saque foi abundante, as egrejas profanadas, o governador enviado prisioneiro para a Hollanda; e com o fim de terem

1 A companhia distribuia dividendos de até 95 por cento do capital e a media dos lucros, no periodo dos primeiros 10 annos, foi de 50.

por seu lado os naturaes, os hollandezes declararam abolida a escravidão dos indios e forros todos os tapuyas. A companhia exultava e enthesoirava.

Vencido o primeiro terror dos colonos fugidos, o bispo, D. Marcos Teixeira, poz-se á frente d'elles, trocou o baculo pela espada, como nos tempos medievaes, e investiu contra os invasores, de cruz alçada á frente das tropas. Os hollandezes foram vencidos, mas não se pôde reconquistar a cidade. Em 25, porém, chegava do reino uma esquadra, um novo governador, e os hollandezes, foram expulsos. Em 26 tornam; e se não podem entrar na Bahia, nem por isso a viagem foi perdida: saquearam o porto, apresaram navios e regressaram carregados de assucar. Os mercadores não ambicionavam glorias nem façanhas: queriam caixas.

Pela terceira vez tornam em 29; mas, para não consumirem em vão os caros petrechos de guerra, desistem da Bahia; dirigem-se á opulenta Pernambuco, ainda virgem, onde havia de certo muito a roubar. Mathias de Albuquerque, enviado a defender a cidade, não lhes pôde resistir; retirou para o campo entrincheirado do *Bom-Jesus,* que foi o primeiro baluarte da independencia do norte do Brazil. Caíu o Recife, e em 30 caíu Olinda: os portuguezes emigraram para o arrayal, e o general foi rechassado quando tentou reconquistar o perdido. A licção da Bahia servia agora aos hollandezes, que tenazmente se fortificavam, preparando-se para a guerra, planeando a conquista de todo o Brazil.

As suas primeiras tentativas foram, porém, infelizes. Dirigiram para o norte um ataque a Itamacará, mas foram repellidos; o mesmo lhes succedia na Parahyba e no Rio-grande-do-norte; o mesmo ao sul, no ataque ao Pontal-da-Nazareth (32) que,

perdida a capital, era a séde do governo da provincia.

Entretanto (31) uma esquadra hespanhola descera da Europa, a defender o Brazil e o comboyo que do Perú vinha carregado de prata. Oquendo e Patry, os almirantes das duas armadas, bateram-se nas aguas de Pernambuco: os hespanhoes venceram, salvando os seus galeões; e a esquadra partiu com elles, depois de deixar um reforço de tres mil homens no arrayal do *Bom-Jesus*. Os hollandezes, julgando-se perdidos, incendiaram Olinda e acolheram-se fortemente ao Recife, esperando soccorros.

Nenhum auxilio podia valer mais para elles do que o do mulato Calabar, que se lhes foi offerecer para os guiar pelos caminhos mal trilhados do sertão, pelas angras e canaes da costa, que elle conhecia de cór com a agudeza de sentidos de um selvagem. Acaso a traição do mulato foi a expiação da dura sorte que a fereza dos colonos impunha aos povos escravisados.

A partir de 32 a fortuna declara-se pelos hollandezes, guiados por Calabar seu general verdadeiro. Com elle saem para o norte e saqueiam Iguarassu (32), e Itamaracá (33); com elle se alongam pela varzea do Capibaribe, o thesouro de Pernambuco, e tomam os engenhos e se fortificam; com elle vão a Porto-Calvo, onde entram, com elle, pela costa do sul ás Lagoas, e do norte ao Rio-grande; com elle, por toda a parte afortunados, saqueiam, arrazam, destroem as plantações e os engenhos.

O anno de 34 é decisivo. Os hollandezes embalde tinham investido contra o Bom-Jesus; em vão os portuguezes tinham atacado o Recife: nenhum dos baluartes cedia, e emquanto ambos exis-

tissem, para ninguem era seguro o dominio de Pernambuco. Mas, ao passo, que os nossos, invenciveis no seu arrayal, nada faziam; os hollandezes iam successivamente occupando os portos e assenhoreando-se da costa. A Parahyba cáe em poder d'elles e logo depois a Nazareth, séde do governo. Em 35 restavam-nos apenas o arrayal e um forte no cabo de Santo-Agostinho: a queda d'este ultimo decidiu a evacuação de Pernambuco. Os portuguezes retiraram para o sul, a acolher-se á Bahia, abandonando a provincia inteiramente perdida.

Na retirada, porém, entraram em Porto-Calvo, onde Calabar, o instrumento da sua ruina, lhes caíu nas mãos. O mulato, enforcado e esquartejado, pagou com a vida a vingança que, morrendo, via consummada. O exodo dos pernambucanos é uma pagina funebre e sangrenta da historia brazileira. Perdidos pelos sertões bravios, asseteados pelos indios, amarellos de febres, sequiosos e famintos, caíam aos centos; e a columna que avançava ia deixando uma esteira de cadaveres, logo devorados, cujas ossadas brancas similhavam as listas de espuma que os navios largam ao passarem rapidos sobre a onda do mar sombrio e duro.

Toda a costa, do rio Formoso ao Rio-Grande, era hollandeza; e para o interior havia apenas, na Lagoa e em Porto Calvo, dois focos de resistencia á nova occupação. Os accionistas da companhia, que eram os homens d'Estado flamengos, exultavam e enriqueciam: os dividendos eram cada vez maiores, e toda a fortuna movel dos colonos portuguezes, mercadorias e alfaias, thesouros e fazendas, vinham para a Europa.

A companhia mandou um principe governar os seus estados: Mauricio de Nassau (637). O que

ainda restava de portuguezes em Pernambuco foi batido. Bagnuolo, Duarte de Albuquerque e Dias, o *camarão,* retiraram para S. Francisco, acolheram-se a Sergipe, d'onde fogem por fim, rotos, famintos e perseguidos, a entrar na Bahia. O dominio hollandez desceu até ao rio S. Francisco, alongando-se, para o norte ao Ceará: toda a prôa macissa do continente sul-americano, na costa oriental, deixou de ser portugueza.

N'esse mesmo anno, em que chegou, o principe atacou a Bahia, para consummar a conquista do Brazil; mas os restos do exercito do norte bastaram para o repellir. Rechassado, passou a occupar-se da consolidação e organisação da nova colonia; e n'isso consumiu os annos de 38 a 42 sem que a posse lhe fosse disputada. Quando Portugal se separou da Hespanha, o principe, esperando conservar o que o tratado luso-hollandez garantia, quiz obter um pedaço mais e tomou o Maranhão (41), como outros socios da companhia tomavam S. Thomé e Angola. [1] Foi isso que o perdeu.

Em 42 o Maranhão sublevou-se, trucidou os hollandezes, e expulsou-os de S. Luis. A' perda do Maranhão seguiu-se a do Ceará (44); e a companhia, ciosa da gloria de Nassau, o fundador de um Brazil hollandez; a companhia que receiava vêr-se burlada por um que não era bem dos seus; a companhia que queria para o seu serviço um bom caixeiro e não um principe sabio e audaz; chamou Nassau á Europa, demittindo-o do seu serviço. Calabar morrera, Nassau partira: ficavam apenas os guarda-livros em Pernambuco.

A inepcia d'esse governo soez, e os exemplos do Ceará e do Maranhão, levaram o que ainda havia

[1] V. pag. 44.

de portuguezes em Pernambuco a insurreccionar-se (45).

Nós não contaremos detalhadamente os fastos d'essa illiada pernambucana. O norte do Brazil ganhou então, por um acto de coragem, os foros de uma independencia, que o sul ia conquistado todos os dias de um modo lento, mas seguro, obscuro, mas infallivel. Vieira, Vidal de Negreiros, Camarão, o preto, os portuguezes, os já brazileiros, os negros, os indios, appareciam reunidos na acclamação de uma patria nova. Na antiga patria portugueza reinava D. João IV, alliado aos hollandezes, braço a braço com o padre Vieira; e as ordens de Lisboa mandavam aos sublevados que depozessem as armas, que deixassem aos hollandezes o que os tratados lhes garantiam, porque, — dizia o padre Vieira, — abandonar Pernambuco é o meio de salvar a India. Ainda se pensava em salvar a India!

Contra o rei e o seu conselheiro, contra os hollandezes e a poderosa armada que os foi sustentar (47), combateram os brazileiros bombardeando o Recife. Em 48 e 49 ganharam as duas batalhas decisivas de Guararapi; e por fim, em 54, depois de dez annos de guerra, D. João IV, já mais senhor de si, decidiu-se afinal a acceitar o que os pernambucanos tinham conquistado. Uma esquadra portugueza foi ao Recife consummar a expulsão dos hollandezes.

Se no norte o facto de uma autonomia se demonstra de um modo tão evidente, embora o sentimento d'ella se não manifestasse ainda por idéas de separação da metropole; no sul havia, não só o facto, mas o sentimento da realidade de uma patria nova. Como as aves, aconchegadas no ninho sob as pennas da mãe, esvoaçam para a liberda-

de, logo que as azas começam a agitar-se; assim os filhos de uma nação querem tambem a liberdade, desde que sentem em si borbulhar os alentos de uma individualidade nova. A independencia dos filhos nunca foi hostilidade para os paes, senão quando estes insensatamente pretendem prolongar uma dependencia anachronica. Na vida dos filhos se continúa e se prolonga a vida dos paes; e a successão infinita das gerações é para os homens e para as sociedades a pura expressão d'essa immortalidade que a imaginação attribuiu aos deuses.

O Brazil, legitimo filho da sociedade portugueza, protestando, por um lado, contra os dictames de uma politica insensata, ganhava para si a independencia do jugo estrangeiro; protestando, ao sul, clara e definidamente, contra a nova dynastia, que a politica levantava no throno portuguez, e acclamando-se republica,—definia por modo diverso o sentimento de uma virilidade que todos os males da occupação [1] não tinham abatido.

D'este modo se encerra a primeira epocha da historia da America portugueza. Na segunda, em que vamos entrar, observaremos um regime transitorio que, no norte e no sul, auxiliando o fomento da nação, addia por cento e cincoenta annos o fermentar das idéas de independencia. Ao norte, uma organisação forte e a larga exploração da escravatura africana robustecem as plantações; ao sul, as descobertas das minas criam um novo Peru, um segundo Mexico.

[1] Calcula-se que perdemos nos dezeseis annos de 23-38 mais de 28 milhões de florins em 547 navios tomados com suas cargas, nos saques das povoações, na ruina de plantações e engenhos.

LIVRO SEGUNDO

Negros, assucar e ouro

(1654-1808)

I

O trafico da escravatura

Entre as colonias militares-commerciaes, como foram as dos antigos e das quaes a occupação portugueza da India deu o ultimo exemplo historico; e as colonias agricolas de emigração livre, quaes são hoje o Canadá e a Australia, a occupação da America tropical veiu crear um typo diverso e novo.

As regiões descobertas entre os tropicos na segunda metade do XV seculo appareciam habitadas por povos de natureza e aspecto tão diverso do indo-europeu, que só as idéas espiritualistas do catholicismo, então dominante, podiam levar á affirmação de que, entre essas raças acobreadas ou negras e a raça branca, não havia essenciaes differenças. Da mesma fórma que os portuguezes em Kalikodu suppozeram vêr christãos nos indios, por julgarem, na sua ingenua ignorancia, que os ido-

los do Industão eram os mesmos idolos catholicos; por não conceberem a existencia de duas religiões similhantes, embora diversas;—da mesma fórma os descobridores, e mais ainda os missionarios, viam, nas raças de côr differente, novas manifestações da grandeza de um Deus que do cazal de homens, amassado e soprado no Eden, fizera saír uma descendencia multicolor.

A descoberta dos jazigos mineiros, e o extraordinario producto de certas culturas exoticas, combinados com o apparecimento de numerosas raças selvagens, deram ás colonias do XVI seculo um cunho até então desconhecido. O europeu sentia-se mal entre os tropicos: enfraquecia, adoecia, morria. Por outro lado, a vastidão dos thesouros mineiros ou agricolas que a natureza lhe offerecia era demasiada para o exiguo numero dos colonos. A tentação de aproveitar em serviço proprio o trabalho d'essas raças que, apesar da religião lhe dizer serem suas irmãs, elle via completamente inferiores e gravemente diversas, nasceu. Assim nasceu a moderna escravidão na Africa e na America.

Nós já vimos como a tentativa dos missionarios foi inutil no Brazil, porque os colonos a contrariavam, e porque os indios fugiam, desappareciam, morriam. Vimos tambem que, na Africa, as missões opinaram de um modo diverso; e que os proprios jesuitas se tornaram mercadores de escravos. Resta-nos dizer que o pensamento de chamar essas raças aborigenes a uma civilisação, para que a natureza as não dotou, foi uma das nobres chimeras do espirito catholico no XVI seculo; e é, no XIX, a repetição de um desvario egual do sentimente philanthropico. A Serra-Leoa e a Liberia, missões dos sympathicos successores dos jesuitas,

dão a prova da limitada capacidade das raças negras. A extincção das raças americanas, nos Estados-Unidos e no Brazil, é, por modo diverso, outra prova de inadaptação.

Como todos sabem, a escravidão existia na Europa ao tempo das primeiras descobertas. Os captivos das guerras marroquinas, os mouros, eram escravos na Peninsula. Desde toda a Antiguidade, a guerra fôra a origem da escravidão: sorte commum dos vencidos, em tempos já remotos para a Europa da Renascença. A guerra foi tambem a causa immediata da escravisação dos indigenas no Ultramar; mas não é a circumstancia da dura especie de captiveiro imposta aos vencidos, a que dá á moderna escravatura um caracter proprio.

Esse caracter provém das condições, atraz expressas, em que os colonos se acharam, ou nas ilhas ferteis e despovoadas, ou no continente americano habitado por indios menos doceis e activos do que o negro de Africa. A exportação e o commercio do negro, como machina de trabalho, eis ahi o que é peculiar dos tempos modernos; e não o facto da existencia de classes na condição de escravas dentro de uma sociedade. Reduzidos ao captiveiro pelas guerras intestinas, os negros eram vendidos pelo vencedor ao capitão do navio que fundeava no porto. Os colonos dos estabelecimentos de Africa eram os intermediarios d'este *resgate;* quando não iam em pessoa, armados, caçar ao sertão a preciosa mercadoria.

A philanthropia moderna tem accusado os portuguezes de inventores d'este commercio de nova especie; e a nosso vêr com fundamento, por isso que a nós coube a sorte de possuirmos o littoral da Africa e boa parte da America tropical. Tinhamos a producção e o consumo, a mercadoria e o mercado,

dentro dos vastos limites das nossas colonias. Era, porém, como se pretende, um crime o escravisar o negro e leval-o á America? Eis ahi uma questão mais grave, a que nós respondemos negativamente, apesar da crueldade e da fereza d'essa especie de commercio. Não menos ferozes e horrendos nos parecem, comtudo, os morticinios e a escravidão com que os romanos submetteram a Peninsula; e esse foi, entretanto, o duro preço porque ella pôde entrar no gremio dos povos de civilisação latina:— tambem a escravidão dos negros foi o duro preço da exploração da America, [1] porque, sem ella, o Brazil não se teria tornado no que vemos. Todos sabem hoje o que é licito esperar do trabalho indio; e no XVI seculo sabia-se isso tão bem ou melhor do que hoje. Se, observando a historia colonial portugueza, applaudimos a exploração do Brazil com os negros, já que o não podia ser com os indigenas; resta-nos lamentar que Portugal não tivesse bastante energia e braços sufficientes para fundar na Africa um regime feodal, reduzindo as populações a um estado de adscripção á gleba; lançando os fundamentos de uma sociedade aristocratica: — se é que as condições climatericas da Africa tropical não condemnam as suas colonias á condição de méras feitorias commerciaes, (outr'ora de escravos, hoje dos productos do sertão,) se é que n'ellas o europeu não póde acclimatar-se, como parece.

Não cremos, portanto, que nos devamos affligir muito com a accusação de termos inventado o *odioso trafico*. Sem os negros, o Brazil não teria existido; e sem escravos nação alguma começou. Lembremo-nos tambem que, se inventámos, a des-

[1] V. *Civil. iber.* p. 227-30.

coberta pareceu feliz; porque todos, a nosso exemplo, foram buscar negros ao armazem da Africa para lavrarem as suas colonias americanas.

Entretanto, a bem da historia, deve dizer-se que não inventámos cousa alguma. Sempre que houve escravos, os escravos se venderam; porque o proprio da escravidão é tornar o homem um objecto venal. Além d'isto, antes de nos acharmos em relações maritimas com a Nigricia, achavam-se em relações continentaes com ella, de um lado os bereberes de Marrocos, do outro os arabes do mar Vermelho; e para uns e outros, a Nigricia era, desde tempos immemoriaes, um mercado de escravos. Quando Gil Eannes dobrou o cabo Bojador trouxe para Portugal algumas *amostras* de azenegues, especie de *mouros,* isto é, os mestiços negro-bereberes, os negroides do norte do Senegal. [1] Em 436 passa-se para o sul do Senegal e entra-se na terra dos jalofos, a primeira nação negra que os portuguezes visitaram. Depois, estabelecido o forte de Arguim, os armadores iam a essa costa comprar ouro e escravos aos arabes. Foi em 42 que pela primeira vez vieram por mar escravos negros da Guiné; e em 61 já o *resgate* se fazia pacificamente na Senegambia, não só por intermedio dos mercadores arabes, como directamente entre os portuguezes e os soberanos indigenas, que vendiam os captivos e até os subditos. Assim começou o trafico, e os ensaios feitos na exploração da Madeira e dos Açores levaram, mais tarde, á exportação para Cabo-Verde, para S. Thomé, finalmente para o Brazil, e para todas as

[1] «Entre elles havia alguns de rasoada brancura, formosos e apostos; outros menos brancos que queriam similhar pardos; outros tão negros como ethiopes.» *Chron. da Conq. de Guiné.*

Indias occidentaes. [1] A mina de trabalho negro valia tanto ou mais do que as minas de prata e ouro do novo mundo.

E n'esse novo-mundo a população indigena extinguia-se. Em 527 vão mil negros para as lavouras das Antilhas, porque já não havia indios. De 75 a 91 só de Angola tinham saído mais de cincoenta mil, para o reino, para o Brazil, e para as Indias castelhanas; [2] e na primeira metade do XVII seculo a exportação annual attingia quinze mil *peças da India,* dando ao thesouro a receita de duzentos e cincoenta contos, [3] com que se cobriam os gastos da feitoria e os transportes para Pernambuco. Desde o meado do XV seculo Arguim, na Guiné, dava por anno sete á oitocentos escravos.

A expulsão dos hollandezes do Brazil e a conclusão definitiva do corso pela paz de 1662, deram um novo alento á colonia americana e abriram a grande éra de trafico de escravos. Todos vinham por elles a Africa. A Guiné, o Congo e Angola

[1] «De Portugal sae cada anno, assi para os reinos de Hespanha, como para as Indias de Castella grande quantidade de escravaria que se leva para cavarem nas minas de ouro e prata e nos engenhos dos açucares; afora muitos que se acham a comprar indios, bengallos, jáos, arabios, malabares, malaios bravios, cafres e de outras nações sujeitas a Portugal.» Leão, *Descr. de Port.* XXXVI.

Garcia de Resende escrevia :

Vem grão somma a Portugal
Cad'anno tambem ás ilhas
É cousa que sempre val
E tresdobra o capital
Em Castella e nas Antilhas.

[2] 52053. V. em Levy, *Hist. do Congo,* o relat. do gov. de Angola e Philippe I.

[3] *Ibid.* Cada escravo para o Brazil pagava 3$000 rs.; para as Indias hespanholas 6$000.

eram os principaes centros d'esse commercio: os hespanhoes carregavam para as Antilhas, os inglezes tinham em 620 levado um carregamento a Jame's-town e o exito da experiencia induziu-os a continuar; os francezes, os hollandezes seguiam-lhes os passos; e se os estabelecimentos portuguezes eram os principaes centros do commercio, os inglezes tambem já se tinham fixado na costa occidental, os francezes na Guiné, para tratarem a compra dos negros, a nosso exemplo, como nós tinhamos feito, a exemplo dos arabes.

O progresso que a exportação de negros teve na segunda metade do XVII seculo, levou a maiores augmentos no seguinte. A terminação das guerras européas consentiu ás nações o olhar para o desenvolvimento colonial; e o XVIII seculo é a era do fomento decisivo de toda a America, saxonia e latina. No Brazil, as reformas do marquez de Pombal, por um lado protegendo as plantações e abolindo mais uma e ultima vez a escravidão dos indios; e pelo outro a descoberta das minas; — determinaram uma procura de braços excessiva. A exportação de negros attingiu proporções desconhecidas até então. [1] Regulamentou-se, protegeu-se. As levas de escravos iam baptisadas, e ainda em nossos

[1] Nos primeiros annos da existencia da Companhia do Grão-Pará a importação no Brazil chegou a 100:000 cabeças por anno; das quaes de 22 a 43:000 com destino ao Rio de Janeiro. Isto prova o desenvolvimento do sul, que estudaremos ulteriormente.

De 1759 a 803 os registros coloniaes dão, saídos por Angola para o Brazil, 642:000 negros, ou de 14 a 15:000 por anno. O rendimento da exportação dos negros orçava por 160 contos e o total da colonia por 190.

De 1817 a 19 a media da exportação para o Brazil era de 22:000; e apesar da cessação legal do trafico, ainda em 39 saiam 35 carregações de escravos por Angola. (M. de Sá, *O trabalho rural africano.*)

No fim do XVIII seculo a praça de Liverpool tinha 90 navios no trafico, levando por anno 30:000 negros para a America ingleza.

dias um viajante [1] viu na alfandega de Loanda a cadeira de marmore d'onde o bispo, no caes, abençoava os rebanhos de negros que embarcavam para o Brazil. Portuguezes, hespanhoes e francezes protegiam a escravidão, e o *Code noir* de Luiz XIV (685) é um documento de humanidade. Todos confessam que ninguem era mais cruel com os negros do que os inglezes, e que em parte alguma a sorte dos escravos era mais dura do que na America do norte.

Por uma reacção, porém, do temperamento violento, excessivo, sentimental, d'esses insulares foi d'entre elles que partiu o clamor de condemnação contra a sorte miseranda da raça negra. Usando de toda a influencia que, no principio do nosso seculo, exerciam sobre a infeliz dynastia de Bragança, os inglezes, que em 1807 tinham abolido a escravidão nas suas colonias, começaram desde logo a exigir de Portugal a abolição do commercio dos escravos africanos, até que em 1819 conseguiram estabelecer os cruzeiros e a captura dos navios negreiros.

Esta satisfação dada á agitação abolicionista em Inglaterra, favorecia ao mesmo tempo os interes-

Cuba foi o ultimo mercado comprador de negros. As entradas registradas accusam: De 1792-1810 — 89:000 negros ou 11:000 p. ann.

1810- 17	— 81:000	»	11:400 »
17- 21	— 56:400	»	14:100 »
21- 31	— 76:000	»	7:600 »
31- 47	— 85:700	»	6:000 »

Não só o desenvolvimento das plantações exigia a constante immigração de escravos, mas tambem a necessidade de preencher as vagas deixadas por uma mortalidade excessiva.

No periodo 1792 a 1810 o augmento estatistico da população escrava de Cuba accusa a media annual de 5300 que opposta ao ingresso de 11000 deixa á mortalidade 5700, isto é, 12 por cento da população escrava. (V. Labra, *Abolicion de la esclav.*)

[1] Monteiro, *Angola, and the river Congo.*

ses dos colonos inglezes, cujas plantações definhavam desde que a escravidão fôra para elles abolida. Os assucares do Brazil e de Cuba, livres da concorrencia da Jamaica e das outras ilhas inglezas, attingiam rendosos preços; e á ruina em casa correspondia a opulencia estranha. Impedir a immigração de negros nas colonias portuguezas e hespanholas era, assim, destruir a força de concorrentes perigosos. Sem poder impôr abertamente a abolição da escravidão nas colonias peninsulares, meio que radicalmente satisfaria a humanidade e o interesse proprio, os inglezes limitaram-se a exigir a prohibição do trafico, e obtida ella, inauguraram o corso aos negreiros. Esta medida não satisfazia o interesse, porque o risco apenas conseguia elevar o preço do escravo na America e engrossar o lucro do armador; ao passo que a condição do negro peiorava. Antes, podia-se regulamentar e fiscalisar um commercio licito; agora, esse commercio era um contrabando, e os carregamentos de escravos, já por serem feitos a furto, já porque o negocio se tornara uma loteria, foram um espectaculo repugnante, cruel, uma vergonha para a humanidade. [1] O trafico só podia acabar quando

[1] Eis aqui os numeros que demonstram as affirmações feitas: (V. Molinari *Esclavage*, no *Dicc. Econ. polit.*

I Exportação de escravos, de 1807 ao estabelecimento dos cruzeiros (19)

Para o Brazil	680:000	2.194:000	4.952:000
» as colon. hesp.	615:000		
» outros pontos	562:000		
Perda em viagem	337:000		

II Idem, desde 1819 a 1847

Para o Brazil	1.122:000	2.758:000
» as colon. hesp.	831:000	
Perda em viagem	683:000	
Capturados	117:000	

a escravidão fosse abolida por todas as nações da Europa.

Perseguido, prohibido, ao mesmo tempo que o Brazil e Cuba esperavam anciosamente a chegada dos navios negreiros, o commercio de escravos tornou-se a vil e barbara occupação. Os cegos instinctos do lucro apagavam todas as noções da humanidade mais elementar, e fazia-se aos negros o que não é licito fazer a nenhuma especie de gado. O negreiro tornou-se o typo por excellencia feroz, devasso, em que parece ter-se apagado a noção dos instinctos mais inherentes á natureza do homem culto.

Conclue-se d'aqui: *a)* que a immigração annual na America foi de 155, antes, e de 70000 depois do estabelecimento dos cruzeiros; *b)* que a exportação annual da Africa foi de 190, antes, e de quasi 100000 depois: *c)* que os cruzeiros só capturaram 4 por centro da exportação total, e esta conclusão demostra a sua inefficacia; *d)* que, antes, a perda em viagem era de 15 por cento dos carregamentos, e depois subiu a 25.

Accrescente-se agora a circumstancia de que, antes da abolição, o lucro commercial do trafico orçava por 20 a 30 e depois subiu, com o risco, a 200 e 300 por cento. Uma grande loteria de escravos, eis o que o cruzeiro fundou, e tambem um horroroso morticiuio de negros. As perdas em viagem subiam, como vimos, de 15 a 25 por cento por causa do máo acondicionamento, e calculava-se que para levar 65000 escravos ao Brazil era necessario tirar da Africa 100000. Além da perda na viagem, o estado em que chegavam matava de 3 a 5000 nos primeiros dois mezes depois do desembarque.

Cinco milhões de negros saíram de Africa, de 1807 a 47; quantos milhões tinham saído antes? Impossivel é sabel-o. Chegou-se a aventar o numero de 20 milhões que entretanto parece excessivo. Em todo o caso, os restos d'essa população que se vêem ainda hoje espalhados por toda a America, são uma redusida imagem do numero que o solo colonial tragou. A esterilidade da escravidão era facto já observado na Europa da Edade-media, e não foi dos menos poderosos motivos que levou a abolil-a. Mas a Africa suppria as vagas, e os milhões de habitantes que expellia de si não a despovoavam senão nas costas. O selvagem é prolifico.

As correrias dos colonos á caça de escravos repelliam para o interior as tribus indigenas da Africa, e em 1760 um governador de Angola dizia que os negros cada vez mais desamparavam as proprias terras, para se livrarem das continuas violencias dos brancos negociantes. Em 782 a população de Ambaca diminuira dois terços.

Um navio de escravos era um espectaculo asqueroso e lancinante. Amontoada no porão, quando o navio jogava batido pelo temporal, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro de homens, para beber avidamente um pouco d'esse ar lugubre que se escoava pela escotilha gradada de ferro. Havia, lá no seio do navio balouçado pelo mar, ferozes luctas, gritos, uivos de colera e desespero. Os que a sorte favorecia, n'esse ondear de carne viva e negra, aferravam-se á luz e rolhavam a estreita nesga do céu. Na obscuridade do antro, os infelizes, promiscuamente arrumados a monte, ou caíam inanimes n'um torpor lethal, ou mordiam, desesperados e cheios de furias. Estrangulavam-se, esmagavam-se: a um saíam-lhe do ventre as entranhas, a outro quebravam-se-lhe os membros nos choques d'essas obscuras batalhas. E a massa humana, cujo rumor selvagem saía pela escotilha aberta, revolvia-se no seu antro afogada em lagrimas e em immundicie.

Quando o navio chegava ao porto de destino, — uma praia deserta e afastada, — o carregamento desembarcava; e á luz clara do sol dos tropicos apparecia uma columna de esqueletos cheios de pustulas, com o ventre protuberante, as rotulas chagadas, a pelle rasgada, comidos de bichos, com o ar parvo e esgaseado dos idiotas. Muitos não se tinham em pé; tropeçavam, caíam, e eram levados aos hombros como fardos.

Despejada a carga na praia, entregues os *conhecimentos* das peças-da-India ao caixeiro do negreiro, a funebre procissão partia a internar-se nas moitas da costa, para d'ahi começarem as peregrinações sertanejas; e o capitão, voltando a bordo, a limpar o porão, achava os restos, a *quebra,* da carga que trouxera: havia por vezes

cincoenta e mais cadaveres sobre quatrocentos escravos.

II

A escravidão no Brazil

A monotona historia da emigração forçada do negro africano reduzir-se-ha, porém, á estatistica da offerta e da procura de uma mercadoria? A desapiedada força, com que as raças superiores escravisaram ou exterminaram sempre as inferiores, substituindo-se-lhes ou expoliando-as do gozo dos bens naturaes; essa lei da concorrencia animal, que na zoologia produz pela selecção os typos superiores, e na historia as civilisações; — provocára sempre terriveis protestos, luctas medonhas, represalias ferozes. Por toda a parte o vencido, escutando com avidez o soar da hora propicia, espiando o momento de lassitude ou embrutecimento do seu dominador, se tinha erguido em armas, revindicando para si uma sorte menos dura. Sparthaco é o heroe das insurreições dos escravos.

Eram ou são tão abjectamente inferiores, na inferioridade incontestavel dos dotes da sua raça, os negros, que, passiva e submissamente, obedecessem ás cargas e descargas, aos transportes e ao trabalho, como o fardo de algodão emballado e embarcado, ou o cylindro do grosseiro engenho onde se esmagava a cana? Pois, nem protesto como ás vezes lavram os proprios animaes: o cavallo quando se desboca, o rebanho quando se tresmalha na amplitude das planicies dos pampas?

Os protestos não faltaram; o negro não era inteiramente, nem uma mercadoria, nem uma machina de trabalho. Não era decerto um animal bravio; domesticava-se, obedecia, como creança; [1] mas tambem ás vezes se rebellava. Se até o jumento paciente se lembra de que foi onagro! Rebellava-se, e então era temivel, porque a ferocidade é tambem uma das qualidades da infancia.

As insurreições dos negros, terror permanente dos colonos americanos, poem manchas de atro horror n'essa monotona historia da escravidão; e fazem-nos lembrar que as peças-da-India não eram tão completamente uma mercadoria, como aos negreiros e colonos ás vezes se affigurava. As colonias, creadas para a lavoura e para o commercio, não eram, como Sparta, uma legião; e os colonos, infinitamente poucos, perante as columnas dos escravos negros, viam-se n'um perigo maior constante. Na roça o fazendeiro, na cidade o mercador, instinctivamente punham em pratica um regime de terror, um systema de feroz disciplina, unico meio de conjurar um perigo que todos sentiam imminente. Chibatado, açoitado, morto ás vezes no tronco do castigo, o escravo soffria com esses duros tratos a consequencia de uma força que o seu senhor temia, mas de que elle, o infeliz! só raras vezes, quando as dores cruciantes eram intoleraveis, chegava a adquirir a consciencia. Um tal regime punha nos costumes coloniaes nodoas de uma crueldade perversa. As mulheres fracas, vegetando a custo n'esses climas devoradores, excediam os homens no requinte da bar-

[1] Todos os observadores têm notado a vivacide precoce do negro, e a como que paralisação de desenvolvimento que se dá na adolescencia. O negro é sempre uma creança, com a mobilidade vivaz e a perspicacia infantis.

baridade; e o negro soffria o que não soffria o cão, nem o macaco, beijado e emballado nos braços das crioulas. Ninguem temia os brutos, e todos, já por habito, sem bem o confessarem, temiam o negro, —o escravo foi sempre um inimigo. Algum transeunte mais piedoso que, passando nas ruas da Bahia ou de Pernambuco, ouvia, para além das portas mal fechadas das habitações, o estalar do latego e o gemer do paciente, batia no ferrolho, gritava caridosamente—basta! Pedia perdão pelo escravo, e o supplicio terminava quasi sempre.

Esse terror de uma vingança dos negros não era decerto uma van chimera. As creanças rebellamse a miude, e as suas coleras são terriveis. Todos sabiam que os negros por vezes, em varias colonias, tinham commettido atrocidades. No Brazil conhecia se de perto a horrorosa insurreição de S. Thomé, porque os colonos, arruinados e perdidos, tinham ido para lá recomeçar a vida, renovar as plantações, reconstruir os engenhos. Em S. José do Maranhão os fugidos aos senhores e alliados aos indios, seus companheiros de infortunio, tinham atacado a povoação, talado os campos, batendo-se com valor contra o forte e caíndo exterminados, mas não submettidos (772). Mais de um *quilombo,* ou azylo, escondido nos desvios das serras, embrenhado na escuridão das florestas, recebia, para a vida livre das selvas, os escravos que fugiam á sua miseranda sorte; mais de uma vez foi necessario desmanchar á força esses ninhos, ou esses embryões de futuras cidades; e a destruição do *quilombo* da Carlota em Matto-grosso (770) ficou celebre pela bravura dos atacados, pela crueldade do castigo. Os escravos fugidos eram marcados com um F em braza á primeira vez, e tinham uma orelha cortada á segunda: estes signaes indicavam ao se-

nhor que devia aggravar o castigo de faltas ulteriores.

Em tempos posteriores, quasi em nossos dias, quando a acção combinada da politica e da economia procuravam terminar a escravidão no Brazil, este sentimento da revolta, não só contra a condição miseravel, mas tambem contra a vida civilisada, tomou caracteres diversos. Da mesma fórma que na servidão agraria da Peninsula [1] succedera, quando ella passou a traduzir-se por um contracto ou cedula, fixando a renda certa que o servo devia ao dono da terra; assim tambem aconteceu no Brazil ao escravo urbano. Applicado para as fainas dos armazens nos portos commerciaes, moço-de-fretes nas ruas, o negro devia apenas ao senhor o jornal certo por elle fixado. Livre de o obter com o seu trabalho já livre, o escravo tirava dos hombros possantes para a carga uma renda maior, forrava economias, juntava um peculio, e em vez de fugir, como outr'ora, para o *quilombo,* quando nem a sorte nem a lei lhe deparavam outro meio de redempção, manumittia-se, alforriava-se e, feliz, voltava á Africa, a respirar os para elle innocentes e queridos ares da costa paludosa da Mina. Despresava e renegava a civilisação antipathica, regressava ao estado selvagem; da mesma fórma que os crumanos e cabindas, depois de correrem como grumetes, cosinheiros ou marinheiros, a bordo dos navios, os portos da Europa, regressam com as peças de algodão sufficientes para comprarem tres ou quatro mulheres.

Estas modernas fórmas de um constante protesto contra a civilisação não valem, porém, em nobreza as antigas. E de todos os exemplos historicos

[1] V. *Civil. iber.* pag. 75-9.

do protesto do escravo, Palmares é o mais bello, o mais heroico. E' uma Troya negra, e a sua historia uma Illiada.

Foi a occupação dos hollandezes que deu logar á formação da republica dos escravos. O abandono das fazendas pelos senhores, e mais tarde o armamento dos negros para expulsar os invasores, eis as causas immediatas da organisação d'esse grande *quilombo*. Em 630, quarenta escravos refugiaram-se nos Palmares, cousa de trinta legoas para o interior de Pernambuco, e fortificaram-se. Como os romanos, raptaram as sabinas indias e mestiças dos arredores. Principiaram por viver da razzia das plantações proximas, do saque dos fazendeiros. Assim viviam os romanos. Palmares era o azylo dos escravos fugitivos, como tambem o fôra Roma e os concelhos medievaes. Crescendo em numero, constituiram-se em sociedade; tinham um rei, o *zambi,* um christianismo copiado do jesuita, e leis que foram escriptas por um Numa preto. A' maneira que prosperavam, abandonavam a pilhagem, fazendo-se agricultores. Lavravam e commerciavam; e os fazendeiros dos arredores, vendo-se livres do incommodo antigo de visinhos tão hostis, tratavam agora com a cidade nascente, vendiam-lhe fazendas e armas. Assim as nações se formam, e Palmares merecia já este nome quando, reconquistado e pacificado o norte do Brazil, o governo resolveu submetter a republica (1695).

Tinha ella então quatro ou cinco milhas de circuito, porque não attingira ainda a edade em que as republicas se tornam conquistadoras. O recinto era fortificado por uma palissada alta, á moda das aringas ou mocambas da Africa. Dentro havia as plantações, um rio com agua abundante, frondosas bananeiras, campos de milho e mandioca. A po-

pulação contava mais de vinte mil pessoas, das quaes oito ou dez mil em armas esperavam os aggressores.

Caíu a republica, destruida pelas armas portuguezas, mas caíu épicamente como Troya. Vencidos, mortos, esmagados pela força, rotas as fortificações, aberto de par em par aos invasores o ninho da sociedade nascente, os palmarinos não se submetteram, suicidaram-se. O *zambi* com os rotos destroços do seu exercito precipitou-se do alto de um penhasco, e os cadaveres dos heroes vieram rolando despedaçados caír aos pés dos portuguezes victoriosos. Os prisioneiros, voltados á condição miseranda, suicidavam-se, trucidavam os filhos, as mulheres. E quando lhes retiraram todos os meios de se matarem, deixaram-se acabar á fome.

A Troya dos negros foi arrasada, mas a memoria dos seus heroes ficou e ficará como um nobre protesto da liberdade humana contra a dura fatalidade da natureza, cujas ordens impozeram á exploração da America a condição do trabalho escravo.

III

O estado do Maranhão

Abundantemente provido de negros, o norte do Brazil, depois da expulsão dos hollandezes, avançou a passos rapidos no caminho da riqueza. O seculo que medeia entre a reconquista de Pernambuco e o govorno do marquez de Pombal reune os

elementos de uma revolução que o grande estadista consummou.

Affluiam os colonos do reino, plantavam-se canaviaes, construiam-se engenhos. O *reinol,* como se dissera na India, apenas chegado, tomava posse da área que lhe era demarcada. Comprava negros, erguia a senzalla e o rancho. O primeiro trabalho consistia em roçar o matto, limpar a terra que havia de produzir o milho, a mandioca, os legumes para alimentação dos escravos. Os montes de arvores cortadas e derrubadas, a esteira de herva que vestia o solo, eram preza das chammas, e a terra adubada de cinzas produzia cento por um. A esta faina seguia-se a da construcção do moinho: dous cylindros de madeira para esmagar a cana, uma roda hydraulica ou um malacate para mulas como motor. Preparada assim a installação, plantava-se o canaviál: um pedaço de cana com tres ou quatro nós, enterrado horisontalmente, dava outros tantos pés, que no fim de doze ou quinze mezes se podiam cortar, levar á machina, para a garapa, d'onde se faz a agoardente ou o assucar.

Nem só a cana, porém, era já a cultura do norte do Brazil. Desde que em 1640 se viu perdido para sempre o imperio oriental, entendeu-se inutil prohibir na America a cultura das especiarias que constituiam a riqueza do commercio das Indias. O medo de uma concorrencia, que podia fazer baixar os preços dos generos orientaes, levara a mandar arrancar no Brazil as arvores productoras de drogas similares ás do Oriente. Dizia o padre Vieira que d'esta perseguição apenas o gengibre escapára, porque as suas raizes fugiram a esconder-se debaixo da terra. O facto é que, desde 62, o norte do Brazil, onde a producção principal conti-

núa a ser o assucar, cultiva o tabaco, o algodão, a baunilha, a canella, a pimenta.

Ao mesmo tempo as attenções dos governos, socegadas quanto á prosperidade e á segurança de Pernambuco, voltaram-se para o Estado do Maranhão, e para o Brazil equatorial. O valle do Amazonas e os sertões dos grandes confluentes da arteria fluvial americana eram trilhados, explorados, conquistados ao indio bravio; e o tratado de Utrecht (1713), garantindo a Portugal a posse das duas margens do Amazonas, vinha consolidar um dominio que a acção energica dos exploradores tornára um facto. Os sertões do Piauhy eram avassallados em 674, e em 719 essa região constituia-se em provincia. A exploração do littoral fôra, de 580 a 640, seguindo para o norte, desde a Parahyba (585) a Sergige (590), ao Rio grande do norte (599), ao Ceará (610), ao Maranhão (615), ao Pará (616). A crise da occupação hollandeza, isolando o Estado do Maranhão do governo da Bahia, embaraçou por annos o desenvolvimento do extremo norte do Brazil, por cujos sertões agora se alongam os estabelecimentos portuguezes. [1] O desenvolvimento que accusam a segunda metade do XVII seculo e a primeira do seguinte, adquire uma intensidade maior ainda du-

[1] 1650 — Exploração das suppostas minas do Rio-Dourado (Maranhão.)

1668 — Fundação de Jahu.

1669 — Construcção do forte do rio Negro, depois Manaus.

1718-9 — Fundação de Campo-Maior e Parnaiba; Jeromenha, Valença, Marvão.

Explorações fluviaes provocadas pelo desenvolvimento das minas no sul: (V. o § seguinte.)

1742 — Viagem do Madeira, para communicar com Matto-grosso.

1744 — Idem do rio Negro, para chegar ao Orinoco.

1749 — Idem do Pará a Matto-grosso, feita pelo Amazonas, Madeira e Guaporé.

rante o governo do marquez de Pombal que mandou reger o Estado do Maranhão a seu irmão Francisco Xavier de Mendonça. Numerosas colonias vão do reino fundar povoações n'essa região do Brazil, e, ao que parece dos nomes dados a essas cidades, [1] são alemtejanos que as fundam. Em 757 já o districto do rio Negro, a futura provincia do Amazonas, tem importancia bastante para ser erigido em governo separado.

IV

A expulsão dos jesuitas

A' maneira que o extremo norte do Brazil, o valle do Amazonas, se colonisava e explorava, iam ahi apparecendo os phenomenos que, antes da occupação hollandeza, tinham caracterisado a vida interna da colonia de Pernambuco-Bahia. Apesar da abundante provisão de negros que a Africa, em plena edade de exportação, dava, as *bandeiras* de caça aos indios começaram a lavrar pelo interior dos sertões. Ao retomarem o Maranhão aos hollandezes, os colonos tinham reduzido os indios á es-

[1] *Maranhão* — Vinhaes, Vianna (57); Guimarães, Tutoya (58);
Amazonas — Moura, Thomar (58); Serpa, Olivença, Ega (59);
R. g. do norte — Estremoz (60);
Espirito-Santo — Almeida (60); Benavente (61);
Pará — Mazagão (65);
Piauhy — Amarante (66);
Bahia — Villa Viçosa (68);
Porto Seguro — Alcobaça (72).

Comparem-se os nomes das terras do norte, reproduzidos de Portugal, com os das do sul, indigenas; e por isto só se verá como temos n'um lado um desenvolvimento colonial, no outro natural ou espontaneo.

cravidão; mas o governo de D. João IV, renovando as leis dos Philippes, e exportando mais jesuitas para a colonia reconquistada, fez nascer os antigos conflictos.

Em 52 chegou ao Maranhão o padre Antonio Vieira, e apesar dos motivos provocados pelas decisões da côrte, o novo Superior das missões, fundou a Junta de protecção dos indios, organisou o systema dos aldeamentos, planeou uma vasta occupação de todo o valle do Amazonas.

Primeiro, no sul, em S. Paulo; depois na Bahia; agora, no extremo norte, os jesuitas tentavam crear uma civilisação de indios. Tres vezes a sorte do Brazil vacillou indecisa entre o futuro de uma civilisação mestiça e o de uma civilisação europêa; entre um regime theocratico e um regime monarchico; entre a creação de uma nação, e a estupida organisação de um estado de ilotas cretinisados sob o imperio dos *payés,* dos padres-fetiches. A questão do trabalho indigena levantava-se outra vez, mas esta seria a ultima e decisiva batalha.

Em S. Paulo, batidos pela anarchica e energica resistencia d'essa exploração que espontaneamente ia adquirindo consistencia e homogeneidade, os jesuitas tiveram de emigrar com as suas missões para o sul, e de ir estabelecer-se nas margens do Prata e do Paraná, no Uruguay e no Paraguay; em territorios desoccupados, onde não se encontravam frente a frente com uma authoridade civil que queriam para si, nem com uma colonisação branca que lhes não obedecia. Ahi medrou pois o seu plano, e da sorte que estava reservada ao Brazil, se os colonos os não vencessem, dão os jesuitas uma prova evidente com o Paraguay.

Batidos, expulsos em S. Paulo, apenas conseguiam manter-se na Bahia e no centro do Brazil.

Protegidos pelo poder efficaz do governo, defendidos pela corôa nos seus conflictos com a authoridade civil, os jesuitas, porém, não podiam tornar exclusivo o seu plano de colonisação; porque ao lado d'elle se desenvolvia com força e vigor a colonisação branca apoiada no trabalho dos negros.

Restava-lhes agora o extremo norte, onde a exploração nascia, onde tudo levava a esperar a consolidação de um plano, já ao tempo amplamente realisado no extremo sul, sobre as margens do Prata. Em Portugal reinava D. João IV, que era a sombra do padre Antonio Vieira, encarnação do genio da sociedade de Jesus, [1] e o facto de o verdadeiro monarcha de Portugal, o chefe do jesuitismo portuguez, ir em pessoa dirigir a occupação do Amazonas, mostra a importancia que se ligava a esse acto.

Já porém n'esta epocha de maxima fortuna da Sociedade se deixavam vêr os symptomas da decadencia; já alvorecia o systema de causas e doutrinas que levariam á constituição do absolutismo monarchico, e á consequente ruina do edificio jèsuita. O plano do Amazonas falhou, como falhara o de S. Paulo; e os estabelecimentos de todo o Brazil desappareceram á voz do ante-christo, o marquez de Pombal. Para lhe vingar a memoria, para lhe demonstrar a sabedoria, para provar com um facto a razão de ser da resistencia permanente dos colonos, ficava a obra-prima da colonisação jesuita, o Paraguay. Se, contra os colonos, os jesuitas tivessem vencido, o Brazil seria, como esse miseravel canto do mundo, povoado por uma raça inferior que só perde os instinctos de fera selvageria, para caír n'um tropor de cretinismo idiota.

[1] *Hist. de Port.* II, p. 81-2.

Como no sul, como em toda a parte, os colonos do Maranhão rebellaram-se contra o jesuita; e em 661, nove annos depois de installadas as missões, os padres e o summo-sacerdote Vieira tiveram de embarcar para o reino, expulsos da colonia pelos colonos. Só em 80 o governo os restaurou n'um poder de que gozaram até ao tempo do marquez de Pombal. Tinham vencido? Não; porque o plano de colonisação falhára. Sustentavam-se, apenas, ao lado da colonisação européa, como dois rivaes que disputam uma presa sem obterem victoria decisiva. Os planos caminhavam a par, as duas forças desenvolviam-se parallelamente, até que appareceu o marquez de Pombal. [1]

Em 1757 o poder temporal das missões foi supprimido: as aldeias dos indios transformam-se em villas de direito commum, separa-se o espiritual do temporal, revindicando-se o ultimo para a corôa. O plano jesuita estava destruido, ainda antes da expulsão dos padres. Reduzido a uma propaganda religiosa o caracter das missões, a Sociedade tinha de abdicar de todas as suas esperanças, e de reconhecer destruido o seu gigantesco plano das colonias theocraticas. O indio mais por medo que por devoção se converte, dizia outr'ora Nobrega: se aos padres se retirava o poder, o dominio politico e civil, como haviam de elles agora converter o indio? As duas missões eram inseparaveis; e n'isto os jesuitas demonstravam, — como em tudo, — um conhecimento da alma humana, nunca excedido, nem antes, nem depois.

A prova é que as aldeias se despovoaram, que os indios regressaram á vida selvagem, fugiram de novo para o sertão, quando em 768 os seus padres,

[1] *Hist. de Port.* L. VI, 5.

os seus amos, os seus donos, os seus deuses, foram expulsos do Brazil. Os parochos, missionarios enviados pelo governo para os conter, eram estranhos, nem lhes sabiam a lingua, nem podiam ser por elles reconhecidos como verdadeiros representantes d'esse deus extravagante, mistura de ama e de magister, feroz e dôce, d'esse deus de creanças que os jesuitas tinham forjado para uso dos homens-creanças, os selvagens. O grande-payé fugira!

Esta unificação do poder civil na colonia imprimiu-lhe definitivamente o caracter europeu. Os indios, mais uma vez (1755) declarados livres, retiraram-se para o sertão, para morrerem abraçados aos novos fetiches pelos quaes os jesuitas lhes tinham trocado os antigos. O trabalho negro suppriu todas as necessidades da cultura, porque a mina africana era inexgotavel: andavam por cem mil os escravos que a companhia do Grão-Pará desembarcava todos os annos nas costas do Brazil. A colonia adquiria, decidida e definitivamente, o caracter commum a todas as colonias da America do norte e das Antilhas: abandono e extincção das raças indigenas, colonisação branca e trabalho negro escravo.

V

O Brazil pombalino

O systema das idéas politico-economicas [1] e as condições novas creadas pela paz de Utrecht na Europa, levavam á definição pura do regime cen-

[1] V. *Hist. de Port.* II, p. 117-8 e 153-4; e *Civil. iber.* 265-70.

tralisador e protector. E' o marquez de Pombal quem, por varias fórmas, extingue finalmente o que restava ainda dos primitivos direitos feodaes dos donatarios, [1] reunindo toda a authoridade nos governos dependentes da corôa; ao mesmo tempo que abolia os antigos privilegios das camaras, no lançamento dos impostos.

O commercio florescente não achava navios bastantes para acarretar para a Europa os productos de uma colonisação que, na segunda metade do XVIII seculo, se alargava já pelo valle do Amazonas, se internava em Matto-grosso e Goyaz, e descia até ao Paraguay. A paz permittira que se abolissem as conservas em que os navios subiam o Atlantico para a Europa, comboyados por esquadras. Agora iam e vinham livremente, cruzando no oceano, de Lisboa a Angola, a embarcar escravos; do Pará, do Maranhão, de Pernambuco e da Bahia a Lisboa, com os carregamentos de assucar e páo-brazil, de tabaco, de algodão, de especiarias e de ouro.

Ao augmento da riqueza, correspondia a firmeza da administração, a melhoria da justiça, o progresso da instrucção. A colonia constituia-se rapidamente em nação; e uma emigração abundante, excessiva até para as forças da metropole, engrossava por toda a parte os nucleos constantemente creados. Se Mem de Sá foi o Affonso-Henriques [2] do Brazil, o marquez de Pombal foi o seu D. Diniz, [3] o lavrador, o organisador; e o seu D. Fernando, [4] o creador do commercio e da navegação colonial.

[1] V. *supra* p. 19 a 23.

[2] V. *Hist. de Port.* I, p. 55-73.

[3] *Ibid.* p. 100-1 e 106-7.

[4] *Ibid.* p. 108-9.

Já em 649, depois em 680, se tinham fundado companhias commerciaes, e a ultima d'ellas fôra assignalada pela insurreição de Beckman (84) no Maranhão. Os negociantes, e tambem os jesuitas que mais o eram do que missionarios, [1] protestaram contra o monopolio creado pelo marquez a favor das companhias do Grão-Pará, do Maranhão e Paraíba. O systema de monopolios protectores era então considerado como o melhor modo de fomentar o progresso economico; e das antigas tradições coloniaes portuguezas restava a lembrança dos realengos mercantis, transformação das instituições ainda mais antigas de apropriação da terra: o sal, o páo-brazil, o tabaco e os diamantes eram monopolio exclusivo da corôa, ao passo que as demais mercadorias, incluindo o ouro, andavam moderadamente tributadas.

N'este rapido esboço que temos feito do desenvolvimento do Brazil na segunda metade do XVII seculo e no seculo seguinte, o leitor terá notado o silencio ácerca do acontecimento mais grave da historia da colonia: a descoberta das minas. E' que, no plano do nosso trabalho, e no modo porque vemos o crescer e o formar-se da nação americana, apresentam-se-nos como duas grandes provincias, cuja historia é diversa, porque os seus caracteres naturaes e adquiridos foram differentes até á unificação sellada com a independencia. Já anteriormente notámos esta diversidade que se evidenceiava desde os primeiros tempos coloniaes, entre o então norte e o sul do Brazil.

N'esta segunda época, em que a occupação e a colonisação se estendem, pelo norte até ao Equador, pelo sul até ao rio-da-Prata, os dous Brazis

[1] *Hist. de Portugal,* II, p. 144-9.

extremos de outr'ora são hoje as duas metades do centro: Bahia-Pernambuco de um lado, e S. Paulo-Rio-de-Janeiro do outro. O Estado do Maranhão pelo norte, o Rio-grande pelo sul, constituem as fronteiras d'essa nação, cujo centro está formado.

Entretanto, é fóra de duvida que o dualismo existe ainda no periodo a que agora nos referimos. A nação brazileira desenvolve-se colonialmente ao norte, organica e espontaneamente ao sul. Semi-independente, a região de S. Paulo-Minas com a grande bahia do Rio de Janeiro, capital natural do imperio futuro, está na sombra elaborando uma construcção organica; emquanto o Brazil official, o Brazil brilhante, opulento, o Brazil dos vice-reis e governadores, assenta ao norte, na Bahia e em Pernambuco.

Esse Brazil, porém, não era geographicamente o centro do imperio; o seu clima parecia condemnal-o á eterna condição de colonia dependente de uma cultura exotica e da escravidão africana, ou á sorte infeliz de um paraguay jesuita. Não havia ainda então intensidade de vida collectiva bastante para propôr com evidencia o dualismo, que o observador descobre existindo latentemente; e foi um caso fortuito que, trazendo á vida economica da colonia um elemento novo, fez surgir, não o dualismo, mas a immediata e absoluta supremacia da metade sul do Brazil central, supremacia consagrada no meiado do XVIII seculo pela transferencia da capital, da Bahia para o Rio-de-Janeiro.

Esse caso fortuito nasceu do caracter aventureiro, audaz, explorador, dos habitantes de S. Paulo, em quem a semente do genio descobridor dos portuguezes podera medrar livremente, á sombra de um clima benigno e de uma colonisação natural-agricola. Foi esse caso fortuito que determinou uma

grande corrente de emigração para o sul-central do Brazil; foi elle que deu um alento passageiro á rachitica vida do Portugal brigantino; que permittiu a D. João V fazer na Europa de rei *brazileiro,* e ao marquez de Pombal permittiu declarar a guerra aos jesuitas e salvar o Brazil, senão da sorte do Paraguay, ao menos da agitada vida que lhe promettia a coexistencia do regime civil e do regime theocratico, no governo e na organisação do trabalho servo.

Esse caso fortuito é a descoberta das minas, á qual o Brazil deve a rapida definição da sua independencia. Na riqueza do ouro encontrou a população de S. Paulo uma força predominante, com que impoz a sua supremacia,—como homogeneidade, como cohesão, como originalidade e autonomia nacional, — ás provincias do norte, cuja existencia era artificial na população, toda estrangeira, quer nos brancos portuguezes, quer nos negros africanos; artificial no regime do trabalho, na natureza da cultura; cuja vida, emfim, era a de uma *fazenda* ultramarina de Portugal, amanhada e cultivada pelo genio dos estadistas; e não a de uma nação nova existindo independente e antónoma, por virtude de uma população fixada e naturalisada no solo sobre que vivia.

VI

A descoberta das minas

Já no decurso d'este trabalho temos indicado as tentativas, até agora infructiferas, de descobrir nas

vertentes orientaes da cordilheira dos Andes jazigos de ouro e prata, [1] como os que, desde largos tempos, vinham enriquecendo, a colonia castelhana do Peru, nas vertentes occidentaes. A vasta bacia do Amazonas tinha sido o alvo principal das pesquizas desde o XVI seculo; mas na ultima metade d'essa éra (1573) o donatario Tourinho, subindo o rio Doce, descobrira esmeraldas nas quebradas da Serra-do-Mar entre Porto Seguro e o cabo Frio. Este resultado induziu Adorno, um colono audaz, a internar-se no sertão (1580) com uma caravana de cincoenta companheiros e quatrocentos indios. Taes ensaios não deram porém resultados apreciaveis, e até á segunda metade do XVII seculo não se ouviu fallar mais das pesquizas de minas no sul do Brazil. De 1662 datam as primeiras explorações dos *sertanejos* de S. Paulo, e até ao fim do seculo estavam descobertos os jazigos da provincia de Minas, e na primeira metade do seguinte os do Matto-grosso e de Goyaz. [2] De 1730 a 50 as minas do Brazil attingiam o maximo de producção.

Descobertas pelo genio dos paulistas, as minas eram consideradas por elles propriedade propria. Os vinculos que até então tinham ligado esta parte

[1] V. *supra* p. 28-9.

[2] 1662 — Os paulistas Barbalho e Paes trazem ouro e pedras preciosas dos sertões, e reconhecem o Itamarandiba.

1683 — Paes é nomeado capitão-mór das minas de esmeraldas.

1694 — *Bandeira* de Bartholomeu Bueno. Primeira fundição de ouro em Taubaté. Principio da colonisação mineira.

1698 — Descoberta de Jaraguá, Ouro-preto, Ouro-Bueno, Morro, S. Bartholomeu, Carmo, Itacolomis, Itatiaya, Itabyra, *placers*. Bueno traz ouro de Iteberava, depois Villa Rica.

1714 — Descoberta de Jacobina (prov. Bahia).

1726 — Exploração das minas de Goyaz, pelos paulistas.

1730 — idem idem Cuyabá (Matto-grosso).

1733 — Descoberta de diamantes em Cerro-frio.

austral do Brazil ao governo colonial, eram mais nominaes do que effectivos; e frequentemente os governadores tinham sido forçados a reconhecer a independencia de facto, d'essa população aventureira, indomita e ciosa de uma liberdade quasi-natural, anarchica de certo. A educação recebida nas *bandeiras* da caça dos indios, agora convertidas em bandeiras de caça de minas, não era decerto feita a proposito para dulcificar o temperamento agreste d'essas populações costumadas á vida errante do sertão, nem para as levar a reconhecer a legitimidade de um governo, até então ausente, só manifesto, agora que, nos leitos dos rios e nas quebradas das serras, ellas tinham descoberto o cascalho aurifero e diamantino.

A noticia do el-dorado, afinal descoberto pelos paulistas, encaminhou para o sul os que elles consideravam estrangeiros, e agora inimigos, os *emboados,* os forasteiros, que iam tambem colher a ceara de ouro. O anno de 708 foi cruel para todos: os portuguezes foram trucidados no lugar a que d'ahi se ficou chamando Rio-das-Mortes; e depois os rebeldes foram submettidos, castigada a crueldade dos *sertanejos* pelo governador que do Rio fôra enviado para Minas. Crearam-se logo as fundições (1711): todo o ouro ahi devia ir, para ser reduzido a barras, ensaiado, timbrado, depois de pagar o Quinto da corôa. As barras de ouro *de lei* corriam como moeda. A lavra dos diamantes era um estanco regio.

As fundições reuniam, assim, um caracter triplice: eram casas de moeda, officinas metallurgicas, e repartições fiscaes. D'ellas partia a rede de postos e guardas, destinados a capturar o contrabando de ouro, cujos authores a lei punia com as penas mais severas.

Apesar do confisco e degredo para Angola, apesar do rigor das buscas, nas minas, nos caminhos, nos portos maritimos de Santos e do Rio, onde o ouro embarcava, muitos milhões passavam por alto e iam para Buenos-Ayres, diz Alexandre de Gusmão. Ainda quando se coalhasse tudo de tropas, accrescenta, os soldados seriam os passadores de ouro, como a experiencia provava; «mórmente quando os ecclesiasticos, para se justificarem do descaminho do ouro que frequentemente praticam, têm semeado a pestifera doutrina de que a fraude dos quintos não pede restituição por ter pena civil quando chega a descobrir-se,» — concluia o secretario de D. João V. Substituido por uma capitação fixa sobre o numero de escravos empregados na lavra, — tal era o plano de Gusmão, — o Quinto foi restabelecido mais tarde (1750), sob a fórma de quota, que pesava 100 arrobas na provincia de Minas.

Jaraguá era, no primeiro quartel do seculo XVIII, o Peru brazileiro, e Jequitinhonha, Tejuco, as principaes lavras de diamantes por conta do Estado. O desenvolvimento da industria mineira tinha determinado, não só a immigração abundante de reinoes, como a fusão dos dous Brazis, como a sujeição do Brazil-sul, como, finalmente, a franca introducção do elemento servil negro.

Os escravos de Africa iam agora demandar tambem o porto do Rio de Janeiro com destino ás minas, como no norte demandavam o Maranhão, Pernambuco, ou a Bahia, com destino ás plantações. Villa-Rica, o Potosi do Brazil, contava vinte mil habitantes, e os rios de ouro saíam das faldas da montanha perfurada como um favo de abelhas pelos mineiros paulistas, correndo pelas ruas da opulenta cidade sob a fórma de um luxo desvairado, de

que dão ainda hoje testemunho os antigos palacios e as egrejas d'essa epocha.

As pepitas de ouro appareciam n'um leito de cascalho ferruginoso, entre a rocha e a camada exterior de terra vegetal. Durante a sécca limpava-se o chão, descobria-se o cascalho e amontoava-se. Logo que as chuvas appareciam, começava a lavagem: Formava-se um throno em largos degraus, pouco altos. No cimo, o cascalho que a agua, precipitando-se em cataractas, arrastava comsigo. Em cada degrau negros com pás revolviam a terra com a agua; e o lodo, assim formado, ia caír n'uma valla aberta na base do throno do ouro. Lavado o monte de cascalho, estava terminada a primeira parte da operação. Cortavam-se as aguas, recolhiam-se os lodos, de sobre os degraus e do fundo da valla. Os negros tomavam as gamellas onde o cirandavam, agitando-o a braço; e á maneira que iam vasando a lama esteril, iam apparendo no fundo das gamellas as palhetas luzentes: umas tão leves que fluctuavam, outras como ervilhas, como feijões. D'ahi as levavam a seccar, depois á fundição onde eram pesadas, ensaiadas, fundidas em barra, timbradas para poderem correr. Todo o ouro procedia de alluviões, e outro tanto succedia aos diamantes.

O Jequitinhonha foi um dos cursos fluviaes mais abundantes em pedras. Para as saccar do leito do rio cortavam-no a certa altura, desviando as aguas por um canal, no tempo das séccas. Por meio de caixões e bombas se conseguia pôr a nú a camada de cascalho quartzozo que as areias cobriam. Retiravam-n'o, amontoavam-n'o, esperando a estação das chuvas. A installação de uma officina de cascalho consistia n'um abrigo de madeira coberto por um tecto de rama, sob o qual se estendiam

longitudinalmente as caixas de lavagem. Por de traz d'ellas corria uma valla de agua, e cada caixa descia com uma inclinação suave. Distribuida a porção conveniente de cascalho, a valla fornecia a agua, na qual, com um rodo, o escravo lavava o brogáo. A' frente dos negros, sentados em bancos altos *sem braços nem costas,* os inspectores vigiavam o trabalho para evitar os furtos.

A avidez do olhar valia tudo. Quando, por entre o remexer dos calháos já limpos de terra, a vista perspicaz do negro descobria o faiscar de um diamante, o pobre erguia-se, batia as mãos, mostrando a pedra entre o pollegar e o index n'um gaudio infantil: um diamante! E' que se a pedra pesasse dezesete carats, estava forro; e era levado, como um deus, coroado de flores, nos braços dos companheiros de trabalho.

VII

O ouro do Brazil

No dizer de Humboldt o Brazil deu mais de metade de todo o ouro da America, [1] e o incidente

[1] A insufficiencia dos registros e a importancia do contrabando tornam impossivel de determinar a somma da producção das minas brazileiras. Daremos, entretanto, a esse respeito certos apontamentos.

Humboldt, no seu *Ensaio sobre a nova Hespanha,* calcula assim:

De 1699 a 1755, registrado vindo para a Europa	480.000:000	piastras
De 1756 a 1803 idem idem	204.544:000	»
não registrado	171.000:000	»
Total	885:544:000	
Ouro em moeda e obra no Brazil	?	
Producção de 1803 a 1815, por anno (30000 marcos)	4.360:000	»

das minas, cujo alcance para o ulterior desenvolvimento da nação néo-portugueza já temos apreciado, trouxe á metropole um caudal de riqueza bem diversamente empregado; ao thesouro nacional uma verba de receita imprevista, [1] com a qual D. João V pôde dar largas á sua ostentação fradesca, e o

As minas de Goyaz parece produziam annualmente, pelo meiado do XVIII seculo, 150 arrobas de ouro.

Ayres do Cazal diz que a primeira frota de Cuyabá, roubada pelos payagoas no Paraguay (1730), levava 22000 libras de ouro; e que em 731 saíram de Matto-grosso para S. Paulo 25600 libras.

Em 1773 o ouro produzido em Minas pesou 118 arrobas; e de 773 a 812 o total de 6895 arrobas, valendo 85 milhões de cruzados.

De 752 a 773 a producção registrada total seria de 6400 a 8600 kil. ann. e mais de outro tanto a de contrabando.

Eis aqui os numeros de Chevalier *(La Monnaie)*:

PRODUCÇÃO ANNUAL DA AMERICA	BRAZIL		OUTROS PAIZES	
— no principio do seculo	k. 3:700	Fr. 12:744$	k. 10:418	Fr. 8:611$
— antes da descoberta das minas da California	k. 2:500	Fr. 35:885$	k. 12:715	Fr. 43:796$

Estes são os registros do Barão de Eschwege, no seu *Pluto braziliensis* (Berlin, 33). Extracção de ouro:

Minas geraes	1700 a 1820	arrobas	35687
Goyaz	1720 a 1730	»	9212
Matto-grosso	1712 a 1820	»	3107
S. Paulo	1600 a 1820	»	4550

excluindo contrabandos, confiscos, etc. A producção total do Brazil deveria ter subido, de 1600 a 1820, a 63:417 arrobas, no valor de 391:000 contos de réis.

Em 1735, diz Constancio, as minas de diamantes produziriam milhão e meio de cruzados por anno. O districto da Diamantina (Minas) dava, em 1808, de 20 a 25 mil carats; e em 1809 o thesouro do Rio permittia a D. João VI mandar vender annualmente em Londres 20000 quilates para garantir os encargos da divida.

[1] Eschwege calcula em 64800 contos o producto total do Quinto. Chegou a render, diz o mesmo, cinco milhões de cruzados annuaes, e querem alguns que o dobro. Em 1809, Minas produzia para o quinto 150 arrobas de ouro; e em 1820 o producto total da renda era apenas de 600:000 cruzados, valor de 440 kilog.

marquez de Pombal, reconstruir, não só Lisboa, mas todo o reino. [1]

O espirito aventureiro dos paulistas foi a primeira alma da nação brazileira, e S. Paulo, esse foco de lendas e tradições maravilhosas, o coração do paiz. D'ahi partiu o movimento de occupação do interior dos sertões, d'ahi a colonisação se alargou para o sul, até ao Paraguay, até ao Prata. [2] Os novos elementos que as minas traziam á imaginação popular, creando um segundo cyclo de lendas maravilhosas, e os caudaes de riqueza que a sacca do ouro derramava na população, coincidiam no sentido de lhe dar uma autonomia que a immigração crescente assegurava, em vez de embaraçar: porque os recem-vindos de Portugal fundiam-se, nacionalisavam-se, eram assimilados; como o provam as numerosas povoações, cujos nomes são nacionaes, não portuguezes. [3] A administração colonial consagrava este rapido movimento

1 V. *Historia de Port.* II, pp. 149-57.

2 No Piauhy encontra Domingos Affonso, o mafreuse, a *bandeira* do paulista Jorge (1674) com a qual submette os indios. O primeiro estabelece fazendas no interior da provincia; o segundo regressa a S. Paulo com escravos. — Para o sul, vão a Santa-Catharina, fundam Lages (1650). — Vão de Laguna até á colonia do Sacramento, atravessando todo o Rio grande (1715). — Para o interior exploram Goyaz, á caça de indios (1647), depois em busca de ouro (1682); descem todo o curso do Tocantins até ao Pará (1773). — Invadem e trilham Matto-grosso; navegam o Guaporé (1742). São os exploradores de todo o Brazil.

3 *S. Paulo.* Guaratinguetá (1651); Jacarehy (52); Itu (53); Iguape, Jundiahy (55); Sorocaba (70); Itapevá, Mogy-Mirim, Alibaya (1769); Apiahy, Itapeninga (70).

Minas. Ouro-preto (Villa-rica), Sabará, Marianna (711); Caete, Principe (14); S. João d'Elrey (12); Pendamonhangaba (13); Pitanguy (15); S. José, Paranaguá (18); V. nova do Infante (19); S. Domingos, Agua-suja (28); Bom-successo (30).

Goyaz. Santa Cruz (29); Meia-ponte (31); Agua-quente, Villa-Boa (39).

Matto-grosso. Real-de-minas (32); Villa-Bella (52).

Rio de Janeiro. S. José d'Elrey (73).

de constituição creando governos ou provincias, n'esses territorios outr'ora imperfeitamente sujeitos á authoridade central. [1]

Mas, por outro lado, o facto da descoberta e exploração das minas vinha continuar, de um modo mais pronunciado ainda, as consequencias da primitiva divisão do Brazil em capitanias e da posterior exploração anarchica: isto é consagrava um typo de colonisação dispersa. O mineiro, logo que descobria o cubiçado metal, assentava arrayaes: era o valle de um rio, era a quebrada inaccessivel de uma montanha? Pouco importava; porque para o transporte de ouro não havia difficuldades, e porque o producto da lavra pagava amplamente o excesso de custo dos objectos, — bem poucos, — necessarios ás commodidades da sua vida. Assim, de futuro, quando as areias dos rios estivessem esgotadas de diamantes, e as camadas de cascalho limpas de ouro; quando essas povoações, fundadas n'um furor de exploração, tivessem de entrar na vida normal do trabalho e da industria agricola; quando os productos das lavouras exigissem transportes faceis e baratos: levantar-se-hiam os problemas graves que determinaram o atrophiamento de muitas villas, o desapparecer de algumas, e uma crise na economia de uma região outr'ora opulenta.

[1] 1710 Creação da provincia de S. Paulo, com parte das capitanias de Santo Amaro e S. Vicente, territorios até então dependentes do Rio de Janeiro.

1720 Minas, destacada da provincia de S. Paulo.

1736 Goyaz, constituido em districto provincial de S. Paulo; 49, destacado.

1739 S. Catharina destacada de S. Paulo.

1751 Matto-grosso constituido em governo independente do Rio.

1760 Rio grande-do-sul idem.

Foi isto o que effectivamente succedeu no ultimo quartel do XVIII seculo. Ainda nos primeiros annos da nossa éra, [1] a provincia de Minas apresentava o aspecto de uma ruina: os habitantes estavam indecisos entre a exploração das minas, cada vez menos productivas, e a agricultura promettedora; e as villas, isoladas por legoas e legoas de distancias, escondidas em desvios difficeis de serras bravías, definhavam. Era uma decadencia triste e uma desolação geral. Os visinhos da outr'ora opulenta Villa-Rica miravam-se nas ruinas da antiga prosperidade. Mendigos habitavam em palacios carunchosos. A apathia, a indolencia do temperamento meridional appareciam agora, passado o delirio da exploração mineira, e depois de dois seculos de incessantes correrias pelos sertões virgens. Viam-se os campos abandonados, miseraveis casas destelhadas caíndo a pedaços; os jardins e cercados estavam infestados de plantas parasitas; as pastagens perdidas, os gados ao abandono diminuiam. A agricultura, esquecida pelo ouro, parecia agora uma occupação modesta de mais: não inflammava as imaginações com os milagres deslumbrantes das riquezas escondidas no seio das encostas agrestes. O café produzia espontaneamente, e os lavradores, tristemente apathicos, nem o colhiam.

Oscillando entre a esperança van de um retorno das maravilhas mineiras, e a fatalidade de um regresso á vida agricola, o proprietario, indeciso, molle, arrastava uma existencia quasi miseravel. A lavra da mina não raro lhe absorvia o producto liquido da lavoura; e entretanto a sua paixão fazia-o desprezar a segunda, amar a primeira. 50 ou

[1] 1808. Viagem de Mawe.

60 escravos formavam o pessoal de uma granja-mina de media importancia. A casa era uma barraca miseravel, com muros de taipa de barro, sem vidraças, roida pelo tempo e mal defendida contra as chuvas. O chão era a terra humida e negra, sem ladrilhos nem sobrado, saturada de immundicie, e endurecida pelo perpassar dos moradores que viviam n'uma promiscuidade repugnante, homens e cevados. Por camas, enxergas duras para os amos, um couro ou uma esteira sobre o chão para os servos. A ninhada das creanças folgava semi-nua, esfarrapada, sem sapatos, as mulheres enfezadas e pobremente vestidas; e o chefe da casa, indolentemente embrulhado na capa, com os soccos nos pés, vigiava o trabalho dos negros, lavando o cascalho com a sempre mentida esperança da descoberta de um deposito abundante de ouro.

Entretanto ia-se endividando; comprava fiado e caro, vegetava n'uma apathia feita de illusões, e com ella crescia o matto pelos terrenos já lavrados, a ignorancia nas creanças que medravam em edade. O ver-se dono de escravos dava-lhe orgulho; a esperança de uma riqueza possivel confiança; e a memoria das opulencias remotas, de que restava a bacia de prata onde o hospede lavava as mãos ao passar de viagem, enchia-o de uma satisfação quasi-aristocratica.

O lado infeliz do genio portuguez, a apathia e a vaidade pessoalmente intima, a satisfação de si, mostravam-se agora, como transformações naturaes das qualidades positivas e fecundas: a coragem e a nobreza. O Brazil começava a entrar no periodo de uma crise que durou um quarto de seculo. Mais de vinte annos foram necessarios para o decidir a abandonar a exploração das minas estereis e entregar-se á lavoura. Durante esse periodo de

intima transformação economica, deu-se o facto politico da separação de Portugal.

VIII

Constituição geographica da nação

Circumstancias de ordem, ou estranha ao desenvolvimento interno do Brazil, ou inteiramente fortuitas, determinaram esse facto, até certo ponto secundario em importancia social. Independente ou não, politicamente, o caso é que o Brazil já era, social e economicamente, uma nação, quando a revolução separatista veio dar uma fórma exclusiva ao facto anterior da alteração de relações entre a mãe-patria e a sua bella e grande colonia. Um Brazil, como era o do principio do seculo actual, não podia mais viver acorrentado a um systema de dependencia e de protecção, não só desnecessarias, como duplamente prejudiciaes, por anachronicas, e por estupidamente ineptas,—como deviam ser as idéas dos deploraveis governos que succederam em Portugal ao do marquez de Pombal.

O desenvolvimento da riqueza do sul central no XVIII seculo dera um rapido e quasi milagroso progresso á cidade do Rio de Janeiro. Apesar de assolada em 1711, pela expedição de Duguay-Trouin, a capital do Brazil, crescera tanto, que em 763 a residencia dos vice-reis, a sede do governo central, era transferida da Bahia para ahi.

Esta resolução não era apenas uma satisfação dada á importancia da já verdadeira capital: era a consequencia de uma causa geographica. Não só

as minas punham n'essa região o centro da importancia economica do paiz; tambem o facto da colonisação e exportação se terem alargado para o coração do continente até ás faldas orientaes dos Andes, e para o sul até ao Rio-da-Prata, tornava geographicamente excentrica a Bahia, dava a palma ao Rio de Janeiro, ainda preferivel como porto.

Assim, as causas ethnicas, as economicas e as geographicas, n'um accordo completo, concorriam para definir, no fim do XVIII seculo, o Brazil; para lhe dar a structura de uma nação, os elementos do estabelecimento permanente, fixo e progressivo de uma civilisação néo-portugueza no continente da America austral, ao lado da civilisação néo-castelhana. O dualismo historico da Europa reproduzia-se no Ultramar; e a America do sul, conquistada para a Peninsula hispanica, mostrava uma civilisação latina ao lado da saxonia no continente septentrional do novo-mundo. Os eminentes representantes do genio latino, nos tempos modernos, creavam na America um grupo de nações representantes e testemunho da sua esplendida embora curta acção na historia. [1]

Com effeito, a nação estava geographicamente formada no fim do XVIII seculo. Delimitada ao norte pelo Oyapock, senhora da vasta bacia do Amazonas,— os motivos proprios, as causas internas do desenvolvimento nacional, que deixámos estudadas, determinavam a delimitação das fronteiras do sul. Desde 1680 que os governos se occupavam da exploração e colonisação de Santa-Catharina e do Rio-Grande, regiões onde as missões jesuitas tinham precedido a occupação civil, alongando-se por entre os indios até aos territorios banhados

[1] V. *Civil. iber.* L. IV, p. 3, 4 e 5.

pelo Paraná, pelo Paraguay, pelo Uruguay, isto é, até ao coração da grande bacia hydrographica do sul da America.

As antigas e sempre vivas questões dos missionarios e dos colonos, até á final expulsão dos jesuitas, deram em 1710 o conflicto de S. Paulo. Os jesuitas, quasi unicos representantes dos vinculos politicos que ligavam essa parte do Brazil ao governo da Bahia, foram violentamente expulsos de S. Paulo, perdendo o primeiro baluarte das suas missões brazileiras; e os paulistas, declarando-se politicamente independentes, tentaram confiscar em proveito proprio as missões.

Adoptaram para uso dos indios aldeados um christianismo fetichista, egual ou similhante ao dos padres; crearam um novo sacerdocio, e com os mesmos instrumentos de que os jesuitas se serviam para submetter o indio, fizeram elles do indio o instrumento da perseguição dos padres, internando-se, armados, até ao Paraguay, onde lhes foram queimar as aldeias, e destruir as missões.

A questão d'essa colonisação theocratica, levantava-se, pois, no sul, com um caracter mais grave do que o da Bahia e do Maranhão. Nas colonias do norte, as missões tinham-se desenvolvido parallelamente á população européa: dava-se uma ponderação de forças, e o dominio politico nunca passou da mão do governo para as da Sociedade. No sul, onde não havia, nem governo, nem colonisação européa, o dominio da corôa era nominal apenas, por que o effectivo poder religioso e politico era unicamente o dos jesuitas. No Uruguay tinham mais de 30 aldeias com cem mil indios, servos submissos que trabalhavam para os armazens e fabricas da sociedade; ao mesmo tempo que, industriados na guerra, esperavam resolutamente o ataque dos his-

pano-portuguezes, desde que em 1753 se resolvera entre as duas côrtes a occupação effectiva da região do Prata, e a expulsão dos jesuitas. [1]

Esta campanha contra os indios capitaneados pelos jesuitas é um episodio da historia dos limites austraes do Brazil, renhida contenda entre Portugal e a Hespanha para a posse da margem esquerda do Prata. Protrahida até nossos dias, a questão da colonia do Sacramento veiu a resolver-se afinal, de um lado pela creação de um pequeno estado neutro, especie de Belgica sul-americana collocada entre o Brazil e a confederação argentina; [2] e do outro, pelo exito da recente guerra

[1] V. *Civil. iberica*, p. 261-2; e *Hist. de Port.* II, p. 147-8.

[2] Eis aqui a chronologia da colonia do Sacramento:

1680 — fundação da colonia por portuguezes; é occupada pelos hespanhoes de Buenos-Ayres;

1683 — devolvida a Portugal;

1705 — de novo tomada pelo governo de Buenos-Ayres;

1715 — restituida a Portugal pelo tratado de Utrecht.

1735 — Tentativa frustrada do governo de Buenos-Ayres para tomar a colonia.

1750 — Pelo tratado de Madrid, Portugal cede-a á Hespanha: as duas margens do Prata são de direito hespanholas. Em compensação, Portugal recebe as *Misiones* dos jesuitas.

1761 — Annullação do tratado de 50.

1762 — Rompimento de hostilidades; os hespanhoes tomam Sacramento e invadem o Rio-grande;

1767-76 — os portuguezes recuperam o perdido;

1777 — os hespanhoes tomam e estabelecem-se na ilha de Santa Catharina.— Paz de Santo-Ildefonso; restituição de Santa-Catharina, contra a de Sacramento, das *Misiones* do Uruguay e de uma parte do Rio-grande.

1801 — Reconquista das Missões pelos portuguezes.

1812-16 — Conquista de Montevideu pelos portuguezes.

1821 — Annexação ao Brazil com o nome de provincia cis-platina.

1825 — Incorporação da Banda-oriental na confederação do Prata; cerco de Montevideu.

1828 — Fim da guerra entre Buenos-Ayres e o Brazil. O Uruguay republica independente.

contra o Paraguay. A inepcia e a fraqueza da politica da metropole deram de si estas consequencias, por não terem energicamente revindicado e occupado toda a margem esquerda do Prata-Paraná-Paraguay, fronteiras naturaes do Brazil pelo sul e pelo oriente, na sua metade meridional. Mais tarde, no meio da agitação produzida pelo enthusiasmo separatista, o Brazil, reduzido aos recursos limitados de uma nação pequena em forças, a braços com a crise politica da constituição, debalde se esforçou por annos em remediar o erro da administração portugueza; até que teve de abandonar, vencido, a questão da rectificação das fronteiras naturaes austraes.

Menos feliz ao sul do que ao norte, onde poderam vingar os limites fixados pelo tratado de Utrecht, o Brazil, entretanto, apresentava no fim do XVIII seculo os elementos constitucionaes de uma nação; e as idéas de autonomia e liberdade começavam a amadurecer como fructos naturaes de uma arvore chegada ao periodo de fecundidade. Do centro ou coração do paiz saíra um grito de independencia, breve afogado em sangue; os acasos da politica europêa atiraram com D. João VI e com os restos podres da nação portugueza para a America; [1] e logo soou por toda a costa do Pacifico a acclamação da independencia. Tudo se conjurava para a definição de uma autonomia já effectiva, já real nos factos. Desde que Portugal na Europa vivia á custa de um Brazil não indio, (como é Java para a Hollanda,) mas europeu, força era que as condições politicas se invertessem, que traduzissem de facto a realidade: Portugal era a colonia, o Brazil a metropole. Foi isto o que a translação dos

[1] V. *Hist. de Port.* II, p. 179-81.

penates brigantinos para a America veiu demonstrar. Fortuito, sob o ponto de vista do systema da historia brazileira, o caso da fugida de D. João VI para o Brazil teve o merecimento de pôr em evidencia e de sanccionar politicamente o facto de ordem social anterior: o Brazil era já uma nação, não foi D. João VI que lhe levou a carta da independencia.

Não precipitemos, porém, o discurso. O germinar, o crescer e affirmar-se das idéas separatistas no Brazil, como expressão do momento a que a constituição organica do paiz tinha chegado, será materia de novo estudo. Termina aqui a historia do Brazil-colonia. A obra da nação portugueza acabou; e, apesar de tudo, essa obra foi a melhor que ella deixou á historia, uma das melhores que as sociedades da Europa commetteram. O genio audaz e investigador dos portuguezes ensinou á Europa a navegar e a colonisar. Não pôde ensinar, não pôde até sequer aprender, a dominar, a imperar: por isso a occupação da India foi uma desgraça, e uma desgraça maior ainda era o governo politico da metropole. Das duas nações a quem a historia ultramarina mais deve, a Inglaterra e Portugal, a primeira, repetindo Roma, sabe imperar; nós soubemos trilhar os mares e os sertões, *esculdrinhar* o fundo das barras, a entrada dos rios, a verdade das rotas, os fluxos do mar, os surgidouros dos portos, os desvios das serras, as brenhas do matto, — soubemos, primeiro que ninguem o soubesse, lançar os alicerces das novas cidades, fundar os elementos de novas Europas.

Esta segunda metade do nosso genio demonstrava-a o Brazil; a primeira demonstrara-a, antes da America, a Africa, torneada e visitada em todas as suas ilhas perdidas, em todas as suas costas igno-

tas. E porque não creavamos na Africa uma nova Europa, como a da America?

Essa resposta será cabalmente dada a seu tempo. [1] Basta-nos dizer agora que as colonias africanas eram succursaes do Brazil, para onde se voltavam todos os cuidados; que eram apenas o mercado do trabalho escravo, para nós e para todas as nações que como nós tinham *fazendas* na America.

IX

As colonias africanas

Moçambique, já destacado pela perda do Zanzibar do systema da occupação do Oriente; Moçambique, mais distante e por isso menos rendoso para o commercio de escravos com a America portugueza; Moçambique, onde as missões, abondonadas em Angola, se tinham internado pelos sertões; foi objecto de tentativas infructiferas de colonisação. Houve de certo o plano de fazer da Africa oriental um segundo Brazil.

O monopolio do commercio, dado, como em muitos pontos da India, aos governadores das colonias, terminou, para o principal estabelecimento da Africa oriental, em 671; e quatro annos depois essa disposição estendia-se até Sena e Tete. O commercio ficou livre a todos os nacionaes. Em 677 fez-se uma expedição de colonos do reino, e dez annos mais tarde introduziram-se na provincia os

[1] V. *post.* liv. IV.

*

baneanes com o privilegio do commercio maritimo para as possessões fronteiras da costa do Malabar.

No meiado do XVIII seculo o governo da colonia é definitivamente destacado do da India portugueza; mas este facto, em vez de traduzir o augmento de importancia da primeira, traduzia apenas a decadencia miseravel do imperio oriental.

Com effeito, se no decurso do XVII seculo as tentativas de colonisação não tinham vingado, como não vingaram antes as esperanças da descoberta do Ophir, o facto é que Moçambique prosperara como colonia ou feitoria commercial; e que, substituindo-se aos arabes, os nossos negociantes iam pelo interior do sertão, trilhando todo o alto Zambeze, trocar os generos da Europa e da Asia pelo marfim, pelo ouro e por escravos, como outr'ora na costa da Guiné. Os feirantes partiam de Sena e de Tete para o sertão, a Luanze, a Bocuto, a Chipiriviri, a Dambarare, a Ongoe, a Massapa, a Manica e ao Zumbo; iam, trocavam, *resgatavam*, n'esses pontos onde periodicamente os cafres vinham vender-lhes os productos sertanejos; e as *feiras* tendiam a tornar-se pontos de colonisação, pequenas aldeias semi-europêas, como chegou a ser o Zumbo.

A prosperidade absorvente do Brazil, porém, e a corrupção, a inepcia administrativas atrophiaram este ensaio novo de exploração pelas *feiras*.

No fim do XVIII seculo tudo estava já perdido, como se conservou até hoje; e tão esquecida ficou a memoria dos feirantes portuguezes, que os indigenas fizeram crêr a Livingstone ter sido elle o primeiro europeu que pisou os sertões do Zambeze e as vertentes do lago Nyassa.

E' um triste sudario de incriveis miserias a historia de Moçambique no decurso do XVIII seculo.

Os governadores são mercadores de escravos, são ladrões; e sob o nome de Juntas os funccionarios criam institutos de pauperisação, de atrophiamento da colonia. Os missionarios não valem mais: são padres degredados de Goa. Os cafres rebellam-se, batem-nos, expulsam-nos. Todas as feiras successivamente se dispersam, e a exploração portugueza recúa até Sena e Tete, miseraveis aldeias arruinadas. [1]

Diversa foi porém, felizmente, a historia da Africa occidental. Cabo-Verde, enfeodado em 756 á companhia do Grão-Pará e Maranhão, passou em 780 para as mãos da companhia do Exclusivo do commercio da costa de Africa, em cujo poder andou o commercio maritimo do archipelago e da Guiné portugueza até ao fim do seculo. A' sombra da protecção d'estes poderosos quasi-estados commerciaes, as ilhas prosperavam em população e em producção. Varias culturas se tinham aclimatado, varias industrias creado: o anil (701), a urzella (30), o senne (83), o café (90), o assucar, a purgueira e o sal.—S. Thomé, depois das pavorosas tragedias de que fôra victima [2] não podera readquirir a opulencia perdida. Restaurada para o

[1] Á decadencia do dominio portuguez póde tambem marcar-se o auge na destruição de Lourenço Marques pelos cafres (1833), se é que a historia contemporanea do Bonga não é mais grave documento.

O facto é que ás reformas de 1853 se deve o estado actual da colonia, que estudaremos opportunamente. Foi então que se terminaram por uma vez os privilegios das Juntas, que se crearam as alfandegas de Ibo, Quelimane, Inhambane e Lourenço Marques, abrindo-se os portos ao commercio de todas as nações. D'ahi resultou o facto, (mais ou menos geral em toda a Africa portugueza, como veremos,) de que o commercio renasceu, mas não comnosco que nada temos que mandar para Africa. O commercio maritimo de Moçambique tornou-se exclusivamente francez.

[2] V. *supra*, pp. 43-4.

dominio portuguez, foi vegetando até que em 1721 o governo a abriu ao commercio de todas as nações: era a estalagem do golpho da Guiné, onde iam refrescar todos os navios negreiros; vivia do dinheiro que as tripulações ahi deixavam, uma vida de emprestimo, obscura e sem futuro.

Angola, porém, tão preciosa como o Brazil, Angola a mina de escravos, sem a qual não produziriam, nem as plantações, nem as minas de ouro da America portugueza, Angola prosperava. Como? Era uma occupação systematica do territorio, era uma colonisação européa, ou uma vassallagem das tribus indigenas, fixadas no solo, addictas á agricultura por um poder forte e protector? Não; não era cousa alguma promettedora e fecunda: era a exploração de um commercio precario já no fim do seculo, desde que principiava a ouvir-se o protesto contra o trafico da escravatura negra. Esse era a exclusiva origem da prosperidade de Angola; o motivo do rendimento copioso das suas alfandegas, da opulencia de Loanda, dos numerosos presidios que, alongando-se para o sertão, levavam para longe da costa a occupação portugueza. [1]

Vivamente occupada em assegurar o seu dominio contra as tribus hostis, a administração da colonia vira renascer incessante a guerra que a caça dos negros fomentava; mas tal estado póde dizer-se que termina com o XVII seculo: no seguinte, o ferreo dominio dos portuguezes mercadores de escravos começa por soffrer os ataques maritimos dos francezes, e Loanda experimenta a sorte do Rio-de-Janeiro. A administração do marquez de Pombal

[1] Pelos fins do XVIII seculo a occupação de Angola consistia em 9 presidios (Ambaca, Cambambe, Muxima, Caconda, Pungo-Andongo, Encoge, Novo-Redondo, Massangano e Benguella); e 3 districtos (Bengo, barra e alto; Calumbo; e Golungo, alto e baixo).

vê-se ter tido a idéa de emancipar a colonia da condição anormal de mercado de escravos; — não que entrasse nas vistas do estadista abolir uma immigração forçada tanto mais indispensavel ao Brazil, quanto elle, expulsados d'ahi e de todos os dominios da corôa os jesuitas, não mais podia contar com o trabalho servo dos indios.

O governo de Souza Coutinho em Angola (64-72) demonstra, porém, o proposito de fundar uma verdadeira colonia na Africa occidental: são d'essa epocha as principaes construcções das cidades maritimas, e data d'então a tentativa de crear uma industria metallurgica com os ferros de Nova-Oeiras. Em geral ephemeros, os planos do marquez de Pombal, [1] eram no caso especial do fomento de Angola chimericos, porque, — além de causas geraes que a seu tempo estudaremos, — havia ao tempo um motivo que por força-maior impedia todo e qualquer desenvolvimento agricola ou industrial: o negocio dos escravos rendia mais do que outro qualquer.

---

[1] V. *Hist. de Port.* II, p. 154-7.

LIVRO TERCEIRO

O Imperio do Brazil

I

Historia da Independencia

Libertas quæ sera, tamen.

As minas começavam a exhaurir-se no fim do XVIII seculo e o espirito da população paulista estava acceso pelo fogo do enthusiasmo liberal, que a França com os seus philosophos derramava como lava pelo mundo. Os mineiros deviam sete annos do serviço de cem arrobas annuaes em que o *Quinto* fôra transformado, e as minas improductivas não davam para pagar o sustento dos mineiros que se arruinavam: quanto mais para enviar 700 arrobas de ouro para Portugal, essa metropole madrasta a quem nada saciava, nem os impostos, nem os monopolios, — entre os quaes o do sal vexava todos. No mesmo anno em que a revolução rebentou em França, ia rebentar a revolução em Minas (1789). O Brazil proclamar-se-hia republica independente, a exemplo dos Estados-Unidos da America septentrional. Xavier, o *Tira-dentes,* Maciel-

do-Rio, Freire-de-Andrade eram os chefes da conspiração que abortou. Pagaram no patibulo a sua audacia, mas com a morte conseguiram alliviar os soffrimentos da população e definir o pensamento nacional, maduramente elaborado no seculo anterior. O governo reprimiu, suffocou barbaramente a sedição; mas desistiu das 700 arrobas de ouro e aboliu o estanco do sal.

Tal foi o primeiro momento da historia da independencia do Brazil, que o caso para ella fortuito da immigração do mandarinato portuguez, com os monarchas á frente, precipitou de um modo notavel e encaminhou de uma fórma, singular na America. A esse caso deve principalmente attribuir-se a circumstancia da creação de uma nação monarchista no seio de todo o novo-mundo republicano.

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, D. João VI e os seus mandarins tiveram um accesso de actividade, que o inglez, sentado com o rei no throno, fomentava para explorar; um accesso de actividade que, porém, libertava para todo o sempre o Brazil da metropole. Desde logo (1808) os portos foram abertos ao commercio de todas as nações amigas, livre o exercicio de qualquer industria, creados os tribunaes supremos, e abolida, assim, a appellação para Portugal, fundada uma imprensa, um banco e escholas superiores, abertos os sertões aos exploradores de todo o mundo.

Os inglezes inundavam o Brazil com as suas mercadorias, expulsando as nacionaes, [1] e *protegendo* o bragança na America, tinham no governo dois famulos submissos, Linhares e Galveas, promptos a ceder-lhes tudo. Assignaram-se os tratados

[1] V. *Hist. de Port.* I, p. 55-73.

de 1810, [1] que punham clara e evidente a politica dos interesses insulares, indirectamente servida pelas medidas de 1808. Nas alfandegas do Brazil havia manufacturas inglezas para o consumo de dez annos, e era mistér salvar de uma ruina imminente os especuladores temerarios. Em 1815, em Vienna, a Inglaterra, não satisfeita ainda, reclamava para si, além da Madeira, a ilha de S. Catharina no Brazil e uma estação naval na costa: como Linhares e Galveas já tinham morrido os inglezes não conseguiram o que queriam.

Já então se dissipára na America o enthusiasmo nascido com a chegada do mandarinato portuguez. Quando D. João VI desembarcou, com os seus duzentos milhões de cruzados, com mais de quinze mil servos tauxiados de fitas e cruzes, conselheiros, desembargadores, marquezes, condes e commendadores, monsenhores e conegos, e D. Maria I doida, os brazileiros no pasmo natural diante da frandulagem apparatosa da côrte, embriagaram-se, acreditaram-se elevados a grandes alturas.

Pouco a pouco foram, porém, vendo quanto valiam esses esplendores da metropole. Os mandarins que sugavam Portugal, apenas sabiam devorar tambem o Brazil. Parecia, primeiro, que a capital portugueza passara para o Ultramar, e com ella todas as virtudes e qualidades, verdadeiras ou suppostas, dos portuguezes da Europa; e via-se agora que portuguezes e brazileiros eram ambos victimas de uma familia de roedores dourados e fardados. A nuvem de gafanhotos que desde o XVII seculo devorava tudo em Portugal, pousava agora no Brazil para em casa o digerir mais á vontade. Os brazileiros, com a educação forte e natural do trabalho,

[1] *Hist. de Port.* p. 223-4.

começaram a perceber que não podia represental-os nem dirigil-os esse mandarinato portuguez; e que entre elles e a côrte, composta de «um principe fraco e boçal, governando em nome de sua mãe louca; de uma princeza intrigante, prodiga e desregrada, de quem vivia separado pelas suas constantes infidelidades; e de um rapaz estouvado e ambicioso» [1] — nada havia de commum. A desordem, a immoralidade, a baixeza, a dissipação da côrte; a venalidade dos mandarins, a subserviencia aos inglezes, e por fim a louca empreza do Uruguay (1817), [2] fizeram rebentar um protesto antigo, para abafar o qual já em vão se declarára reino o Brazil (1815), unido a Portugal, que ficava nas condições de um senhorio brigantino na Europa.

Independente de Portugal já se achava o Brazil desde 1808; os protestos de agora não se dirigiam contra o espectro do estado de colonia já historico: dirigiam-se contra a côrte, contra o mandarinato dos portuguezes que tinham ido para a America proseguir na sua vida da Europa. Era d'esses, e não do infeliz Portugal, mais opprimido, mais desgraçado, mais miseravel sob o governo do proconsul Beresford, que os brazileiros queriam tornar-se independentes. Expulsar os hospedes importunos que tinham invadido a casa e governavam n'ella como cousa sua, eis a significação das revoluções mallogradas de 1817, na Bahia e em Pernambuco.

Porque não acudiram S. Paulo e Minas ao grito de independencia do norte? A revolução elaborava-se no centro de um modo lento mas seguro, e veiu a amadurecer ao tempo em que os acasos da politica portugueza concorriam para precipitar a

[1] Gervinus. V. *Hist. de Port.* II, p. 197-200 e 205-7.

[2] V. *supra*, p. 96.

separação formal do Brazil. Por um modo mais politico do que violento, mais habil sem deixar de ser audaz, José Bonifacio, o chefe do partido da independencia no centro do Brazil, explorando a ambição de D. Pedro e a temeraria nobreza do seu caracter, pôde conseguir o que os republicanos da Bahia e de Pernambuco não tinham podido: expulsar da America D. João VI, isto é, as influencias exoticas e anachronicas da côrte brigantina que pretendia enxertar-se na arvore crescida da nação brazileira; expulsar D. João VI, surdo ás instancias com que Portugal, restaurado em 20, [1] reclamava o seu regresso á patria.

Quem era José Bonifacio de Andrade?

A maxima prova da constituição organica do Brazil no XVIII seculo é a sua fecundidade intellectual, que progride no principio da nossa éra. Brazileiros eram na maxima parte os sabios e litteratos portuguezes d'então. Brazileiros Antonio José, o *judeu,* queimado por D. João V; [2] Basilio da Gama, o author do *Uruguay;* Durão; Gonzaga, o poeta da *Marilia:* Costa, Alvarenga, ex-reus na conspiração de 1789. Brazileiros os poetas Pereira Caldas e Moraes e Silva; Hyppolito Costa, o patriarcha jornalista; Azevedo Coutinho, primeiro economista portuguez; o geometra Villela Barbosa, o estadista Nogueira da Gama, o chimico Coelho de Seabra; Conceição Velloso, author da *Flora fluminense,* e Araujo Camara companheiro das viagens de José Bonifacio, — o mais illustre dos fundadores da independencia nacional do Brazil.

José Bonifacio nascera em Santos em 1765, e aos quinze annos chegava a Lisboa, aos vinte e

[1] *Hist. de Portugal,* II, p. 190-5.

[2] *Ibid.* p. 137-8.

cinco partia para a Europa central a estudar, sob a protecção do duque de Lafões. Ardia então em França a revolução, e o moço brazileiro não aprendeu na Europa as sciencias da natureza apenas: aprendeu como as sociedades se rebellam, como vencem, quando têm um proposito firme, uma força real e chefes audazes. José Bonifacio acaso desde então escolheu para si o papel de fundador do Brazil.

Oito annos andou por fóra, seguindo os cursos mais celebres, ganhando um nome que ficou europeu na sciencia contemporanea. Em França ouviu as licções de Chaptal, de Fourcroy, de Joussieu e de Hauy, o mineralogista, da companhia do qual passou á Allemanha a frequentar Werner, o geologo de Freyberg, Lempe, Kœhler, Koltzsch, Freiesben e Lampadius. Visitadas as minas da Allemanha, seguiu ás do Tyrol, da Styria, da Carinthia, ouvindo em Pavia as licções de Volta; e subindo outra vez ao norte, foi aprender com Bergmann em Upsala, com Abilgaard em Copenhague. Nas suas viagens, nos seus estudos, ganhára um saber forte e uma reputação européa. Fazia descobertas na mineralogia (a *petalite*, a *spodumene*, a *kryolite*, a *scapolite*, etc.); e elle, Humboldt, von Buch, Esmark, del Rio, eram chamados os mestres da sciencia.

Voltou por fim a Portugal, e foi feito *desembargador:* [1] encarregaram-no de todas as cousas. Devia dirigir as mattas nacionaes e as minas, as obras do Mondego, o estabelecimento metallurgico de Figueiró, e ao mesmo tempo ensinar docimasia em Lisboa, mineralogia em Coimbra. A sua dedicação, a sua actividade punham-se ao dispor da

[1] *Hist. de Port.* II, p. 159.

nação; mas Portugal era ao tempo uma sociedade miseravel de mais para receber uma direcção scientifica. O desembargador era o typo do homem universal nos cargos, absoluto na inepcia e na somnolencia; e Andrade que carecia de acção e vida, em balde protestava, reclamava. Em Coimbra não havia collecção mineralogica: — era impossivel dar licções! Os discipulos, tambem, não excediam tres! Terminada a guerra dos francezes, em que Andrade combatera, achava-se Portugal entregue a essa Regencia anonyma, méro instrumento de Beresford. A miseria e a inepcia, a vileza e a corrupção de uma terra de que a sua era vassalla, fizeram-no regressar ao Brazil (1819); e não é ousadia affirmar que no seu espirito levava já firme e definido o plano da emancipação. Aos factos restava apenas indicar a fórma que a realisação da sua idéa devia tomar.

O merecimento pessoal e a preponderancia eminente que esses factos deram a José Bonifacio na historia de separação brazileira, concorreram com todas as causas anteriores para dar á nova nação uma phisionomia propria, entre as nações sul-americanas. Homem-de-sciencia, espectador visual dos peiores desvarios da revolução franceza, maduro em edade, forte em experiencia dos homens e das cousas, José-Bonifacio não era um Bolivar; e a revolução brazileira tomou em suas mãos uma direcção diversa da que teria tido, se caminhasse ás ordens de algum genuino representante do antigo espirito paulista. Estadista e não soldado, mais habil do que audaz, mais forte do que ambicioso, o caudilho brazileiro viu na ambição irrequieta de D. Pedro, a quem a gloria de Bolivar seduzia, um bello instrumento para levar a cabo a obra da independencia nacional, poupando a patria

ás sangrentas crises em que a espada dos condottieri lançava as ex-colonias hespanholas.

Rebentára, entretanto, em Portugal a revolução de 1820, e o Brazil inteiro acclamou, do outro lado do Atlantico, esse movimento em que mais ou menos definidamente viam todos um novo passo andado no caminho da independencia. Desde logo se delimitaram os partidos, e o regresso de D. João VI a Portugal, reclamado pelas côrtes, foi a pedra de toque da divisão.

Começa agora a intervenção pessoal do principe D. Pedro n'essa confusa historia em que a desmoralisação da côrte, a indecisão, a fraqueza de D. João VI, têm uma parte tão consideravel, como os actos do principe, que era para uns traidor á patria portugueza, para outros o fiel defensor d'ella; para uns o Bolivar brazileiro, para outros o maior inimigo da independencia. Vale a pena demorarmo-nos a descriminar bem o valor dos actos de D. Pedro? Affigura-se-nos que não. Elle era um instrumento, mais do que um agente. Governavam-no mais as condições das cousas, do que se impunha aos elementos sociaes. O proprio caso do modo absolutamente opposto por que é julgado, demonstra a verdade d'esta opinião. A independencia do Brazil era um facto necessario, como consequencia da historia anterior, e não o acto voluntario de um homem. Esse facto é o importante, secundaria a intervenção quasi-passiva do principe. A ambição que o impellia não era servida por uma intelligencia brilhante nem culta: era um cego instincto de apparatosa gloria, e de irrequieta desinvoltura, um amor da intriga, uma paixão de poder, que o genio da mãe pozera no espirito dos dois filhos. Um vasou-o nos moldes reaccionarios, outro nos moldes liberaes. Eram, porém, o vivo retrato um do

outro: as mesmas feições, os mesmos caracteres, a mesma violencia, a mesma turbulencia, a mesma coragem pessoal, a mesma intelligencia acanhada: só a côr mudava. Um punha o cocar branco da legitimidade, do ultramontanismo, da Austria, de Metternich; o outro o cocar bicolor do liberalismo, da maçonaria, da Inglaterra, de Canning. E como os melhores espiritos tinham abandonado já na Europa o cocar branco, D. Pedro teve a seu lado os homens novos e fortes, D. Miguel o formigueiro de desembargadores do antigo regime.

Este contraste, porém, serve apenas para caracterisar D. Pedro, sem ter relação com a sua historia no Brazil. Mulher e filhos, na Europa e na America, eram inimigos de D. João VI que em parte alguma sabia decidir-se, nem pelo passado nem pelo presente, sabendo só detestar a violencia turbulenta que o genio de Carlota Joaquina tinha transmittido aos principes. Havia tres annos ou mais que era publica a inimisade do rei e de D. Pedro, cujo favorito, o conde dos Arcos, lhe applaudia todos os desvarios da mocidade e todos os primeiros impetos de uma ambição bulhenta, inintelligente, sem deixar de ter nobreza.

Especie de D. Miguel ao avêsso, D. Pedro era, desde 1817, accusado de cumplice da revólução republicana de Pernambuco, e agora accusavam-no da chimerica idéa de vir a Portugal pôr-se á testa da revolução de 20. Verdade ou não, o facto é que o absurdo e o contradictorio dos planos que, successiva ou simultaneamente, se lhe attribuiam, revelam a irrequieta ambição do principe e o desconnexo dos seus projectos. Este caracter condemnava-o a ser um instrumento, e não um chefe; e desde que, em 21, rompeu a crise constitucional do Brazil, e desde que D. Pedro se collocou aberta-

mente ao lado dos quasi-rebeldes, começou para elle essa historia breve, em que nas mãos dos brazileiros os serve até que, provada a sua ulterior inutilidade, provada até a incompatibilidade do seu espirito absolutista com as idéas liberaes a cuja sombra o Brazil nascera, é de facto banido, deposto, expulso, como instrumento gasto e já sem prestimo. A politica é um combate de forças egoistas e cegas: os sentimentos só mais tarde acordam na posteridade, e a gratidão dos povos só se define, passadas as crises, erguendo estatuas e creando festas.

Explicar bem a variedade de opiniões que acordaram, como partidos, ao propôr-se a questão do regresso de D. João VI a Portugal, é difficil hoje, era difficil na propria occasião em que isso aconteceu. Havia uma tal confusão de desejos, de esperanças, de interesses, de opiniões, que torna quasi impossivel a classificação. Era um formigar de gente, mais ou menos levada ás cegas, pelos interesses oppostos, pela extravagancia da situação, pela confusão das idéas: e poucos episodios demonstram melhor do que este a necessidade fatal de uma conclusão imposta por sentimentos e forças collectivas, contra os designios e planos mais ou menos sensatos dos politicos. O de D. João VI foi, como sempre, ficar, não se mexer, não mudar de uma posição, em que a sua indolencia se achava bem. Daria homem por si: D. Pedro, que iria a Portugal governar em seu nome. Muitos brazileiros applaudiam esta decisão: eram os que viam a autonomia do Brazil ligada á residencia do rei no Rio e temiam, com razão, que as exigencias do regresso mascarassem o plano de reconducção do novo reino á antiga condição colonial. Satisfeitos com a constituição de 1815, monarchicos, fieis á legiti-

midade, submettiam-se ao governo do mandarinato portuguez, vendo no *statu-quo* um satisfactorio equilibrio das exigencias do direito e das dos brazileiros. D. João VI applaudia-os, porque tinha medo das revoluções da Europa, capazes de cortarem cabeças de reis.

Os portuguezes, os mandarins, longe da patria, das familias muitos, muitos incommodados com o calor, e desejosos de voltar para casa, opinavam contra; e tinham opiniões graves sobre os direitos soberanos das côrtes, a quem desde Lamego os reis portuguezes se tinham submettido sempre. Calculavam que o regresso do monarcha abateria o orgulho dos colonos, e que, á vontade. em casa, poderiam continuar a governar e explorar a rendosa *fazenda* da America. D. Pedro applaudia-os, porque sabia bem quanto se illudiam, e desejava achar-se livre e só no imperio, que talvez já começasse a esboçar-se-lhe no espirito ambicioso.

Ainda então o partido da autonomia exclusiva, o partido nacional que germinava em S. Paulo e Minas, o partido separatista e por isso naturalmente adverso aos portuguezes, se não ouvia, preponderante, no Rio. Nas regiões do governo a independencia do Brazil cifrava-se ainda na constituição de 1815, no reino-unido, a que, a exemplo de Portugal, se ia tambem crear uma Carta no congresso convocado.

Jogado como um odre entre os dois partidos, brazileiro e portuguez, o primeiro que não queria, o segundo que queria, que D. João VI embarcasse, o rei das Americas, das Africas e de Portugal na Europa, com a India na Asia, o commercio, etc. representou os papeis mais burlescos, disse e desdisse, proclamou e reclamou, passivo, infeliz, tyrannisado pelo filho que á frente da guarnição

do Rio, já senhor e chefe, o obrigou afinal a embarcar para a Europa e a nomeal-o regente e logar-tenente nos Brazis (1821, abril.)

D. Pedro viu-se pois só, e senhor absoluto. Era portuguez, era brazileiro? Só elle o sabia, se é que elle proprio o sabia a esse tempo. Em setembro de 22 terminava o prazo da regencia, e as côrtes de Lisboa, fieis ao seu plano de restauração colonial, exigiam que D. Pedro viesse para a Europa. Chegava o primeiro momento em que o principe tinha de optar forçosamente. Partir, ser fiel á patria, ao pae, á lei? Ficar, rebellar-se, declarar-se brazileiro? O dever e a ambição, em que o dever tambem de salvar o Brazil da crise que a politica das côrtes de Lisboa provocaria de certo; o dever politico e acaso, contra elle, o dever particular de obedecer a compromissos egoistas e secretos, combinados com o pae, — deviam agitar-se-lhe no espirito, onde nenhum plano fixo, nenhuma definida ambição tinham tomado raizes. Soffrendo já as consequencias do seu animo audaz e valente mas sem direcção, D. Pedro achava-se na primeira das successivas situações criticas creadas por um espirito incapaz de as resolver.

Foi quando esta nova condição das cousas appareceu, que José Bonifacio se lançou ao timão do governo, decidido a aproveitar para o Brazil a força d'esse instrumento a quem faltava disciplina. O espirito separatista brazileiro apresentou-se então aberta e claramente, e á independencia não bastou mais a constituição de 1815. Não era um reino-unido, era um Estado independente da côrte e do mandarinato portuguez, o que os brazileiros queriam já. Exprimindo este pensamento, desenhavam-se agora duas facções: — em S. Paulo-Minas, os Andrades cujo plano politico se não definia ainda,

mas que eram discipulos de Bentham, da theoria do equilibrio dos tres poderes, do governo parlamentar, monarchico ou não, mais ou menos radical; — e os democratas republicanos, néo-jacobinos da Bahia e de Pernambuco, inimigos figadaes das corôas, inimigos intransigentes de D. Pedro, a quem José Bonifacio, pelo contrario, affagava como estadista, vendo n'elle o instrumento mais efficaz da consummação da independencia.

Na representação que o governo de S. Paulo enviára a D. Pedro (21, dezembro) José Bonifacio dizia-lhe: «Não volte V. A. para a Europa; confie no amor e fidelidade dos *seus* brazileiros, mórmente dos *seus* paulistas.» Eram as palavras da tentadora serpente do Eden symbolico. D. Pedro enguliu a maçã, e declarou que ficaria no Brazil para o *defender*, não contra o rei, mas contra as côrtes de Lisboa. Compromettido, senão convertido, D. Pedro estava conquistado á causa do Brazil: era a garantia de um governo de facto, que evitaria ao mesmo tempo as revoluções internas e a guerra com Portugal, na crise já declarada da separação.

Varias occorrencias vieram precipitar o movimento. D. João VI que, ao partir de Portugal levára comsigo o thesouro, ficando a dever a toda a gente, fez o mesmo ao partir da America: o pobre rei queria ao menos não ter de esmolar; mas a sua cubiça deixava o Brazil a braços com uma crise financeira. O thesouro fôra varrido, tudo ficára por pagar, e o banco arruinado com as dividas perdidas dos mandarins portuguezes que tinham regressado á Europa com o rei. Além da crise financeira appareceu outra, quando D. Pedro se decidiu pelo Brazil: as guarnições portuguezas do Rio, da Bahia, de Pernambuco, levantaram-se em armas contra a rebellião para defen-

derem os interesses dos portuguezes que applaudiam o plano das côrtes, a restauração do regime colonial no Brazil. Por outro lado os decretos promulgados em Lisboa, definindo claramente esse plano, precipitavam na separação todos os brazileiros que ainda tinham esperado a solução da crise por combinações dynasticas.

Todos os partidos brazileiros se tornaram pois separatistas, e tornaram-se brazileiros todos os empregados publicos, magistrados dos tribunaes superiores e outros, cujos lugares as côrtes supprimiam, por abolirem os orgãos administrativos eminentes, creados no Brazil em 1808.

Todos esses elementos se congregaram em volta de D. Pedro, e as guarnições portuguezas, submettidas ou vencidas, foram expulsas do Brazil, embarcadas para Portugal. O novo reino estava de facto desunido da metropole.

E D. Pedro? O principe que na America expulsava os portuguezes, dizia para Portugal que o seu proposito era salvar a colonia da tyrannia das côrtes que tyrannisavam o rei seu pae; e que, a não ser elle, fariam com que se perdesse a melhor joia da corôa portugueza. Era sincero? provavelmente. Roubar o Brazil a um throno de que era o herdeiro legitimo, seria o calculo de uma ambição inepta. Provavelmente era sincero o pacto feito entre pae e filho para explorarem em proveito proprio a situação, desacreditando na Europa as côrtes *anarchistas* com a rebeldia do Brazil por ellas provocada; e confiscando na America o movimento de independencia em proveito da dynastia.

Mas esta sinceridade é prova da inintelligencia de D. Pedro, da cegueira de D. João VI. Jogavam com fogo e queimavam-se. O principe que se jul-

gava arbitro dos destinos do Brazil, era apenas o instrumento de um movimento que o dominava e o arrastava. Tytere coroado nas mãos de Andrade, D. Pedro, arrogante, apaixonado, temerario, caprichoso, solto de costumes, violento, colerico, despotico por temperamento, por sangue, e por educação, não tinha a força que faz os imperadores, nem a intelligencia que dirige os estadistas. Collocado na posição falsa a que se tinha deixado levar, via-se agora forçado a optar decididamente entre Portugal e o Brazil; a situação que ajudara, senão a crear, pelo menos a definir, dominava-o já; e se ainda no principio de 22 podia apresentar o papel de Jano, a agitação crescente do movimento anti-portuguez fomentado pelo ministerio Andrade, obrigava-o a ser o instrumento de uma separação politica e dynastica. Rebatendo, dominando, suffocando, as revoltas republicanas ou portuguezas, D. Pedro era o instrumento da consolidação de um Estado, cuja independencia dynastica, se lhe dava uma corôa imperial, o condemnava a resignar a côrôa portugueza.

Tal foi a historia do anno de 22, a data da emancipação politica do Brazil. Em maio D. Pedro é proclamado Defensor-perpetuo, em setembro Imperador. Declara a guerra a Portugal, convoca uma assembléa constituinte. Uma nova éra começava para o Brazil, depois de quinze annos (1808-22) de elaboração. Do coração de S. Paulo saía o grito da separação, e era justo que assim fosse, porque esse vinha sendo desde o começo o coração nacional. Ahi se constituira o primeiro nucleo de uma população fixa, os primeiros elementos do futuro imperio.

Contaremos a historia posterior? Não. Independente, o Brazil tem uma historia propria que se

não prende mais com a portugueza. No momento da separação ficou terminada a obra politica da creação de um estado néo-portuguez na America; e se no plano da nossa obra entra o estudo da economia contemporanea do Brazil, é porque, embora politicamente separada, a nossa antiga colonia é hoje a nação a quem maiores laços de intimidade economica nos prendem.

Duas palavras apenas sobre a sorte do principe de quem as cousas fizeram instrumento da separação da colonia. O destino que o esperava chegou depressa. A illusão que, parece, chegou a cegal-o varreu-se breve. Nobre de caracter, quando claramente se voltou para o Brazil não o atraiçoou, e talvez chegasse a acreditar-se o Bolivar da America oriental; talvez cresse que a independencia era obra sua: a tanto vae muitas vezes a cegueira dos homens! Heroe de si para si, julgava-se verdadeiramente soberano, imperador, despota, um Napoleão americano, com jus á obediencia passiva e á gratidão illimitada dos seus subditos. Deu largas ás suas paixões politicas e privadas; tinha na côrte um serralho, e em Cochrane um *condottiere;* dissolvia as assembléas democraticas, expulsava os Andrades, batia por toda a parte os rebeldes. Tão seus inimigos eram os demagogos, como os estadistas: só queria bem aos conselheiros aulicos. Infeliz na sua empreza do Uruguay, desacreditado pela soltura dos seus costumes, odiado pela violencia da sua politica, nove annos bastaram para consumir a força ganha pela decisão de proclamar a independencia absoluta do Brazil. Forçado a abdicar, D. Pedro veiu para a Europa, em 31, lançar-se n'outra empreza, em que tambem a sua bravura venceu, para o perder o seu caracter sem intelligencia nem verdadeira força. Os apupos de Lisboa (34) ti-

veram as mesmas causas dos tumultos do Rio (31): agora abdicava, depois acabava para sempre de uma morte opportuna. [1]

Immediato descendente de uma dynastia europêa, filho do solo portuguez e não brazileiro, D. Pedro, apesar dos actos decisivos a que a politica o arrastou, não tinha no sangue, na alma intima, esse *quid* de genio nacional, esse patriotismo, nervo intimo das nações, e que no Brazil funccionava organicamente desde largos tempos. O sentimento d'esta falta de accordo entre o principe e o povo, a consciencia de que D. Pedro era *estrangeiro* e por sobre isso portuguez, lançava nos espiritos uma desconfiança, uma suspeita constante, fundamentada nos actos irreflectidos do soberano. Nacionalisar o throno foi tambem um dos motivos da

[1] Chronologia da separação do Brazil:

1821 — (abril 21) Tumultos do Rio para impedirem a partida de D. João VI. Embarque do rei. D. Pedro logar-tenente. (dezembro) Manifesto de S. Paulo pedindo a conservação de D. Pedro no Brazil.

1822 — (janeiro 9) D. Pedro declara que ficaria no Brazil. Andrade, ministro. (fevereiro 16) Convocação de um conselho de representantes das provincias no Rio. (maio 13) D. Pedro defensor perpetuo do Brazil. (junho 3) Convocação da assembléa constituinte do *reino* do Brazil. (agosto 1) Declaradas inimigas as tropas que viessem de Portugal. (setembro 1) Proclamação da *Independencia ou Morte* no Ypiranga (S. Paulo.) Protestos do Rio, de S. Paulo e Minas. D. Pedro pelo Brazil. Resistencia das guarnições portuguezas do Rio e de Pernambuco, deportadas para Portugal: e da Bahia que se manteve em armas até 23. (outubro 12) D. Pedro proclamado imperador constitucional do Brazil; (22) Queda do ministerio Andrade, restaurado em 30.

1823 — Luctas parlamentares entre os demagogos e o ministerio. (julho 2) Tomada da Bahia, expulsão dos portuguezes. Queda do gabinete Andrade: ministerio reaccionario e philo-portuguez. (novembro 10) Recusa do *veto* ao imperador pela assembléa, sob a direcção de Andrade. (12) Dissolução da assembléa. (23) José Bonifacio desterrado, os radicaes expulsos. D. Pedro autocrata.

1824 — (março 25) D. Pedro dá uma constituição representativa ao im-

revolução de 1831; e nas palavras historicas do primeiro imperador vê-se patente a falta de accordo entre elle e a nação: «Abdiquei a corôa e sáio do imperio: sejam felizes na sua patria!»

Na *sua,* não disse na minha. Com effeito não era a d'elle, o Brazil. Era-o porém da então creança a quem o throno ficou, sob a tutella de José Bonifacio, — o verdadeiro patriarcha da independencia, o verdadeiro representante do espirito nacional.

perio. (julho 2) Revolução republicana de Pernambuco, *(Confederação-do-Equador)* facilmente debellada.

1825 — Levantamento da provincia cis-platina (Uruguay) reclamando independencia. Guerra com a Confederação argentina. Reconhecimento da independencia do Brazil por Portugal.

1826 — Morte de D. João VI. Abdicação de D. Pedro em D. Maria II, de Portugal. — Impopularidade do imperador. Máu exito da guerra no Rio-da-Prata.

1828 — (agosto 27) Reconhecimento da independencia da Banda-Oriental (Uruguay.)

1829 — Regresso de José Bonifacio de Andrade ao Brazil. Retira-se á vida privada.

1831 — (março) Jornada de D. Pedro a Minas. Conflictos entre portuguezes e brazileiros. Irritação geral e impopularidade crescente do imperador. (abril 6) Tumultos do Rio: exige-se a demissão do ministerio. (7) Abdicação em D. Pedro II. José Bonifacio tutor; acto addicional á Carta. Revoltas parciaes no imperio.

1833 — (dezembro) José Bonifacio demittido de tutor, preso, processado, absolvido. Torna á vida privada: morre em 1838, na sua ilha de Paquetá.

1835 — (setembro 27) Insurreição do Rio-grande-sul que dura até —

1840 — (julho 23) Proclamação da maioridade de D. Pedro II.

II

Geographia brazilica

Definitivamente constituido como nação independente, o Brazil póde tambem dizer-se geographicamente delimitado nas suas vastissimas fronteiras. Depois das pretensões inglezas de 1815, não houve mais quem lhe contestasse o exclusivo dominio da costa maritima e suas ilhas, desde a barra do Oyapock (2° 24′ N.) até á barra do Chuy (33° 45′ S.) Tambem os limites continentaes do norte, fixados no tratado de Utrecht, foram confirmados nos de Vienna e ratificados na convenção particular de 1817 com a França. O Oyapock ficou sendo a divisão natural entre o Brazil e a Guyana franceza; a serrania de Tumucuraque a da hollandeza; e a de Acaray a da ingleza. Da Venezuela, que fronteia com esta por occidente, foi o Brazil delimitado pelo tratado de 1859, no qual toda a bacia do rio Branco, dividida da do Orinoco pela serra de Pacarayna, lhe ficou pertencendo; assim como os valles dos outros successivos confluentes do rio Negro, separados tambem do Orinoco pelas alturas de Maduacaxas. Desde o ponto em que o rio Negro, junto á ilha S. José, deixa de ser brazileiro, começam as fronteiras indeterminadas ou disputadas da Columbia. Até aqui o relevo orographico dividindo accentuadamente as bacias dos confluentes do Amazonas e as do Orinoco, prestava-se a uma delimitação; agora, que as cabeceiras do rio Negro e as do Orinoco se confundem, e que o Amazonas vae deixar de ser brazileiro, é arbitra-

ria a adopção de um ou outro dos confluentes; não ha indicação natural decidida para guiar os estadistas.

A confluencia do Apaporis no Japurá é um ponto de partida commum ás pretensões da republica e á fronteira historica que o Brazil defende. Segundo esta ultima, o territorio comprehendido entre o Japurá e o Memachy seria brazileiro; segundo a primeira os limites do Brazil seguiriam o Apaporis, e não o Japurá, desde o ponto da confluencia. A fronteira do Peru, fixada nos tratados de 51 e 58, foi traçada, em parte cartographica em parte geographicamente: é uma recta, cujos pontos extremos são ao norte a confluencia do Apaporis, ao sul, a povoação de Tabatinga, depois o Javary; e em Tabatinga de um lado, e na foz do seu confluente meridional, do outro, o Amazonas deixa ser brazileiro.

Processo egual se adoptou no tratado de 67 para os limites com a Bolivia. Tomando a latitude de 10° 20′, em que a oeste acaba o Peru, na margem direita do Javary, traçou-se um parallelo até encontrar a esquerda do Madeira: tal é a fronteira norte bolivio-brazileira. O Madeira, o Guaporé, o rio Verde, que successivamente se destacam um do outro descendo sempre para sul, delimitam as duas nações. Das cabeceiras do rio Verde ao Paraguay que a divisão vae, terminando, encontrar em 20° 10′ no desaguadouro da bahia Negra, a linha, galgado o morro da Boa-Vista, divisoria das duas bacias hydrographicas, corta pelo meio as successivas lagoas (Corixa, Uberaba, Gayba) que bordam o Paraguay por occidente, ligando-as por meio de rectas tambem successivas.

A questão das fronteiras do sul do Brazil que o estabelecimento das Missões jesuitas, e a creação de

nações hybridas concorreram para complicar, lançando um novo elemento de confusão no debate dos interesses oppostos de Portugal e da Hespanha; essa questão que a fraqueza do dominio colonial portuguez não soube ou não pôde resolver, foi o peior legado que o imperio recebeu. Transferido da mão dos jesuitas para a de uma dynastia que seguiu á risca a politica da extincta sociedade, o Paraguay conservou-se independente e encravado em territorios que a natureza mandava que fossem brazileiros. Por outro lado, a constituição da Banda-Oriental (1828), conclusão de guerras sempre infelizes para nós, fazia perder ao Brazil a fronteira natural do Uruguay e o seu lugar no rio-da-Prata.

Ter o dominio exclusivo na embocadura commum dos dous grandes rios do extremo sul da America foi o pensamento constante da administração hespanhola, e depois, da Confederação argentina. Em 1828, o Uruguay, constituido em republica independente, cuja neutralidade os tratados garantiam, creava uma situação media, nem brazileira nem argentina, um equilibrio prenhe de futuras questões. Appareceram logo em 1851, com a dictadura de Rosas; e o Brazil teve de pegar em armas para impedir que o Uruguay fosse englobado na confederação do Prata. Deposto o dictador, conseguido o fim da guerra, levantava-se depois outro e mais grave problema: o do Paraguay. Essa longa e ruinosa guerra (1865-70) venceu-a o Brazil por fim; mas ou o escrupulo ou a fraqueza não lhe deixaram tirar o partido correspondente a um tão grande sacrificio: o territorio de entre Paraná e Paraguay devia ser brazileiro. A existencia de pequenos estados, anemicos, encravados, como o Uruguay e o Paraguay, entre as duas grandes nações

da America sul-oriental, continuará a ser uma causa de desconfiança, de mal-estar, de represalias e ameaças entre os dous povos néo-ibericos a quem a sorte confiou metade da America.

Descendo da bahia Negra, o rio Paraguay separa o Brazil da Bolivia até ao ponto em que esta confronta com a confederação argentina. A contar da margem esquerda para leste, tudo é Brazil até aos altos do Maracaju, divisoria do Paraguay-Paraná; d'ahi para o sul, limitado pelo quasi parallelogramo formado pelos dous rios até á sua confluencia, fica encravada a republica que foi dos jesuitas, de Francia, de Lopes, e que tem sido o pomo de discordia actual entre o Brazil e Buenos-Ayres desde 1870. Os limites d'estes dous ultimos Estados, não demarcados ainda, podem ser um pretexto de collisão. Um pretexto, dizemos, não um motivo: a garganta da Candelaria, entre o Paraná e o Uruguay, é uma fronteira natural; e ao sul e oeste os rios, divergentes, separam naturalmente os territorios. Entretanto, a fronteira de Buenos-Ayres interna-se para norte e leste da garganta e, separada do Paraguay pelo Paraná, a republica divide-se do Brazil pelo Iguassu, pelo Santo-Antonio, buscando a cumiada e descendo para o valle do Uruguay pelo Pepiry-guassu, até á sua foz.

Ao sul d'esta, o Uruguay divide o Brazil e Buenos-Ayres até á barra do Quarahim, na margem esquerda. Esta é a separação do Brazil e da Banda-oriental, consignada nos tratados de 51-2. Subindo pelo Quarahim á divisoria do valle e da costa, a fronteira desce, no lado opposto, pelo Jaraguão contornando o lago Mirim que é brazileiro, e caíndo no mar na barra do Chuy, em 33° 45′ S.

Taes são as fronteiras do Brazil. O territorio

que incluem é quasi egual em superficie ao da Europa inteira e cem vezes maior do que o de Portugal. Todos os climas, todos os productos, todas as alturas, todos os phenomenos de geographia se encontram na vasta região que os portuguezes trilharam, exploraram e em parte avassallaram, dominando-a e cultivando-a. Primeiro foram os conquistadores de armas em punho, batendo o indio, rasgando a floresta; depois, chegaram os colonos, plantaram o campo, levantaram a casa, construiram as aras dos deuses penates; vieram os navios, sondaram-se as barras, construiram-se os molhes; mais tarde appareceu a curiosidade e escreveram-se os livros contando ingenuamente as singularidades da terra e seus usos; por fim, abertas de par em par as portas da America brazileira á sciencia de toda a Europa, fez-se, no principio do seculo, o que hoje se está fazendo para a Africa. Brazileiros, e allemães principalmente, crearam a geographia do Brazil: Humboldt e Newied, Spix, Martius, Van Schreibers, Mikau, Pohl, Natterer, Ender, Buckberger. Emquanto os inglezes, ao lado de D. João VI tratavam de confiscar o Brazil em proveito proprio, exclusivamente occupados de commercio e lucro, os allemães trilhavam heroicamente o interior e deixavam esse monumento da viagem de Spix e Martius.

O continente sul da America tem como ossatura a grande cordilheira dos Andes, que pelo occidente se levanta, como uma muralha contra o mar, desde o extremo norte (10° acima do Equador,) até ao extremo sul, na ponta da Patagonia. Para leste fica toda a massa continental. A meia altura, outra cordilheira, perpendicular sobre a primeira, divide esta America em duas: são as montanhas da Bolivia e a serra das Vertentes no Brazil, entre

as quaes, como por uma fenda, se insinuam os rios que formam o Madeira; e a grande bacia hydrographica do Amazonas, ou do norte, se liga com o systema fluvial do sul (Paraguay-Paraná.) D'esta America perteneeu ao Brazil toda, —póde assim dizer-se, —a bacia do Amazonas, com os seus confluentes das duas margens; e quasi toda (salvo Entre-rios, Uruguay e Paraguay,) a metade oriental do systema hydrographico do sul, cuja arteria é o Paraná-Paraguay.

O traço fundamental da geographia brazileira é, pois, a serra das Vertentes que separa as duas regiões do imperio. A oeste d'ella, na fronteira boliviana, insinua-se o Madeira-Guaporé, cujas origens vão confundir-se com as do Paraguay; a leste, na região maritima, entronca no systema das cordilheiras parallelas á costa. Entre os limites occidentaes de Matto-grosso e os meridionaes do Ceará, a cordilheira descreve um arco de circulo, cuja corda se póde considerar o parallelo 10° S. Corta de lado a lado o Brazil com os nomes successivos e locaes de serra Alegre, de Ibiapaba, Piauhy, Tangatinga, Tabatinga, Araras, Pyreneus. Das suas vertentes septentrionaes nascem o Tapajoz e o Xingu, o Araguay e o Tocantins; das suas vertentes austraes o Paraná e o Paraguay. Erguida como um monumento geologico, distribue a mãos cheias os caudaes fertilisadores das duas regiões que domina.

Ao terminar o seu curso oeste-leste, a cordilheira abre os seus braços e ramifica-se. Para o norte um contra-forte divide a bacia do Tocantins da do Maranhão; para o sul outro vae duplicar a reunião da cordilheira central á primeira das serras maritimas do Brazil (Espinhaço) abaixo de Villa-Boa.

Quasi parallelas á costa oriental descem, no lit-

toral, a serra do Mar, como subalterna, no interior a do Espinhaço como suzerana. A primeira vem desde o sul de S. Francisco até ao Rio Grande, a segunda, dominando-a, desde o cabo S. Roque até ao Uruguay. O Espinhaço fórma os Andes brazileiros, de que a serra-do-Mar é um socalco: entre ambas corre para o norte o rio S. Francisco, em cujas cabeceiras se levanta a chamada serra das Esmeraldas, que ligando os dous systemas parallelos fórma no ponto de juncção com os contrafortes austraes das Vertentes o planalto propriamente brazileiro, o centro do systema das suas montanhas, o divorcio das aguas septentrionaes, austraes e littoraes, o thesouro onde se acharam os diamantes e o ouro, o primitivo nucleo da população nacional, — o coração do imperio. As montanhas, os rios, as minas, os homens, a geographia e a vontade, coincidiram para dar á região de S. Paulo-Minas a supremacia sobre toda a America portugueza.

Esse planalto central e propriamente brazileiro vae de Villa-boa (Goyaz) a Villa-rica (Minas) debruçado a leste sobre os sertões do Amazonas e de Matto-grósso, a oeste sobre o mar nos terraços das provincias da Bahia, do Espirito-Santo e do Rio. Pelo norte entra por Pernambuco e pelo Piauhy, pelo sul inclue S. Paulo. Sobre o oceano vasa os rapidos caudaes do Parahyba, do rio-Doce, do Belmonte, e a arteria que se chama o S. Francisco. Ao Amazonas manda o Tocantins, ao Prata o Paraná.

Fronteiro ao planalto do Brazil, pelo norte, do lado opposto da bacia do Amazonas, levanta-se o das Guyanas, cujas serras extremas são as fronteiras do imperio, e d'onde vém ao grande caudal da America austral, como tributarios principaes, o

rio-Negro e o Japurá. — Por leste outro baluarte geographico se levanta a enfrentar com o brazileiro: é o planalto central da Bolivia-Matto-grosso separado da cordilheira das Vertentes pela quebrada colossal por onde vazam, para um lado o Madeira, caminho do Amazonas; para o opposto o Paraguay, caminho do Paraná. — Pelo sul o planalto brazileiro domina livremente o estuario dos rios, que ladeados pelas cordilheiras maritimas, vão formar as planicies dos pampas, America em fóra, até á Patagonia.

Tal é em breves e mal esboçados traços a constituição geographica do Brazil. Eis a ossatura natural d'esse territorio, e o campo que a natureza nos deu para nosso uso. Como se adaptou a elle a nação? Que obras foram as dos homens, sobre a obra natural? Eis o que procuraremos conhecer estudando a economia do imperio americano.

III

A divisão do imperio

A primitiva fórma da occupação, primeiro, depois a aventurosa caça dos indios e das minas, foram as causas da colonisação dispersa do Brazil. A occupação e a população européa, em vez de caminharem em columna cerrada, do littoral para o interior, espalharam-se pelas extensões infinitas dos sertões, mosqueando o territorio de pequenos centros de ossificação civilisada.

Esta circumstancia, cujo alcance avaliamos já, [1] influiu tambem na divisão das provincias. [2]

Antes de vermos até que ponto a delimitação d'ellas se adaptou ás condições geographicas, devemos considerar, em geral, o estado a que chegou a população: esse elemento nos explica o facto da existencia de provincias que são imperios,— como o Pará, Amazonas ou Matto-grosso,— ao lado de outras, como o Rio ou Espirito-Santo, cuja área se approxima dos limites normaes.

O leitor sabe em que sentido a população se desenvolveu nos tempos coloniaes: sabe que no norte o governo da Bahia era uma *fazenda*, ao passo que no sul uma população agricola e industrial, e não commercial-maritima, se fixou na região de S. Paulo-Minas; sabe finalmente que o

[1] V. *supra*, pp. 21 e 90.

[2] Mappa da divisão politica do Brazil:

	PROVINCIAS	A'REAS Kil. q. mil.	CAPITAES	ADMINISTRAÇÃO Comarcas	Municipios
1	Amazonas	1897	Manaus	3	7
2	Pará	1148	Belem	11	32
3	Maranhão	460	S. Luiz	15	36
4	Piauhy	302	Theresina	12	31
5	Ceará	104	Fortaleza	16	41
6	Rio-g. do norte	57	Natal	8	22
7	Pernambuco	128	Recife	18	46
8	Parahyba	75	Parahyba	11	23
9	Alagoas	58	Maceió	9	18
10	Sergipe	39	Aracaju	8	24
11	Bahia	426	S. Salvador	25	83
12	Espirito Santo	45	Victoria	4	13
13	Rio de Janeiro	69	Nicterohy	17	33
14	Mun. da côrte	1	—	—	—
15	S. Paulo	291	S. Paulo	20	107
16	Paraná	221	Coritiba	5	16
17	S. Catharina	74	Desterro	6	11
18	Rio-g. do Sul	237	Porto-Alegre	10	29
19	Minas geraes	575	Ouro-preto	24	81
20	Goyaz	747	Villa-Boa	11	26
21	Matto-grosso	1380	Cuyabá	3	6
		8337		236	685

Rio de Janeiro veiu a ser a capital do Brazil, o seu centro; e que nos extremos norte e sul se formaram, entretanto, nucleos de colonisação, commercial nas boccas do Amazonas, rural em Santa Catharina e no Rio grande do Sul. Para o interior d'este Brazil, ficaram os sertões que por si sós contam dois terços da área total do imperio, e onde a população europêa apenas consiste em villas ou cidades dispersas na vastidão de territorios, ou desertos, ou habitados pelo indio selvagem.

Isto nos permitte dividir o Brazil em 6 grandes regiões, [1] nas quaes as provincias se agrupam em numeros diversos, e as áreas differem de um modo notavel. [2] Afóra os quasi 200 habitantes por kilom.

[1]

I Municipio da côrte.

II Centro littoral: — Rio de Janeiro, Espirito-Santo.

III Norte: — Ceará, Parahyba, Alagoas, Rio grande do Norte, Sergipe, Bahia.

IV Centro interior: — S. Paulo, Minas-geraes.

V Sul: — Rio-grande, Santa Catharina, Paraná.

VI Sertões: — Pará, Amazonas, Maranhão, Piauhy, Goyaz, e Matto-grosso.

[2] **População conforme o censo de 1872**

	A'REAS	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL	POP. ESPEC.	ESCRAVA %
I	1:394	226:033	48:939	274:972	198	20
II	113:821	549:565	315:296	864:861	7,6	60
III	888:869	3.695:023	381:675	4.076:698	4,5	10
IV	865:731	2.350:018	527:071	2.877:089	3,3	25
V	532:028	628:602	93:335	721:937	1,3	15
VI	5.935:375	970:431	144:490	1.114:921	0,2	15
	8.337:218	8.419:672	1.510:806	9.930:478		

A população total compõe-se de:

Brazileiros.....	8.176:191		
Negros escravos	1.510:806		
Portuguezes....	121:246	Total...	9.930:478
Allemães......	45:829	Indios..	1.000:000 (?)
Negros livres...	44:580		
Diversos.......	31:826		

*

quadrado que a população da capital dá ao municipio da côrte, e os dois decimos de habitante que ella conta nos sertões, deve considerar-se a densidade normal da população, na parte do Brazil que se póde dizer habitada, por 3 a 5 habitantes por kilom. quadrado.

Nem só o fomento da população, comtudo, presidiu á divisão já hoje historica das provincias; e estudando a relação entre ella e a chorographia brazileira, adquiriremos uma noção clara da sua razão de ser, e conheceremos mais intimamente a structura natural do imperio.

Nós vimos que a orographia divide o Brazil em tres grandes regiões: *a)* Bacia do Amazonas; *b)* Bacia do Paraná;—divididas pelas serras das Vertentes; e *c)* Alpestre, da costa oriental, cortada longitudinalmente pelas cordilheiras parallelas do Espinhaço e do Mar. Vejamos agora como assentam as provincias em cada uma d'estas tres zonas geographicas.

Na primeira o Pará e o Amazonas occupam todo o estuario do grande rio americano, desde as vertentes do planalto divisor do Orinoco, até á corda da cordilheira central brazileira. São duas provincias, como imperios, núas de população, embrenhadas de florestas por entre as quaes o Amazonas e os seus confluentes das duas margens, o Japurá e o Rio-negro, o Javary, o Jutahy, o Juruá, o Purús, o Madeira, o Tapajoz, o Xingu e o Tocantins rolam as suas agoas nas solidões. As duas provincias limitam por norte e por esta parte do occidente o Brazil, entestando pelo sul com os sertões de Matto-grosso, e por oriente com o Maranhão e Goyaz. Sarjadas por caudalosos rios, abertas para o mar pelas boccas do Amazonas e do Tocantins, as duas provincias norte-brazileiras se-

rão no decorrer dos seculos o lugar de um grande imperio.

Entre as provincias do valle do Amazonas e as do valle do Paraná está a região montuosa da serra das Vertentes: Matto-grosso e Goyaz, por entre cujas serranias se despenham os confluentes austraes do Amazonas, para um lado, e para o opposto o Paraguay e o Paraná. Divididas entre si pelo Araguaya; Matto-grosso vae pelo Guaporé-Paraguay até aos limites occidentaes do Brazil, e Goyaz vem parar nas vertentes da cordilheira do Espinhaço. Pelo sul, o Paraná limita ambas as provincias.

Eis ahi a região dos sertões interiores do Brazil: o estuario do maior rio do mundo, e as quebradas e desvios alpestres de uma das suas maiores massas de montanhas. As dimensões, as proporções assombram n'essa America de que a Europa parece ser a miniatura.

Por Matto-grosso baixámos á região hydrographica austral. Entre os cursos do Paraná e do Uruguay e o mar estão as tres provincias do sul: S. Catharina e Paraná, entre si divididas pelo Uruguay, pelo Iguassu, pelo Paraná-panema. Extrema região maritima colonisada, esta parte do Brazil, onde o clima é temperado e as culturas são européas, é a que em epochas recentes mais tem progredido, aquella que mais depressa virá a adquirir população fixa sufficiente. A população já aqui representa mais do sextuplo dos sertões; repetidas bahias e portos sarjam o littoral, o commercio cresce: por isso a área apparece reduzida, e por isso as divisões tomam uma direcção perpendicular á costa.

Pelo sul entramos na região das cordilheiras orientaes, e desde logo vemos o foco de população

relativamente intensa da metade maritima de S. Paulo e da metade sul de Minas. As duas provincias levantam-se nas serras vestindo de cultura o planalto brazileiro, ou parte consideravel d'elle. Se a sua separação interna, se a separação de ambas dos sertões interiores pelo sul, e da Bahia pelo norte, não obedece a razões geographicas, — já não succede assim ao Rio-de-Janeiro e ao Espirito-Santo que estão nas faldas maritimas da serra vedando a Minas o accesso da costa.

A serra do Mar e o valle do S. Francisco, arbitrariamente cortados pela fronteira da Bahia, constituem o corpo d'esta provincia que geographicamente deveria formar duas circumscripções: a maritima e a fluvial interior, divididas entre si pelas cumiadas agrestes da cordilheira.

Entre o S. Francisco e o Pará, de um lado e d'outro dos extremos contrafortes das Vertentes e do Espinhaço, estão as provincias littoraes no norte: — se tal nome convém ao Maranhão e ao Piauhy que são para esta parte do Brazil, o que os grandes sertões do interior são para todo o imperio.

Entestando com o Pará pelo Gurupy, com Goyaz pelo Tocantins, com o Piauhy pelo Parnahyba, o Maranhão, sarjado por innumeros caudaes, aberto de portos maritimos, é a metade occidental do grande systema que o Parnahyba rasga entre o contraforte norte das Vertentes e a ponta extrema do Espinhaço. A outra metade d'essa bacia fluvial secundaria, mas independente do systema do Amazonas, é formada pelo Piauhy e pelo Ceará.

Chegamos agora, no termo da nossa derrota, ás provincias do cabo S. Roque: um grupo de pequenas circumscripções cortadas nas abas maritimas da cordilheira, até e ainda além da foz do S. Francisco. São cinco essas provincias que com a

da Bahia littoral formaram o centro da colonisação portugueza. Ahi as plantações têm já seculos, a população é relativamente densa, como no centro-sul e Pernambuco está hoje para este grupo como o Rio para o outro. As proporções da divisão demostram, aqui e além, o mesmo facto: o desenvolvimento da população e da riqueza; e se dos tempos coloniaes dissemos ter havido dous Brazis, não seria ainda hoje inteiramente errado repetil-o.

A norte e a sul do S. Francisco, junto á costa, ficam Sergipe e Alagoas; depois vem Pernambuco que se interna ao longo da margem esquerda do rio brazileiro até ás cumiadas da serra; depois a Parahyba, e finalmente o Rio-grande-do-norte, a entestar com o Ceará.

Taes são as divisões naturaes e as divisões politicas do Brazil. Resta-nos saber agora quem o habitou e quem o habita.

IV

Os indigenas

«A terra é fertil, — diziam para a Europa os primeiros portuguezes que a visitaram, — e amena e sadia de seu natural; muitos e grandes rios a humedecem, e as fontes de agua doce e perennal que tem, são fóra de algarismo. Tem larguissimas campinas que se tapizão de mui graciosas pastagens: seus portos são bonissimos, de mui facil embocadura, em que as naos achão seguro abrigo contra os vendavaes, e não tem baixos ou restingas em que periguem. A maior parte d'aquella região he empollada de montes, que abrem grandes valles; as florestas densas e sombrias tem arvores de muita diversi-

dade, nunca d'antes conhecidas dos nossos; entre ellas huma, da summidade de cujas folhas cortadas destilla hum genero de balsamo. As arvores, de que se tira a côr vermelha com que se tingem as lans, são alli mui triviaes e muito altas. Brota além d'isso a terra plantas muito medicinaes, e entre ellas a herva santa, muito proveitosa para chagas, apertos de amiudado anhelito, e tambem para canceros, e para a gangrena. São os homens fulos de côr, tem corredio o cabello, negro e comprido; não tem barba, e ainda algum pello que pelo corpo lhes aponta, com pinças o arrepellão. Letras nenhumas conhecem, nenhuma religião cultivão, nenhumas leis os ligão, nem se servem de alguns pesos e medidas, nem ao governo de algum rei vivem sujeitos. Quando todavia entre elles se levantão guerras, elegem hum General que julgão por de todos o mais forte, e mais acerrimo em dar batalhas. Vulgarmente se não cobrem com traje algum, sómente os que entre elles realção por nobreza, se cingem de tecidos de pennas de papagaio, e de aves de outras côres. Com cocares das mesmas pennas enfeitão as cabeças, e compõem braceletes, que passão por cima do cotovello. Descem-lhes estes saios de plumas do umbigo até ás curvas. As mulheres deixão crescer o cabello; mas os homens o raspão desde a fonte até ao toutiço. Os que porém caprichão de garridos, furão as orelhas, os labios e os narizes, e até as faces, para as permeiarem pelos furos de pedrinhas de côres variadas, de ossos ou peças de pao. As mulheres, em vez de pedras se servem de miudas conchinhas, que ellas estimão a mui alto preço. Usão de arcos em suas pelejas, e com tanta arte atirão huma flecha, que a qualquer parte do corpo a que acenem, lá a empregão. Para as pontas das flechas servem-se de espinhas de certos peixes em vez de aço, e profundão não obstante, tal ferida, que transpassão com o furo qualquer plancha. Vivem do que cação, comendo macacos, lagartos, cobras, ratos; que nenhum d'estes manjares os antoja. Usão de canoas compostas de troncos excavados de robustissimas arvores, e d'ellas ha que podem conter trinta pessoas no bojo. Quando querem pescar, vão huns d'elles remando, e outros batendo a agua com varapaos para amotinar o peixe, que espantidiço vem boiando á flor da agua. Então os que para tal ficão de apresto, tem cabaços grandissimos seccos e oucos descidos ao revéz da corrente, e nelles vem de si mesmo encovar-se o peixe. Não semeião trigo, mas fazem pão da raiz de huma herva do porte da

beldroega (mandioca), que com tudo encerra veneno tão mortifero, que morre em breve quem a come crua; mas elles pisão-na, e pisada a espremem, que gotta lhe não reste de sumo venenoso, e então a seccão ao sol, e moida entre pedras, lhe extrahem a farinha. Os pães que d'esta farinha fazem, não sómente são saudaveis, mas tem ainda mui regalado sabor. D'ella e de milho compõem huma bebida mui parecida com a cerveja, na qual quando se enfrascão, o que mui de uso lhes acontece, mais que ordinarias fraudulencias e traições machinão. Observão agouros, e são dados a empeçonhamento. São entre elles em muita honra certos homens maleficos, a quem vão consultar nos casos duvidosos: chamão-lhes *pagés*. Trazem estes na ponta d'huma setta huma cabaça com figura de homem, cada vez que lhes dá na vontade mettem brazas na cabaça, e de sobrepostas hervas sahe fumo, que resfolgão pelos narizes, até bebados tremelhicarem, se espojarem, e sahirem de sí. Que tem tal força aquellas hervas, que com seu fumo, como se fora sobejidão de vinho, os privão do entendimento. Logo começão a ranger os dentes, a escumar a bocca, a revirar os olhos, a ameaçar muitos de morto, e amedrontar com turbulentos esgares e meneios os circumstantes; e ninguem suspeita que sem instincto de espirito divino elles profirão tão horrendas vozes. Ora se algum dos que a quem aquelle homem assim eivado agoirou desastre, passou por sinistro acontecimento, logo crêm que aquelle agoiro cabe reportar como em castigo. São agasalhados com summa veneração, espadanão-lhe os caminhos, cantão-lhes versos a seu modo acompanhados com frautas, dansão-lhes bailes; trazem-lhes ao aposento moças formosas, humas d'ellas virgens, e outras já casadas, porque tem para si estes pobretes, que tudo lhes virá a seu desejo, se os tiverem ameigados. Não he dado entre elles casarem pais com filhas, nem irmãos com irmans; com as mais mulheres se conjugem indiscriminadamente, e tambem as deixão se d'ellas se julgão aggravados. Matão-nas porém, ou as vendem como escravas, se as apanhão em adulterio. Não os pais, mas os irmãos tem poder nas filhas e as põem em venda quando bem lhes parece, e esta venda consiste em escambo por outras cousas, que moeda não a tem. São mui preguiçosos para o trabalho, e mui inclinados ao jogo, e descanso; todo o tempo que não empregão na guerra, o dão aos banquetes, ao canto e dansa sem teor algum. Toda a sciencia de sua dança está n'huma roda

que vai sempre saltando, e no canto em uma nota monotona, que não sobe nem desce na entoação das coplas. Alli se recitão as proezas que na guerra acabárão, a que dão consummados elogios, e todas as canções tornão em applauso do esforço militar. O acompanhamento d'essa musica lho fazem elles assobiando e batendo com os pés. Andão em tanto os outros occupados a dar de beber aos dansantes, até que embriagados cahem sem sentidos. Fabricão suas casas de madeira, e as cobrem de unidos colmos, e as circumvallão de dois e de tres muros, em razão das guerras em que de continuo lidão. Em huma só casa (porque são mui compridas), assistem muitas familias, porquanto se amão todos fraternalmente, e com gosto arrojão a vida a todo e qualquer risco, por acudir a cada hum d'aquelles com quem vivem. Guerras nunca as emprehendem por defender ou dilatar suas fronteiras, mas sim por pundonor, quando concebem que forão aviltados por seus convizinhos, ou qualquer outra arredada nação. Nesse caso anciãos, que já na guerra esclarecêrão nos nomes quando moços, entrão no conselho, e antes que deliberem, cada hum toma tanta bebida quanta seu animo lhe pede; e logo mettem suas forças e vontades a pôr por obra quanto á cerca da guerra e da paz foi pelos velhos decretado. Escolhem, como já dissemos, por general o acerrimo em seu conceito, honra de que subito o despojão, se em alguma occorrencia teve o menor desar de cobardia, e lhe substituem outro no seu posto. Vae o general de casa em casa convidando a todos com grandes gritos para a guerra, e avisando-os de como tem de se aviar para ella, e quanto lhes he necessaria a valentia. Só usão de arcos e flechas, mas com espadas tambem lavradas de madeira durissima, quebrão e fendem os membros dos inimigos. Tração frequentes emboscadas, e põem o ponto em acommetter de sobresalto os seus contrarios. Os prisioneiros de guerra, mórmente se velhos são, sem tardar os comem; os mais os prendem. A quantos dos seus na guerra perecêrão fazem mui pranteados funeraes, em cuja celebração fazem o encomio de seu valor.»

Taes eram os homens com quem Cabral se achou na terra do Brazil. Nada, porém, enchia já de espanto os audazes descobridores do mundo: nem o singular dos habitantes, nem a fereza dos brutos,

nem a novidade das paysagens. O Brazil assimilhava-se-lhes á Asia, e os traços communs da phisionomia dos seus indigenas, dos representantes da sua fauna, têm sido observados e reconhecidos pelos sabios de hoje.

A ausencia dos grandes mammiferos, privilegio da Africa, e a multiplicidade dos trepadores, são com effeito os dous caracteres essenciaes da fauna brasilio-chilena, cujas especies, sem serem identicas, são analogas ás do Indostão. A exuberancia da vegetação, as florestas cerradas que por toda a parte vestem as montanhas, deram a cauda apprehensora ao macaco, aos roedores, aos edentados e até aos carnivoros, e ensinaram os reptis a subir ás arvores.

A floresta é o principal traço da phisionomia natural da região: o que falta em grandeza ao reino animal, coube ao reino vegetal. Ao contrario da zona temperada, em que duas ou tres especies ensombram regiões inteiras, aqui, ao enorme das proporções, junta-se a variedade dos individuos. Levanta-se a carnahuba como uma columna coroada por um capital de folhagem, o feto com as suas palmas gigantescas, as myrtaceas, as scitamineas, as bromelias, a figueira atormentada e colossal, a mangueira, o cedro, a peroba, as palmeiras, as guttiferas; e a floresta produz tudo quanto falta á vida dos seus habitantes. Produz madeira e linhas, resinas e gommas, fructos e oleos. Veste-os e alimenta-os; dá-lhes os fios para as redes, o arco para a caça, a piroga e os remos para atravessarem os rios. Dos braços tortuosos das grandes arvores pendem como lagrimas as orchideas, e os cipós entretecem os troncos, fazendo de tudo uma massa viva em cujo seio habita o animal. Infinitos os contornos das folhas, singulares, extravagantes os

parasitas vegetaes, os musgos, os lichens, deslumbrantes as flôres, abrindo-se por entre a ramagem de um verde sempre vivo, formam um conjuncto de que os tons se esbatem á luz de uma atmosphera saturada de vapores leves. O horisonte alarga-se, e tudo se funde n'uma nuvem pardo-azul que enthusiasmou Darwin.

No coração da floresta reina uma singular mistura de silencio e de rumores: os maribondos perpassam em nuvens, insinuando-se por entre as folhas, os passaros chilram e amam, o morcego e o vampiro esvoaçam batendo com as azas felpudas em busca de sangue quente; os saguins e os macacos balouçam-se dos ramos, suspensos nas caudas, com esgares e momices; o papagaio e a arara de côres rutilantes soltam os gritos stridulos; as cobras espreguiçam-se contorcendo a sua indolencia molle; e rastejando, farejando, caçando, astutamente, o coati, a onça negra, o jaguar que é o tigre americano, e o puma leão do Brazil, somem-se por entre os troncos das arvores, onde se aninham a preguiça, a cotia e o tatu, estalando as esteiras de folhas putridas que lhe abafam os passos, esmagando as legiões das saúbas diligentes. Os inermes roedores fogem breves: a paca e o gamba acolhem-se aos refugios, e o capivara erriçado na sua couraça de espinhos deita-se á agua e boia. Os veados, os tapiras, os tamanduas e os pecaris, sentindo o perigo, correm por entre os cipós, estremecendo na passagem as ondas de folhagem verde.

Em velha companhia com os habitantes da floresta existe o indio, cuja face acobreada, com o craneo esguio e os olhos obliquos, apparece por meio dos ramos, o ouvido armado, para distinguir, no silencio genesiaco em que se fundem todos os

rumores vivos, abafados pela vegetação, o leve ruido do animal que elle persegue e disputa aos seus rivaes caçadores.

Tres grandes familias de indios habitaram ou habitam a America do sul: os ando-peruvianos, os pampeanos e os brasilio-guaranis. São estes ultimos que particularmente nos interessam; entretanto convém esclarecer, — tanto quanto n'estas questões é licito, — a filiação das raças indigenas do Brazil.

A côr vermelha dada como caracteristica das raças americanas, nem é commum, nem até póde mais ser uma base de classificação. Desde o polo norte até á Terra-do-fogo encontram-se todas as cambiantes de côr de pelle, a principiar no branco, a terminar no perfeito negro dos indigenas da California, e dos *charruas* do Uruguay. A estatura vae desde o gigantesco patagonio até ao anão chango. Apesar d'isso, porém, a anthropologia reconhece uma unidade de typo no conjuncto dos habitantes que de facto povoavam a America, na época em que os europeus a descobriram, ao norte e ao sul. No continente do norte observa-se a coexistencia mais ou menos definida dos carateres conhecidos das raças européas e das mongolicas: os cabellos corredios, o nariz achatado, a pelle amarellada a fenda palpebral estreita, os olhos obliquos, o occiput deprimido, — e o nariz agudo e saliente, a estatura elevada, pequeno o prognathismo. Parece uma raça cruzada, de um elemento claramente asiatico com outro similhante ao europeu.

No continente do sul, porém, este segundo elemento desapparece. Spix e Martius julgaram ver chinezes nos caraibas do Orinoco; e ao passo que dizem ser rarissimo encontrar no norte accentuada com nitidez a obliquidade dos olhos, commum aos

malaios e mongolicos, confessam que esse caracter é geral em muitas tribus do ramo brasilio-guarani. Côr vermelha ou acobreada, descendo até ao amarello, face cheia, circular, nariz curto, estreito e achatado, olhos pequenos e obliquos, feições effeminadas, cabellos raros, membros grossos e pesados, espaduas e peito largos : eis ahi os caracteres genericos, determinados pelos celebres naturalistas allemães ao ramo brasilio-guarani, que dividiram em nove grupos :

1. Tupís ou guaranís. — 2. Guês ou crans, no valle do Amazonas e Parnahyba (cayapos, chavantes, mongoyos, cotochos, etc.) — 3. Goyatacas, dispersos e quasi extinctos. — 4. Crens ou guarens (puris, coroados, ararys, aymores ou botocudos.) — 5. Parichis ou poragis, assentes na divisoria do Madeira e do Paraguay (guachis, cabixis, mequens, tamaris, etc.) — 6. Guaycurus, ou linguas, ao sul do Gran-Chaco, ligados ao ramo pampeano. — 7. Gucks ou cocos, nas vertentes dos confluentes do norte do Amazonas. — 8. Arnaques, da Guiana franceza, nas cabeceiras do rio-Negro. — 9. Caraibas, no baixo Orinoco.

Como se vê, d'estes nove grupos, os cinco ultimos apenas bordam o territorio brazileiro pelo occidente, pelo extremo sul, e pelo norte. O terceiro, quasi extincto, com os tupis, os guês e os crens são aquelles a quem melhor convém o nome de indigenas do Brazil. Estes ultimos, a quem se considera como primitivos habitantes, teriam sido varridos dos seus dominios littoraes para os sertões interiores, por occasião da migração dos tupis que avassallaram o Brazil desde o Paraguay até ao Amazonas. Vencida, mas não submettida, a nação cren não deixou em paz, nem os primeiros, nem os segundos invasores, — os portuguezes ; e a descida

dos aymores em 1560 ficou celebre pelos morticinios e pela destruição quasi total das capitanias de Porto-Seguro e Ilheus. O que restou da vingança terrivel de Mem de Sá [1] recebeu o nome de *botocudos,* e ficou vagueando miseravel pelas margens do rio Doce e do Belmonte.

Os tupis ou guaranis, senhores do Brazil na epocha da invasão portugueza, dividiam-se em numerosas tribus. Os carijós, entre os quaes se fixaram os primeiros colonos de S. Paulo, escravisados, e alliados aos novos dominadores contra as tribus visinhas, extinguiram-se. Os tamoyos que occupavam a costa entre o cabo S. Thomé e Angra-dos-reis tiveram egual sorte. Os tupininquins ou tupinaes, de entre a Bahia e o Rio, os que receberam Pedralvares Cabral, emigraram para o interior. Os tupinambas, estabelecidos no Rio e na Bahia, alliados contra nós aos francezes e aos hollandezes, depois de vencidos, fugiram, indo demandar as vertentes peruvianas do Amazonas. Os amapiras e os cahetés, inimigos irreconciliaveis dos tupinambas, foram exterminados pelas guerras ou pela escravidão, e desappareceram do seu territorio de entre o S. Francisco e o Parahyba; da mesma fórma que para o norte succedeu aos pitaguares.

A's tribus tupis, acontecia, por mão dos portuguezes, o que aos aymores ou crens succedera antes: eram expulsas ou exterminadas na lucta com o invasor mais forte. A colonisação europêa vinha collocar sobre o solo do Brazil uma terceira camada de habitadores. Das camadas anteriores que resta? Miseraveis reliquias de tribus em alguns pontos do littoral do centro, laivos de sangue nos

[1] V. *supra,* pp. 36-37.

europeus, algumas aldeias de indifferentes e indolentes lavradores, reliquias tambem da passada obra dos jesuitas. No littoral do extremo sul e principalmente no do extremo norte, nos sertões do Amazonas e nos sertões do Paraná e do Paraguay habitam, porém, ainda as tribus de ambas as nações que precederam a portugueza no dominio do territorio brazileiro.

Sarjado todo o Brazil por caminhos, terrestres ou fluviaes, mosqueado de villas perdidas pelas serras, a sorte infallivel, embora distante ainda, dos selvagens é o exterminio, o acabamento. Assim aconteceu sempre que frente a frente se encontraram sobre a terra duas raças animaes, humanas ou não humanas, mais e menos bem armadas para a disputa do solo. Outr'ora os jesuitas com ingenua fé, e ainda hoje os philanthropos com uma crença menos ardente, acreditaram na possibilidade de conquistar para a civilisação as raças indigenas dos climas em que a natureza deu tudo á vida vegetal e animal, conservando o homem nos mais baixos typos da especie. Porventura, senão com certeza, os typos superiores da humanidade só podiam viver em regiões relativamente ingratas: as faculdades humanas, aguçadas pela necessidade, desenvolvem-se; ao passo que o homem dos tropicos, servido por uma natureza prodiga, sem estimulos, se não se extingue, impotente, deixa-se absorver pelo meio, incapaz de subir, incapaz de saír da primitiva condição.

Esse problema da aptidão das raças selvagens, do seu possivel desenvolvimento social e intellectual, parece resolvido. Contra a affirmação de que o cerebro exiguo do indio podia, pela educação, engrossar como engrossa um musculo (Hawkshaw), depoem as observações anthropologicas mos-

trando-nos uma capacidade craniana proximamente egual entre os homens pre-historicos e os actuaes indigenas, da Europa e da America. Contra as patheticas opiniões de um Las Casas depõe o facto da incapacidade do indio para, *motu proprio,* saír da condição de caçador para a de pastor, menos ainda para a de agricultor; depõe o resultado dos aldeamentos, estereis experiencias que levaram apenas, por um caminho diverso, á mesma escravisação necessaria, predecessora de uma extincção fatal. E contra a romantica descripção da agudeza das faculdades dos indios, depõe finalmente o proprio caracter dos testemunhos adduzidos. A agudeza dos sentidos, a perspicacia da vista, o alcance do ouvido, são qualidades adquiridas e apuradas pela vida caçadora e communs a toda a especie de carnivoros; e os habitos reservados e taciturnos, supposta manifestação de uma dissimulação superior, são apenas o correspondente do que qualquer observa nos animaes bravíos, insusceptiveis de domesticação. Se o indio tem a falla, e por isso é homem, o seu cerebro pesa pouco de mais para poder attingir a capacidade de raciocinar, reflectir e ter consciencia.

A insufficiencia do saber, a erronea philosophia da natureza, a illusão espiritualista que suppunha inherente, á falla e á fórma humana, uma *alma* divina, essencialmente identica em todas as especies de homens, eis ahi a causa primaria das antigas doutrinas coloniaes dos jesuitas, e ainda hoje o motivo das opiniões sentimentaes dos philanthropos biblicos. Os differentes typos de homem formam uma hierarchia, differentemente dotada; e entre o indio anthropophago, entre o homem que engorda os filhos para os devorar e que os vende; entre a mãe de cujos seios pende de um lado o recemnas-

cido, do outro um cão ou um macaco, e que amamenta a ambos com egual amor; entre essas infimas raças humanas e os homens superiores, ha differenças tão essenciaes, como entre ellas e os typos mais elevados dos animaes sem falla. No combate da vida não luctam só as bestas com os homens: luctam os homens entre si, e a natureza condemna á extincção os que mais proximo estão das bestas.

Não são apenas as luctas á mão armada, não são as armas de fogo, a unica, nem mesmo a principal causa do exterminio das raças selvagens. Os naturalistas têm observado casos mais graves ainda e menos explicaveis, do que o facto da limitação dos territorios livres e da emigração da caça, para as tribus que não podem saír d'essa condição de vida. Vencido nas guerras, dizimado pela escravidão, expulso e repellido dos seus territorios, o indio soffre ainda por outra fórma, menos dependente da vontade dos seus concorrentes, as consequencias da lei natural que condemna ao desapparecimento, não só as especies humanas inferiores, como todas as outras especies animaes, perante um inimigo mais forte e susceptivel de aclimatação local. Essa causa, mysteriosa para muitos, é a epidemia.

Os europeus levam comsigo a semente da destruição, e por toda a parte onde vão, além da polvora com que matam voluntariamente, além do alcohol com que, sem pensamento reservado, só por ganho, envenenam os indigenas, deixam um rastro de mortifera influencia. As molestias, para nós mais innocentes, como o sarampo, produziram devastações horriveis. As bexigas mataram mais de trinta mil tupinambas no Rio e em S. Paulo no seculo XVI, [1] — de onze estabelecimentos jesuitas, seis

[1] V. *supra*, pp. 37-8.

desappareceram por morte dos indigenas, — e destruiram no fim do seculo passado a tribu de Port-Jackson (Sydney) na Australia. O sarampo reduziu a metade a população das ilhas Fidji, a escarlatina exterminou os negros do Cabo. E nem só o branco leva comsigo este elemento de destruição: tambem os polynesios de extracção malaya varreram diante de si os indigenas de pelle mais negra, em certas partes do archipelago das Indias orientaes. As variedades humanas, diz Darwin, [1] parece reagirem umas sobre as outras, da mesma fórma que as differentes especies de animaes. Todos sabem da diminuição inexplicavel da população bella e san das ilhas Taiti depois da viagem de Cook. Naturalistas sustentam que ao encontro de europeus e selvagens se produzam sempre febres e dysenterias; e os habitantes das ilhas Pitcairn contam que depois da visita de cada navio serão affectados de doenças cutaneas. Já Humboldt observára que as grandes epidemias do Panamá e do Perú coincidiam sempre com a chegada dos navios vindos do Chili.

A sentença condemnatoria das especies inferiores reveste, pois, varias fórmas: desde as que provém directamente da vontade dos inimigos mais fortes, como a escravisação e a guerra; até ás consequencias da occupação, como as emigrações, a diminuição da caça, a penuria da vida errante, a maior mortalidade das creanças, a crescente esterilidade das mulheres; até ás consequencias do commercio, como o alcoholismo; até, finalmente, ás epidemias em que a vontade do homem, nem directa nem indirectamente, intervém. De que valem pois as illusões, de certo nobres? Mostram-nos ape-

[1] *Voyage d'un naturaliste. (tr. fr.)*

nas que no genio do homem ha um *quid* superior á natureza, capaz de se definir independentemente d'ella, contra ella até; capaz de se rebellar contra destinos cuja moral desconhece. Mas de que valem tentativas e esforços provadamente vãos? Se a somma de enthusiasmos e caridade, gastos inutilmente com as raças quasi-animaes, se tivesse applicado, se applicasse, ás raças verdadeiramente humanas, não se teria escolhido melhor o alvo, sem se diminuir o merecimento moral do acto? E' um erro suppôr que o termo das illusões passadas importe a destruição das verdades eternas da consciencia humana. A moral nada tem que ver com a hypothese da alma, nem a nobreza do homem com a theoria da unidade da especie.

V

A immigração africana e asiatica

O que deixamos escripto basta para mostrar a razão da inutilidade dos esforços empregados recentemente na catechese dos indios. Ainda quando a resurreição do chimerico plano dos jesuitas, ainda quando o futuro de um Brazil indio-cretino, fosse uma obra sensata e promettedora, os factos estão mostrando todos os dias a inutilidade das tentativas emprehendidas por varios meios. Sobre um milhão — apenas — em que se orça hoje a população indigena do Brazil, só quinze ou vinte mil indios se contam nas aldeias. Provada a impossibilidade de domesticar os indios adultos, o Estado compra os filhos aos paes e educa-os nos collegios

dos missionarios. São esses os aldeãos. No furor um tanto inconsiderado de augmentar a sua popução fixa, o Brazil lança a mão de tudo. De que lhe servem porém as aldeias, senão para consumirem uma parte da força e da riqueza, que applicada de outra fórma seria bem mais util? [1] O platonico empenho de civilisar uma raça inferior vem ainda d'essa illusão antiga filiada em noções que hoje caíram. O indio comprado ao pae vem a valer menos do que elle, porque, sem ganhar nada em capacidade, perdeu na nobreza esthetica da liberdade bravia e selvagem. Baptisado, mas nem por isso christão, sómente cretino, cultiva os vegetaes que come, e arrasta uma vida inutil para si e para todos. Melhor lhe fôra morrer independente, do que prolongar uma existencia artificial que não póde impedir o curso das leis de uma natureza sem piedade.

Chimerico e impraticavel o plano da repovoação

[1] Das antigas missões dos capuchinhos restam apenas 57 sacerdotes dessiminados por todo o imperio. Em 1870 renovou-se o movimento da creação das aldeias e os franciscanos fundaram no alto-Amazonas 3 estabelecimentos que contavam (V. *O Brazil na Expos. de Philad.* 1875) 386 indios: S. Francisco (rio Preto), Caldeirão (Solimões), S. Pedro (Madeira). Por seu lado o Estado fundava os collegios de Santa Isabel (sobre o Araguaya), o de Mauaus e o do rio-Doce (Espirito Santo) subsidiados para compra e educação de creanças. Varias outras aldeias attestam as antigas e modernas tentativas, a saber:

Pará	1	(Bacabal) com 500 indios
Maranhão	28	(de 1840 a 72) com 10:000 (?)
Ceará	1	(Milagres) quasi extincta
Pernambuco	2	(Brejo e Santa-Maria) id.
Espirito Santo	1	(Mutum) com 80 indios
Minas	3	com 700 indios
Paraná	3	» 1372 »
Rio Grande do Sul	1	(Nonohay) com 302 indios
Matto-grosso	6	com ?
Goyaz	6	»

do Brazil pelos indios catechisados, outro programma de colonisação, — praticado outr'ora com maior proveito, — teve de ser abandonado: a immigração dos negros escravisados. Meio artificial, porque, se a escravidão se nos apresenta como uma fórma natural-social do primitivo estabelecimento das nações, o caso de um transporte de braços escravos de uma raça exotica differe essencialmente e por varios motivos do anterior; meio artificial, pois, repetimos, a immigração de negros escravos podia servir ao regime colonial, á exploração da *fazenda* americana pelos portuguezes; mas não serve decerto ao desenvolvimento natural de uma nação, — se essa nação quer adquirir homogeneidade e fixidez e perder o caracter economico de colonia, obra mais complexa e difficil do que a perda do caracter de dependencia politica.

A prohibição do trafico, e mais tarde a abolição

A estes estabelecimentos é mistér addicionar os presidios e colonias militares, cuja principal razão de ser é ainda a catechese dos indios ou a segurança das communicações fluviaes. Goyaz conta 7 d'estos presidios militares estabelecidos para guarda da navegação do Tocantins e do Araguaya: são tambem aldeias de indios. As colonias têm mais directamente por fim a submissão das tribus selvagens. O regime militar é ahi preferido ao ecclesiastico ou civil experimentado nas aldeias dos missionarios ou do Estado. As tres fórmas coexistem. São numerosas as colonias militares e subsidiadas com o orçamento annual de 300 contos. Entre todas florescem relativamente: Obidos (500) no Pará; S. Pedro de Alcantara (600) no Maranhão; Dourados e Miranda, em Matto-grosso; Itapurá (335) e Avanhandava (1000) em S. Paulo; D. Pedro II e S. João (259) no Pará; Urucu em Minas.

Em Santa-Catharina, a colonia de S. Thereza é destinada aos veteranos do exercito, com lotes de terras, á antiga romana. Conta 454 homens.

Além d'isto o regime colonial-militar inclue Fernando-Noronha (Pernambuco) presidio de criminosos forçados a um trabalho agricola. Conta 2088 hab., produz o que consome e exporta milho e algodão.

(V. agora e ulteriormente, além do *Brazil em Philad.* já citado, o livro do snr. A. de Carvalho, *O Brazil,* valioso em subsidios para a historia da moderna repovoação do imperio.)

da escravidão, [1] contam, pois, entre as medidas eminentes da constituição nacional do Brazil, quaesquer que sejam os embaraços transitorios que d'ahi venham ou tivessem vindo á economia da producção agricola.

Naturalmente esteril a fonte do trabalho indigena, seccada pela lei a fonte do trabalho escravo negro, a perigosa tentação de ir buscar braços a outro viveiro de raças inferiores prolificas embriaga muitos espiritos. Se o indigena é incapaz, se não podemos ter mais negros, porque não iremos em demanda de homens á India e á China, esses viveiros de gente passiva e laboriosa, que não poderá, é verdade, ser nossa escrava, mas se submetterá ao regime de uma quasi-servidão rendosa para nós? Assim pensa o fazendeiro, calculando as centenas de arrobas de café que a falta de braços lhe

[1] 1810 — Nos tratados com a Inglaterra (V. *supra*, p. 106) Portugal obriga-se a abolir o trafico.

1817-8 — Restricções do trafico. Augmento dos direitos de importação, de 6000 a 15:600, por cabeça. Metade da differença applicada a um fundo de colonisação branca : d'ahí nasceram as primeiras colonias suissas. A exportação dos escravos limitada na Africa : oriental, entre Cabo-delgado e Lourenço-Marques; occidental, de 8 a 18° S.

1851 — Prohibição absoluta de importação de escravos no Brazil.

1871 — Alforria dos escravos da nação e da casa imperial. Creação do estabelecimento de S. Pedro de Alcantara (Piauhy) para receber os libertos ; e do fundo de libertação dos escravos particulares. O ventre é declarado livre ; ninguem mais nasce escravo.

De 1871-5 as verbas gastas pelo fundo de libertação sommaram 4:056 contos; com elle, com as alforrias dadas espontaneamente pelos senhores ; com os subsidios provinciaes ; com a caridade; com a auto-alforria obtida pelos escravos por meio de suas economias; — de 71-5 tinham-se libertado 6:000 negros. Ao mesmo tempo, em virtude da lei, nasciam livres n'esse periodo 64:000. O concurso d'estes meios fará extinguir em breves annos a escravidão do Brazil. Pelo censo de 72 o numero dos escravos era de 1.500:000.

não deixa colher, ávido de enthesoirar um lucro tentador.

O interesse do fazendeiro não é, n'este caso, o interesse do Estado; nem o volume dos lucros immediatos o criterio superior de quem olha para os interesses permanentes, futuros, de um povo, não para o ganho vitalicio e transitorio dos homens ricos da nação. A Economia-politica destruiu na primeira metade d'este seculo a illusão antiga da coincidencia da riqueza nacional com a abundancia do numerario; á Economia-social cabe, na segunda metade d'elle, destruir a illusão creada por uma sciencia incompleta: a illusão de que a riqueza dos particulares, a abundancia da producção, coincida com a verdadeira riqueza collectiva, — a qual provém principalmente da ordem na distribuição dos productos creados, não artificialmente, por uma protecção anachronica, mas sim natural e normalmente por uma concorrencia que só moralisada e equilibrada é, porém, verdadeiramente livre.

Substituir ao escravo negro o trabalho do chinez é crear indiscretamente os problemas com que hoje se debate a California. São exemplos actuaes e não méras opiniões, nem documentos mais ou menos discutiveis, arrancados ao passado. Esmagada pela concorrencia pertinaz como a de um viveiro de formigas, pela concorrencia dos chinezes passivos, humildes, calados mas infatigaveis, a California não hesita em rasgar a constituição, negar a liberdade, decretar a expulsão inteira de uma gente que lhe pesa e a absorve e a domina. A lei da salvação-publica, a fatal e dura lei da Razão-d'Estado, impondo-se cruelmente, obriga a suspender a norma das garantias liberaes. A immigração chineza trouxe comsigo a crise da California, — agora mesmo no periodo agudo: — porque iria o Brazil, para au-

gmentar a riqueza dos seus fazendeiros, buscar os elementos de futuras crises constitucionaes?

Substituir ao escravo negro o chinez livre, é prolongar a condição colonial, — embora seja independente o governo, — e embaraçar o desenvolvimento dos orgãos naturaes-nacionaes. Só uma população homogenea, fixa, mais ou menos productora de tudo o que é essencial á vida, póde constituir verdadeiramente uma nação. Um aggregado de gente sem unidade, uma minoria de lavradores opulentos explorando o trabalho de uma população exotica e inferior; uma producção exclusiva por cuja troca se obtem as commodidades necessarias á existencia, foi sempre o caracter proprio de uma colonia.

A historia do Brazil mostrou-nos isto com evidencia na comparação da *fazenda* portugueza do norte, com a nação embryonaria no sul; e se o Brazil é um imperio politicamente independente, ao segundo e não ao primeiro dos seus dois antigos estados o deve. Não basta a independencia politica para constituir uma nação: a este termo corresponde a idéa de uma autonomia ethnica, moral, intellectual e economica. A colonia é o contrario d'isto.

Lançar sobre um fundo de sete ou oito milhões de europeus, uma onda de chinezes ou indios, que não se esgotará se a corrente fôr favorecida pelo clima e outras condições, seria decerto enriquecer agora os cultivadores de algodão e café, mas seria tambem, n'um futuro proximo, ou arruinar o porvir da nacionalidade nascente, ou lançal-a nos perigos de crises gravissimas. Ou a reacção do elemento europeu conduziria a uma situação qual é a actual da California; ou esse elemento seria abafado e perdido nas ondas de uma população asiatica, e os laivos de sangue branco, cada vez mais obliterados

pelos cruzamentos successivos, desappareciam por fim. Um Brazil chinez, a substituição de um dos focos de civilisação européa na America por uma nação mestiça e abastardada, é uma perspectiva repugnante.

Além de todos estes graves embora remotos perigos, não devem esquecer-se as consequencias immediatas de uma immigração chineza. A roedora corrupção caduca da velha Asia lavra n'essas raças a quem a idéa de um progresso moral e material parece já estranha. Estagnadas, como as aguas de uma lagoa, apodrecem. E os *coolies* que emigram são ainda a escoria de uma população avariada em todo o seu systema. E para além d'estas nodoas que a immigração purulenta lançaria entre as populações européas, estão considerações de outra ordem. O chinez não emigra, viaja. Não muda os penates, aluga temporariamente o braço. Não é uma população que se fixa, é a maré em permamente fluxo e refluxo. As consequencias de ordem ethnica ou moral são portanto as mesmas, sem o serem porém as de ordem economica. A onda que vem, chega nua e faminta; a onda que vae, regressa cheia e vestida. As economias do trabalho não se consolidam n'uma terra que para o chinez não é patria adoptiva, mas sim estação temporaria apenas; e os metaes, especie em que leva comsigo as suas economias, escasseiam desde logo, e apparecem as crises do numerario.

Um Brazil europeu e não asiatico, uma nação e não uma colonia, eis ahi o seguro porvir da antiga America portugueza. Seguro, mas lento: assim se construem as obras duradouras. De que vale, para que serve, a cega precipitação, a mais cega pressa de devorar toda a riqueza do mundo? Exploramos uma concessão vitalicia ou somos apenas, nós ho-

mens de hoje, um momento e um aspecto da indefinida successão das gerações? Solidarios com os antepassados e os vindouros, accesos no respeito da humanidade eterna e ideal, é que os homens fundam as nações: o secco utilitarismo, o egoismo individual, o materialismo pratico, são armas uteis, — mas só para obras inferiores. Jámais com ellas se crearam Romas!

VI

A immigração europêa

Quando as causas e as medidas, que no principio do seculo annunciavam o fim á escravidão negra, appareceram; quando o Brazil foi aberto ao estudo dos naturalistas e os seus portos ao commercio de todas as nações; desenvolveu-se um movimento no sentido de provocar uma immigração de suissos e allemães. Pensou-se em desviar para o sul uma parte da corrente de immigração que da Europa do centro e norte vae todos os annos para os Estados-Unidos; e com esse novo affluxo de homens fomentar a colonisação do reino, depois imperio do Brazil, mais rapidamente do que o consentiam o augmento natural da população e a immigração dos portuguezes. Quatro colonias creadas e protegidas pelo Estado se fundaram então com exito, [1] e hoje, emancipadas, entraram politicamente no systema da administração geral do imperio, embora a sua população germanica se não fundisse no corpo da população nacional. Até ao meiado do

[1] Santo-Agostinho (Esp. Santo) 1812; Leopoldina (Bahia) 18; Nova Friburgo (Rio Janeiro) 19; S. Leopoldo (R. g. sul) 25.

seculo, as provincias, pelos seus governos, seguiram o exemplo do Estado; mas as tentativas posteriores aos primeiros ensaios não deram resultados correspondentes. De onze colonias creadas (1826-46), sete definharam e morreram. E' no decennio seguinte que a iniciativa particular intervém decididamente creando o typo das colonias de parceria, mas o resultado não correspondeu ás esperanças. A agitação produzida em 60-1 provou esteril, e o systema da colonisação foi caíndo gradualmente em abandono, apesar das quantiosas sommas dispendidas pelo thesouro para o amparar. [1]

[1] Estes são os algarismos principaes da estatistica das colonias européas do Brazil:

I Colonias existentes em 1875

PROVINCIAS	COLONIAS DO Estado	Prov.	Partic.	Total		Popul.
Pará	1	1	1	3	com	237 h.
Bahia	1	2	—	3	»	1941 »
Paraná	1	4	3	8	»	3138 »
Espirito Santo	3	—	1	4	»	7297 »
Minas	1	—	1	2	»	2020 »
Rio de Janeiro	1	—	—	1	»	400 »
Santa Catharina	2	1	1	4	»	19856 »
Pernambuco	—	2	—	2	»	900 »
Amazonas	—	—	1	1	»	?
S. Paulo	1	—	13	14	»	2142 »
R. g. do Sul	1	5	4	10	»	10552 »
	12	15	25	52	»	48483

D'estas, contam para cima de 2:000 habitantes:

Soledade	no Rio grande do Sul	2187	h.	diversos
Itajahy	em Santa Catharina	2891	»	allemães
S. Leopoldina	no Espirito Santo	5000	»	»
Blumenau	em Santa Catharina	7621	»	»
D. Francisca	»	7860	»	»

Em 1873 a população colonial era de 40.323 h. e como em 74 se emanciparam, entrando no regime administrativo commum, as colonias de Santa Cruz e S. Angelo, com 8816 h., vê-se que de 73 a 75 houve o accrescimo de 16.976 h.

O exito duvidoso, — para uns proveniente dos erros da administração apenas, para outros de causas mais graves, — das colonias do Estado voltara

II Emancipação e extincção até 1875

PROVINCIAS	EMANCIPADAS			EXTINCTAS			TOTAL		
Rio grande do Sul	3 com	31:545	h.	7 com	?	h.	10 com	31:545	h.
Santa Catharina	6 »	3:311	»	4 »	282	»	10 »	3:593	»
Paraná	—	—		3 »	?	»	3 »	?	
S. Paulo	—	—		42 »	3:075	»	42 »	3:075	»
Rio de Janeiro	3 »	10:348	»	5 »	670	»	8 »	11:018	»
Minas	—	—		1 »	195	»	1 »	195	»
Espirito Santo	2 »	801	»	1 »	16	»	3 »	817	»
Bahia	1 »	?		4 »	1:366	»	5 »	1:366	»
Piauhy	—	—		2 »	?	»	2 »	?	
Maranhão	—	—		6 »	974	»	6 »	974	»
Pará	—	—		2 »	?	»	2 »	?	
	15 »	46:005	»	77 »	6:578	»	92 »	52:583	»

Das colonias emancipadas contavam acima de 2:000 h.

S. Leopoldo	no Rio grande do Sul	(Estado)	com	22:729 h.
S. Cruz	»	(Prov.)	»	7:000 »
Petropolis	no Rio de Janeiro	(Estado)	»	8:200 »

Todas as colonias extinctas eram inferiores a 2:000 h.

Diversas conclusões podemos tirar d'estes algarismos:

a) Sommando a pop. das colonias, existentes, emancipadas e extinctas, obtemos o numero de 101:066: d'este numero 65 por cento, ou 65:546 é representado pelas colonias de S. Catharina e Rio graude do Sul; o que nos demonstra que a colonisação germanica só se tem fixado no extremo sul do Brazil, oude o clima é mais benigno.

b) As provincias do norte não têm colonias; poucas o centro; e a povoação d'esta especie não se alargou além da zona maritima.

c) Retirando, do total de 101:066 h. das 144 colonias creadas, as do Rio de Janeiro, S. Catharina, Rio grande do Sul e Espirito-Santo, quo são 50 com 85:078 h., vemos que, do resto, dous terços extinguem-se, não vingam.

III O regime das colonias

As creações de colonias pelo Estado são mais fecundas do que as das provincias, e do que as dos particulares:

	ESTADO		PROVINCIAS		PARTICULARES	
Colonias creadas	31 com	62:376 h.	20 com	15:629 h.	93 com	22:998 h.
emancipadas	10 »	36:860 »	4 »	8:816 »	1 »	329 »
extinctas	9 »	1:815 »	1 »	? »	67 »	4:763 »
existentes	12 »	23:701 »	15 »	6:876 »	25 »	17:906 » *(a)*

(a) *D. Francisca* (S. Catharina) conta por si só 7:860 h. As 24 restantes 10:046 h.

todas as esperanças para a colonisação livre. A' lei de 1850, baseada nos principios do regime agrario da Australia, ligava-se uma viva confiança. A fa-

Por periodos, eis a estatistica da fundação e extincção :

1812 a 25	creadas	4	extinctas	—
1826 a 46	»	11	»	7
1846 a 60	»	96	»	66
1860 a 75	»	33	»	4
		144		77

No periodo de 46-60 floresceu a creação de colonias particulares, em S. Paulo principalmente, mas sem exito algum. D'essas 43 colonias de S. Paulo, fundadas pelo systema de parceria agricola, 39 caíram mais ou menos rapidamente. As quatro restantes conservaram-se sob o regime do salario, ou de preço por unidade de colheita ; e por esta mesma fórma se regem as que posteriormente se fundaram. 10, creadas em 1855 no Rio e no Maranhão, caíram todas. 49 das 66 colonias extinctas no periodo de 46-60, caíam pois pelo vicio da constituição.

A venda das terras pelo Estado dá-nos ainda outro modo de avaliar o fomento da colonisação. Foi annualmente o producto, de:

até 57-8 — 0	até 61-2 — 118 contos
» 59-60 — 6 contos	» 62-3 e seguintes annos
» 60-61 — 29 »	inferior a 20 contos.

As despezas que o Estado tem feito com a colonisação sommaram, de 51 a 71 :

Colonisação	8:339 c.	
Agrimensura	3:271 »	
Diversas	630 »	12:240 c.
Producto das terras		347 »
Liquido		11:893 contos.

Vimos que a população colonial total (suppondo que todos os habitantes das colonias extinctas se fundissem na pop. geral) somma e sommava 100:000. D'este numero, porém, boa metade entrou no Brazil antes de 1851. Por 50:000, pois, se deve dividir a despeza de 12:000 contos (fracos); porque se ha, com effeito, uma certa immigração não colonial, auxiliada pelos subsidios do governo, por outro lado a immigração portugueza, parte da qual se fixa tambem nas colonias, é gratuita. Assim o custo de cada colono allemão (quasi exclusivamente o têm sido) regula por 240 mil réis. Vale esse preço ?

cilidade da navegação, as crises industriaes da Europa que desterravam annualmente para o novo mundo centenas de milhares de homens, deviam favorecer o Brazil como enriqueciam os Estados-Unidos e as colonias inglezas. Fizeram-se contractos, mais ou menos bem pensados, com sociedades de emigração. Os inglezes, os allemães, transportados gratuitamente em vapores subsidiados, encontrariam terrenos demarcados na orla dos caminhos de ferro; pagal-os-hiam durante seis annos por um preço minimo (0,5 a 2 réis por 4,84 m. q.); teriam livres a importação de bagagens e utensilios e um subsidio de installação.

Ao mesmo tempo o Estado subsidiava as provincias, organisava a agrimensura e o cadastro, para distribuir e garantir a propriedade dos recem-chegados; abria a todas as bandeiras a navegação do Amazonas, e não recuava um passo diante de qualquer obstaculo, na empreza de chamar ao Brazil os colonos de raça germanica.

Apesar de tudo, porém, a onda da emigração do norte não corria para o imperio. Os portuguezes continuavam a formar metade e mais dos novos subsidios da população brazileira. [1] A que attribuir similhante decepção? A varias causas, supe-

[1] Estatistica da immigração no Brazil:

	1851-4	1855-64	1864-73 (Rio de Janeiro)
Entradas totaes	34.873	132.079	103.754
Saidas »	7.181	33.085	56.240
Saldo	27.692	98.994	47.514
Entradas de portuguezes	?	71.499	66.258
Saidas »	?	?	32.132
Saldo	?	?	34.126
Saldo medio annual — total	6.923	9.899	4.751
Saldo medio annual — portuguez	?	?	3.412

riores á vontade dos estadistas e á influencia dos subsidios. A' frente d'ellas está a do clima, não pela insalubridade, caso excepcional, mas pela temperatura. A experiencia de já numerosos seculos tem demonstrado que as raças germanicas não se fixam nas regiões tropicaes, maximè quando a concorrencia lhes offerece zonas temperadas de colonisação. Em seguida a esta causa natural, apparece outra social: o Brazil é um estado latino e catholico, e os allemães e protestantes são e ficam estrangeiros. Decrete embora a lei uma nacionalisação franca: as leis não podem fazer mais do que sanccionar factos, ou encaminhar tendencias anteriores. A nacionalisação politica é uma van palavra, quando não corresponde a uma assimilação social.

E' esta que se não dá no Brazil com as colonias germanicas. Vivem no seio do imperio, á alleman, com o seu culto, a sua lingua, os seus jornaes, os seus costumes. São um braço distante da

Immigração no Rio em 64-73, por nações:

	EXTRADAS	SAIDAS	SALDO
Portuguezes	66.258	32.132	34.126
Allemães	3.435	2.273	1.162
Americanos	3.691	2.309	1.382
Francezes	6.714	5.032	1.682
Inglezes	6.454	4.188	2.266
Italianos	10.651	5.602	5.049
Hespanhoes	4.107	2.603	1.504
Diversos	2.444	2.101	343

(No Livro IV § 5 o leitor encontrará mais demoradamente estudados os algarismos da immigração portugueza.)

O saído de portuguezes é, n'este periodo, de quasi de 75 por cento do total, embora a nossa immigração viesse baixando, de quasi 10.000 que era em 55, a pouco mais de metade. A de allemães foi crescendo de 522 (55) a mais de 4.000 (62) por anno, para descer no periodo de 64-73 á media annual de 343. Depois dos portuguezes, os italo-hespanhoes, que abastecem o Rio da Prata, são os mais numerosos.

vaterland européa, não uma molecula fixa da população brazileira. Estão na America, sem se tornarem americanas. — Isto não succede, porém, nos Estados-Unidos, e d'ahi os inglezes pretendem o exclusivo da faculdade de assimilação das nacionalidades que emigram para as suas actuaes ou passadas colonias. Uma observação menos exterior do facto, exacto em si, nos dará porém uma explicação inteiramente diversa. A affinidade das raças é o mais poderoso elemento de assimilação: d'ahi vem, com o parentesco do sangue, a irmandade de instinctos religiosos e sociaes, consagrados em cultos e instituições, senão eguaes, similhantes e em essencia identicos. Por isso o sangue germanico encontra nos Estados-Unidos uma patria que não vê no Brazil: — por isso aos italo-hespanhoes succederia outrotanto na America néo-portugueza. Os sacrificios feitos em vão pelo Brazil, para fixar a emigração alleman no imperio, teriam tido um resultado diverso se fossem dirigidos para a Italia e para a Hespanha, nações irmans de sangue e genio, cuja emigração relativamente abundante colonisa o Rio-da-Prata. A immigração latina, portugueza-italiana-hespanhola, augmentando a população, augmentaria a homogeneidade e consistencia do novo imperio. Ver-se-hia então como o facto da assimilação não é um privilegio dos saxonios, mas sim uma consequencia do parentesco das raças. E por outro lado a colonisação não ficaria adscripta á região temperada de extremo sul do imperio, porque os latinos do meio-dia da Europa aclimatam-se sob os tropicos, ao contrario dos allemães e saxonios.

Demos, porém, que as condições naturaes e sociaes não tornassem por tal fórma impossivel a colonisação germanica. O futuro do Brazil seria

extravagante. Estalagem aberta a todos os povos europeus, afastados pela raça e pelos costumes, incapazes de formarem fundidos o corpo de uma população homogenea, o imperio fraccionar-se-hia fatalmente em um systema de nações minusculas néo-portuguezas, e néo-suissas, néo-allemãs, néo-inglezas, etc., como são em embryão as colonias germanicas actuaes. Poderia ter ganho com isso o desenvolvimento da riqueza, mas o futuro da nação ficaria gravemente abalado, e por fim certamente perdido.

Do seio do Brazil se tém ouvido os protestos contra a erronea politica, já decadente. Esses protestos, n'um sentido, são inuteis, porque a força das cousas resiste por si só com energia bastante aos planos que a contrariam; mas o grito do *Brazil para os brazileiros* tem para nós o alto merecimento de demonstrar um facto, de resto já de ha muito provado: a existencia de uma consciencia collectiva, de um sentimento definido do futuro nacional. — «Ao cabo de alguns annos, que será d'este nosso Brazil latino, catholico, na presença d'esse outro Brazil germanico, protestante, em habitos, em indole, em tudo completamente repulsivo, antagonico ao Brazil a que pertencemos?»

Facil é diagnosticar o que seria.

O futuro certo, seguro, consistente e verdadeiramente grande do imperio está no desenvolvimento homogeneo da sua população. A immigração é um bem, mas é mister que a infusão de sangue estranho não vá além dos limites de quantidade que o fundo preexistente póde assimilar; e muito menos que traga elementos antipathicos ou heterogeneos. D'esse modo fórma-se uma estalagem, nunca uma nação. O sangue portuguez, e o gallego (que portuguez é) primeiro, o italiano depois, como affin,

eis o que convém ao temperamento do Brazil e ao seu clima tropical. E' pequena a infusão, lento o desenvolvimento? Assim deve, assim tem de ser. Não se comparem os miles de immigrantes do Brazil com as centenas de milhar dos Estados-Unidos, senão quando se puzer, ao lado, o fundo fixo da população de um Estado e o do outro. Entre de oito milhões de brazileiros e quarenta ou cincoenta norte-americanos ha uma distancia que não é apenas proporcional.

Para bem avaliar o desenvolvimento das duas grandes nações americanas é mistér não contrapôr numeros que abstractamente nada significam: é necessario comparar a *ratio* d'esse desenvolvimento. Pois tão pouco tem crescido a população brazileira? Absolutamente será pouco, relativamente é tanto ou mais do que nos Estados-Unidos.[1]

1 A povoação dos Estados-Unidos era de 4 milhões em 1790; e subia a 33 em 1870: octoplicára.

A do Brazil, estacionaria no elemento negro, *decuplicou* no elemento europeu:

		1789	1816 (Balbi)	1872
Brazileiros / Estrang. europeus		800:000	843:000	
Brazileiros				8.200:000
Estrang. europeus				220:000
Mestiços	livres	?	426:000	—
	escravos		202:000	—
Negros	livres	—	159:500	—
	escravos	1.500:000	1.728:000	1.510:000
		2.300:000	3.358:500	9.930:000
Indigenas			259:400	
			3.617:900	

Balbi dividia assim a população (1816) segundo a côr:

Raça branca	843:000
vermelha	259:400
preta	1.887:500
Mestiços	628:000

Em nenhum d'estes calculos se inclue a população iudia selvagem, orçada hoje em um milhão.

Para se poder formar melhor idéa da localisação do augmento da po-

Imaginar possivel é uma illusão, desejar que no Brazil entrem annualmente duzentos ou trezentos mil europeus de qualquer raça, — é um erro deplo-

pulação, eis aqui alguns numeros calculados em datas anteriores ao Censo de 72 e comparados com elle:

PROVINCIAS						
Rio Grande do Sul	1801	40:000	1816	97:600	1872	434:813
S. Paulo	1808	200:000	»	253:400	»	837:354
Minas	»	510:642	»	485:000	»	2.039:735
Matto-grosso		?	»	68:400	»	60:417
Goyaz	1804	50:539	»	90:000	»	160:359
Rio de Janeiro		?	»	575:000	»	782:724
Bahia	1775	245:000	»	858:000	»	1.379:616
Pernambuco	1804	550:000	}		»	841:539
Parahyba	1775	52:000	»	739:000	»	376:226
Ceará	1813	150:000			»	721:686
Rio grande do norte	1775	23:000			»	233:979
Maranhão		?	»	182:000	»	359:040
Pará		?	»	269:500	»	275:237

Provincias destacadas, cuja população anda incluida nas denominações regionaes dos calculos anteriores ao censo de 1872:

Amazonas	pelo censo de 1872	57:610
Piauhy	»	202:222
Alagoas	»	348:009
Sergipe	»	176:243
Espirito Santo	»	82:137
Municipio da Côrte	»	274:972
Paraná	»	126:722
Santa Catharina	»	159:802

Se agora reunirmos os numeros do Censo de Balbi em 1816 e do de 1872 nas seis legiões divididas a p. 131 para estudar a densidade da população, acharemos:

		1816	1872
I-II	Côrte, Rio-de-Janeiro e Espirito-Santo	575:000	1.139:833
III	Ceará, Parahyba, Alagoas, Pernambuco, Rio-g. do norte, Sergipe, Bahia	1.597:000	4.076:698
IV	S. Paulo, Minas-geraes	738:400	2.877:089
V	Rio-g. do Sul, Santa-Catharina, Paraná	97:600	721:937
VI	Pará, Amazonas, Maranhão, Piauhy, Goyaz e Matto-grosso	609:900	1.114:921

Estes numeros, por pouco approximada que seja a sua exactidão, patenteiam claramente o sentido em que se tem dado o desenvolvimento da população.

ravel. Mais vale o caminhar, segura e normalmente, do que a precipitação cheia de riscos. E' dissolvente para a organisação interna de uma nação o ingresso abrupto, a infusão de elementos que, além de excessivos para as forças de absorpção do povo nacional, por força têm de ser por natureza rebeldes e até insusceptiveis de assimilação. E' melhor a immigração lentamente natural que se proporciona ás forças do paiz e se funde, do que a irrupção turbulenta de massas famintas e desmoralisadas. Por brilhantes ou seductores que pareçam exemplos como os da Australia, o facto é que mais de um observador perspicaz descobre ahi motivos para futuras eventuaes crises.

O progresso de uma nação differe essencialmente da exploração de um territorio concedido. N'uma empreza o futuro é vitalicio, o ponto-de-vista apenas o lucro. O Brazil não é uma concessão dada, é uma nação crescente. O acanhado criterio exclusivo do lucro das lavouras e do commercio não basta: é mister que subordinadamente concorra para a construcção firme e duradoura do Estado.

VII

O desenvolvimento da riqueza

Nas sociedades novas, porém, a riqueza tem um papel mais dominante do que a sciencia e a philosophia. E' a iniciação pratica, apoz da qual vem o labutar das escholas e doutrinas ; é a creação da força collectiva, que precede a creação das idéas em que o homem não encontra satisfação a nenhuma necessidade utilitaria. Assim aconteceu na

vida das nações da Europa; porque em toda a parte a constituição do orgão precede o apparecimento da funcção. Sem que a sociedade veja formada a sua structura, estavel a sua riqueza; sem que as ambições levantadas pelos thesouros naturaes patentes e pela escassez de braços para os arrancar e mobilisar, se saciem, — jámais as nações poderam ter uma voz no concerto da humanidade. [1] São assim os Estados-Unidos: quarenta milhões de homens que apenas hoje começam a contar por alguma cousa na vida intellectual da civilisação. Assim é o Brazil, e nem podia ser outra cousa.

N'essas sociedades que começam, e progridem com um fundo de elementos de riqueza quasi inexgotaveis, garantia de um futuro que excederá o europeu, quando a Europa estiver para a America da mesma fórma que a Grecia, primeiro fóco da civilisação, o está hoje para a Europa; n'essas sociedades que começam, — dizemos, — realisa-se a historia de Robinson. Urge construir a cidade, levantar as habitações, obter os alimentos e enriquecer. As cidades maritimas são as melhores universidades, o commercio um professorado excellente. O caminho de ferro tem mais valor do que os estudos sobre as manchas do sol, as cordilheiras da lua, ou a civilisação dos assyrios. As escholas commerciaes e industriaes são mais necessarias do que as academias; a charrua, o martello e a alavanca ainda mais uteis do que os abecedarios. Os engenheiros, geologos, naturalistas e artifices primam sobre os advogados e theologos; e da mesma fórma que as folhas diarias sobre os livros, os manuaes, as *receitas,* a instrucção pratica e applicada, primam sobre as obras de sciencia pura. Não ha vagar nem

[1] V. *Civil. iber.* pag. 169-70.

inclinação para estudar, por amor d'ella, as causas primarias das cousas: quer-se e basta conhecer a modo como as sciencias, nas suas descobertas, podem ser instrumento de immediato exito.

Este caracter das sociedades americanas torna-as ainda tão dependentes da Europa como da Grecia o foi Roma quando, opulenta e forte mas sem autonomia scientifica e intellectual, tinha de ir beber a Athenas a instrucção, superior, abstracta, que é o fermento vivificante sem o qual as sciencias praticas ou artes definham e morrem. As necessidades primarias são mais urgentes, impoem-se com uma força exclusiva.

Entre essas necessidades, porém, honra seja ao Brazil que tão alto põe a instrucção elementar, [1] que por toda a parte multiplica as bibliothecas. Esses institutos de ensino formam já hoje a primeira e indispensavel condição do desenvolvimento material de um paiz. Não é só o espirito que os reclama, é o interesse.

Esgotadas as minas, banida para as tradições da historia a caça dos indigenas, abolida a escravidão, o novo Brazil remiu-se do fardo da herança colonial. A agricultura, fonte de um commercio abundante e prospero, exige dotes diversos e melhor educação. Nós vimos a que ponto de abandono chegara, em Minas, no coração do imperio, a agricultura batida pelo enthusiasmo do ouro. Quando

[1] O ensino primario é publico, e obrigatorio em algumas provincias.

O Estado subsidia a instrucção com 5:200 contos e as Provincias com 4:500; o que somma 9:700 contos (fracos) para 10 milhões de habitantes. O enthusiasmo dos governos provinciaes vae ao ponto de consumirem com a instrucção a quinta, a quarta, até a terça-parte (Minas-Goyaz) dos seus orçamentos de receita. (Comparem-se 4:850 contos e 10 milhões h. com os nossos 6 ou 700 contos e 4 milhões de portuguezes.) O numero das escholas primarias e secundarias é de 5:890, com a frequencia de quasi 200:000 alumnos.

esse enthusiasmo caíu, havia por toda a parte ruinas e campos incultos: foi por essa época a immigração de D. João VI, e d'ahi tambem data a moderna edade do Brazil. Voltou a olhar-se para os campos, e os habitantes acharam no café e no algodão jazigos mais rendosos do que os do ouro. Já em 1820 os progressos da provincia de Minas admiravam os observadores. O algodão em rama e tecido, o café, os couros, o tabaco, as carnes ensaccadas do viveiro pecuario do Brazil central, desciam ao Rio carregando em viagens successivas duas mil bestas. Os saldos de dinheiro eram agora a favor da lavoura da provincia. A partir de então o progresso agricola [1] do imperio foi geral, cons-

[1] Eis aqui alguns dados sobre a producção agricola actual do imperio:

Café. — 1 hectare recebe 920 pés e um homem cultiva 2 hectares. A producção do hectare varía, com as terras, entre 7 e 2:000 kil. com o rendimento medio de 600$000 rs. — As culturas occupam 650:000 hectares com 600 milhões de pés, que produzem 260 mil toneladas de café, das quaes 50 mil se consomem no paiz.

Cana. — O hectare produz uma tonelada de canas ao fim de 15 mezes. O canavial dura 16 a 20 annos. Pernambuco-Bahia, e as provincias limitrophes são o centro da producção do assucar.

Tabaco. — Na Bahia: exportação de 1:500 toneladas.

Algodão. — O hectare contém 4:500 pés que dão 2 toneladas de algodão. Um trabalhador basta para 3 hectares. Além da cultura, o Brazil fia e tece o algodão em 30 fabricas montadas com o capital de 6:500 contos.

O seguinte quadro das exportações maritimas no quinquennio de 69-74 dará idéa da importancia das diversas producções:

	Media annual da exportação	(100)	192:153 contos
1	Café	47,4	91:098
2	Algodão	17,2	33:013
3	Assucar	12,5	24:106
4	Couros	6,6	12:689
5	Gomma elastica	5,4	10:320
6	Tabaco	3,4	6:540
7	Herva-mate	1,9	3:595
8	Ouro e diamantes	1,4	2:582
	Diversos (abaixo de 0,6)	4,2	8:210

tante, apesar de uma ou outra crise local; e a população começou a crescer n'uma razão até ahi desconhecida.

Correspondentemente cresceu o commercio. [1] Multiplicou-se por quinze o movimento externo das alfandegas, ao mesmo tempo que a cabotagem, sextuplicando quasi, traduzia as crescentes relações entre as provincias littoraes do imperio. Ao lado da Inglaterra, até então exclusiva fornecedora do Brazil, appareceram nos seus portos as bandeiras de todo o mundo, e a razão do progresso annual do commercio, — razão que excede o de qualquer outra na-

[1] Estatistica commercial do Brazil: (Moeda-fraca)

a) Valor total annual medio do commercio maritimo externo:

antes de 1808	22:600 c.	razão media do progresso = 20,67 por cento
1839-44	66:169 »	
1849-54	148:214 «	
1859-64	236:512 «	
1869-74	347:279 »	

	IMPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES	SALDO
1864-9 (totaes)	723:978	847:418	123:440
1869-74 »	775:630	960:767	185:137
Excessos	51:652	113:349	61:697

b) Idem de cabotagens (importações)

1839-44	17:275
1849-54	24:204
1859-64	42:020
1869-74	93:585

c) Nacionalidade do commercio externo (percentagens)

	IMPORTAÇÃO (100)	EXPORTAÇÃO (100)	SOMMA (200)
Inglaterra	51,47	45,30	96,77
França	19,49	13,46	32,95
Estados-Unidos	4,67	20,90	25,57
» da Prata	9,13	4,75	13,88
Portugal	5,01	4,73	9,74
Allemanha	5,21	3,43	8,64
Outras nações:			
da America	4,53	6,72	11,25
da Europa	0,49	0,71	1,20

ção, — traduzia-se por um augmento de saldo das exportações, facto de significação eminente em paizes coloniaes e não capitalistas. Fomentado e exigido pelo commercio, creava-se um systema gigantesco de instituições de credito, [1] não raro viciadas pelos desvarios da especulação agiota: é o preço de grandes conquistas e a dôr de serios trabalhos.

A que attribuir principalmente, porém, um tão extraordinario desenvolvimento da riqueza agricola da nação, um tão vasto progresso do commercio correspondente, e o seguro e fixo augmento da população, que atraz deixámos estudado, senão ao em-

d) Progresso da exportação dos productos nacionaes:

		MEDIAS ANNUAES		MULT.
		1839-44	1869-74	
Café	tons.	83:700	165:120	2
Algodão	»	10:400	54:440	5
Assucar	»	82:170	153:285	1,9
Couros	»	12:500	27:932	2
Gomma	»	391	5:583	14
Tabaco	»	4:306	14:975	3,5
Mate	»	2:487	15:717	6
Cacau	»	2:540	4:578	1,4
Aguardente	»	5:503	5:769	0
Mandioca	»	1:821	8:453	4,6
Jacarandá	»	565	4:740	8
Despojos anim.	»	231	1:469	7
Ouro	gram.	1:131	732	— 0,5
Diamantes	»	2,3	15,7	7

[1] Bancos e companhias de credito:

Rio de Janeiro	17	com	49:000	contos,	capital
Bahia	6	»	17:000	»	»
Alagoas	1	»	400	»	»
Pernambuco	1	»	1:800	»	»
Maranhão	2	»	4:600	»	»
Pará	1	»	1:000	»	»
Campos	2	»	1:300	»	»
Santos	1	»	500	»	»
Campinas	1	»	500	»	»
Rio grande do Sul	3	»	2:600	»	»

penho que o Brazil tem posto em cortar as suas serranias e campinas por vias de communicação e transporte faceis e economicas? Se espanta o desenvolvimento da riqueza, a nossa impressão desapparecerá quando vimos o que para a fomentar se tem feito. Considerando com razão anachronicas e insufficientes hoje as estradas macadamisadas, o Brazil, seguindo o exemplo de todas as nações com juizo, empenha-se primeiro em fazer caminhos de ferro. São essas as arterias da circulação; e as estradas, como vias de serviço local subalternas, estão em segundo logar e dependentes das direcções que as primeiras impozerem ao movimento das pessoas e mercadorias. Os caminhos de ferro, cuja rede cresce prodigiosamente, as linhas de navegação a vapor fluviaes e maritimas, e os telegraphos, [1]

[1] Estatistica das vias de communicação (1875):

a) Estradas macadamisadas: kilom.

	kilom.		
Pará	562		
Parahyba	60		
Pernambuco	251,	em construcção	250
Espirito Santo	—	»	287
Minas	232	»	446
Paraná	85	»	99
Santa Catharina	—	»	206

b) Navegação a vapor maritima e fluvial:

28 linhas de paquetes, que o Estado subsidia annualmente com 3:436 contos, exploram uma rede de 54:000 kilom.

1. — Carreiras maritimas do Pará ao Rio grande do Sul, ligando todos os portos commerciaes da costa.
2. — Carreiras fluviaes pelo Prata a Montevideu, e d'ahi pelo Paraguay até Cuyabá (Matto-grosso.)
3. — Idem, subindo o Amazonas brazileiro até Tabatinga, na fronteira.
4. — Idem, nos confluentes do norte, pelo rio-Negro.
5. — Idem, nos do Sul, pelo Madeira até Santo-Antonio, pelo Purús, pelo Aruguaya; cortando toda a região dos sertões.
6. — Idem, nos caudaes secundarios do Brazil: Itapicuru, Mearim, Pin-

nervos do corpo das sociedades modernas, — eis o systema de orgãos por via dos quaes o imperio, á

daré, Parnahyba (Maranhão-Piauhy;) — Parahyba, S. Francisco, Paraguassu, Maragogipe, etc., na zona littoral.
7. — Serviço das lagoas de Mangaba, Jequiá e dos Patos.

c) A rede dos caminhos de ferro brazileiros cortará todo o Brazil pondo o interior em communicação com a contra-costa da America. Afóra a linha do Estado (D. Pedro II), os caminhos de ferro são contractados com companhias particulares proprietarias. A bitola geralmente adoptada é de 1^m. As linhas constituem duas categorias: geraes e provinciaes; as primeiras subsidiadas pelo Estado, as segundas por elle e pelas provincias. Esse subsidio tem a fórma de garantia do juro de 7 0/0 durante um prazo que para o Estado não póde exceder 30 annos, mas que por vezes as provincias levam a 90. As côrtes tinham authorisado o governo a garantir até 100 mil contos de capital de caminhos de ferro; e d'esses, 81:000 estavam preenchidos. Nas linhas provinciaes concorrem quasi sempre para a garantia o Estado e as provincias e a relação usual é esta: 5 0/0 o primeiro, 2 as segundas, embora variem os prazos de duração da garantia. O capital consolidado em caminhos de ferro, construidos ou a construir, sóbe a 608 mil contos. Com estudos tem o governo despendido 4 mil contos; e com 580 kilom. construidos da linha de Pedro II, 66 mil, ou 114 por kilometro.

A extensão das linhas, é de: (1875)

	EXPLOR.	CONSTR.	ESTUDOS	
Geraes	940	513	7:348	kilom.
Provinciaes	990	552	9:969	»
	1:930	1:065	17:317	»

afóra as que ainda estavam apenas em projecto. De 1875 a 78 a rede em exploração subiu de 1:930 a 2:393 kilom. O rendimento das principaes linhas exploradas foi, em 1874, de:

S. Francisco (Pernambuco)	123 kil.	827	contos	ou	6,7	por kil.
Joaseiro (Bahia)	123 »	366	»	»	3	»
Pedro II (Rio de Janeiro)	509 »	7:604	»	»	15	»
Leopoldina (Minas)	60 »	163	»	»	2,7	»
Santos (S. Paulo)	139 »	3:475	»	»	25	»

a) As linhas telegraphicas poem em communicação todo o littoral do Brazil com os estados da Europa e da America. Mediam em 75, kilom. 5:151; medem hoje 6:230 com 104 estações.

custa de graves sacrificios, tem conseguido vêr crescer de um modo singular a apropriação do solo e o aproveitamento das suas riquezas, hoje ainda e por seculos inexgotaveis.

E' mistér porém não esquecer um facto grave: o desenvolvimento da riqueza do Brazil tem ainda um caracter colonial. O café, que constitue metade das suas exportações, está até certo ponto na condição das antigas minas. Se uma causa fortuita, uma das tantas *doenças* que atacam as culturas, apparecesse, a actual prosperidade do imperio converter-se-hia n'uma crise tremenda. Se abandona pelo plantio d'essa planta enriquecedora a cultura e o fabrico dos generos essenciaes á vida interna de uma nação, protrahe a sua vida colonial, addia para mais tarde a sua definitiva constituição economica. As theorias da livre-troca, olhando apenas para o lucro immediato, esquecem as necessidades futuras. Pelo tratado de Methuen Portugal devia ser a vinha da Inglaterra; mas o marquez de Pombal teve o bom-senso de comprehender que produzir vinho apenas, para comprar pão e fato inglez, poderia ser um bom negocio, mas era uma politica detestavel. Os Estados-Unidos pensam hoje como pensava o marquez de Pombal; e de armazem do algodão das fabricas inglezas, tornaram-se tecelões e fabricantes de todas as materias-primas do seu sólo; tornaram-se productores de tudo o que é essencial á vida social, pelo preço transitorio de uma protecção sensata do trabalho nacional. O Brazil é o cafezal do mundo: com o café compra farinha para pão que não tem, compra os pannos para se vestir, e tudo o mais de que carece. E' fóra de duvida que ganha muito; mas é tambem incontestavel que póde estar preparando as causas de uma

crise futura. [1] Entre uma colonia, independente ou vassalla, e uma nação, no sentido economico da palavra, ha uma distancia que os Estados-Unidos galgaram, que o Brazil não transpoz de todo ainda. Para o economista, o regime politico e o systema de monopolio ou de franquia dos portos são n'este caso indifferentes: porque o Brazil que comprava as subsistencias primeiro com assucar, depois com ouro, as compra hoje com café. Variam os generos, não varia a condição: economicamente, á idéa de nação liga-se a de um organismo que tem, no conjuncto das suas producções, o indispensavel para a sua existencia; e que permuta as sobras com as sobras das demais nações.

Uma nação, eis ahi o futuro do Brazil: para isso deve abandonar a idéa de substituir o trabalho negro por trabalho chinez, embora não escravo, exo-

[1] O accrescimo das rendas publicas é outra prova do progresso economico do imperio:

		GERAES	PROVINCIAES	MUNICIPAES
1826	(contos)	6:042	?	?
1840-1	»	16:133	?	?
1864	»	54:801	12:731	2:655
1874	»	101:734	21:734	4:552

porém a analyse da origem das rendas geraes prova o que se diz no texto. Como em todas as colonias, a maxima parte da receita provém do imposto aduaneiro. Em 73-4 sobre 101 mil contos de receita geral, 75 por cento (75:242 c.) tem essa origem.

Convém notar ainda que, d'esta quantia, a quasi totalidade é cobrada nas seis alfandegas principaes, quatro d'ellas cidades do Brazil colonial. Das duas restantes (Santos e Rio-grande do Sul), uma cresceu com a agricultura de S. Paulo (algodão-café), a outra com a colonisação do extremo-sul:

Rio de Janeiro	39:194				
Pernambuco	12:262				
Bahia	9:583	Total	72:277	Alfandegas	75:242
Pará	4:453	Outras	2:965	Diversas rec.	25.922
Santos	3:396			Somma	101:164
Rio grande	3:389				

tico e duplamente mau: por abastardar a população e por prolongar a condição anormal de colonia. Uma nação europêa e não mestiça, tal deve ser o pensamento, o alvo dos estadistas. Uma nação europêa e uma nação néo-latina, néo-iberica, néo-portugueza,—para accentuar bem, no futuro, a existencia d'este povo infeliz, energicamente dotado outr'ora, hoje caduco e digno de melhor sorte; para testemunhar as differenças que o caracter ingenito e a historia deram ás duas nações da Peninsula.

Ao lado da America germano-saxonia ficará no futuro a America latina: as duas raças da moderna Europa historica terão no novo mundo dous representantes eminentes. Mas, na America latina, o dualismo de castelhanos e portuguezes manter-se-ha pela contraposição do Brazil aos Estados de civilisação hespanhola. E' já hoje impossivel eliminar, de entre os elementos constitucionaes de qualquer d'elles, as sementes desde tantos seculos lançadas ao torrão americano. A rivalidade, o antagonismo, até as guerras entre os dous typos da civilisação do sul da America servirão para accentuar e definir um exemplo d'essas differenças constitucionaes, cuja ponderação harmonica fórma o systema vivaz da existencia da humanidade.

Ao lado da America germano-saxonia, com o seu genio pratico e utilitario, ficará a America do sul aos povos que descobriram ambas e todo o resto do mundo desconhecido. Nem a falla nobre do castelhano, nem a grave lingua portugueza se perderão, como acaso viria a succeder se o imperio peninsular não tivesse saído da Europa. O genio heroico da civilisação iberica deu-lhe as duas Indias com a espada; vieram depois com a charrua e o martello os saxonios,—lugar a todas as ferramentas! Fadados como os romanos para dominar os

povos com o imperio, exterminámos e saqueámos como elles fizeram. Acaso não resta de Roma mais lembrança do que a dos morticinios e saques? Acaso não resta da Hespanha outra memoria?

Se, no concerto das tendencias utilitarias dominantes, estas palavras destoarem, perdão para quem acredita que o homem é alguma cousa mais do que um apparelho apprehensor e digestivo. Sempre foi bom que houvesse hereges!

LIVRO QUARTO

A Africa portugueza

I

Estatistica das colonias

		PROVINCIAS OU GOVERNOS-GERAES	COMARCAS	DISTRICTOS	RELAÇÕES
Possessões asiaticas		**I INDIA** *Goa*, com *Damão* e *Diu.* Goa, cap.	Ilhas de Goa Bardez Salsete	Damão Diu	Goa
		II MACAU com *Timor*, no archipelago da Sunda	Macau	Macau Dilli (Timor)	
Possessões africanas — Continente	AFRICA ORIENTAL	**III MOÇAMBIQUE** — de 10° 41' a 25° 58' ou desde Cabo-Delgado a Lourenço-Marques.	Quelimane Inhambano Lourenço-Marques Moçambique	Tete Cabo-Delgado Sofala Angoche Bazaruto Terras-firmes	
	AFRICA OCCIDENTAL	**IV ANGOLA** cap. Loanda Occupação: nom. 5° 12' a 18° effec. 7° 49' a 15° 20'	Loanda Benguella Mossamedes Ambaca		Angola
Possessões africanas — Ilhas		**V S. THOMÉ** ilhas, com o presidio de *Ajudá* no Dahomey	S. Thomé	S. Thomé Principe Ajudá	
		VI GUINÉ cap. Bolama archip. Bijagoz.	Guiné	Bolama Bissau Cacheu	
		VII CABO-VERDE archipelago	Sota-vento Barla-vento		

	INDIA	MACAU	TIMOR	MOÇAMBIQUE	ANGOLA	S. THOMÉ	GUINÉ	CABO-VERDE
I A'reas								
Kilom. quadrados	3:612	?	?	1.284:000	908:000	1:080	8:400	2:900
II População								
(1844-9) Escrava	—			42:196	86:731	5:614	5:659	
Livre — indigena	361:242			24:215	297:962	7:051	61:341	
europêa	1:851			100	1:832	185		
asiatica ou africana	695			1:900	—	—		
Total	363:788	?		68:111	386:525	12:853	67:000	
Actual: (1869-75) indigena	405:434	63:000			433:000	—	5:416	—
europêa	1:056	1:500			2:862	815	102	919
africana ou asiatica	1:255	5:500			—	22:857	636	83:631
Tribus selvagens	—	—		300:000	1.600:000	—	—	—
Total	407:745	70:000	?	368:411	2.035:863	23:672	6:154	84:550
III Finanças								
Receitas: 1850-1 (contos)	?	?		70	235	7	78	
1875-6 »	592	355		248	566	109	220	
Despezas » »	477	323		250	556	105	220	
IV Commercio								
Somma das imp. e exp. 1842-7	?	?	?	?	1:749	58	721	
1876	?	11:200	?	2:297	3:824	826	572	811

V Poducções (*export.*)		ANGOLA	S. THOMÉ	GUINÉ (1870)	CABO-VERDE	ANGOLA	S. THOMÉ	GUINÉ (1873)	CABO-VERDE
Café	tons.	891	?	—	142	2:419	1:057	—	146
Algodão	»	588	—	—	—	818	—	—	—
Sementes oleoginosas	»	3:390	—	—	4:290	3:425	—	—	4:715
Assucar	»	—	—	—	266	—	—	—	338
Oleo de palma	»	1:636	—	—	—	1:300	—	—	—
* Cera	»	1:055	—	—	—	088	—	—	—
Gomma copal	»	106	—	—	—	295	—	—	—
Marfim	»	56	—	—	—	51	—	—	—
Sal	hectolitros	—	—	—	110	—	—	—	102

Breves notas completarão as informações necessarias para a comprehensão da natureza das possessões portuguezas da Asia:

1. — A *India* que em Gôa fórma um breve territorio encravado no imperio britannico, — não fallando nos pequenos presidios de Kambay, *Damão,* e a ilha de *Diu,* — é densamente povoada por indigenas. (110 h. por kil. quad.) Essa população, outr'ora fabril, tinha em Moçambique o mercado consumidor dos seus tecidos, e ia vivendo. A producção, melhor e mais barata, das manufacturas inglezas arruinou a industria canari. O fabrico do sal, para consumo da peninsula hindustanica, mantém uma fonte de rendimento (383 salinas com 2:000 pessoas); e o dizimo e outras contribuições directas formam uma receita fiscal absorvida pelas despezas. Nem como estabelecimento portuguez, porque a população européa é minima; nem como fonte de um commercio importante, porque a exiguidade do territorio e a concorrencia ingleza o impedem; nem como destino de uma immigração, porque é densamente povoada, a India offerece perspectivas de um futuro brilhante. O tratado de 1879 valerá decerto muito para a prosperidade de um trato de terreno onde habita quasi meio milhão de homens, por isso mesmo que augmentará a intimidade de relações com a India ingleza, destacando cada vez mais de Portugal esse alfoz da Gôa historica. Para a economia da nação portugueza e para o futuro colonial, — se é que tal futuro existe, — a India, e todas as mais possessões orientaes, importam cousa nenhuma.

2. — *Macau* encontra-se em condições similhantes. Cidade commercial-maritima, sem alfoz, porto-franco na costa da China, o estabelecimento tem de portuguez o nome apenas. E' uma cidade chi-

neza governada por mandarins nossos. Quando a suppressão do trafico dos negros levou as colonias occidentaes a procurarem nos chinezes um substituto dos escravos, Macau tornou-se o porto de embarque dos *coolies*. O anno de 1866 foi o auge d'essa immigração, que decadente em 71 [1] era prohibida no anno de 73. Seccada essa fonte de receita, ficaram os impostos directos, as loterias, a contribuição do *fantam*, — Macau é uma casa de jogo, — para dar um rendimento que os empregados portuguezes consomem. O commercio é chinez, feito por chinezes; entre a metropole e Macau extinguiram-se os restos de antigas relações; e os dois pontos da Asia continental, memoria apenas de um passado imperio maritimo-commercial, estão de facto destacados da vida portugueza. Nem a immigração, a não ser de empregados publicos, nem o commercio, estabelecem relações cujo valor seja licito discutir.

Occorre portanto esta pergunta: para que servem? não seria melhor alienal-as? Servem para dar de comer aos empregados que para lá vão, pois que os sustentam; servem ainda para obrigar os navios de guerra portuguezes a fazer uma vez ou outra uma longa viagem de estudo. Não pezam, nem custam. Alienal-as formalmente seria crear sem motivo uma d'estas questões, em que as occas phrases dos jornaes levantam uma agitação prejudicial, explorando sentimentos, — o padrão das nossas conquistas, o monumento das nossas glorias, a terra de Albuquerque, a gruta de Camões, etc. Taes dizeres, sem valor economico, têm porém um valor moral, emquanto ha patriotismo e sentimento de solidariedade historica; e os estadistas, embora

[1] 1866 — 24:000; 1871 — 16:000.

como criticos reconheçam o vasio das phrases, têm de suppôr que, se ha nação, tem de haver sentimentos patrioticos. Além d'isso os lugares de governadores são bons, e como os indios e os macaistas não poem duvida em os pagar: porque deixaria de haver essa collocação mais para os nossos burocratas, e mais esse motivo para accender o lyrismo dos poetas de torna-viagem?

Em Macau tudo está feito; na India fez-se o que havia a fazer, desde que se abriram as portas á occupação ingleza: continuaremos a ter um dominio tão nominal como até aqui; não se nos regateará o ordenado dos nossos empregados, e Gôa renascerá como nasceu Bombaim. E' evidente que, se ámanhã a China e a Inglaterra quizessem para si Macau ou Gôa, seria loucura gastar a vida de um só homem para tentar a empreza de as conservar com as armas.

Timor não é cousa nenhuma; e melhor fôra abandonar por uma vez, a troco de qualquer preço, esse pedaço de ilha a que se não ligam tradições nem interesses. Um areal secco, umas cazas de palha com um vallado de terra e um páu onde tremula a bandeira portugueza, ladeada por um soldado semi-nu com uma espingarda sem fechos, tiritando de febre, eis ahi Dilli, a que se chama — as nossas possessões da Oceania. Que importa que a região seja rica, se não ha quem dos nossos vá explorar essas riquezas? Nem temos o poder com que a Hollanda subjuga os indigenas; nem que o tivessemos, valeria a pena desperdiçal-o na metade de uma ilha pequena, perdida nos confins do mundo, encravada no imperio oriental hollandez.

Dadas pois estas explicações necessarias, despedimo-nos do Oriente. A Africa chama-nos, e reclama de nós uma attenção mais demorada. A

vastidão dos dominios portuguezes, a sua localisação especial no continente, (boccas do Zambeze e do Congo,) dão ás colonias portuguezas da Africa continental, com as suas ilhas, uma importancia superior. Não se póde encarar o problema particular nosso, sem investigar o futuro geral da exploração do continente africano. Inseparavelmente ligado a elle, o porvir do nosso dominio não depende só de nós.

Antes de nos internarmos, porém, no assumpto, convém terminar a estatistica das colonias com as suggestões que o actual estado das africanas levanta.

3. — A divisão judicial prende ainda *Moçambique* ao Oriente: é a ultima tradição que resta, desde que o commercio com a India portugueza se extinguiu. O erro evidente, — e uma das maiores provas de falta de systema da occupação do Oriente no XVI seculo, — o erro evidente de não nos termos estabelecido no Cabo, separou as nossas duas Africas pelas extensões ínvias dos sertões. As tentativas de colonisação, outr'ora dirigidas para Moçambique, teriam vingado no extremo sul, e esse nucleo de população portugueza ter-se-hia estendido para o interior até Angola e Moçambique, isto é a latitudes onde já não é licito ás raças septentrionaes aclimatarem-se. A colonisação, centralisada n'um ponto salubre e temperado, alargaria os braços escolhendo as regiões ferteis e benignas do interior. Seria um segundo Brazil; e assim foi o da America, a partir do nucleo de S. Paulo. Com o abandono do extremo sul, as duas Africas portuguezas ficaram isoladas; uma solidaria com a sorte do imperio oriental, e ambas condemnadas á sorte exclusiva de viveiro de escravos, porque o accesso do interior só podia obter-se

a partir de nucleos formados no litoral, e as duas costas são mortiferas, inhospitas. O abandono do Cabo da Boa-Esperança repelliu para sempre os portuguezes do interior da Africa, e comprometteu a obra da colonisação europêa do continente.

A sorte de Moçambique, diziamos, era solidaria com a sorte do imperio oriental. Esse imperio caíu de todo, e depois de perdida a costa de Zanguebar ao norte, caíu tambem inteiramente a influencia colonial portugueza na Africa oriental. Varridos, do interior para a costa, os nossos estabelecimentos definharam. Uma centena apenas de europeus no meio de quatro centos mil indigenas só com a força podia imperar, e essa força desapparecera. Recentemente, porém, os numeros mostram um progresso: o rendimento triplica, o commercio augmenta. Renasceu, acaso, a influencia portugueza? Estreitaram-se relações, ou de emigração, ou de commercio? Não. Aconteceu o que d'aqui por annos se verá em Gôa, á sombra do tratado de 79; e o que se vê em Macau. A liberdade e franquia dos portos chamou os estranhos, e a influencia desnacionalisou-se. O commercio de Moçambique não é portuguez: por um lado a exportação vae para França; e por outro (Lourenço-Marques) o trafego pertence ás colonias de raça hollandeza do interior que não têm accesso á costa por portos seus. [1] Se o Cabo se tivesse colonisado, Orange e o Transwaal seriam hoje Brazis africanos, Moçambique um Rio-de-Janeiro.

[1] Em 1872 o commercio de Moçambique foi de 72 contos com a metropole, e de 1:028 com Marselha. Em 1870 as exportações da colonia sommavam 553 contos: d'estes vinha 1 ao reino e 552 iam para outros paizes. — O livre transito dado ás mercadorias transwaalinas por Lourenço Marques elevou o rendimento da alfandega, que era de 6 contos em 70, a 30 contos em 73-4.

Tal como os erros da politica portugueza o fizeram, Moçambique só na desnacionalisação tem, como a India, o futuro. Os factos provam esta opinião, mostrando-nos que o fomento do seu commercio exprime um afastamento que não é menos real, por não ser acompanhado pela alienação do dominio politico.

4. — Passando á costa occidental, em Angola a suppressão do trafico dos negros, a prohibição do *serviço* feodal dos *carregadores*, e até certo ponto a abolição da escravidão [1] deram á colonia uma feição nova que a navegação do Quanza, facilitando

[1]

1761 — O negro é livre ao desembarcar no continente. (Leis do marquez de Pombal.)

1773 — Livres os filhos de mulher escrava, no reino. Abolição gradual da escravidão no reino. (Id.)

1810 — Nos tratados com a Inglaterra assenta-se em abolir gradualmente a escravidão colonial. Limita-se o trafico.

1815 — Ratificação das convenções de 1810.

1817 — Estabelecimento dos Cruzeiros e tribunaes mixtos, na convenção de Londres.

1818 — Promulgação do codigo penal contra os negreiros.

1835 — O marquez de Sá da Bandeira, chefe do movimento anti-slavista. Prohibição do trafico em todas as colonias portuguezas.

1836 — Decreta-se a abolição da escravidão colonial, mas não se realisa. Insurreição dos slavistas em Angola e Moçambique.

1838 — Franquia dos portos coloniaes ao commercio de todas as nações.

1854 — Alforria dos escravos da corôa. Arrolamento dos escravos particulares: livres os não recenseados. Juntas de protecção; faculdade da auto-alforria. Resgate dos recem-nascidos.

1855 — Occupação do Ambriz, para a repressão do trafico.

1856 — Abolição da escravidão no Ambriz e Cabo-verde. Livres os filhos de mulher escrava. — Abolição do trabalho forçado dos *carregadores*.

1858 — Decreto fixando para 78 a abolição definitiva da escravidão colonial.

1868 — Decreto de abolição immediata, assignado mas não promulgado.

1869 — Abolição da escravidão (25 fevereiro.) Indemnisação dada pelo trabalho gratuito e forçado dos libertos, até 78.

1876 — Extincção do trabalho forçado dos libertos.

os transportes do sertão, e as carreiras regulares maritimas as relações com a Europa, desenvolveram. Esse novo estado traduziu-se logo n'um accrescimo notavel das exportações que triplicaram n'um periodo de vinte annos.

Exprime, porém, este desinvolvimento commercial e o augmento da producção, um augmento de intensidade da influencia portugueza, ou por meio de uma vassallagem effectiva das populações indigenas, ou por meio de um accrescimo de população européa, ou finalmente por meio de transacções commerciaes crescentes com a metropole? Eis o que teremos de estudar.

A occupação do territorio de Angola teve e tem um caracter indefinido, sob o ponto de vista colonial. Nem foi uma exterminação systematica das populações indigenas, como aconteceu na America e no Cabo; nem foi um avassallamento explorador do trabalho dos naturaes por intermedio dos seus soberanos, feodatarios da corôa portugueza, como succedeu na nossa India, e succede hoje com os hollandezes em Java: d'este typo de occupação havia apenas uma amostra no serviço dos *carregares*, abolido. O dominio portuguez satisfez-se com a installação no meio das tribus negras, a quem os negociantes compravam escravos e compram hoje os productos do sertão. Os estabelecimentos tiveram uma dupla razão de ser. Os da costa foram a principio pontos estrategicos da navegação, escalas onde os navios da India faziam agoada e refrescavam; e tornaram-se depois feitorias de escravos e productos indigenas. Os do interior provinham da indispensavel segurança das feiras e feirantes; da necessidade de pôr as povoações do littoral ao abrigo das investidas das tribus sertanejas, e de

defender as estradas commerciaes. [1] A occupação esguia na costa occidental o mesmo systema praticado na opposta. [2] A emigração portugueza ia, — e vae, — de preferencia para a America, porque um clima inhospito assim o ordenava. Por outro lado a pequenez da nossa força e o regime primitivamente democratico das tribus indigenas não consentiam que se explorassem em proveito nosso instituições feodaes que não existiam, como no Oriente.

«Nem a Guiné portugueza, nem Angola, nem S. Thomé, [3] dizia recentemente um ex-governador de Angola, [4] podem ser consideradas como colonias, no sentido especifico do termo. Angola, que a todas sobreleva, e que é o typo e a joia dos nossos dominios africanos, poderá capitular-se de estação politico-militar... porém colonia não é, porque lhe

[1] 1576 — Fundação de Loanda.
1577 — » Calumbo.
1581 — Conquista de Ilamba e Quissama.
1583 — Fundação do presidio de Massangano.
1586 — Conquista do Golungo.
1599 — Fundação do presidio de Muxima.
1604 — » » de Cambambe.
1614 — » » de Ambaca.
1617 — » S. Philippe de Benguella.
1625 — Creação das *feiras* do Dondo, Beja e Lucamba.
1671 — Conquista do Dongo. Fundação de Pungo-Andongo.
1682 — Fundação do presidio de Caconda.
1759 — » » Encoge.
1769 — » » Novo-Redondo.
1834 — » » do Quilengues.
1838 — Occupação do districto do Duque-de-Bragança.
1840 — Fundação de Mossamedes.
1845 — » do presidio de Huilla.
1855 — Occupação do Ambriz.

[2] V. *supra*, p. 27-8 e 99-100.

[3] S. Thomé é uma excepção, como veremos já.

[4] O snr. J. Horta, *Conf. acad.*

faltam colonos. Tudo alli é precario e instavel. Vae-se á Africa, não se vae para Africa.»

Tudo é precario, com effeito, porque não ha condições definidas de um estabelecimento colonial, embora possa haver colonias *sem colonos:* exemplo Java. Sem antecipar a ordem do nosso discurso, é necessario dizer, porém, que, o caracter do estabelecimento foi, e é passivo, defensivo apenas: a população europêa não se desenvolve, e Angola não se parece com o Brazil de outr'ora. Contrarios a uma opinião que se nos affigura um preconceito, a abolição da escravidão não tem, a nosso ver, papel importante no destino ulterior de Angola. A abolição do trafico teve-a e grande, porque obrigou a buscar outras especies de commercio; mas onde não ha vastas plantações dirigidas por europeus, trabalhadas por indigenas; n'uma provincia em que os terrenos cultivados não excedem dezeseis mil hectares; e em que os generos de exportação provém principalmente das culturas sertanejas, feitas longe e fóra da sujeição dos europeus; a questão do regime do trabalho póde incommodar os habitos domesticos dos habitantes das cidades, não a economia da provincia,—essencialmente commercial e não agricola.

Na ausencia de uma immigração europêa ou de um systema de vassallagem dos indigenas, as colonias são feitorias e o commercio é a occupação quasi exclusiva dos colonos. Tal é Angola. O numero dos europeus não excede ahi tres mil, e esse numero fórma-se quasi exclusivamente com os funccionarios e os degredados: [1] isto é, com uma emigração não-espontanea.

[1] 1870-4: Cabo-Verde 61; S. Thomé 93; Angola 193; Moçambique 33. Da somma, 60 por cento pelo praso de até 5 annos; 28 de 5 a 20; e 12 perpetuo.

5. — S. Thomé vive nas condições especiaes que a situação geographica lhe proporcionou. Ilha e despovoada, não appareceram ahi os problemas da occupação e do conflicto com as populações indigenas. Portugal, quando a descobriu e tomou para si, achou-se nas condições do capitalista quando compra uma herdade: tira ou não tira resultado, conforme os feitores são bons ou máos. Em S. Thomé, depois das vicissitudes por que passou, [1] os feitores não têm sido máos; e a *fazenda* em que umas centenas de europeus fazem trabalhar os negros, (escravos ou não, é economicamente indifferente,) medra. Em trinta annos as rendas subiram de 7 a 100 contos e a população duplicou. Eis ahi uma colonia onde, por ser agricola e não exclusivamente commercial a actividade, a questão da abolição da escravidão póde levantar problemas sérios.

6. — Essa questão não póde propor-se na Guiné, provincia recentemente (79) destacada de Cabo-Verde; e não o póde porque a Guiné, porto quasi-franco, vive exclusivamente da troca dos productos do sertão pelos da Europa: é uma Angola em miniatura, com um cento de europeus.

7. — Tão pouco o póde em Cabo-Verde, onde a escravidão se extingiu por si. O clima das ilhas, a natureza das culturas, a edade da colonisação, nacionalisaram portuguez o archipelago, embora de um modo só de longe comparavel ainda aos primeiros e felizes ensaios da Madeira e dos Açores. Um milhar de brancos confundidos com uns oitenta mil negros, mais ou menos eivados de sangue berebere ou portuguez, eis os elementos de uma população que se deve considerar fixa, arrebanhando

[1] V. *supra*, pp. 17, 43 e 101.

numerosos gados, cultivando cereaes e legumes: isto é, com autonomia agricola; e creando para o commercio o café, o assucar, a purgueira e o sal. O archipelago apparece-nos pois na transição da condição de colonia para a de provincia metropolitana, transição passada ha seculos já para os archipelagos atlanticos da Madeira e dos Açores.

II

O systema colonial africano

Excluindo pois agora Cabo-Verde e S. Thomé, devemos concluir que o caracter de feitorias commerciaes é o que distingue as possessões portuguezas da Africa.

Isto posto, é evidente que a franquia dos seus portos ás bandeiras de todas as nações foi a medida de maior alcance para o desenvolvimento das exportações, por isso que os recursos do mercado portuguez eram extremamente limitados. Não basta porém pasmarmos diante do progresso das exportações; porque, estudando-o, vemos que elle se fez em proveito d'aquelles paizes que têm as manufacturas que o indigena pede, e nós não fabricamos. O monopolio era decerto absurdo; mas a liberdade, indispensavel decerto, importa a desnacionalisação. [1] Que lucramos nós em que o negro troque

[1] O commercio de Angola, que consistia na troca de generos de consumo por escravos, fazia-se, antes e depois da separação do Brazil, principalmente com a America. Apenas a quinta parte da exportação vinha a Lisboa. De 1830 a 32 entraram em Loanda 11 navios do reino, 90 do Brazil. De 44 a 45 Lopes de Lima diz que sobre 50 navios annuaes ape-

com o inglez ou com o americano café por algodões? A platonica honra de civilisar a Africa? Illusão.

nas 10 ou 12 eram portuguezes. O movimento commercial traduzia-se (44-5) por estes numeros:

Importação	total	1:500 contos; e da metropole	380
Exportação	manifesta	800 »	e para a » 200
	escravos	700 »	

Vejamos agora os numeros, depois de extincto o trafico dos escravos e perante a concorrencia livre das nações européas. (1873)

Angola: Import. tot. 2:413, sendo da metropole 220 contos
Export. » 2:671 idem 259 »

Vê-se d'esta primeira observação que a importação de generos de Angola no reino cresceu (os numeros de 73 são porém excepcionalmente elevados); mas vê-se que a exportação de productos do reino baixou quasi a metade. Conclue-se pois que o fomento de Angola não se traduziu em augmento de riqueza para a metropole, mas sim em proveito do commercio estrangeiro; se se não quizer concluir que houve um *deficit* real dos rendimentos nacionaes.

Eis aqui os numeros totaes para as colonias africanas:

IMPORTAÇÕES (Contos)	TOTAES	CABO-VERDE E GUINÉ	S. THOMÉ	ANGOLA	MOÇAMB.
Da metropole	391	76	74	220	21
Estrangeiras:					
por portos portug.	1:600	29	116	1:433	22
directamente	2:031	244	120	768	899
Total	4:022	349	310	2:421	942
EXPORTAÇÕES (Contos)					
Para a metropole	734	118	356	259	1
Estrangeiras	3:527	310	53	2:412	552
Total	4:261	428	409	2:671	553

A nacionalidade dos 1:600 contos de importações por portos portuguezes dará idéa das nações com quem Angola negoceia principalmente; e dizemos Angola, porque d'esses 1:600 contos 1433 lhe pertencem. Moçambique sabemos que commerceia directamente com a França.

Allemanha	264	Inglaterra	436
França	493	Italia	183
Hollanda	187	Diversos	37

Resulta d'estes numeros que: *a)* nas importações coloniaes a metropole entra apenas por 10 por cento; e nas exportações por 17; *b)* apenas S. Thomé (e pelo caracter especial d'essa colonia, anteriormente exposto) é excepção á regra; *c)* a desnacionalisação do commercio é total em Moçambique, e em Angola de 9 decimos, quer nas importações quer nas exportações.

Quem vende ao preto é quem o civilisa, se tanto se póde dizer. Resta-nos apenas a nós o magro lucro de um imposto aduaneiro, que tem de ser reduzido, para não desviar o trafego para as feitorias livres da costa do norte. Bolama na Guiné, e em Angola o Ambriz são exemplos vivos d'este facto.

E' licito perguntar, pois, se vale a pena fazer sacrificios; se não será malbaratar os escassos recursos da metropole, applical-os em assegurar e fomentar o commercio das nações manufactureiras com as tribus negras. Mas esta pergunta, cuja resposta foi facil de dar para as colonias do Oriente, exige estudo mais demorado ao tratar-se de Africa. Além não ha futuro possivel, aqui ha um presente duvidoso, — o futuro é um problema. Da solução d'elle depende a resposta, e o seu estudo é a materia em que vamos entrar. Da solução d'elle, dizemos, depende a decisão de tomarmos com seriedade, ou de não tomarmos sobre nós, a empreza colonial.

Embora as colonias africanas paguem as suas despezas, [1] seria erro inferir d'aqui a conclusão de que vivem de si. *O self supporting principle* que um tempo enthusiasmou os inglezes, foi por elles proprios abandonado, pois é absurdo esperar que os recursos de colonias nascentes possam subsidiar as despezas de installação. Pagar as de administração fazem as portuguezas; mas essa administração é aváramente salariada, e por isso de inferior especie.

[1] Orçamento das colonias (1875-6):

	RECEITAS	DESPEZAS
Cabo Verde e Guiné	220	219
S. Thomé	109	105
Angola	566	556
Moçambique	248	250

A marinha e as obras-publicas não as pagam porém; e o nada que se tem feito representa sommas de grande vulto para nós. [1]

Os dominios continentaes africanos são portanto um problema, e dos mais graves que pesam sobre

[1] Lemos agora mesmo no *Jornal do Commercio,* de Lisboa, a opinião de uma pessoa authorisada (o snr. Antonio José de Seixas) e com prazer transcrevemos:

«Entre erros que suppomos ter havido mencionaremos o despendio de 2:100 contos que a metropole tem feito em pessoal e com as obras publicas no ultramar. Fazendo n'este assumpto a devida justiça aos que emprehenderam aquelle tentame de progresso, o sacrificio talvez de 150 contos de encargo *permanente* para a nação, é licito dizer que não tem compensação; isto, porque as obras não teem obedecido a um plano de ante-mão estudado, sobre tudo porque a quantia despendida em fracções, nos vastos territorios do ultramar, dos quaes muitas das *provincias* são mais vastas e extensas que todo o reino, teem sido taes fracções como *um copo d'agua vasado no oceano!*

«Desde 1860 que as colonias portuguezas teem feito despender á metropole, em expedições militares, subsidios em dinheiro, navios de transporte e de guerra, e obras publicas, não incluindo aqui despezas indirectas sobre o thesouro da metropole, uma quantia não inferior a 26:000 contos, equivalentes a um encargo no orçamento geral do reino, e *permanente,* de 1:806 contos de réis por anno!..

«No fim de outros 19 annos, seguindo-se o systema que tem vigorado, terá a metropole despendido outros 26 mil contos de réis, se não fôr mais, sem levantar as colonias do seu abatimento, e sem haver conseguido tornar sympathicos os nossos compatriotas do ultramar pelas cousas da metropole... Não merecerá tudo isto que se attenda seriamente á questão colonial?..

«Em face do estado da sociedade portugueza, da população do reino, das finanças da monarchia, da vida economica do paiz, pouco robustecida, em vista do nosso commercio, das nossas industrias fabril e agricola, e da nossa navegação, elementos estes da riqueza publica de uma nação, o que tudo possuimos n'um triste estado, *anemico,* as colonias não são elemento de prosperidade para a metropole. A compensação dos sacrificios da metropole adviria do movimento commercial, da navegação, da permutação dos productos, entre as colonias e o reino; mas nada existe em larga escala, porque nem as colonias nem o reino possuem os elementos da vida economica para reciprocamente se auxiliarem.

«A nossa humilde opinião é de que as colonias, continuando o systema em vigor sobre ellas, *enfraquecem* Portugal.»

a economia social portugueza. Não basta contar o que se fez, descrever o que é: tudo isso nada importa, ou vale pouco. Desde que a abolição do trafico extinguiu a exploração do commercio dos negros, e desde que a franquia dos portos os abriu ás bandeiras de todas as nações, a situação de Angola e de Moçambique variou absolutamente. Hoje temos ahi empregados, alfandegas cujo rendimento os pagam, embaraçando um commercio estrangeiro, que por outro lado mais ou menos efficazmente protegemos. Esta condição de *guardas* das costas de Africa é provadamente ruinosa para nós, sem ser proveitosa para ninguem.

Podemos acaso sair d'ella, inaugurar uma politica ultramarina? Eis o thema do nosso estudo.

III

Os tres typos de colonias

Em tres especies ou typos se resumem as variadas combinações postas em pratica pelos povos europeus para apropriar territorios ou riquezas localisadas fóra da Europa; e ao conjuncto dos tres typos deu-se o nome generico de colonias. Esses tres typos ou especies são:

1. —As *feitorias*, ou colonias commerciaes.
2. —As *fazendas*, ou colonias de producção agricola, destinada á exportação (plantações).
3. —As *colonias*, propriamente ditas, ou estabelecimentos de população fixa, dada á cultura de productos de consumo local.

1. — As *feitorias,* typo que principalmente caracterisou a colonisação dos phenicios e gregos em torno do Mediterraneo, podem dividir-se em particulares e militares. Estabelecidas no litoral de continentes, não explorados nem avassallados, são escriptorios de commercio maritimo. Ou esse commercio é livremente feito por caixeiros, em virtude de licenças dos soberanos indigenas; ou é imposto e defendido pelo poder maritimo-militar da nação que adquiriu o privilegio. As feitorias particulares tornam-se por via de regra militares; — desde que medram, quando as nações podem proteger os interesses dos negociantes, o estabelecimento adquire o caracter de cidade, isto é, instituições e policia.

Nos tempos modernos, as feitorias europêas espalharam-se por todo o Oriente. Os portuguezes e os povos que lhes succederam encontraram na India e China territorios povoados, civilisações formadas, industrias e productos de exportação. A colonisação, propriamente dita, não tinha ahi razão de ser. Os estabelecimentos portuguezes da India e China, os actuaes estabelecimentos inglezes, francezes, americanos, na China e no Japão, são os exemplos puros do typo: a India ingleza e a Java hollandeza são um mixto do primeiro com o segundo typo, e ao mesmo tempo *feitorias* e *fazendas.*

Na costa occidental de Africa pullulam as *feitorias* de todas as nações; entretanto os estabelecimentos têm mais o caracter *particular* do que o *militar* que prima no Oriente: embora os francezes, na Senegambia e no Gabão, os portuguezes na Guiné e em Angola, tenham constituido *cidades.* Livre ou politica, particular ou militar, a exploração do commercio maritimo da Africa occidental

vivia do trafico dos escravos; e vive hoje, na Africa e no Oriente, da troca dos productos indigenas pelas manufacturas europêas.

As condições de geographia commercial são as que quasi exclusivamente influem na creação e existencia das feitorias. Essas condições, apoiadas em poderosa força naval-militar, criam monopolios a favor de certas nações; e assim se viram, (os portuguezes,) e se vêem, (os hollandezes,) povos que, sem exuberancia de população, sem vastidão de territorios na Europa, possuem e exploram o commercio de dilatadas regiões ultramarinas. Abolidos porém os monopolios, franqueados os portos a todas as bandeiras, ou por decadencia da força maritima da metropole, ou sob o imperio da doutrina da livre-troca, succede que o commercio busca as condições de existencia natural; e vêem-se então nações sem feitorias, como a Allemanha e até certo ponto a França, permutarem directamente os seus generos com os indigenas, á sombra de uma bandeira que reserva apenas um vão dominio politico. Do estudo anterior sabemos que esta é a condição de Macau, de Moçambique, e póde dizer-se que de Angola. Abolido o monopolio, e não tendo nós manufacturas que trocar pelos generos indigenas, *assistimos* apenas ás operações dos estranhos.

As feitorias, pois, existiram por virtude de um forte poder naval creando um monopolio artificial; e existem hoje por virtude da preeminencia fabril das nações, que d'ella ganham um monopolio natural. Restaurar monopolios artificiaes é hoje provadamente um erro, e para manter de pé um erro seria mistér uma força que passou ás mãos dos povos, por natureza economica, fortes. Assim as feitorias não têm já razão de ser senão para os

povos manufactureiros, e ocioso é dizer que nós não somos um d'esses.

Estas breves palavras condemnam sem remissão o futuro d'aquellas das nossas colonias que não podem ser senão feitorias. A Africa, porém, embora apenas tenha sido isso, porventura não estará n'esse caso: opinião partilhada por muitos, e que exige por isso mais demorado exame.

2.— As *fazendas* apresentam caracteres mais complexos. Podem classificar-se:

Pela producção, em: *a)* mineiras; *b)* de cultura exotica (cana, café); *c)* de cultura indigena, (cravo, pimenta, etc., como no Oriente); — ou

Pelo regime do trabalho: *a) escravo,* por negros importados, fórma já quasi sómente historica; ou, por sujeição das raças indigenas, especie que desappareceu ha muito; *b) servil,* pelos indigenas sob um regime feodal, como em Java; *c) livre,* por trabalhadores contractados, *coolies,* como na California e nas Antilhas; — ou, finalmente,

Pelo regime politico: *a) suzerano,* como é o dos inglezes na India, e o dos hollandezes em Java; *b) absoluto,* como foi o portuguez no Brazil e o de todos, em toda a parte onde as populações indigenas foram escravisadas ou exterminadas; ou nas ilhas deshabitadas.

Que se requer para a efficaz exploração das *fazendas* ultramarinas? População e vastidão de territorio na Europa decerto são desnecessarias. Monopolio artificial, mantido por um forte poder maritimo, é inutil. Preeminencia de producção manufactureira tambem o é; porque nem pelo facto dos objectos de consumo colonial serem estrangeiros,

os productos da *fazenda* deixarão de se traduzir em lucros reaes. Tal foi e é ainda a condição do Brazil, que pagou com assucar, com ouro, hoje paga com o café, tudo o que consome, e enriqueceu e enriquece. E d'entre as nossas colonias actuaes S. Thomé, que é um typo puro de *fazenda*, importa quasi tudo do estrangeiro, mas progride e manda a Lisboa todo o seu café.

O que é absolutamente indispensavel para todas as *fazendas*, metropolitanas ou ultramarinas, é o capital. E' mistér dissecar os pantanos, navegar os rios, abrir as estradas, construir os armazens e obter os braços,— ferramenta humana de trabalho. Outr'ora a escravidão suppria isso, e o capital consolidava-se no preço dos negros. Hoje consolida-se nos adiantamentos e salarios dos immigrantes, negros ou chinezes contractados, para os territorios despovoados. Nas regiões habitadas por povos indigenas, susceptiveis da submissão rudimentar da civilisação, o capital intervém sob uma fórma só apparentemente diversa. A força e não o contracto é a sua expressão activa; e as guarnições com que, na India os inglezes, em Java os hollandezes, mantém submissos os regulos indigenas que fazem trabalhar mais ou menos servilmente as populações, correspendem economicamente ao preço do escravo, ou ao salario do colono contractado.

Capital, pois, ou sob a fórma de valor ou sob a fórma de força, eis ahi o indispensavel para a manutenção das *fazendas* ultramarinas. Cuba e S. Thomé são dois exemplos typos da primeira especie; as Philippinas e Java são-no da segunda. A força maritima é aqui apenas um corollario da geographia; e se nas ilhas bastam as esquadras (Java), nos continentes exigem-se exercitos (India.) Das *feitorias* devem afastar-se as nações não-fa-

bris, das *fazendas* as nações pobres. Contra a natureza, com a força, pelo acaso de ter chegado primeiro ao Oriente com polvora e canhões, Portugal, que nunca teve industrias, pôde manter por breve tempo um systema de *feitorias* rendosas; contra a natureza tambem, isto é, pela exportação dos escravos negros, pôde crear e disfructar uma *fazenda* no Brazil.

Podem tornar-se *fazendas* as possessões da Africa continental? A resposta sairá das conclusões do estudo em que agora apenas entramos.

---

3. — As *colonias* propriamente ditas não demandam nem capital, nem manufacturas: provém apenas de um facto, — a exuberancia de população na metropole, a emigração consequente, e a adaptação do clima ultramarino ao temperamento da raça emigrante. Podem até prescindir do dominio nacional politico, como vemos nas colonias allemãs do Brazil e dos Estados-Unidos, nas francezas do Canadá, nas hollandezes do Cabo, hoje sob o imperio britannico.

São a consequencia de um facto natural, e não uma creação economico-social, como as *feitorias* e *fazendas*. Dependem por isso de condições fataes que não é dado ao homem crear ou destruir, e procedem espontaneamente lançando as raizes de nações vindouras. O clima é a principal condição da sua existencia: assim, todas ou quasi todas apparecem ao sul do tropico, da mesma fórma que as *fazendas* occupam a região tropical, e ao passo que as *feitorias* se espalham em todas as latitudes, como relativamente independentes que são do clima.

Umas vezes a raça emigrante encontra vago o novo *habitat* que elegeu; outras vê-se perante uma raça indigena, inferior como são todas as da Africa e America. No segundo caso, ao problema da colonisação junta-se o da occupação. O resultado das causas naturaes, mais ou menos definidas e explicadas, [1] e da lucta infallivel entre os novos e os antigos habitantes leva á eliminação da raça inferior, ou a cruzamentos que o tempo vem a obliterar.

Assim os hollandezes expulsaram os cafres e hottentotes do Cabo, produzindo ao mesmo tempo os mestiços gricquas. Esses mulatos, em vez de se tornarem brancos, foram gradualmente voltando ao typo hottentote, porque cessou o cruzamento hollandez e dominou o sangue negro. O contrario succedeu com a primitiva população de S. Paulo no Brazil, onde os laivos de sangue indio gradualmente desappareceram com a infusão posterior de sangue branco.

O primeiro exemplo de colonias propriamente ditas foi dado pelos portuguezes nos Açores, na Madeira, no Brazil austral. Ulteriormente os anglo-germanos e os francezes na America do norte, os inglezes na Australia, os hollandezes no extremo sul da Africa, produziram, em escala mais vasta e proporcional á sua emigração, exemplos do mesmo genero.

Quando uma colonia depende de uma metropole fabril, o seu desenvolvimento adquire uma importancia economica para a mãe-patria, porque é um mercado de consumo natural dos seus productos. Nos paizes não fabrís, porém, as colonias não trazem senão um augmento á população, o que

[1] V. *supra*, pp. 146-8.

nem sempre é uma riqueza. Assim os *boers* da Africa austral, agricultando e mantendo-se, não accrescentaram um ceitil á opulencia da Hollanda. Nações embryonnarias, as colonias sómente são dependencias da metropole emquanto carecem do seu amparo. Desde que a densidade da população e o desenvolvimento da riqueza attingem um certo gráu, emancipam-se, affirmando politicamente o facto da independencia economica. Assim succedeu, nas duas Americas ás colonias continentaes da Hespanha, aos Estados-Unidos e ao Brazil. Sob o ponto de vista exclusivo da economia metropolitana, as colonias são, pois, uma vantagem, — simples para as nações que necessitam vasar uma população exuberante; dupla para as que a isso reunem a producção fabril. Para a economia das finanças nacionaes são sempre um encargo, só indirectamente compensado pelo augmento de materia collectavel nas nações fabrís.

Assim como não é raro ver uma *feitoria* transformar-se em *fazenda*, tampouco o é ver uma *fazenda* transformar-se em colonia. Foi o que aconteceu no Brazil (do norte), no Rio-da-Prata, — duas nações, hoje, que porém continuam a ser colonisadas pela immigração de portuguezes e hespanhoes. Assim aconteceu na California e na Australia, que foram *fazendas* mineiras, e são hoje colonias propriamente ditas. Assim em curta escala está succedendo para nós em Cabo-verde, que foi *fazenda* de assucar, que ainda em parte o é, sendo já ao mesmo tempo *habitat* de uma população fixa, como as das outras ilhas portuguezas do Atlantico europeu.

Se os lucros do commercio nas *feitorias*, e o rendimento liquido de explorações privilegiadas (minas, culturas exoticas,) nas *fazendas*, enrique-

cem rapidamente os negociantes ou os fazendeiros que no fim da vida regressam á metropole, enriquecendo-a a ella com os seus haveres; das *colonias,* onde a população se fixa, não se dá nem o regresso dos colonos, nem o das suas fortunas. Por isso, humanitariamente, as colonias propriamente ditas têm um valor incomparavelmente superior. Não são instrumento de riqueza apenas, são fócos de dispersão da raça branca sobre todos os continentes e ilhas do globo, e passos dados no sentido da sua total conquista para a civilisação typo dos indo-europeus.

A capitalisação dá-se de outra fórma, procede de uma maneira diversa. Traduz-se no augmento rapido da população fixada, que um rendimento liquido agricola excessivo permitte, [1] e funde-se na terra, cria a nação futura, e garante o progresso constante.

Perguntámos ha pouco se podiam tornar-se em *fazendas* as *feitorias* da Africa continental portugueza. Perguntamos agora se essas fazendas poderão transformar-se em *colonias,* como succedeu ao Brazil. Vamos pois estudar o futuro da Africa sob os tres pontos de vista correspondentes aos tres typos de estabelecimentos ultramarinos.

[1] Josiah Child e Penn diziam que o trabalho de um homem produz na America o quadruplo do que produz na Europa. Humboldt dá a seguinte relação para o trigo: Prussia 4 a 5 sementes; França 5 a 6: Rio-da-Prata 12; Peru e Mexico 18. — Na producção excepcional está a causa do augmento da população. O casamento precoce é uma necessidade, e não ha mulheres senão para espozas: a familia é a unica festa. Entre os *boers* do Cabo 6 ou 7 filhos são uma pequena prole. Procrear é adquirir braços para a lavoura de terrenos illimitados. No principio do seculo era regra nos Estados-Unidos o casamento dos homens aos vinte annos.

IV

As feitorias africanas e a concorrencia

O viajante que torneando costeiramente a Africa, desde Cabo-verde, observou as planicies alagadas do Senegambia e o archipelago litoral de Bijagoz, onde na colonia-feitoria de Bolama mercadejam povos de todas as castas, fóra a nossa; o viajante que observou de longe, — por causa das febres mortiferas, — os presidios miseraveis de Bissau e Cacheu, e depois, seguindo para o interior do golpho da Guiné, foi deixando successivamente a Serra-Leoa e a Liberia, mallogradas experiencias de civilisações negras, essa costa da Mina povoada de ossadas, tumulo de tantas vidas, e o estuario pestilento do Niger até ao Gabão; — o viajante, dizemos, estranha a paysagem litoral africana ao chegar á costa de Angola.

Em vez das baixas alagadas, começam ao sul do Congo as barreiras seccas, avermelhadas, areentas. Em vez da luxuriante e traiçoeira vegetação dos mangues, encontra-se agora uma aridez torrada, sem uma nota de verde, sem uma gota de agua. A costa levanta-se como uma muralha nua e secca sobre o mar, apenas a vastas distancias cortada pelos oasis breves das barras dos rios. Ao sul do Congo apenas o Quanza é accessivel a pequenos navios, os magros caudaes do Anbrizette, do Loge, do Redondo, do Quicombo, do Egito, do Anha, do Catumbella, do Luache só recebem lanchas, e o Cumene perde-se nos areaes da costa, sem barra. Os vastos e ferteis sertões de Angola

dependem de uma estrada terrestre; não têm accesso fluvial, se é que alguns dos confluentes meridionaes do Congo, hoje ainda inexplorados, lh'o não dá. Um lombo de rocha estendido a par da costa maritima veda ao viajante o espectaculo da vegetação sem egual da Africa. Só a trinta ou sessenta milhas da costa principia a fertilidade dos terrenos, nos pendores orientaes d'essa linha das montanhas que vazam para os confluentes do Zambeze ao sul, e do Congo ao norte; e esta circumstancia, infelizmente grave, condemna á insalubridade o litoral, faz definhar as cidades maritimas, divide Angola em tres zonas parallelas, diversas de aspecto, varias de producções, e de uma hospitalidade tambem variavel: o litoral secco e nú, a região alpestre, e as planuras interiores.

Sobre um litoral de areia ardente apenas póde assentar a barraca do mercador: o chão ingrato repelle o colono. O facto, porém, da existencia dos territorios interiores, agricultaveis, é que por este lado tornaria possivel o estabelecimento de *fazendas* ou *colonias*. Tornaria, dizemos, e não, torna: porque a seu tempo estudaremos os outros factores do problema. Por agora limitamo-nos a considerar os nossos estabelecimentos continentaes africanos pelo lado que ainda hoje mais pronunciadamente caracterisa Angola, — o de feitoria commercial.

Nós conhecemos a natureza d'esta especie de estabelecimentos ultramarinos. Sabemos tambem que as feitorias de Angola, franqueadas ao commercio de todas as nações, vêem todas as bandeiras do mundo, — e a portugueza apenas na pôpa dos paquetes que de portuguez tem só a bandeira. Nove decimos das importações e exportações são estrangeiros. Em Angola, Benguella, Mossamedes,

vigoram pautas aduaneiras, cujo producto subsidia os funccionarios portuguezes; e no Ambriz, occupado em 1855, quando já era um centro de feitorias livres de diversas nações, o estabelecimento das alfandegas expulsou para o norte os negociantes, e foi necessario tornar o porto quasi-franco para os chamar de novo.

São evidentes as conclusões a tirar d'estes factos:

a) O exclusivo da nacionalidade das *feitorias*, ou melhor do seu commercio, não se póde garantir em Angola, por ser um pedaço de uma costa extensa, e não uma ilha, completamente avassallada.

b) Desde que, para nacionalisar o commercio colonial, se estabelecessem direitos differenciaes; ou desde que se elevassem as taxas da pauta, para engrossar os redditos aduaneiros da colonia, unica vantagem nacional da sua conservação, logo que o commercio é estrangeiro; — succederia que os escriptorios abandonariam os portos portuguezes para se irem estabelecer nos pontos desoccupados da costa.

c) Assim, o rendimento e a utilidade da colonia são limitados por elementos estranhos a ella: os direitos aduaneiros não podem exceder as differenças do preço dos transportes do interior para as feitorias portuguezas e para as livres, sommada ao *seguro* que a tal ou qual força do nosso dominio politico estabelece a favor do commercio feito á sombra da nossa bandeira.

d) Prejudicada, pois, pela força das cousas a idéa de um monopolio que só seria possivel se Angola fosse uma ilha inteiramente portugueza; limitados pela concorrencia os proventos fiscaes, e extinctos, ou quasi, os proventos nacionaes metropolitanos, desde que o commercio colonial é estrangeiro; facil

é concluir que, como feitoria, Angola é um encargo e não uma riqueza.

Se nós já sabemos que o fomento commercial de Angola se tem feito, não em proveito, mas em prejuizo do commercio portuguez; resta-nos agora lembrar que, no commercio da costa de Africa occidental, nem é exclusivo nem mesmo principal, o de Angola. Desde Camma, nas boccas do Rembo, ao norte, até Molemba, extremo limite septentrional dos dominios portuguezes, n'essa costa formada pelo pendor occidental da serra-Comprida; e d'ahi, galgando as boccas do Zaire ou Congo, até á margem direita do Loge, fronteira do Ambriz, nos territorios onde temos dominio sem occupação effectiva;—n'essa longa linha da costa livre, quasi egual em extensão á portugueza, pullulam as feitorias particulares de negociantes de todas as nações.[1] Os negociantes estabelecem-se á sombra de tratados com os soberanos indigenas, e o commercio que era, como em Angola, outr'ora de escravos, é hoje, como o de Angola tambem, de café, gomma, marfim, etc. O regime é essencialmente o mesmo, com a só differença de haver, ao sul do Loge, alfandegas e authoridades portuguezas. De uma feitoria d'estas nasceu o Ambriz que, ao ser occupado em 55, depois de doze annos de existencia, exportava mil toneladas de café, mais de cem de gomma,

[1] De Camma ao Ambriz contam-se 150 legoas e 126 feitorias, quasi uma por legoa. O commercio lavra toda a costa. Das 126, 38 são de hollandezes, 37 de portuguezes, 29 de inglezes, 15 de francezes, 5 de hespanhoes e 2 de americanos. Os portos, até ao Congo, são: Camma, Ponta-da-pedra, Nyanga, Ponta-do-norte, Mayombe, Mambe, Ponta-banda, Nombé, Kilonga, Kuilo, Loango, Ponta-negra, Winga, Massabé, Chinchoxo, Chiuma, Malembe, Fontila, Cabinda, Monharda, Banane e Binde.—Da foz do Zaire ao Ambriz: Sohno, Cabeça-de-Cabra, Kakongo, Maculd, Kinsáo, Kintim, Banza-Congo, (capital do reino indigena do Congo, com vinte mil habitantes,) Ambrizette, Monsera, Kinsembo.

quatrocentas de borracha e duzentas de marfim. Por aqui se póde e deve calcular a importancia d'esse commercio livre do norte da costa, que chega a ser computado em doze ou treze mil contos, isto é, o triplo do de Angola.

As tribus do litoral são intermediarias para com as feitorias e as caravanas do interior. As *quibucas*, percorrendo legoas pelos sertões, com os negros em linha carregados de café, ou de dentes de elephante, avisam a chegada ás cidades pretas do litoral, batendo o *engongui* ou chocalho que as guia. Descarregam-se os fardos, contam-se e pesam-se as pontas e guardam-se os saccos da *fuba*, vasios de comestiveis depois da longa viagem. Começa então a troca. A *peça* (de algodão) é a unidade de moeda a que se reduzem todas as especies, traduzidas em equivalentes fixos na *mucanda* ou factura. Trocam-se d'este modo primitivo os productos do sertão pelas manufacturas européas; e a *quibuca* regressa para o interior com outras cargas, e o marfim ou o café seguem para a feitoria, esperando o navio inglez ou americano que a *casa* da Europa envia, ou o paquete que todas as quinzenas vem de Serra-Leoa e vae até ao Cabo.

As *quibucas* ou caravanas do interior tomarão aquella direcção que melhor convenha ao seu interesse; rumarão para a feitoria onde a *peça* valer menos; e é evidente que, se as alfandegas portuguezas a carregarem de direitos que excedam as differenças de distancias, as *quibucas* deixarão de ir ao Ambriz, por exemplo, para ir a Kinsáo, ou ao Banza-Congo. A esta concorrencia para a exportação corresponde a concorrencia que entre si fazem os productos europeus de importação. E os viajantes dizem que ainda hoje os direitos aduaneiros desviam para o norte uma parte consideravel

da exportação; que do café de Cazengo vae grande porção por terra para as feitorias francas de além do Ambriz, em vez de descer ao Dondo e embarcar nos vapores do Quanza para Loanda. A *peça* é além mais barata, e o café tem melhor preço.

Qualquer que venha a ser o destino da Africa austral em remotas epochas; qualquer que venha a ser o resultado das explorações ha pouco encetadas por todas, ou quasi todas as nações da Europa; que o europeu se aclimate ou não; que o negro possa ou não civilisar-se; o facto é que o futuro proximo que espera a Africa é o de uma multiplicação das feitorias francas ao longo dos grandes rios e dos lagos interiores. Não é verosimil que a Inglaterra emprehenda a conquista do interior da Africa austral; mas é mais do que certo que os seus missionarios levarão, com a Biblia, amostras dos pannos de Manchester. Não é verosimil o estabelecimento de colonias e a occupação politica; é já evidente, porém, o proposito de alargar a mais de cem milhões de homens que andam nús o beneficio de vestirem os tecidos das fabricas britannicas, beneficio duplo para os carthaginezes modernos, em lucros e em castidade.

E' provavel que em breves annos os vapores corram no Congo e no Zambeze com caixeiros e missionarios, Biblias e fardos de algodão, para irem communicar com as feitorias francas estabelecidas no interior, ao longo dos rios; — e quando tal empreza se projectar, discutir-se-ha o dominio portuguez das duas Africas; e nós que temos em nossas mãos as duas chaves da navegação fluvial africana, o Congo a occidente, o Zambeze a oriente, seremos forçados, — e com justa razão, — a franquear ambos os rios á navegação estrangeira. O dominio historico do litoral não nos dá o direito

de prohibir ou de taxar com alfandegas as feitorias do interior; e, pois, será ousadia affirmar que as *quibucas* preferirão a *feitoria* proxima, e o vapor que fumega no Congo ou seus affluentes, ao destino de Angola?

Nós pensamos, portanto, que, se a abertura dos portos desnacionalisou o commercio ultramarino portuguez; se as feitorias francas da costa do norte poem já um limite aos rendimentos fiscaes de Angola; a proxima navegação do Congo e o estabelecimento das feitorias interiores, hão de reduzir muito o valor geographico-commercial das portuguezas. Condemnamos, pois a abertura dos portos, as feitorias francas, a navegação do Congo? De certo não; e seria até absurdo condemnar uma cousa necessaria. Lamentamos apenas o não termos que vender aos pretos: d'ahi vêm todo o mal presente, e a provavel decadencia futura das nossas colonias africanas.

O que a navegação do Congo será para Angola, será a do Zambeze para Moçambique. Mais do que Angola ainda, Moçambique nos dá o exemplo de uma feitoria em que apenas a bandeira é portugueza. O commercio é francez; e em Lourenço-Marques a alfandega vive da *passagem* imposta aos productos do Transwaal que por ahi fazem caminho. Como os castellãos da Edade-media, nós lançamos um *direito* sobre as estradas que são dominio nosso, e onde transitam cousas que nos não pertencem, e pessoas que nos são estranhas. Esse direito, naturalmente limitado pela geographia muitas vezes, tem de em outras ser negado, — de tal modo se negaram os direitos feodaes, — como se, por exemplo, se desse o caso de nós pretendermos impedir a Europa de penetrar na Africa pelas duas estradas fluviaes do Congo e do Zambeze, cujas chaves possuimos.

V

As plantações e o trabalho indigena

Vencidos, pois, pelo facto da Africa portugueza não ser uma ilha como são Cuba ou Java, e pelo facto de não termos manufacturas para vender aos indigenas ; perdido o futuro commercial, e limitadas as nossas ambições aos territorios effectivamente occupados e submettidos pelas nossas guarnições presidiarias ; resta-nos saber se nós poderemos fazer das Africas o que fizemos no Brazil do norte : uma colonia-fazenda, um centro de producção agricola. Pouco importará então que haja ou não feitorias francas, na costa ou nos valles dos rios ; que os pretos comprem os algodões de Manchester, furtando-se a pagar-nos direitos ; que todos vão e venham por toda a parte, negociando, trocando, vendendo, livremente. Melhor será até que assim seja, porque quanto menos valer a *peça*, mais valerão o café e o assucar e o algodão dos nossos fazendeiros. A região litoral de Angola seria apenas subsidiaria, da verdadeira região colonial, — a alpestre, a interior, a agricola. E desde que os productos indigenas não fossem já os dos sertões interiores, mas sim os das *fazendas* portuguezas, os portos teriam seguro um trafego proprio, e não dependente da direcção preferida pelas *quibucas* dos negros.

Se é possivel fazer-se de Angola e de Moçambique duas colonias *fazendas*, a Africa será para nós outro Brazil.

Nós sabemos que, nem a producção fabril, nem a emigração numerosa, nem um poder naval, nem

um clima particularmente benigno, são necessarios para o conseguir. Não o foram no Brazil, nem o são em parte alguma. O indispensavel é o capital abundante para desbravar o chão, para installar as plantações, para abrir os caminhos; e, —primeiro,— tornar possivel, depois baratear o custo da producção. O indispensavel é a abundancia d'esse instrumento de trabalho chamado homem, e por isso as *fazendas* só prosperam á custa da exploração mais ou menos brutal dos braços indigenas.

O norte do Brazil e as poucas plantações da Africa portugueza medraram á sombra do trabalho escravo do negro. Abolida a escravidão, levanta-se o problema do regime do trabalho livre indigena, e as idéas vigentes não admittem outra hypothese senão a do salariato á moda da Europa; ao passo que as instituições sociaes dos negros não consentem as fórmas de servidão feodal da Asia. Quando pois os enthusiastas das colonias enumeram com fervor as riquezas naturaes do solo portuguez africano, e a quantidade de cousas preciosas que lá se poderiam plantar, — esquecem que, antes d'essas affirmações, — que de resto não admittem replica, — está a questão do trabalho, sem o qual não ha productos; está a do capital, sem o qual não ha installações agricolas; esta, ainda e finalmente, a da intelligencia e sabedoria da administração, sem as quaes não ha cousa alguma prospera nas sociedades dos homens.

Trabalha ou não o negro por salario e livremente? Esta pergunta, acolhida por modos tão absolutamente oppostos, parece já sufficientemente respondida. Evidentemente o negro trabalha, sem ser necessario escravisal-o. São marinheiros o cabinda e o krumano a bordo dos navios da carreira de Africa; são trabalhadores ruraes os milhares de

cafres que os colonos do Natal empregam nas suas lavouras.

Não basta porém affirmar isto; é necessario estudar as condições em que o negro trabalha. Os krumanos e cabindas servem de grumetes, de cosinheiros e marinheiros, o tempo que baste para comprarem o numero de *peças* a que na *mucanda* das suas terras correspondem tres ou quatro mulheres. Regalado ao sol, inaccessivel á febre, chupando o seu cachimbo, o negro consolidou o seu trabalho. Tem um capital-mulheres que lhe dá o juro sufficiente para viver como gosta, restabelecido na patria, indifferente aos esplendores de Liverpool que visitou. O cafre do Natal vae ás lavoiras inglezas trabalhar de passagem para comprar com o salario tabaco ou aguardente; e regressa ao sertão pastorear os seus rebanhos. Nomada, não se fixa, nem se *domestíca*. Trabalha, sim, mas não por *habito*, por instincto, com o fito de uma capitalisação illimitada, como o europeu. Trabalha, sim; mas aguilhoado pela necessidade immediata: e as necessidades do negro são curtas, e satisfazem-se com pouco. Não abandona pelo trabalho fixo, ordinario, constante, que é a dura condição da vida civilisada, a liberdade e a ociosidade para elle felizes condições da vida selvagem.

A escravidão tinha pois um papel positivo e economicamente efficaz, sob o ponto de vista da prosperidade das plantações. Não basta dizer que o trabalho escravo é mais caro, e que o preto livre trabalha, — factos exactos em si; porque é mister accrescentar que o preto livre trabalha intermittentemente ou excepcionalmente; e que o mais elevado preço do trabalho escravo era compensado pela constancia e permanencia do funccionar d'esse instrumento de producção.

As culturas exoticas (café, algodão, assucar, etc.) mais que nenhumas outras exigem, em dados momentos, a certeza absoluta dos braços trabalhadores: e era isso o que a escravidão dava, e o que o trabalho livre não póde garantir.

Se ainda nos Estados-Unidos, no Brazil, em Porto-Rico, por toda a parte para onde se exportaram negros, hoje livres, esses negros continuam a lavrar as plantações; seria um erro inferior d'ahi para Africa, onde se trataria, não de continuar, mas de crear uma colonia-fazenda. Fóra da patria, acclimatados por gerações aos habitos tradicionaes, os negros da America não têm, como na Africa, o sertão e a tribu proximos, constantes as tentações da vida selvagem e seus encantos. Melhor fôra comparar esta condição á dos indigenas do Brazil que tambem trabalharam escravos; que tambem foram emancipados; e desde então trabalhavam tambem, mas fugitivamente, arrastados pelas tentações do sertão, para onde afinal se sumiam para morrer, para se extinguirem.

Depois, se isto não é assim; se o negro trabalha por instincto e habito; se o negro é capaz de passar da condição de pastor á de agricultor, de se fixar na terra, de capitalisar indefinidamente como o europeu; se o negro é cidadão, é livre, é portuguez, — e tudo isto exige o trabalho salariado; — se os terrenos não têm dono, nem limite: — porque iria o preto servir e enriquecer um colono, quando elle em pessoa póde plantar, colher e vender o seu café?

A idéa da creação de *fazendas* com o trabalho indigena, livre e salariado, fica embaraçada entre as duas pontas d'este dilemma. Ou o preto só trabalha excepcionalmente e não abandona o estado selvagem; ou é susceptivel de se fixar no trabalho

agricola. No primeiro caso a intermittencia arruinará as plantações; no segundo o negro trabalhará para si, e não para o fazendeiro.

Se a questão do regime do trabalho é a primeira e a mais grave, logo apoz d'ella vem a do capital. Não bastam os subsidios do Estado, não basta que elle despenda tudo o que é necessario em obras publicas e n'uma administração competente; não basta, — embora nós não vejamos bem com que recursos o Estado se desempenharia em Portugal d'esta tarefa. Gastar pouco é n'estes casos perder tudo. Não bastam porém os subsidios do Estado para crear as plantações de uma colonia-fazenda. Nas colonias agricolas de emigração franca o capital de installação reduz-se, com effeito, ás obras-publicas; e os emigrantes podem ser e são em geral proletarios, a quem o Estado dá ou vende as terras que cada um ha de lavrar. Nas *fazendas* o caso é outro; o regime é o da grande, não o da pequena cultura; e o colono, ao estabelecer-se, necessita achar-se munido de capital para construir os moinhos, fornos e celleiros, os quarteis e ferramentas dos trabalhadores numerosos que para elle hão de cultivar a cana ou café.

Não basta o capital do Estado; é necessario o capital particular. Admittindo pois que uma parte da nossa emigração pudesse ou quizesse fixar-se em Africa, para ahi estabelecer fazendas; resta saber se os nossos emigrantes têm capital, como tem em grande parte a emigração alleman, por exemplo. Ora todos sabem que a portugueza é constituida pelo proletariado rural dos Açores e pelo excesso da população do Minho, filhos de pequenos proprietarios ou rendeiros, sem capitaes disponiveis.

Quando por vezes a proposito de Africa nos acudir á idéa o que se fez no Brazil outr'ora, lem-

bremo-nos sempre dos meios que se empregaram, para não caírmos no erro de approximações temerarias. A primitiva colonisação do Brazil [1] foi levada a cabo por um systema feodal, o das doações. Os donatarios ou capitães, senhores do solo e creadores das fazendas, podiam satisfazer ao requisito de que tratamos agora. Tinham recursos, não só para comprar ou caçar os escravos e alimental-os, para construir as habitações e os engenhos, como até para armar esquadras por sua conta, assoldadar guarnições e levantar fortalezas. A's *companhias* (inglezas, hollandezas, portuguezas,) que succederam, na colonisação dos paizes tropicaes, aos capitães das ilhas atlanticas e do Brazil, succedia o mesmo. Desembarcado, só e nú, sem protecção nem meios sobre um chão por desbravar, que sorte esperaria em Africa o minhoto ou o açoriano?

Força é pois concluir que tambem a escassez de recursos do nosso thesouro, e o caracter proletario da nossa emigração, nos não parecem consentir, nas duas Africas, a creação de um systema de colonias-fazendas.

Como subsidiaria da questão do trabalho surgiu a do capital; como consequencia de ambas levanta-se agora est'outra, — a da administração. Uma *feitoria* ou uma *colonia,* estabelecimentos creados e mantidos pelas forças naturaes da concorrencia commercial ou da emigração espontanea, pouco requerem da administração e do thesouro da metropole. E' o contrario uma *fazenda.* Como tudo é ahi artificial, isto é, obra da vontade dos homens contra as tendencias naturaes; desde o regime do trabalho, mais ou menos forçado, até á cultura, exotica ou indigena, sempre destinada á exportação

[1] V. *supra*, pp. 16 a 25.

e não ao consumo colonial; desde o estabelecimento dos colonos europeus que é transitorio, até á lucta contra climas por via de regra inhospitos; — como tudo é artificial, o papel reservado á acção efficaz do saber, da intelligencia, da honradez dos funccionarios publicos, e da força das guarnições militares, é eminente.

Ora nem para sabios administradores nem para guardas pacientes e firmes nos fadou a natureza. Não fallando agora n'essa famosa historia da India, [1] os fastos da nossa administração colonial são um tecido de vergonhosas miserias. Herculano, tratando da civilisação das nossas populações ruraes portuguezas, chamava mythos creados para uso das secretarias ao padre e ao administrador: nas colonias houve e ha um mytho mais, o governador do presidio; e os tres deviam ser contados entre o que a imaginação dos phenicios inventou mais repugnante e atroz. Não se esgotaria a materia ainda quando se enchessem bibliothecas dos casos ridiculos, horrorosos ou simplesmente patifes da historia da nossa administração colonial.

O padre Antonio Vieira dizia que no Maranhão os dizimos rendiam seis a oito mil cruzados, dos quaes o governador tomava desde logo metade para si e dava o resto aos subordinados. As egrejas sem rendas caíam em ruinas e os clerigos viviam *á custa dos naturaes.* Os governadores, diz o padre, vendem os postos militares, tirando o accesso aos soldados, vendem a justiça, inventam crimes para espoliar os particulares, compram e escravisam os indios. No tempo do marquez de Pombal o bispo do Pará escrevia: «A miseria dos costumes d'este paiz me faz lembrar o fim das cinco cida-

[1] V. *Hist. de Portugal*, l. III, *A viagem da India.*

des, por me parecer que móro nos suburbios de Gomorra mui proximo e na visinhança de Sodoma.» O incesto, a bigamia, os roubos, os assassinatos, enchem as *Memorias* do bispo. De Angola sabe-se como em nossos dias os governadores, não podendo já escravisar os negros como indios do Brazil, exploravam o trabalho dos *carregadores,* provocando desordens e até guerras. A miseravel escassez dos vencimentos elege para os cargos homens perdidos que se desforram roubando o que não ganham. De Moçambique todos os governadores voltavam ricos. O de Tete vence por mez o valor de duas garrafas de vinho; e por isso um de Quelimane, em condições analogas, partiu a bordo do navio de escravos de capitão. No Ambriz viu Monteiro, e Cameron em Benguella, o que é uma fortaleza; e a desgraçada historia das successivas e perdidas expedições contra o *Bonga,* essa historia em que se não sabe o que admirar mais, se a cobardia, se a inepcia, attesta a capacidade da administração colonial portugueza.

As missões, porém... e as missões? Faltava o terceiro mytho. O bispo do Pará conheceu o provincial do Carmo a quem «orava muita gente á força de cacau e de café;» diz elle, e como bispo devia sabel-o, que os parochos eram incestuosos e andavam todos concubinados: os indios, ao verem a distancia entre as obras e as palavras, voltavam fugitivos para o sertão e pareciam ao bispo tão selvagens antes, como depois de baptisados. Em Angola vimos nós o que fizeram os jesuitas; [1] porém Moçambique excede a tudo. Mandavam para lá, de Goa os padres degredados por crimes ecclesiasticos e civis. Chatins e ladrões, os missionarios, no

[1] V. *supra*, pp. 32-3.

dizer de muitos, foram uma das causas da perda das feiras do interior. Excommungavam por commercio, a pedido de um ou de outro, ou para cobrarem o preço do perdão. Vendiam polvora e armas aos indigenas, para que os expulsassem a elles e a todos do sertão. Eram tão ignorantes, máus e depravados, que os governadores (1824-9) acham melhor que se acabem de todo as missões. No Ambriz um viajante [1] encontrou o parocho durante a semana negociando na sua choça, ao domingo dizendo missa em casa do governador, porque a egreja tinha apenas as paredes. E como digno resto d'essas falladas missões do Congo, e da christandade ahi fundada, resta nas cubatas dos negros um fetiche mais, o crucifixo; e em Santo-Antonio de Cabinda, os sinos da egreja de outr'ora, pendurados nos ramos de uma arvore, tocam garridos á passagem do soba...

Como se ha de pois esperar a creação e o desenvolvimento de fazendas, quando, a nosso vêr, faltam os elementos essenciaes d'essa especie de estabelecimentos? Faltam os braços permanentes, os emigrantes com capital, falta dinheiro ao thesouro, falta uma tradição administrativa colonial, e empregados e tropa adestrados para a gerencia e guarda do que poderiam ser novos Brazis do norte.

Entretanto, o facto é que em Angola ha cultura, ha *fazendas*, e de estranhar seria que as não houvesse. A colonia que é principalmente uma feitoria, tem comtudo um pouco dos caracteres do segundo typo. Homens mais audazes, mais felizes ou mais intelligentes do que é prudente esperar do commum, conseguiram vencer os obstaculos, e de *feirantes* do sertão, tornaram-se plantadores. Se al-

[1] Monteiro.

gum futuro espera Angola, como colonia portugueza, é este apenas. As *feiras* do interior e o commercio maritimo, isto é, os dous aspectos que fazem d'essa Africa uma feitoria, já desnacionalisados quanto aos productos de importação e ás proveniencias e destinos do commercio europeu, provavelmente decahirão com o fomento das feitorias francas e da navegação do Congo.

Se á custa de sacrificios, acaso excessivos para nós, reconhecessemos possivel e util desenvolver as fazendas da região interior de Angola, cortando-a de caminhos de ferro, salariando convenientemente a administração, organisando a milicia e auxiliando os colonos com capitaes que elles não possuem; porventura um novo Brazil-norte se podesse crear na costa occidental de Africa, sob o regime de uma vassallagem real dos indigenas, e de um trabalho mais ou menos clara e directamente forçado. Cabe isto nos meios de uma politica sem fixidez, nem pensamento, como é a portugueza? Cabe isto nos recursos acanhados da nossa riqueza? Temos capitaes para immobilisar n'essa empreza?

Como quer que seja, para fazer alguma cousa n'um ponto, seria mister pôr de parte os dominios vastos e as tradições historicas; concentrar n'um logar os recursos e as forças disponiveis, se acaso os ha. Alienar mais ou menos claramente, além do Oriente, Moçambique, por enfeodações a companhias; abandonar as pretensões ao dominio nas boccas do Congo; e congregar as forças de uma politica sabia e systematica na região de Angola, eis ahi o que talvez não fosse ainda inteiramente insensato.

N'essa região de Angola, limitada a norte pelo Loge, e a leste pelos montes de Tala-Magongo, di-

visoria da bacia hydrographica litoral, e da bacia interior do Quango, affluente ainda inexplorado do Congo; n'essa região de Angola que é o valle do Quanza, com os valles parallelos até ao Cunene; acaso se poderia crear para nós uma Java, se como os hollandezes descobrissemos um meio de tornar forçado o trabalho do negro, sem caír no velho typo condemnado da escravidão. Poderiamos talvez assim explorar em proveito nosso o trabalho de uns milhões de braços, enriquecendo-nos á custa d'elles. De tal modo se fez no Brazil.

Porventura a franqueza, com que estas cousas são ditas, magoará muitos ouvidos educados pelas notas ingenuas ou hypocritas da idolatria do nosso seculo. Com a liberdade, com a humanidade, jámais se fizeram colonias-fazendas.

Dir-se-nos-ha, porém: e porque não estará reservado á Africa portugueza o futuro de uma colonia agricola, de uma colonia de terceiro typo, como são o Cabo ou o Transwaal no mesmo continente, como foram na America os Estados-Unidos, como são o Canadá e até certo ponto a Australia? Nós, que colonisámos os Açores e a Madeira e S. Paulo, porque não poderiamos crear uma Africa portugueza, da mesma maneira que fizemos uma America? Ha uma corrente de emigração numerosa que annualmente vae ao Brazil: porque não se desviará para a Africa essa onda?

Antes de responder a estes quesitos que demandam um estudo especial da emigração portugueza, lembre-se o leitor de que todas as colonias do terceiro typo, ou agricolas, estão ao sul ou ao norte dos tropicos; de que as Africas portuguezas são tropicaes; de que n'esta zona inter-tropical só vingaram as colonias-fazendas; e de que só por essa fórma se conseguiu, — onde se conseguiu, — ac-

climatar, mais ou menos bem, as raças meridionaes européas, jámais as do norte.

A idéa de uma colonisação agricola, pela emigração portugueza livre é, por muitos motivos (adiante estudados,) uma chimera *liberal*. Mas, acodem os novos philanthropos que repetem de ouvido as opiniões biblicas dos judeus-inglezes com a mira nas fabricas de Manchester; mas, se a acclimatação e outras causas tornam impraticavel a colonisação européa, o futuro da Africa, de toda a Africa, é a grande, a vindoura e esplendida civilisação preta! Apostolos e missionarios da idéa-nova e negra, colloquemo-nos ao lado dos inglezes chamemos o preto á escóla, baptisemol-o, moldemol-o á européa, e a Africa será grande... e Angola e Moçambique o quê? O mercado dos algodões inglezes com que vestirão as suas vergonhas os pretos civilisados.

Esta ultima theoria, se tal nome convém a uma sympathica illusão, prende-se directamente com o movimento de exploração da Africa austral que nós estudaremos summariamente no ultimo livro d'esta obra. Vejamos primeiro a theoria da colonisação agricola, pela emigração portugueza que hoje sáe com destino á America.

VI

A colonisação e a emigração portugueza

Trabalhos recentes e valiosos nos habilitam a conhecer a importancia numerica e a natureza e condições da emigração nacional. Regula por onze mil o numero de pessoas que annualmente sáem

do reino para o Brazil; por quatro o dos repatriados; por sete, pois, a contribuição com que concorremos para a colonisação da America néo-portugueza.

Desviar para Africa essa corrente de emigração, crear com ella uma colonia agricola, eis ahi o pensamento claro e simples, no qual muitos vêem resumido o futuro de Angola e de Moçambique. Nós inscrevemo-nos terminantemente contra similhante idéa, que é mais uma prova da precipitação e falta de senso com que as opiniões se formam em Portugal. Os defensores da colonisação da Africa são os mesmos que terminantemente affirmam a aptidão do preto para o trabalho salariado e livre; sem se lembrarem que esta segunda condição, por si só, sem outros motivos, bastaria para condemnar á ruina os immigrantes portuguezes que são proletarios. O portuguez que vae para o Brazil, artifice ou agricultor, não leva um real de seu; e a prova d'isto são os contractos de locação de serviços que assignam para pagar as passagens. Desembarcados, vão trabalhar por salario, alugar os braços, ahi onde elles faltam. Regressam á patria com as economias e sobras do salario, sem se tornarem proprietarios na America. Chegados á Africa, esses agricultores e artifices, ainda quando achassem montada a fazenda, abertas as portas do lavrador que lhes havia de dar de comer e trabalhar, não poderiam vencer um salario superior ao do preto abundante: quaes seriam as economias do colono? como concorreria com o trabalho dos negros?

Não é porém necessario discutir esta hypothese. O exame das condições particulares da emigração portugueza é o primeiro argumento a depôr contra o plano de encaminhar para Africa essa corrente.

Das sete mil pessoas que annualmente ficam no Brazil, mais de duas são rapazes marçanos; e decerto mais de cinco vão occupar-se no commercio de retalho, cujos lucros constituem o grosso dos capitaes dos repatriados a Portugal. Resta um numero de dois mil, para mulheres, (e são muitas as que infelizmente vão, principalmente dos Açores,) para operarios e pequenos industriaes de toda a especie, (carroceiros, latoeiros, hortelões, etc.) e finalmente para colonos trabalhadores salariados da agricultura, cujo numero é relativamente minimo. O simples facto de o Rio de Janeiro contar por quasi noventa centesimos da população portugueza do Brazil demonstra o caracter commercial-industrial, e não agricola, da emigração. [1]

[1] **Estatistica da emigração portugueza.**

	1.º periodo (1866-71)	2.º periodo (1870-4)
Emigração total do continente e ilhas	49:131	76:965
Media annual	8:584	15:393
Com destiuo ao Brazil	7:028	13:380
id. á Guiana, Estados-Unidos, etc.	1:556	2:013
Procedente das ilhas	2:344	3:820
Repatriação: do Brazil	2:240	3:718
de outros pontos	928	780
Desfalque liquido da população	4:456	10:895

Por seu lado as estatisticas brazileiras accusam:	(1855-63) (em todo o imp.)	(1864-73) (no Rio de Janeiro)
Immigração total de portuguezes	71:499	66:258
Regresso total	35:034	32:132
Saldo	36:465	34:126
Media annual dos dois periodos	3:922	

No desfalque annual da população portugueza, orçado entre 4:500 e 11:000 pessoas, o Brazil entra por um numero que varia entre 4 e 7:500, segundo as estatisticas portuguezas, e que apenas attinge a media de 4:000 segundo as brazileiras, tambem porque n'estas se não inclue o anno de

Iriam pois os carpinteiros, ferreiros e pedreiros, os caixeiros e logistas, abandonar a ferramenta e o balcão, para tomarem a enxada em Angola? E'

74 que, depois dos de 71 e 2, foi o de emigração mais numerosa, nem as entradas fóra do Rio no periodo de 64 a 73.

Convém agora saber o destino, a edade e a mortalidade d'essa emigração para o Brazil, que é quasi a total; e para isso nos guiaremos pelas estatisticas portuguezas do periodo de 70 a 75, e pondo de parte o accrescimo de emigração clandestina com que acima se contou.

MEDIAS ANNUAES	RIO	BAHIA	PARA'	PERNAMB.	MARAN.	TOTAL
Immigrantes	9:365	125	841	685	77	11:093
Menores de 14 annos	1:831	60	174	211	?	2:276
Repatriados	2:943	81	346	348	?	3:718
População portugueza	?	4:000	14:074	?	?	?
Obitos	1:927	73	128	129	?	2:257
Porcentagens						
Obitos na população	?	1,8	0,9	?	?	?
» emigração	20.5	58	15	20	?	20
Menores na »	19,5	48	20	31	?	20,5

Vê-se d'aqui: *a)* que a mortalidade é tanto maior quanto é maior o numero dos menores; *b)* que no total de 11:093 pessoas os homens validos para o trabalho rural ou industrial e as mulheres sommaram 8:817, e o resto compõe-se exclusivamente de marçanos para o commercio; *c)* que dos 7:375 emigrantes, que ficam annualmente no Brazil uma parte morre. Qual é ella? O numero de 2:257 obitos inclue, não só os dos emigrantes, como os dos residentes que eram 126:246 em 1872. Vemos que na Bahia e Pará, onde a emigração entra por 5 por cento apenas da população, os obitos regulam por pouco menos de 1:100. Admittindo esta relação como geral, cumpre destruir um erro grosseiro, (em que nós mesmos já caímos ha annos,) do relatorio sobre a emigração portugueza, quando accusa a mortalidade da quinta parte dos immigrantes no Brazil. Sendo de 1:100 a mortalidade normal, os 120 mil residentes contribuiriam para os obitos com 1:200, ficando á immigração o numero de 1:060, approximado, isto é, menos de 10 e não 20 por cento.

Resumindo e rectificando, pois, temos:

Media de emigração para o Brazil	11:093	
de repatriação	3:718	
do saldo		7:375
Percentagem de obitos sobre a emigração		10
sobre os residentes		1
da immigração no Rio		84

de crer que não acceitem o conselho. Demos, porém, que o fizessem; e elles, primeiro que ninguem, e nós depois d'elles, chorariamos amargamente o nosso erro. Teriamos destruido uma obra de seculos, a melhor obra de que reza a nossa historia; teriamos desportuguezado o Brazil, desde que deixassemos de alimentar o progresso da sua população com as infusões de sangue vivo que annualmente lhe enviamos. Que importa que o Brazil seja politicamente independente? Nós devemos dizer com Herculano «que é a nossa melhor colonia, desde que deixou de ser colonia nossa.» Para o regime social-economico é tão secundaria e até certo ponto indifferente a dependencia ou independencia, como o são as fórmas do governo.

Não só a natureza commercial-industrial da emigração portugueza para o Brazil condemna, pois, o plano de a desviar para Africa. Se o fizessemos destruiriamos a mais proveitosa direcção do nosso commercio externo, e seccariamos a fonte dos capitaes moveis que trazem comsigo os *brazileiros*. Acredita alguem que a Africa podesse dar aos colonos agricultores lucros comparaveis aos do commercio nacional com o Brazil, e aos do commercio de retalho dos residentes no imperio? [1]

A tudo o que ficou dito sobreleva, porém, em magnitude a questão da acclimatação. Que o colono

[1] Eis aqui as sommas do commercio externo comparado do Brazil e da Africa em 1874.

		AFRICA	BRAZIL
Importação	contos	829	3:189
Exportação	»	767	4:271
Somma	»	1:596	7:460

Tenho visto orçada em 3:000 contos a somma annual dos ingressos de capitaes, lucros dos emigrantes repatriados. Regulando estes por 3 a 4:000 caberia a cada um menos de um conto de réis. Não será excessivamente baixo o computo?

portuguez trocasse o martello ou a vara pela enxada; que o commercio externo com o Brazil decaísse, com a queda da immigração portugueza no imperio; que não houvesse mais dinheiro para comprar inscripções; (seria isso ainda uma compensação!) que o colono trabalhador rural se sujeitasse a trabalhar pelo preço por que trabalha o negro; que achasse na Guiné, em Angola ou em Moçambique lavradores para o assoldadarem; que o Estado magnanimo lhe desse um capital que lhes falta a ambos, ao Estado e ao colono, para lavrar por sua conta; — concebe-se tudo, porque está na capacidade dos homens commetter os erros mais extravagantes.

Não vae, porém, essa capacidade até ao ponto de fazer de um clima mortifero um bom destino de emigração colonisadora. Pouco importa que em certos pontos elevados, varridos de ar, no interior, no Bihé ou em Huilla, o clima seja relativamente bom. Jámais os colonos poderiam prescindir do litoral, da estrada maritima para o trafego commercial, consequencia do agricola. E' mais do que um erro, é um crime, allegar, contra todos os dados da experiencia, [1] a belleza do clima africano e

[1] Vimos que a mortalidade nos residentes da Bahia e Pernambuco é de 1:100. Generalisando essa relação a todo o imperio, fixámos, perante os numeros,

a mortalidade da immigração	em	11:100
dos residentes	»	1:100

Quaes são as mortalidades correspondentes da Africa?
Equiparando os degredados aos immigrantes, achamos:

1870-4	CABO-VERDE	S. THOMÉ	ANGOLA	MOÇAMBIQUE
Degredados	61	93	193	33
Mortalidade	15	34	80	13
Relação : 100	25	36	42	40

Media	37:100
» immigr. Brazil	11:100

induzir a emigração, que é ignorante, a caminhar para um cemiterio. Seria necessario que a Africa tropical passasse por uma revolução geologica; que a facha de costas inhospitas se levantasse, as suas lagoas mortiferas se seccassem ao norte, e ao sul a vegetação baixasse a temperar os areaes seccos do litoral, — para que os colonos europeus podessem fixar-se e propagar.

A colonisação portugueza da Africa austral deixou de ser uma empreza possivel, desde que os hollandezes tomaram o nosso lugar no Cabo da Boa-Esperança. [1] Aptos como elles não são, para nos acclimatarmos sob os tropicos, se para o Cabo se tivessem voltado as nossas vistas ao mesmo tempo que as dirigiamos para a America, haveria hoje, — é licito suppol-o, — uma Africa europêa ao norte do rio Orange. O nucleo da população fixada na zona temperada da extrema Africa teria sido como o S. Paulo d'este continente; e as excursões e *bandeiras* teriam trilhado o interior e lançado as sementes de futuras cidades. O Cabo e Natal seriam o que nem Angola nem Moçambique podem ser, —

Equiparando agora a população fixa e militar africana aos residentes no Brazil:

	POPULAÇÃO	OBITOS ANNUAES	RELAÇÕES : 100 —
Cabo-Verde (1874)			
Indigenas e europeus	76:003	1:477	1,9
S. Thomé (1870-4)			
Europeus	500	8	1,6
Angola (1865-74)			
Europeus	3:200	104	3,3
Militares	750	163	21,9
Media geral			2,2
Id. excluindo Cabo-Verde por incluir os indigenas			6,3
Id. excluindo tambem os militares de Angola			3
Id. da mortalidade dos residentes no Brazil			1

[1] V. *supra*, p. 183-4.

*

pelo clima e pela latitude,—isto é, o fóco de irradiação da colonisação, o centro de acclimatação, e o estabelecimento permanente, fixo e bem situado para o trafego commercial-maritimo, o Rio-de-Janeiro da Africa austral. A exportação dos escravos e o progresso absorvente do Brazil impediram que isto se fizesse:—acaso tambem a falta de vistas dos estadistas; porventura até a insufficiencia dos recursos do reino para se empenhar simultaneamente nas duas emprezas.

VII

A emigração e a metropole

Condemnada assim a idéa de crear uma colonia agricola, sacrificando a immigração do Brazil, cuja occupação é commercial; cumpre-nos ainda, antes de concluir, dizer que,—se preferimos decididamente a emigração para a America, á por muitos desejada emigração para Africa; prefeririamos antes que os portuguezes só fossem forçados a emigrar, quando tivessem acabado de *colonisar* o reino; quando a densidade minima da nossa população, comparada com os numeros da nossa emigração, [1] deixassem de ser um documento triste da incapacidade da

[1]

	POP. ESPECIF.	EMIGRAÇÃO
Inglaterra	105 hab. por kil. q.	1 em 116 hab.
Allemanha	79 »	1 » 315 »
Portugal	46 »	1 » 283 »
	No continente	1 » 330 »
	Nos Açores	1 » 90 »
	Na Madeira	1 » 185 »

nossa economia politica. O Brazil é melhor colonia para nós do que a Africa; porém a melhor de todas as nossas colonias seria o proprio reino.

Vale a pena dizer aqui, de passagem, algumas palavras sobre essa grave questão da emigração portugueza. Desfalca-se annualmente em seis ou sete mil pessoas a população do reino; e ao mesmo tempo vém ao Douro os gallegos cavar as vinhas; vém milhares de navarros, de catalães, abrir as trincheiras e construir os tuneis e viaductos dos nossos caminhos de ferro. Os capatazes, os empreiteiros, são estrangeiros, bem como a maxima parte dos operarios: só nos intervallos dos trabalhos ruraes apparecem, como peões e serventes, os nacionaes. Os saldos entre os salarios e a alimentação dos trabalhadores, e os lucros dos empreiteiros são exportados; em vez de ficarem no paiz para engrossar a sua riqueza. A que attribuir esta anomalia de uma emigração e immigração simultaneas? A's condições da propriedade rural no Minho. E' do Minho que o portuguez emigra. [1] O solo, na maxima parte cultivado, a população densa e prolifica, [2] a propriedade pulverisada, e a cultura quasi horticola: eis as causas permanentes da emigração. Os filhos de um proprietario, cujos bra-

[1] Emigração total do continente no periodo de 1866-71 37:444

Porto, Braga, Vianna, deram	24:630
Aveiro que está em condições analogas	6:162
Vizeu, Villa-Real e Coimbra	5:535
O resto do paiz	1:117

[2] Eis aqui a densidade da população nas quatro zonas do reino:

I	Norte litoral (Porto, Braga, Vianna, Aveiro)	164 a 76 hab. pr. k. q.
II	» transmontano e centro litoral (Vizeu, Villa-Real, Coimbra, Leiria, Lisboa)	75 a 46 »
III	Leste transmontano e sul litoral (Bragança, Guarda, Castello-Branco, Santarem e Faro)	36 a 23 »
IV	Alemtejo (Portalegre, Evora e Beja)	15 a 12 »

ços, com os da mulher, chegam para agricultar a leira de milho, não têm mais futuro do que o Brazil. Não ha um systema mixto de media e pequena propriedade, que consista a coexistencia de uma população de salariados e de uma população de pequenissimos proprietarios, conforme succede nas provincias do centro do reino. Por isso, á guisa dos navarros que deixam aos paes e ás mães a cultura do campo, para virem construir as nossas obras-publicas, tambem o beirão vae em bandos, no outomno, ceifar os campos da Estremadura e do Alemtejo, ou fazer as vindimas. O regime mixto da propriedade consente a existencia de uma população de salariados, mais ou menos fluctuante; — o regime exclusivo da propriedade minuscula elimina essa cathegoria de trabalhadores no Minho; e como a população é relativamente excessiva, a emigração apresenta-se como a unica solução, porque o trabalho mais ou menos eventual das obras-publicas não póde, por si só, garantir a subsistencia do não-proprietario.

A emigração portugueza provém pois quasi exclusivamente do regime da propriedade no Minho; e se é facil ao systema das nossas leis pulverisar a propriedade, já o não é actuar inversamente; — pois que as tentativas que se fizessem n'esse sentido, além de contrariarem as opiniões correntes em direito economico, iriam encontrar diante de si os obstaculos invenciveis do caracter das populações minhotas, e do solo d'essa parte do paiz, — magro, retalhado, que naturalmente reclama a pequena propriedade e a exploração horticola.

Quando os proprietarios do centro e sul do reino clamam, pois, contra a emigração, attribuindo-lhe a causa da elevação dos salarios ruraes, erram duas vezes. Nem esse facto é consequencia d'ella,

nem as medidas coercitivas da emigração poderiam fazer do excesso de população minhota um viveiro de trabalhadores salariados: apenas creariam no norte do reino uma população de mendigos esfaimados. Por outro lado os salarios não têm subido senão na razão do augmento do preço das subsistencias. [1] A idéa de coarctar a liberdade da emigração é, pois, além de um ataque aos direitos individuaes, um absurdo evidente, com que nada lucrariam os proprietarios que exploram vastos dominios com o trabalho alheio salariado.

Quer isto, porém, dizer, que o estado actual é excellente; e que a exploração do pequeno commercio do Brazil seja a mais productiva maneira de empregar os milhares de homens que annualmente exportam o norte do reino e as ilhas? Não, de certo. A nossa mais rendosa colonisação, repetimol-o, seria a do proprio reino. No Brazil criam-se habitos desmoralisadores que os repatriados vêm derramar

[1] Os documentos annexos ao Relatorio da Emigração mostram que salvas raras excepções, ella cresceu na razão do augmento de população; o que destroe a opinião banal do excessivo preço dos salarios ruraes.

DISTRICTOS	VARIAÇÃO NUMERICA DO CENSO DE 64 PARA O DE 70 +	—	+	EMIGRAÇÃO (66-71)	
Porto	19:197	—	38:396	16:450	36:327
Aveiro	5:576	—		6:162	
Braga	4:881	—		5:837	
Vianna	5:756	—		2:343	
Vizeu	3:271	—		2:341	
Villa-Real	—	6:755		2:060	
Coimbra	6:470	—		1:134	
Os restantes	23:246	—		1:117	
Excesso nos 7 districtos			2:069		

Por outro lado as estatisticas do districto do Porto, que contribue com quasi metade da emigração total, accusam, de 62 para 71, uma alta de salario maximo de 200 para 280 rs. digamos 40 por cento. Mas ao lado vê-se que sobe correspondentemente o preço das subsistencias, do milho, do feijão, da batata.

sobre as populações, outr'ora simples, das nossas provincias. Acima da adoração do bezerro de ouro, que é já uma perversão do instincto de capitalisar inherente aos povos civilisados; pomos nós o abastardamento dos costumes pela aprendisagem nos *cortiços* do Rio, ou nas roças com os escravos de ambos os sexos. Ao lado dos vicios que se infiltram na população e a corrompem, lembremo-nos da influencia d'essas riquezas amontoadas em mãos, por via de regra sem intelligencia nem amor a novos trabalhos, e demasiado adestradas nas trapaças e falcatrúas. D'ahi vém a excessiva e funesta facilidade com que os governos cunham inscripções, e o desvarío da agiotagem e ladroeira que borborinha nos bancos de Lisboa e de todo o Minho. Indolente e ignorante, o *brazileiro* quer um juro sem querer trabalho; e sem intelligencia bastante para ter industria, é burlado ou burla. Assim, o valor positivo do capital que os repatriados trazem para o reino, não só se não póde medir pelos algarismos, como se traduz em um não-valor moral irreductivel a numeros.

Sem concluirmos que a emigração nos arruine, nem que a condição dos trabalhadores ruraes leve a uma despovoação do reino, [1] opiniões oppostas

[1] O Relatorio da Emigração, cujos annexos têm tanto valor, mas cujo texto é uma serie incrivel de despauterios, calcula assim: Em 61-71 emigraram 53:000 individuos, regressaram 8:000, morreram 11:000, ficou o saldo de 34:000. O trabalho de 34:000 individuos (que desapparecem em 20 annos) a 120:000 rs. por 20 annos representa o valor de 81:600 contos, evidentemente superior a tudo o que possa produzir o ingresso de capitaes de repatriados.

Parece desnecessario indicar os disparates d'este calculo: *a)* Se a mortalidade dos residentes se desse em tal escala, de ha muito se teria extinguido a colonia portugueza do Brazil, porque a immigração não daria para os obitos. — *b)* Se morrem no decurso de 20 annos, como se calcula o salario integral d'esse periodo? E não morreriam no reino? — *c)* O numero inclue homens e mulheres e creanças: se cada cidadão portuguez ganha

que nos parecem insustentaveis; — entendemos que, nem mesmo abstrahindo de considerações de ordem moral, se deve olhar só para os milhares de contos com que annualmente cresce o capital movel da nação pelo regresso dos emigrantes do Brazil. Achamos certamente que o trabalho dos emigrantes, exercido no solo do reino, produziria muito mais do que as sommas entradas da America; muito mais e melhor, porque seria mais bem ganho, melhor distribuido e consolidado na terra, em vez de andar vagamundeando á procura de inscripções, ou titulos de bancos mais ou menos trapaceiros.

E' mister não contar apenas com os braços dos que voltam, mas sim com todos os dos que vão, e são logo dizimados por uma excessiva mortalidade (10:100). E' mister não olhar apenas para os opulentos repatriados, mas tambem para o ma-

por anno 120:000 rs. somos tão ricos como a França, onde a capitação do rendimento bruto anda por isso. — *d)* Essa gente que ganharia os 81:600 contos nada teria consumido, parece, em comer e vestir. — Similhantes dislates não merecem discussão.

No polo opposto, o sr. Herculano, *(A Emigração)* empenhado em demonstrar que a alta dos salarios não provinha da emigração, formulava, no proposito de demonstrar a exiguidade dos salarios ruraes, um calculo que, a ser verdadeiro, levaria á conclusão de que a fome devora a população do reino: ora ella augmenta.

Salario do trabalhador a 200 rs. em 365 dias	73:000	
» da mulher a 100 rs. em 180 dias	18:000	
		91:000
Dias festivos, temporaes, etc. inuteis		22:500
Rendimento annual da familia		68:500
Alimentação		73:000
Deficit		4:500

e mais o custo do vestuario, habitação, etc.

Ora desde que boa quinta ou sexta parte da população portugueza é formada por familias de proletarios ruraes, e desde que a população geral cresce; parece evidente, salvo todo o respeito devido á memoria que eu mais venero, — que o calculo deve estar errado.

ximo numero de infelizes miseraveis que se amontoam nos cubiculos immundos do Rio; n'esses *cortiços* onde a promiscuidade extingue os instinctos da humanidade mais elementar, e a miseria gera as tuberculoses e as elephantiasis, a crapula e a syphilis. E' mister olhar tambem para os rebanhos de prostitutas que vão servir de pasto á sensualidade da turba dos colonos; é mister lembrar a sorte dos *engajados* da lavoura, que trabalham do romper d'alva á noute escura, enfileirados com os escravos, sob o açoite do capataz; e vivem na senzala como os negros, n'uma cabana terrea sobre uma esteira, com uma pedra para deitar a cabeça; e comem a *tamina* de carne secca, de feijão e de farinha. Nem ha sómente milhões no futuro do emigrante.

Colonisar o reino [1] em vez do Brazil, mas não trocar por fórma alguma o Brazil pela Africa, — eis

[1] O parecer do então governador civil do Porto, o sr. Taibner de Moraes, apresentado á commissão da Emigração é o mais valioso e completo documento que o Relatorio inclue. O sr. Moraes entende com fundamento que a alliciação dos colonos devia ser perseguida policialmente por varios meios, e que as fianças ao recrutamento deviam exigir-se mesmo para baixo dos 14 annos: assim se cohibiria a emigração de creanças que são as que mais morrem. — Não é a medidas coercitivas, porém, que pede a fixação dos emigrantes no solo do reino; é a medidas reformadoras das condições sociaes (instrucção, viação, etc.,) e a medidas que alterem o regime da propriedade: estabelecimento de colonias agricolas, emprazamento de baldios municipaes e parochiaes, restabelecimento da sub-emphyteose para os terrenos incultos.

«O foro, escrevia A. Herculano, é o grande moralisador dos campos, o supplente efficaz do parocho e do mestre, mythos que a poesia politica inventou para entertenimento dos parlamentos e secretarias.»

Não entra no plano, nem cabe nas proporções d'este livro estudar demoradamente os elementos da urgente reforma da propriedade e do imposto em Portugal; entretanto, a tudo o que fica dito por outros, juntemos mais estas palavras do sr. Carlos Ribeiro: «Se os lançamentos da decima predial desde 35 a 52 foram a expressão do desacerto, da mentira e de uma lesão enorme para o fisco, a maioria das matrizes organisadas desde 53 não está em melhor pé.»

ahi o nosso modo de ver sobre o destino da emigração portugueza.

Mas o futuro da Africa, — acodem agora os apostolos negrophilos, — não está no branco, está no preto. Nós que imperamos nas duas costas, podemos avassallar meio continente, missionar, educar, precedendo os inglezes na obra gloriosa da civilisação indigena. O livro seguinte e ultimo mostrará o valor d'este plano.

LIVRO QUINTO

A exploração do continente africano

I

Africa portentosa

Desde o primeiro quartel do XVII seculo que as attenções dos portuguezes se voltaram para a descoberta das estradas interiores da Africa; e a mesma curiosidade geographica, mas não a mesma sorte, originou e acompanhou a exploração d'ella e a da America austral. Ao desejo de achar por terra o caminho da Abyssinia, succedeu o empenho de ligar por uma estrada transcontinental as possessões das duas costas africanas; ao mesmo tempo que o proposito da conversão dos gentios conduzia os missionarios para o interior dos sertões. As missões caíram, e em ambos os continentes falhou a primeira tentativa de crear uma civilisação indigena sobre a christianisação dos selvagens. Esqueceram, perdidas no seu objecto, essas viagens; quebrou-se a tradição das emprezas; dissolveu-se o imperio maritimo portuguez; e a Africa só era conhecida no mundo como um armazem de gentio preto, bom para cultivar as plantações de assucar e café, e para lavrar as minas americanas.

Na primeira metade do seculo actual, os negociantes portuguezes *resgatando* os productos sertanejos e os escravos; e os governos coloniaes, acaso inspirados pelo desejo de alargarem para o interior a sujeição dos indigenas, — trilharam a Africa em certos sentidos; emquanto allemães e hollandezes, partindo dos estabelecimentos do extremo sul do continente, exploravam especialmente a cafraria. Ainda porém estas viagens não despertavam a attenção da Europa; ainda ella andava exclusivamente absorvida pelos debates e revoluções que o apparecimento das theorias liberaes provocou; e pela faina da construcção de obras-publicas e da constituição do machinismo industrial, determinados pelas descobertas da mecanica. O industrialismo, o progresso da viação terrestre e maritima, e o progresso das sciencias naturaes, coincidiram para chamar as attenções da Europa para os feitos heroicos de um ingenuo apostolo escocez, filho directo dos philanthropos insulares do principio do seculo. Livingstone cruzára a Africa em varios sentidos; descobrira, — porque as anteriores descobertas haviam passado desapercebidas, ou estavam esquecidas, — os rios e os lagos do interior; e revelava á Inglaterra manufactureira e biblica a existencia de cem ou duzentos milhões de homens que andavam nús, e podiam vestir-se de algodão de Manchester; que adoravam *fetiches,* e deviam aprender a Biblia.

Era ao tempo em que ás fabricas inglezas, temerariamente augmentadas, faltavam consumidores: os tecidos armazenados, os *steamers* immoveis nos portos, os martellos de vapor desesperados por não terem ferro em lume a esmagar para carris e locomotivas, ameaçavam os capitaes de uma ruina tão grande como fôra o enthusiasmo da aventura. Ba-

tidos na China, apesar das victorias da guerra: não é verdade que a Africa se apresenta como uma *concessão* de uma grandeza quasi illimitada? um mundo a conquistar para o consumo, um continente a cobrir de estradas de ferro? Addicione-se a isto o genio apostolico do inglez; junte-se a curiosidade scientifica do indo-europeu, mais do que nunca hoje disperta; e ver-se-ha como o regime industrial e o progresso das sciencias da Europa, são a causa immediata da exploração da Africa.

Em poucos annos se multiplicaram as expedições e as viagens, pelo norte, pelo centro, pelo sul, por oriente e occidente. O exemplo de Livingstone encontrou enthusiastas em todas as nações; e a Africa, abertos de par em par os seus segredos; a Africa, já conhecida nas linhas fundamentaes da sua structura geographica e da sua composição ethnologica, entrará breve na segunda epocha da exploração. [1] Por um lado a via-ferrea trans-saha-

[1] Principaes viagens:

1521 — Quadra, enviado por D. Manuel para ir por terra, do Congo á Ethiopia; frustrada.

1560 — Gonçalo da Silveira missiona até ás cabeceiras do Zambeze, onde é morto pelos cafres.

1573 — Expedição de Francisco Barreto ás minas de Sofala.

1606 — Id. encarregada pelo governo de Angola a Rebello de Aragão para atravessar a Africa austral; frustrada.

1608 — Id. de Estevam de Athayde ás minas da Zambezia; fundação de Massapa e Chicova.

1676-80 — Ayres de Saldanha tenta em vão atravessar de Angola a Moçambique.

1798 — Viagem do Dr. Lacerda, de Tete ao Cazembe, onde morre.

1795 — Id. commercial de Assumpção Mello, de Benguella, pelo Bihé, ao Loval.

1806-11 — Viagens entre Angola e Moçambique; especialmente a dos pombeiros Baptista e Anastacio, de Pungo-andongo a Tete, e de Tete a Angola.

riana; por outro a communicação dos systemas de lagos, por onde o caminho é relativamente facil, desde o centro, no equador, até ao sul da costa oriental; por outro a navegação do Congo e do Zambeze, — serão, cremos nós, os primeiros passos da proxima futura historia africana. Reconhecido o territorio, construir-se-hão os caminhos, por onde chegarão a toda a parte as mercadorias da Europa.

Os mappas da Africa austral, ainda ha bem poucos annos vazios e mudos, permittem já hoje esboçar os traços geraes do relevo do continente. Tres grandes zonas se póde dizer que o compoem: a superior, a media, a inferior.

1831-2 — Expedição de Correa-Monteiro e Gamitto, pelo Zambeze, a Lunda, e ao Muata-Cazembe; regresso a Tete.
1843-7 — Id. de J. R. Graça, de Loanda ás nascentes do Zambeze: visita o Muata-yanvos.
1852 — Travessia do Zanzibar a Benguella por tres mouros.
1852-6 — Viagem commercial de Silva Porto, de Angola aos Barotsé (alto Zambeze): os seus pombeiros vão até Ibo.

Exploração da Africa central:
1822-56 — Viagens de Claperton e Denham (22); Baikie (54); Barth (50); Vogel, Houglin (56); entre 10 e 20° N. na Nubia e no Sudão; reconhecimento do lago Tschad, e do curso do Niger.
1857-9 — Exploração da Africa equatorial. Burton e Speke entram pelo Zanzibar e descobrem os lagos Tanganyka e Nyanza.
1863 — Baker descobre o Alberto-nyanza. — Schweinfurth visita as origens do Nilo; explora o alto-Egypto, a Nubia e a Abyssinia.
1869-74 — Nachtigal no Sudão oriental; Barth no occidental. — (72) 1.ª viagem de Stanley á região dos lagos centraes.

Exploração da Africa austral:
1840 — Primeira viagem de Livingstone, do Cabo, pelo deserto Kalahari ao lago Ngami; e pelo vale do Zambeze a Angola.
1858-61 — Segunda viagem, na bacia inferior do Zambeze, pelo Chire ao lago Maravi (Nyassa) que Livingstone reconhece.
1865-7 — Terceira viagem, pelo Rovuma (Zanzibar) ao Maravi, ao Moe-

Na primeira (0 a 12° S.) levantam-se a oriente os terraços onde assentam os lagos (Alexandra, Alberto, Victoria, Tanganyka, Moero, Banguelo, Niassa ou Maravi); para occidente abre-se o enorme estuario do Congo. D'esse systema lacustre vasam para o norte o Nilo, para o sul o Zambeze, para o poente o Congo; e pelo nascente os degráos successivos dos planaltos da região maritima descem até á costa de Zanzibar-Moçambique, apenas sarjada por pequenos rios litoraes. Do lado opposto corre o Congo descrevendo um curso semi-circular que passa além do equador, para vir terminar por 6° S. Os seus numerosos confluentes do sul, descendo dos planaltos que dividem esta primeira, da segunda região

ro, ao Banguelo, trilhando toda a região dos lagos meridionaes e a região alpestre intermediaria, até Nyamgvé sobre o Lualaba (Congo.)

1872-5 — Viagem de Cameron; de Zanzibar a Oudjidji (lago Nyanza,) ao Tanganyka; reconhecimento da altura do Lualaba em Nyamgvé e determinação d'esse curso de agoa como fazendo parte das vertentes occidentaes da Africa, e sendo provavelmente o proprio Congo. (*The Lualaba, if it be the Congo, of which I think there can be ne doubt.*) De Nyamgvé, Cameron desce, atravez do continente, pelos Moluas a Benguella.

1874-7 — 2.ª viagem de Stanley; do Zanzibar ao Nyanza; reconhecimento da região dos lagos superiores (Victoria, Alberto;) visita do imperio de Uganda, determinação do divorcio das agoas interiores nos tres systemas do Nilo, do Zambeze e do Congo, que o explorador desce, provando ser o Lualaba o mesmo Congo. Termina a viagem em Angola.

1877-80 — Expedição portugueza. Serpa-Pinto vae do Bihé, seguindo proximamente em direcção opposta á da primeira viagem de Livingstone, saír ao Natal. Capello e Ivens exploram o interior de Angola.

1868-71 — Viagens de Erskine, Baines, Mohr e Mauch na cafraria, entre Limpopo e Zambeze, no litoral e pelo paiz dos bechuanas.

Varias expedições trilham actualmente a Africa. Stanley acha-se internado no valle do Congo. Italianos, francezes, belgas, inglezes, exploram a região dos lagos superiores; Duperré, Largeau, Solleilet, Bonnat, a Senegambia e a Guiné; e vão installar-se os trabalhos preparatorios do caminho de ferro trans-sahariano, da Argelia ao Senegal.

africana, rasgam um amplo valle; e o Amazonas africano tem tambem, como o da America, nas suas cabeceiras da zona alpestre, a oriente, os seus Andes. Nasce em Ubisa, um pouco ao sul do Banguelo, córta o lago Moero, segue parallelo ao Tanganyka, no pendor occidental das montanhas do oriente, com o nome de Lualaba, e depois com o de Congo ou Zaire. Da origem a Nyamgvé mede quasi dous mil kilometros; d'ahi ao mar quasi tres mil; ao todo 4:700 kilometros. O seu curso superior (Lualaba) até ao despenhar das primeiras cataractas avalia-se em tresentas legoas navegaveis; o seu curso medio, das primeiras ás segundas cachoeiras, em mais de quatrocentas; e o ultimo troço, de Yellala ao mar, em mais de cem. Os affluentes, inexplorados ainda, orçam outras cem legoas navegaveis; e a bacia do Congo, com a quarta parte da superficie da Europa, e novecentas ou mil legoas de cursos de agua navegaveis, é a digna rival da bacia do Amazonas, fronteira do outro lado do Atlantico.

Os socalcos sobrepostos, que caracterisam a orographia da Africa austral, dão origem ás cataractas do Congo, e fecham o estuario do grande rio africano com o systema de planaltos orientaes, e com o das alturas meridionaes d'onde lhe vém as aguas do Quango, nos confins da provincia de Angola; do Kassibi-Uriki ou Loke, que parte de Quiboque a regar as terras de Balunda e a cortar o imperio negro do Muata-Ianvos; — e dos numerosos ramos do Sankuru e do Lomami que banham o reino dos moluas. Por norte, a bacia litoral do Ogové, por sul a do Quanza; dominada uma pelas alturas da serra Comprida, outra pelas da serra de Magongo; formando uma o Gabão francez, outra a Angola portugueza; — ladeiam as boccas do Congo, da mesma

fórma que o Oyapock e o Maranhão ladeiam as do Amazonas.

Tal é a região superior da Africa austral.

Na região media (12 a 20° S.) os traços geraes da structura do continente invertem-se. Ficam de occidente os terraços elevados dos districtos de Benguella e Mossamedes e a Hottentotia fronteira, apenas sarjados pelo curso de Cunene. Corre para oriente o Zambeze, descendo desde as vertentes das alturas centraes, que do lado opposto alimentam os confluentes do Congo, e recebendo os subsidios da encosta que baixa da região dos lagos: — o Zumbo que penetra por entre o Banguelo e o Nyassa; e o Chire que vasa pelo sul este ultimo. Na margem opposta recebe o Zambeze os tributos do Chobe que parallelamente se interna com elle para norte; e se os caudaes do Cubango se perdem nas areias do deserto interior, formando um grupo de lagoas (Ngami e outras); as montanhas que dividem pelo sul oriental a segunda da terceira região africana, mandam ao Zambeze os numerosos confluentes da terra dos makalakas, ou reino de Matabele, collocado na divisoria do Zambeze e do Limpopo.

A terceira região inclue todo o resto da Africa austral: é o extremo do continente, e já quasi toda extra-tropical. Cruzam-se n'ella em direcções oppostas os seus dois rios principaes, o Limpopo, descendo para oriente, o Orange para occidente. Mas, ao passo que o primeiro, pelo norte, só banha a metade do continente, para além do planalto occidental que vém desde o Cunene pela Hottentotia até ás possessões inglezas do Cabo, para além do deserto Kalahari e da terra dos buschimanos; — o segundo quasi córta de lado a lado toda a Africa, delimitando, pelo norte, as serranias do

Cabo e trazendo as origens das cordilheiras da terra dos zulus.

Eis ahi o esqueleto da terra dos monstros — *Africa portentosa,* como lhe chamaram os romanos. Vasta mancha de terra levantada na amplidão dos mares, a Africa assenta quasi inteira entre os dois tropicos: apenas a costa mediterranea com o Egypto e uma facha do Sahará ao norte; apenas o Cabo, ao sul, entram na zona temperada. Tudo concorreu para manter incognito e mysterioso o interior d'esse continente. O Sahará, estendendo-se nas fronteiras da Mauritania e da antiga Numidia, impediu os romanos de alongarem para o sul a sua conquista do mundo. Pelo Nilo, cortado de cataractas, a navegação estava limitada; e apenas as caravanas transpondo o deserto, os navios costeiros dos mouros descendo a costa occidental, mantinham relações terrestres com as populações trans-saharianas. Por mar, comtudo, os arabes da contra costa do mar-Vermelho exploravam, negociavam e cruzavam com as nações indigenas do alto-Nilo e das montanhas ethiopes.

Nos tempos modernos, os portuguezes costearam todo o continente, desenhando-lhe, nas suas cartas, o contorno; para o interior, porém, tudo ou quasi continuava incognito, mysterioso. O clima devorador e o trafico maritimo dos escravos obstaram por muito, e de modos diversos, a que se desvendasse o segredo; mas a estas causas é mistér juntar ainda a orographia: — a disposição das montanhas em socalcos desordena o curso dos rios, dando-lhes nas planuras amplidões lacustres, como a do Congo no seu curso supra-equatorial; e, nos abruptos declives do terreno, cataractas que interrompem a navegação, e fecham as portas dos territorios do interior ao accesso da exploração fluvial.

*

Estes obstaculos que mantiveram segregada do mundo quasi toda a Africa, erguem-se ainda hoje como sérios embaraços á conquista do continente mysterioso; apesar dos meios incomparavelmente mais energicos de que dispoem agora os povos europeus. Encastellada nas suas elevadas planuras, defendida pelas cataractas dos seus rios e pelas febres das suas costas paludosas, a Africa envolvida nas suas florestas gigantescas, desafia a cubiça e a curiosidade do europeu. O sol de fogo n'um céo sem nuvens derrama uma inundação de luz ardente; de noute as estrellas brilham com um excessivo fulgor no azul frio do ar; e quando as nuvens se formam, a chuva despenha-se em diluvios, alagando todas as planicies, inundando os valles e trasbordando os rios. Sob um clima genesiaco, a natureza tem esplendores e grandeza que contrastam com a mesquinhez do homem; e aqui, da mesma fórma que na America, a natureza pródiga não permittiu a formação de uma especie superior ou o desenvolvimento progressivo das primitivas e inferiores especies humanas. A vida surge por toda a parte, os animaes são legiões nos bosques do baobab monstruoso, das palmeiras gigantescas, das mimosas deslumbrantes; os rios são viveiros de monstros; e o mar das costas corre em ondas de cardumes de peixe. Os animaes das selvas têm as proporções das arvores: são o elephante e o rhinoceronte e o leão, — os baobabs do reino animal, — e as hyenas, o chacal, as antilopes incontaveis e as nuvens de insectos e os bandos dos reptis, como as outras essencias mais humildes da floresta viva. O hyppopotamo e o corcodilo infestam os rios, e nos prados correm ou voam os rebanhos das avestruzes. Ao norte, no delta do Niger, vive o gorilla, que ainda não é um homem; ao sul nos

socalcos maritimos occidentaes, o hottentote que de homem apenas merecerá o titulo. Que segredos, que thesouros se escondem no seio d'esse continente apenas trilhado? Encontrará ahi o sabio definitivas provas da origem do homem? Encontrarão ahi os europeus novas minas, engastadas nas rochas? novos leitos do carvão precioso, encobertos sob a camada dos terrenos exteriores? Virá a Africa a dar ao homem a chave do enigma da sua apparição no mundo; e a marcar a éra da conclusão d'esse saque da terra, principio fundamental da historia?

A' grandeza monotona e uniforme, á palpitação vital febril, ao singular do céo, ao desconhecido da terra, ao inhospito das costas, á fereza dos brutos, reunia a *Africa portentosa* um aspecto singular: a gente preta. Esse tom da pelle indigena augmentou o terror; e o facto, singular em si, tornou-se n'um symbolo. As trévas que envolviam a Africa davam a côr aos seus habitantes.

II

As gentes pretas

Entretanto a côr é apenas uma base convencional e nada fixa de classificação; entretanto a Africa, habitada por brancos na facha mediterranea, [1]

[1] V. sobre as raças da Africa septentrional, *Hist. da civil. iberica*, pp. 18 a 24.

inclue gentes de todas as côres; e desde o acobreado americano, desde o amarello mongolico, até ao negro retinto, todas as cambiantes possiveis têm os seus representantes. Os fullos da Senegambia tiram para o vermelho, e nos habitantes das cabeceiras do Nilo são communs os acobreados ou amarellos. Se o negro é preto na costa da Guiné, os obongos do Gabão são de um amarello sujo. Entre os cafres ha tribus quasi vermelhas. Dos makololos muitos são castanho-claros, e da mesma côr abundam nas tribus do alto-Congo ou Lualaba. Por outro lado os hottentotes, e mais particularmente os boschimanos, têm a côr do couro curtido e velho. A latitude, ou por outra a temperatura, não serve pois para explicar as variações quantitativas do pigmento na pelle, origem das variações da côr. Não só ha homens claros sob o Equador, ha homens pretos em latitudes afastadas; e não só na Africa isto succede; porque, se ahi os mais negros estão entre 12 e 15° N., na California, a 42°, havia-os tão retintos como os da Guiné.

Admittiremos, pois, como querem muitos, que a especie humana desde a sua origem se dividisse em dois typos distinctos, o branco e o preto; e que o amarello e o vermelho, e todas as combinações e cambiantes apenas traduzam successivos cruzamentos? E' a hypothese, de facto, mais verosimil, no estado em que se acham os estudos anthropologicos. Isto posto, vejamos como se classifica e por onde se distribue a população da Africa centro-austral.

Antes de chegarmos ás raças mais propriamente negras, é mistér passarmos rapidamente a vista por essas populações mestiças que lhes formam a fronteira septentrional, espalhadas pelas margens austraes do Saharà e pela região do alto-Nilo. O Su-

dão, diz o seu grande explorador Barth, foi o centro de um grande cruzamento de raças. Os fullos, de raça vermelha e lissotrices, impozeram-se aos negros indigenas, ullotrices, pelo X seculo da nossa éra. Ao mesmo tempo que repelliam as tribus negras, porventura autochtonas, para o sul, cruzavam com ellas, produzindo as raças mestiças do Senegal (fullos, mandingas,) por um lado, e os negroides (gallas, somalis,) na contra costa. O cruzamento das raças africano-septentrionaes com os negros do sul do Saharà dura ainda; e na confusão do sangue numida, egypcio, nubio, ethiope, com o negro, veiu tambem intervir o arabe. Entre o semita da costa asiatica do mar-Vermelho e o negro ha hoje ainda nas planicies de Sennaar seis graus successivos: os el-asfar, amarellos; os el-kat-fatelobem, simili-abexins; os el-akdar, vermelhos; os el-azraq, azues; os el-ahcdar, verdes; e os ahbits ou nubas cujos cabellos, sem serem lisos, não são ainda inteiramente crespos. Apesar do cruzamento, porém, o fundo da população submettida e escravisada é ullotrice e negra; e como dominador, o fullo acobreado, como pastor ou negociante, o branco arabe, destacam-se ainda do seio da raça indigena. Essa invasão de raças lissotrices consummada ao norte, caminhou, porém, com menos regularidade e decisão para o sul; já ao longo da costa oriental até ao Zanzibar, já pelo valle do Nilo até á região dos lagos centraes superiores onde assenta o imperio de Uganda; produzindo uma aristocracia, politica ou mercantil, de mestiços, e proporcionando aos viajantes o espectaculo de civilisações embryonarias, onde naturalmente se encontram com abundancia os mesmos caracteres que conhecemos do antigo Egypto.

Esta sobreposição de raças estranhas limitou

pelo norte o habitat dos pretos. A linha que separa os negroides das tres raças indigenas da Africa, — negros, hottentotes e cafres, — parte das boccas do Senegal, em cuja margem direita assentam os negroides azenegues; segue o curso d'esse rio; e póde traçar-se de lado a lado do continente em 10º N. por Dâr-Fertit e pelo norte dos lagos centraes até ás fronteiras de Abyssinia. D'ahi é mistér descer por oriente do Nilo, em demanda da costa no Equador. Para além ficam os negro-berberes, os negroides do Sudão, os abexins, os gallas, os somalis, negro-ethiopes da Africa norte-oriental; para áquem, a Nigricia e a Cafraria, dividindo quasi por meio, de norte a sul, a Africa austral.

O planalto central d'onde descem o Congo e seus affluentes é porventura o berço da grande familia negra, que as invasões negro-ethiopes do oriente obrigariam a recuar até á costa occidental, espalhando-a ao longo d'ella, desde o Senegal; e repellindo para o extremo sul do continente os hottentotes, — acaso tambem os autochtonas da Africa occidental, e de certo o exemplar mais inferior da especie humana. E' evidentemente impossivel formar mais do que conjecturas sobre taes questões: estas parecem, entretanto, as mais verosimeis.

Alargada a Nigricia aos limites por onde hoje se estende, a gente de lingua bunda [1] está longe de

[1] «A lingua bunda não é totalmente destituida de flexão, embora se não possa propriamente inscrever na terceira das classes estabelecidas por Humboldt. É uma lingua aglutinante. O plural fórma-se com o prefixo *ji*, ou mudando os prefixos nominaes *mu*, *qui*, *ri*, respectivamente em *mi* e *a*, *i*, *ma*, do qual a transição de *mu* para *mi* poderia ser considerada como uma mudança symbolica de fórma. Não ha distincção grammatical dos generos, que são expressos pela addição de certas palavras. Os casos são formados por particulas prefixas. Com respeito aos verbos

apresentar um typo constante e definido. Por toda a parte surgem os productos de cruzamentos, já com os negroides do Sudão, já com os bereberes na Guiné, já com os ethiopes; e com as invasões do oriente os laivos de sangue branco avançaram até á costa opposta do continente. Entre os Ashantís vivem tradições de uma origem abexim; na circumcisação encontra-se a prova de uma iniciação oriental; e d'esta fórma, os exemplos, os costumes, as tradições indigenas devem approximar-se tanto mais do typo archeologico egypcio, quanto mais o viajante adiantar do nascente para o poente. E' com effeito na zona maritima occidental que elles são menos geraes; e que ao lado de notaveis exemplos de origem oriental, já nos costumes, já nos homens, se encontram os typos puros da raça negra, na côr e na condição social e moral.

O habitat do negro, ou Nigricia propriamente dita, enfrenta com os negroides do norte até ao Darfur; e a bacia hydrographica do Congo póde considerar-se como incluindo todos os povos de raça negra. Com effeito, os planaltos dos lagos

as differenças das tres conjugações propostas por Cannecatim parecem depender de leis euphonicas; mas o semi-passivo distingue-se claramente do activo por prefixos peculiares. O preterito é formado por certos prefixos e suffixos; e o futuro pela addição de *yza*, que tambem serve para indicar a derivação: v. g. *pilimelu* (port. *primeiro*) do qual se faz *yza-pilimelu*, antecipar. Penso tambem que *le* e o suffixo do preterito, da raiz *cala*, ser. As pessoas são indicadas por prefixos que, — com excep. da primeira e segunda do sing. (cuja raiz desconheço) são fórmas abreviadas do pronome pessoal. É notavel que, á excepção de certos adjectivos, todas as palavras terminem em vogal. O *p* talvez não existisse originalmente na lingua bunda, pois quasi todas as palavras em que se encontra provém do portuguez. Em geral o bunda não é de modo algum uma lingua pura, mas sim misturada com palavras portuguezas desfiguradas pelos negros na pronuncia. Ex: *bici* — peixe; *panu* — (panno) vela; *ezolu* — anzol.» Tams. *Visit.* II, 143-4.

e as suas vertentes orientaes pertencem aos cafres, que tambem se confundem com os negros nas cabeceiras do Zambeze. Fronteiros dos hottentotes pelo sul (18°), os negros entestam com os cafres em todo o oriente.

A cafraria vém desde o extremo sul do continente, enfrentando primeiro com os boschimanos atravez do deserto Kalahari, povoando o valle do Limpopo, subindo o do Zambeze até ás suas origêns, e occupando desde ahi toda a metade oriental do continente até entestar no Equador, e pela região dos lagos superiores, com os gallas, os somalis e negro-ethiopes.

Se é contestada a unidade, a fixidez de typo da raça negra, mais ainda o póde ser a da cafre, palavra, cuja significação é *infiel* e que foi creada pelos musulmanos. Vale porém mais para o ethnologo a circumstancia, verificada por muitos viajantes, de o dominio da lingua bantu, ou cafre, se estender até ao Congo e até ao Zanzibar. A ser isto certo, a classificação encontraria aqui uma base que a anatomia não póde dar. Em geral o typo cafre é superior ao negro: tem a figura menos bestial, o craneo mais desenvolvido, tem egual platyrhinia, mas um prognatismo menor. A côr tira ao pardo escuro, mas os cabellos são crespos, e as fendas palpebraes lembram, como nos hottentotes, os typos mongolicos.

Tantos e tão variados foram porém os cruzamentos que, entre os povos de lingua bantu, a quem cabe boa metade da Africa austral, se encontram os typos mais variados. Ao sul distinguem-se logo os cafres-da-costa dos do interior, ou bechuanas, que são mestiços cafro-hottentotes. Ao norte distinguem-se tambem as raças do litoral, mais cruzadas de sangue arabe, das da região lacustre

onde prevalece o sangue ethiope ou nubio. Que haja ou não um typo de raça cafre, e qualquer que seja esse typo, — o facto é que até hoje a cafraria tem apparecido aos viajantes como uma vasta região de mestiços. Com effeito, a fusão das raças autochtonas e estranhas só podia fazer-se de um modo geral na metade oriental do continente. Na outra metade, o Saharà tornava ardua a empreza e a longa navegação era desconhecida. Foi pelo valle do Nilo, foi descendo a costa do mar-Vermelho e depois a da Africa até ao estreito de Madagascar, que os ethiopes, os nubios, os arabes cruzaram com as populações indigenas. As tradições e os ritos, a circumcisação e um monotheismo que não é raro encontrar entre os cafres, dão um testemunho que as observações de Stanley na côrte do rei Mtesa confirmam. Os laivos de cultura mahometana são profundos, e espontaneo o apparecimento de ritos e costumes identicos aos do antigo Egypto.

Os hottentotes formam o terceiro grupo dos povos afro-austraes. Repellidos hoje pelos negros e pelos cafres, superiormente dotados, para os extremos confins do continente; debruçados sobre o mar nos terraços que ficam entre o rio Orange e 20° S.; defendidos pelos areaes do deserto Kalahari que os separa da cafraria; nos hottentotes querem muitos achar os primeiros habitadores de toda a Africa, vencidos e exterminados pelo typo superior negro.

Com effeito, é digno de reparo que certos caracteres particulares do hottentote, e mais ainda do boschimano que é considerado um sub-typo mais puro, vão encontrar-se nos pontos extremos da Nigricia e da Cafraria. A steatopygia, ou desenvolvimento monstruoso das nadegas, e as phenomenaes proporções das nymphas, o *avental,* que caracteri-

sam a mulher boschimana, encontram-se entre os somâlis e entre os cafres. A excessivamente pequena altura, tambem peculiar do hottentote, observa-se nos obongos do Gabão, que tem a mesma tez côr de couro velho, a mesma inserção dos cabellos em mechas isoladas, os olhos da mesma fórma obliquos. Accresce ainda o facto de que todos ou quasi todos os nomes geographicos da Cafraria são hottentotes.

Não seria pois talvez temerario affirmar que essa raça hottentote, hoje extincta ou quasi, foi outr'ora senhora do continente africano; e que o grupo de povos, conhecidos por nós sob o nome de cafres, não é mais do que o producto do cruzamento d'essa primitiva raça com os invasores. Por um lado os mestiços mais bem dotados, por outro os negros, — acaso autochtonas do coração da Africa, — de si mesmo capazes de maior desenvolvimento, exterminaram esse typo ainda rudimentar de homem.

Na lucta das raças, ou indigenas ou nacionalisadas por antiquissimas migrações, succederia na Africa ao hottentote o que muitos querem que na Europa tivesse succedido a uma primitiva raça amarella. Assim devia ser, e assim é por toda a parte: um typo superior repelle e acaba por exterminar o inferior, e a vida é uma lucta constantemente devoradora. A extincção do hottentote, porém, não traduz senão uma superioridade relativa do cafre mestiço e do negro, typos que só de bem longe se avisinham do typo superior do homem. «Nunca vi cabeça mais similhante á do macaco, do que a d'esta mulher,» dizia Cuvier observando a Venus hottentote.

Para que o leitor melhor abranja o systema dos povos que habitam a Africa, tal como as observa-

ções, decerto ainda incompletas dos viajantes, e as deducções mais ou menos bem tiradas, o esboçam hoje, apresentamos-lh'o em um quadro. Elle exprime antes o estado dos nossos conhecimentos a tal respeito, do que as conclusões definitivas de uma sciencia acabada.

SCHEMA ETNOGRAPHICO DA AFRICA CENTRO-AUSTRAL

A. — A Nigricia

1.º grupo; do Senegal ao Equador, ou Senegambia e Guiné.

RAÇAS	TYPOS	NAÇÕES OU TRIBUS	HABITAT
NEGRO-BERBÉRE	*a)* **Mestiços**	1 Fulos, Mandingas, etc.	Senegambia alpestre
		2 Sasos, Falupes, »	Idem litoral: Rio-grande a Serra Leoa
		3 A-hantis, Fantis, Accras, etc.	Idem litoral: Costa da Mina
	b) **Guinés**	4 Jolofos, Casangas, »	Idem litoral: Senegal ao Gambia
		5 Papeis, Bijajoz. »	Idem litoral: Guiné portugueza
		6 Dahomés, Biafres, Mahis, Ibos, Calabares, Bulus, etc.	Bahia de Benim, delta do Niger, ao Gabão.

2.º grupo; do Equador á Hottentotia no litoral, á Cafraria no centro.

RAÇAS	TYPOS	NAÇÕES OU TRIBUS	HABITAT
NEGRA (LINGUA BUNDA)	*c)* **Congos**	7 Balumbos	Vertentes da serra Comprida até ao Congo
		8 Mussurongos, Mushicongos N'Bambas, etc.	Dembo, entre Congo e Loge
		9 Quissamas, Cellis, Muquandos, Muquices, etc.	Litoral de Angola, do Loge ao cabo Negro
		10 Basombos, Libollos, Basingues, Nanos, Kimbandis, etc.	Fronteiras orientaos de Angola para o Muata-Ianvos. — Africa central superior.
		11 Bundas, Quiboques, Barotses, etc.	Planalto meridional; cabeceiras do Chobe e do Liba. — Africa central superior.
	d) **Moluas**	(*reino do Muata-Ianvos*)	Entre 0 e 15°; a oeste dos lagos Tanganyka e Banguelo. — Africa central superior.
	e) **Balundas**		Entre 0 e 15°; a oeste dos lagos Tanganyka e Banguelo. — Africa central superior.

B. — A Hottentotia

QUAIQUA	*a)* **Dammaras**	Ovahororos, Ovanbantiourus, etc.	Do 18º ao Tropico	Planaltos maritimos occidentaes
	b) **Namaquas**		Do Tropico ao rio Orango	
	c) **Saabs ou Boschimanos**		Zona interior (18º ao rio Orango), limit. a leste pelo Cubango e o Kalahari	
HOLLANDO-HOTTENTOTE	*d)* **Griequas**		Contro, margens norte do Orange.	

C. — A Cafraria

CAFRE (LINGUA BANTU)	CAFRO-HOTTENTOTE	*a)* **Bechuanas**	1 (orient.) Basutos, etc.	Sul do Limpopo	Africa central inferior; limit. oeste pelo Kalahari.
			2 (occid.) Makololos, Batokos, etc.	Alto-Zambeze	
			3 Makalakas	*Reino de Matabele*, entre Limpopo e Zambeze	
			4 Mashonas, etc.		
		b) **Cafres da costa**	5 Cafros	Entre o Cabo e Natal	
			6 Zulus	» Natal e Lourenço-Marques	
			7 Tongas, Matucas, Batongas, Macombes, etc. (*reino de Umzila*)	Africa oriental portugueza; entre Limpopo e Zambeze (Sofala)	
		c) **Moçambiques**	8 Babisas, Basongas, Maravis	Zambezia, oeste do Chire e lago Nyassa	Do Zambeze ao Zanzibar
			9 Vahiaos, Macuas, Mahibas, etc.	Vertentes orientaes do lago Nyassa	
	CAFRO-ETHIOPE	*d)* **Zanzibares**	10 Macondas, Warnas, etc.	Transição para os Gallas e Somalis, do Equador, negroidos da Africa oriental, a entestar com a Abyssinia, pelo litoral.	
			11 Ugandas, Watutas, etc.	Região dos lagos centraes superiores, e vertentes austro-orientaes.	

III

A civilisação africana

O poetico plano da educação dos pretos seduz hoje em dia os animos enthusiastas que, não podendo já com as velhas religiões, imaginam fundar novos cultos philanthropicos. Entre o vasto numero das ingenuas superstições do nosso tempo, não é esta, nem a menos geral, nem a menos conspicua.

Acode, porém, uma pergunta: de que modo e porque processo ha de commetter-se essa obra imprevista e nova nos annaes da historia? Ou a Africa tropical se presta á immigração dos europeus, e n'esse caso as leis inevitaveis que condemnam por toda a parte as raças inferiores se repetirão; [1] ou a Africa tropical repelle as raças européas, e não se concebe de que modo, nem com que mestres, se faria a educação do negro. Occupando militarmente o continente, impondo um dominio protector? E que orçamentos bastariam, que milhões de homens seriam necessarios, para preencher as baixas dos exercitos? E a Europa industrial e utilitaria deixar-se-hia arrastar por tão ruinosa chimera? Toda a historia prova, porém, que só pela força se educam os povos barbaros: porque o exemplo extravagante e de certo ephemero do Japão é unico.

Apesar d'isso, a philanthropia insiste em esperar que a Biblia, traduzida em bunda e em bantu, converterá os selvagens; que a ferula do mestre-es-

[1] V. *supra*, pag. 145-8.

chola fará d'elles homens como nós. Espera-se da alliança mystica do Testamento e das facturas de algodões o que os sinos e os crucifixos, a musica e o incenso do culto catholico, não poderam conseguir outr'ora, nem na America, nem na Africa. Os resultados presentes fallam em vão, porque, diz Gervinus, «todas as licções da historia são perdidas para aquelle que continua a attribuir as mesmas aptidões a todas as raças humanas; depois das experiencias politicas do Haiti, depois das experiencias sociaes da Liberia; depois das licções que á economia politica fornece a Jamaica, e dos resultados pedagogicos dados pelas escholas mixtas dos philanthropos da Nova-Inglaterra, — onde as creanças de côr jámais vão além de um limite de desenvolvimento intellectual, o limite constitucional da raça.»

Sempre o preto produziu em todos esta impressão: é uma creança adulta. A precocidade, a mobilidade, a agudeza proprias das creanças não lhe faltam; mas essas qualidades infantís não se transformam em faculdades intellectuaes superiores. Resta educal-os, dizem, desenvolver e germinar as sementes.

Não haverá, porém, motivos para suppor que esse facto do limite da capacidade intellectual das raças negras, provado em tantos e tão diversos momentos e lugares, tenha uma causa intima e constitucional? Ha de certo, e abundam os documentos que nos mostram no negro um typo anthropologicamente inferior, não raro proximo do anthropoide, e bem pouco digno do nome do homem. A transição de um para o outro manifesta-se, como se sabe, em diversos caracteres: o augmento de capacidade da cavidade cerebral, a diminuição inversamente relativa do craneo e da face, a abertura do angulo facial que d'ahi deriva,

e a situação do orificio occipital. Em todos estes signaes os negros se encontram collocados entre o homem e o anthropoide. [1] E os estudos de archeologia pre-historica não authorisam a suppor que dentro de uma raça, isto é, sem o cruzamento de estranho sangue, possam dar-se progressos sensiveis na anatomia do cerebro. Não bastarão acaso estas provas para demonstrar a chimera da civilisação dos selvagens, que foi o sonho vão dos jesuitas? E se não ha relações entre a anatomia do craneo e a capacidade intellectual e moral, — porque ha de parar a philanthropia no negro; e não ha de ensinar a Biblia ao gorilla ou ao ourango, que nem por não terem falla, deixam de ter ouvidos, e hão de entender, quasi tanto como entende o preto, a metaphisica da incarnação do Verbo e o dogma da Trindade?

[1] *a)* Capacidade craniana; centim. cub.

OBSERVAÇÕES DE		BROCA	MORTON
Europeus	Parisienses	1:558	1:534
	Bascos hespanhoes	1:574	
	Corsos	1:552	
Negros africanos (occidentaes)		1:430	1:364
Americanos		—	1:239

b) Relação do craneo para a face; Cuvier:

Brancos	1 : 1
Negros	.25 : 4

c) Angulos faciaes de Clo servações de Broca:

Bretõ	
Hottent	
Gorillas	31

d) O orificio occipital acha-se no europeu a egual distancia da parte anterior e posterior do craneo; no negro é mais posterior; no anthropoide muito; até que no cavallo e no hyppopotamo deixa de fazer parte da base do craneo. (Broca.) — Os ossos proprios do nariz ficam separados na linha media, até uma avançada edade, no europeu; até aos 20 ou 25 annos no hottentote e no negro; e até aos dois apenas nos anthropoides.

Não só, pois, a idéa de uma educação dos negros é absurda perante a historia: é-o tambem perante a capacidade mental d'essas raças inferiores. Só um lento e longo cruzamento com sangue mais fecundo poderá gradualmente ir transformando-as; e é exactamente isso que de um modo espontaneo e natural veiu succedendo desde uma edade, em que ainda os europeus se não preoccupavam com a Africa. Esse sangue não foi, nem poderá ser, o da Europa: é o sangue africano das raças septentrionaes e o sangue arabe, fundidos n'um só corpo pelo islamismo. Os cruzamentos, d'onde já saíu a civilisação do valle do Niger, e de todas as nações negroides de Sudão e da Abyssinia; os cruzamentos que já deram ao cafre uma relativa superioridade; são quem, no lento decorrer de seculos, poderão civilisar a Africa centro-austral, — se é que para isso não ha obstaculos de força maior, provenientes do clima.

Que farão entretanto os europeus? Lerão a Biblia e venderão algodões aos duzentos milhões de negros: satisfazendo assim a um tempo as exigencias poeticas e as mais praticas necessidades industriaes. Emquanto a acção dos cruzamentos das raças acclimataveis fôr caminhando, de um modo tão lento que só é apreciavel no decurso de seculos; caminhará, porém, com a rapidez que a força e os recursos da civilisação européa proporcionam, a exploração commercial do continente. As feitorias espalhar-se-hão por toda a parte onde puder chegar uma lancha, uma estrada, um caminho de ferro... e as espingardas e canhões: porque o commercio interno da Africa será feito á sombra das armas, como foram sempre e em toda a parte as transacções com os povos selvagens. A Europa fabril adquirirá um mercado vastissimo para certos

dos seus productos; e a Africa pagar-lhe-ha, barateando pela abundancia os preços dos generos ultramarinos. A civilisação pelo cruzamento continuará a vir do Oriente; porque o Occidente só póde dar ás raças africanas pannos para se vestirem, aguardente para se embriagarem, polvora para se exterminarem.

Se esta opinião exprime a verdade de um futuro em parte remotissimo, em parte quasi immediato: que será d'aqui por muitos seculos das raças negras? Obedecendo a leis inherentes á existencia do homem sobre a terra, terão desapparecido, em vez de se terem civilisado. E' em nossa opinião mais provavel que isso se dê pela absorpção no seio de raças relativamente superiores, como ha oito ou nove seculos se deu no Sudão; do que pelo exterminio executado pelas raças brancas, a exemplo do que succedeu aos indigenas da America, e na propria Africa, aos hottentotes do Cabo. As condições geographicas e climatericas da Africa determinarão um modo de execução particular; mas a consequencia ultima será aquella que se impõe, á Africa e a todo o mundo, com um caracter de generalidade inalteravel.

Concluindo, portanto, seja-nos licito perguntar: E nós? E a nossa Angola? E Moçambique? *Iremos vivendo,* que é a formula consagrada com que se define ingenuamente a indolencia nacional. Entretanto, nós que não somos um povo fabril, nem o podemos ser, — ou deviamos empenhar-nos seriamente em fazer de Angola uma boa *fazenda* á hollandeza, sem escrupulos, preconceitos, nem chimeras, se depois de maduro estudo julgassemos que valia a pena o sacrificio; — ou deviamos com franqueza applicar tambem a Angola o unico systema sensato a seguir com todo o resto: enfeodal-o

a quem podesse fazer o que nós decididamente não podemos; repetir o que se praticou com a India e com Lourenço-Marques o anno passado.

Estar de arma — sem gatilho! — ao hombro, sobre os muros de uma fortaleza arruïnada, com uma alfandega e um palacio onde vegetam maus empregados mal pagos, a assistir de braços cruzados ao commercio que os estranhos fazem e nós não podemos fazer; a esperar todos os dias os ataques dos negros, e a ouvir a todas as horas o escarneo e o desdém com que fallam de nós todos os que viajam na Africa, — não vale, sinceramente, a pena.

BIBLIOGRAPHIA

Visconde de Santarem — *Essai sur l'histoire de la cosmographie.* Paris, 1849-52. 3 vol. 8.º

Id. *Demonstração dos direitos que tem a corôa de Portugal ao territorio de Molembo, Cabinda e Ambriz.* Lisboa, 1855.

Lopes de Lima — *Ensaios sobre a estatistica das possessões ultramarinas, (Cabo-Verde, S. Thomé, Angola).* Lisboa, 1844-6. 3 vol. 8.º

F. M. Bordalo — *Idem (Moçambique, India).* Lisboa, 1859-62. 2 vol. 8.º

M. de Sá da Bandeira — *O trabalho rural africano e a administração colonial.* Lisboa, 1873. 8.º

Id. *Documentos officiaes relativos ao tratado para a suppressão da escravatura.* Lisboa, 1839. fol.

Id. *O trafico da escravatura e o bill de Lord Palmestron.* Lisboa, 1840. 8.º

Id. *Factos e considerações relativos aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz.* Lisboa. 1856.

D. José de Lacerda — *Exame das viagens do doutor Livingstone.* Lisboa, 1867. 8.º

A. M. de Castilho — *Descripção e roteiro da costa occidental d'Africa,* Lisboa, 1866-7. 2 vol. 8.º

Miguel de Bulhões — *Les colonies portugaises.* Lisboa, 1878. 8.º

Affonso de Castro — *As possessões portuguezas na Oceania.* Lisboa. 1867. 8.º

Visconde de Paiva Manso — *Historia do Congo,* (ed. da Academia), Lisboa, 1877. 8.º

Academia Real das Sciencias (ed. da) — *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.* Lisboa, 1812-41. 7 vol. 4.º

— *Conferencias academicas.* Lisboa, 1877. 3 fasc. 8.º

— *Collecção de opusculos reimpressos, etc.* Lisboa, 1844-58. 3 vol. 4.º

— *Annaes maritimos e coloniaes.* Lisboa, 1840-46. 6 vol. 8.º

L. A. Rebello da Silva — *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII.* Lisboa, 5 vol. 8.º (V. espec. I, 4; III, 2 a 5; V, 5; VI, 4 e 5; VII, 3; e VIII, 1).

Gomes Eannes de Azurara — *Chronica da conquista de Guiné.* Paris, 1841. 4.º

Ruy de Pina — *Chronica de D. João II* (Ineditos da Acad. II, pp. 11 e 144).

André Alvares de Almada — *(ed D. Kopke). Tratado breve dos rios de Guiné (1594).* Porto, 1841. 8.º
Sebastião Xavier Botelho — *Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa.* Lisboa, 1835-7.
Diogo de Couto — *Soldado pratico,* (ed. da Acad.) Lisboa, 1790. 8.º
— *Relatorios apresentados* (pelos ministros Mendes-Leal, Rebello da Silva, e Corvo) ao parlamento. 1864, 70 e 75.

Opusculos diversos

Saldanha da Gama — *Mem. sobre as colonias de Portugal.* Paris, 1839.
Gomes Loureiro — *Mem. dos estabel. portug.* Lisboa, 1835.
Luciano Cordeiro — *Portugal e o mov. geogr. mod.* Lisboa, 1877.
Id. *L'hydrogr. afr. au XVI.me siècle.* Lisboa, 1878.
R. Pepito — *A soc. geogr. e o m. de Sá da Bandeira.* Lisboa, 1877.
J. de Mendonça — *Colonias e poss. port.* Lisboa, 1877.
A. Campos Jun. — *As possessões port.* Lisboa, 1877.
D. J. Oliveira — *Moçambique e o Bonga.* Coimbra, 1879.
Cunha Mattos — *Chron. hist. S. Thomé e Principe.* Porto, 1842.

R. H. Major — *Vida do infante D. Henrique,* (tr. Brandão.) Lisboa, 1876. 8.º
Ch. Vogel — *Le Portugal et ses colonies.* Paris, 1860. 8.º
J. Minutoli — *Portugal und seine colonien.* Stuttgard, 1855. 8.º
Ed. Septenville — *Découvertes et conquêtes du Portugal.* Paris, 1863. 12.º
Ed. J. Payne — *History of european colonies.* Londres, 1878. 8.º
Karl Ritter (tr. Buret et Desor) — *Geographie generale comparée.* Paris, 1836. Africa, 3 vol. 8.º
L. Magyar (tr. Hunfalvy) *Reisen in Sud Africa.* Leipsig. 1860.
P. F. Rainier — *Afrique (Geog. appliquée).* Paris, 1878. 4.º
R. Hartmann — *Die nigritien.* Berlim, 1879. 4.º
A. E. Lux — *Von Loanda nach Kinbundu.* Vienna, 1879. 8.º
Dr. Barth. — *Travels and Discoveries in north and central Africa.* Londres, 1849-55.
D. Livingstone — *Missionary travels and researches in South Africa.* Londres, 1857.
V. L. Cameron — *Across Africa.* Leipzig, 2 vol. 12.º
H. M. Stanley — *Through the dark continent.* Londres, 1878. 2 vol. 8.º
J. Monteiro — *Angola and the river Congo.* Londres, 1875. 2 vol. 8.º
J. Tams (tr. Lloyd, do all.) — *Visit to the portuguese possessions of Africa.* Londros, 1845. 2 vol. 8.º
J. Barrow — *Travels in the interior of southern Africa.* Londres, 1801. 2 vol.

F. A. Varnhagen — *Historia geral do Brazil.* Madrid, 1854-7. 2 vol. 4.º
B. M. Pereira da Silva — *Varões illustres do Brazil.* Paris, 1858. 2 vol. 8.º
Id. *Historia da fundação do imperio brazileiro.* Rio. 1870.
Sebastião da Rocha Pitta — *Historia da America portugueza.* Lisboa, 1730. fol.
Luiz Gonçalves dos Santos — *Memorias para a historia do Brazil.* Lisboa, 1825. 2 vol. 4.º
F. S. Constancio — *Historia do Brazil.* Paris, 1839. 2 vol. 8.º
P. Simão de Vasconcellos — *Chronica da companhia de Jesus no estado do Brazil.* Lisboa, 1663. fol.
Id. *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil.* Lisboa, 1668. 4.º
P. Fernão Guerreiro — *Relação annual, etc.* Lisboa, 1605-11. 4 vol. 4.º
J. M. Latino Coelho — *Elogio historico de J. Bonifacio de Andrada.* Lisboa, 1877. 4.º
— *Revista trimensal do Instituto historico e geographico do Brazil.* Rio. an. de 1839, 4 vol. 8.º
A. J. Mello Moraes — *Chorographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria e politica do Brazil.* Rio, 1858-63. 5 vol. 8.º
Id. *Brazil historico.* Rio, 1864-70. 4 vol. 8.º
Bartholomeu Guerreiro — *Jornada dos vassallos da corôa de Portugal para se recuperar a cidade de S. Salvador da Bahia.* Lisboa, 1625. 4.º
João de Medeiros — *Relação verdadeira de todo o succedido na restauração da Bahia.* Lisboa, 1625. 4.º
Duarte de Albuquerque Coelho — *Memorias diarias de la guerra del Brazil.* Madrid, 1654.
F. G. da Silva — *Mem. offerecidas á nação brazileira.* Londres, 1831. 8.º
Fr. João de S. Joseph Queiroz — (ed. Camillo Castello-Branco) *Memorias.* Porto, 1868.
F. Raphael de Jesus — *Castrioto lusitano.* Lisboa, 1679.
Alexandre de Gusmão — *Collecção de escriptos.* Porto, 1841, com o *Complemento ; ibid.* 1844.
Candido Mendes de Almeida — *Atlas do imperio do Brazil.* Rio, 1868. fol.
Gabriel Soares de Souza — (ed. Varnhagen). *Tratado descriptivo do Brazil em 1587.* Rio, 1851. 8.º
J. M. de Macedo — (tr. Halbout). *Notions de chorographie du Bresil.* Leipsig, 1873. 8.º
Manoel Ayres do Casal — *Chorographia brasilica.* Rio, 1817. 4.º
Th. M. Sousa Brazil — *Compendio elementar de geographia geral e especial do Brazil.* Rio, 1848. 8.º

J. A. de Cerqueira e Silva — *Ensaio chorographico do imperio do Brazil.* Rio, 1851.

Paulo Porto-Alegre — *Monographia do café.* Lisboa, 1879. 8.º

— *O imperio do Brazil na exposição de Philadelphia.* Rio, 1875. 8.º

Augusto de Carvalho — *O Brazil,* (2.ª ed.) Porto, 1876. 8.º

J. N. Sousa e Silva — *Historia da conjuração mineira.* Rio de Janeiro, 1873.

J. Henderson — *History of the Brasil.* Londres, 1821. 4.º

Robert Southey — *History of Brasil.* Londres, 1810, 12, 19, 3 vol. 4.º

F. Denis — *Resumé de l'histoire du Brésil.* Paris, 1825 12.º

F. Gervinus — (tr. Minssen) *Histoire du XIX.me siècle.* Paris, 1866. 2 vol. 8.º (V. IX p. 203 e X p. 241 e segg.)

J. Netescher — *Les hollandais au Brésil.* Haya, 1853. 1 vol.

G. Barlaei — *Rerum per octennium in Brasilia, etc.* Àmsterdam, 1647. fol.

P. Claude Abbeville — *Histoire de la mission des pères capucins á l'ile de Maragnon.* Paris, 1614, 8.º

C. Straten-Ponthoz — *Le budjet du Bresil.* Bruxelles, 1851. 2 vol.

Aug. Saint-Hilaire — *Voyages dans les provinces do Rio de Janeiro et de Minas geraes, etc.* Paris, 1830-3, 4 vol. 8.º

D. Felix de Azara — *Voyages dans l'Amerique meridionale.* Paris, 1809. 4 vol. 8.º

E. de Freycinet — *Voyage de l'Uranie.* Paris, 1824. 8 vol. (V. *Hist. du voyage).*

Jean de Lery — *Histoire d'um voyage fait en la terre du Brésil.* Ruão, 1578. 8.º

Baronvon Eschwege — *Brasilien nach einem 11 jachrigen Aufkenthalte,* br. 1830.

Spix und Martius — *Reise in Brasilien (1807-20).* Munich, 1823-31. 3 vol. 4.º

J. Mawe — (tr. Eyriés) *Voyages dans l'interieur du Brésil.* Paris, 1816. 2 vol. 8.º

Pr. Max. de Wied — *Reise nach Brasilien (1815-17).* Frankfort, 1819-21, 2 vol. 4.º

H. Koster — *Travels in Brasil.* Londres, 1816. 4.º

Milliet de St. Adolphe — (tr. C. L. Moura) *Diccionario geographico do Brazil.* Paris, 1845. 2 vol. 8.º

J. B. Debret — *Voyage pittoresque et historique au Brésil (1816-31).* Paris, 1839. fol.

Ch. Darwin — (tr. Barbier) *Voyage d'un naturaliste.* Paris, 1875. 8.º

R. A. Lallemant — *Reise durch Sud-Brasilien.* Leipsig, 1859.

Maria Graham — *Journal of a voyage to Brasil.* Londres, 1824.

Horace Say — *Histoire des relations commerciales de la France et du Brésil.* Paris, 1839. 8.º
V. L. Baril — *L'empire du Brésil.* Paris, 1862. 8.º
Ch. Reybaud — *La colonisation au Brésil.* Paris, 1858. 8.º

A. Herculano — *A emigração.* Nos Opusculos, tom. IV. Lisboa, 1879.
J. F. Laranjo — *Theoria geral da emigração.* Coimbra, 1878. 8.º
A. P. Carvalho — *Das origens da escravidão moderna em Portugal* Op. Lisboa, 1877.
J. S. Maciel da Costa — *Mem sobre a necessidade de abolir a introducção de escravos africanos no Brazil.* Coimbra. 1821. 8.º
— *Annuario estatistico do reino de Portugal.* Lisboa, 1877. 4.º
— *Primeiro inquerito parlamentar sobre a emigração portugueza.* Lisboa, 1873. 8.º
P. Leroy Beaulieu — *De la colonisation chez les peuples modernes.* Paris, 1874. 8.º
Jules Duval — *Histoire de l'émigration.* Paris, 1862. 8.º
Adam Smith — *Recherches sur la nature et les causes de la richesse des nations.* (tr. Blanqui). Paris, 1843. 2 vol. 4.º
M. Chevalier — *La monnaie.* Bruxelles, 1851. 8.º (V. Sect. V).
Cournot — *Considérations sur la marche des idées et des événements.* Paris, 1872, 2 vol. 8.º (V. tom. I, cap. 8).
R. M. de Labra — *La abolicion de la escravitud.* Madrid, 1874. 8.º
Moreau de Jonnés — *Recherches statistiques sur l'escalvage.* Paris, 1842, 8.º
James Bandinel — *Some account of the trade in slaves in Africa.* Londres, 1842. 8.º
Fowell Buxton — *The african slave trade.* Londres, 1840.
H. Merivale — *Lectures on colonisation and colonies.* Londres, 1841. 1 vol. 8.º
W. Wilberforce — *A letter ou the slave trade.* Londres, 1807. 8.º
V. Schoelcher — *De l'es lavage des noirs et de la legislation coloniale.* Paris, 1833. 8.º
Th. Clarkson — *The history of raise, progress, and abolition of the slave trade.* Londres, 1808. 8.º

INDICE

ERRATA

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
6	11	differente	diverso
13	28	da corôa	pela corôa
41	14	progesso	progresso
49	11	hollandezes,	hollandezes
67	33	vivacide	vivacidade
71	27	govorno	governo
76	34	tropor	torpor
99	14	abondonado	abandonado
122	26	as do Orinoco	a do Orinoco
135	3-4	centro-sul	centro-sul ;
137	22	morto	morte
149	3	lança a mão	lança mão
153	17	no sul	do sul
161	30	de extremo sul	do extromo sul
163	7-8	de oito milhões	de sete a oito milhões
171	5	vimos	virmos
180	21	immigração	emigração
181	6	immigração	emigração
187	2	esguia	seguia
188	7	que, o caracter	que o caracter
210	19	subsidiaria, da	subsidiaria da
211	26	esta	está
213	9	inferior	inferir
216	15	administrador	mestre
222	21	que assignam	que os emigrantes assignam

A' VENDA NA LIVRARIA BERTRAND

73, Chiado, 75

LISBOA

Additamento ao Codigo do Commercio (do Brazil). Parte I. — Do commercio em geral. — II. Do commercio maritimo. — III. Das quebras, por T. de Freitas, 2 vol. . . . . 8$400

Custas forenses, ou compilações das leis, decisões dos tribunaes, regulamentos, avisos, assentos, doutrinas dos praxistas, etc., por Luiz de Miranda . . . . 1$350

Da fiança criminal, ou compilação de leis, decretos e avisos, seguida de um novo formulario, por Autran 800

Do habeas-corpus e seu recurso, ou compilação das disposições legaes e decisões do governo, seguida d'um formulario do respectivo processo, por Autran 800

A escravidão no Brazil. Ensaio historico-juridico-social, pelo Dr. Perdigão Malheiros, 3 vol. . 4$500

Obras posthumas de A. Gonçalves Dias, precedidas de uma noticia da sua vida e obras, pelo Dr. A. Henriques Leal, 6 vol. . . . . . . 5$400

O Nababo, por A. Daudet, 2 vol . . . . . . 1$200